

<b>FICHA DE META DADOS – CEDIM 2019/2</b>	
<b>Nome da Pasta</b>	BISCHOFE_101.4
<b>Autor/Instituição</b>	Institut für Brasilienkunde (Bibliothek)
<b>Número de Documentos</b>	1
<b>Quantidade e tipo de documentação</b>	1 caderno que contém recortes de jornais, páginas e notas sobre Bispos no Brasil. Total de páginas: 99
<b>Dia/ Mês/Ano</b>	1970-1986
<b>Formato</b>	Ofício
<b>Resumo</b>	Produzido pelo Institut für Brasilienkunde estes cadernos reúnem matérias veiculadas na imprensa brasileira e alemã, entre os anos 1970-1986, sobre os Bispos no Brasil e a comunidade eclesial da Igreja Católica.
<b>Palavras-Chave</b>	Igreja; Bispo; Igreja; Comunidades; Religião.
<b>Notas explicativas</b>	<p>A contagem de páginas obedece à regra: sempre a partir da primeira após a capa, sendo esta a “01”.</p> <p>Lista das páginas em língua estrangeira: 02, 39, 40 e 72.</p>



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO**  
**INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR – CAMPUS NOVA IGUAÇU**  
**CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM**



**CEDIM – CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM**

**Av. Governador Roberto Silveira S/N - CEP: 26020-740 - Centro - Nova Iguaçu-RJ**

Bibliothek

BISCHÖFFE

1970-86

CEDIM

Institut für Brasilienkunde

KI-BR 101.4

Bibliothek

03.10.10



Bibliothek  
Institut für Brasilienkunde  
METTINGEN

CEED

IM



Institut für Brasilienkunde  
Sunderstraße 15  
4532 Mettingen

Pressearchiv

Zeitung	Datum	Nummer
Publik	24. 7. 70	

## »Folterungen sind bei uns nicht erlaubt«

Publik 24.7.70

Brief des brasilianischen Erzbischofs Sigaud

In Publik Nr. 18/70 vom 1. Mai veröffentlichten wir den Brief des Dominikanerpaters Tito de Alencar über seine erlittenen Folterungen. Einer unserer Leser hat diese Publik-Ausgabe an den Erzbischof von Diamantina (Brasilien), Geraldo de Proença Sigaud, geschickt, der als Antipode zu Dom Helder Camara gilt. Der Erzbischof sah sich zu einer Stellungnahme veranlaßt, die für sich selbst spricht und die wir unseren Lesern nicht vorenthalten wollen.

Sehr geehrter Herr . . .

Sie nahmen sich die Mühe, mir eine Seite der Zeitschrift Publik zu senden mit dem Artikel »Die Kirche darf nicht länger schweigen«. Ich vermute, Sie haben dies getan, um mich zu einer Stellungnahme zu veranlassen.

Gerne gebe ich eine Auskunft über den Bericht des P. Tito de Alencar. Wenn Sie wollen, können Sie meine Stellungnahme Ihren Landsleuten bekanntgeben.

Ein solcher Bericht wird sicher auf Sie Eindruck gemacht haben. Es gibt Länder, wo solche Methoden gebraucht werden, und es ist schön, wenn die deutschen Katholiken sich dagegen empören. Wir tun das auch, wenn wir von den Gewalttaten in den kommunistischen Gefängnissen hören. Wir taten es, wenn wir früher von der Gestapo hörten.

Nun, es handelt sich darum, ob diese Berichte über Folterungen in Brasilien wahr sind.

Unsere Polizei gebraucht folgende Mittel, um ein Geständnis von den Gefangenen zu erhalten: psychologischen Druck, lange Verhöre, falsche Informationen, Angst. — Das tut die deutsche Polizei wohl auch.

Folterungen sind bei uns nicht erlaubt. Wenn ein Polizist einen Gefangenen schlägt oder foltert, wird er bestraft und sogar aus der Polizei ausgeschlossen.

Was den Bericht des Dominikanerpaters Tito de Alencar betrifft, muß ich sagen, daß man ihm keinen Glauben schenken kann. Erstens handelt es sich um einen Marxisten, für den jede Lüge erlaubt ist, wenn dadurch der kommunistischen Sache gedient ist. Dann wissen wir, daß seine Kollegen zuerst erklärt haben, sie hätten nichts gelitten, und einige Wochen später erklären sie, sie seien gefoltert worden.

Außerdem entspricht der Bericht genau den Berichten anderer Gefangener, so daß man spürt, sie alle haben eine Parole erhalten, um diese Greuelberichte zu schreiben.

Die brasilianische Bischofskonferenz hat diesen Bericht erhalten und dazu keine Stellung genommen, weil die Experten erklärten, daß man sich darauf nicht verlassen könne. — Diese Praxis der Marxisten, falsche Berichte zu veröffentlichen, erschwert sicher die Lage derjenigen, die vielleicht unschuldig verhaftet wurden.

Man spricht von Tausenden von politischen Gefangenen. Das ist falsch. In Brasilien ist nie-

mand wegen Politik gefangengenommen worden.

Wir haben Politiker, die der Regierung Opposition machen, und sie sind frei, ihre Reden werden veröffentlicht, sie erhalten ihre Monats honorare, machen Propaganda ihrer Parteien usw. — Die Leute, die gefangen sind, sind keine Politiker, sondern Terroristen. Sie gebrauchen illegale Mittel, um den Kommunismus zur Macht zu bringen. Wenn die Leute gefangengenommen werden, die den deutschen Botschafter entführt haben, sind es gewöhnliche Verbrecher und keine »politischen Gefangenen«.

Eben hörten wir von der Entführung des deutschen Botschafters in Rio de Janeiro. Heute erfuhr ich von seiner Freilassung gegen 40 politi-

Am 18. Juli vor 100 Jahren: Definition der päpstlichen Unfehlbarkeit.

Wo stehen wir heute in dieser Frage?

Hans Küng gibt einen kritischen Rechenschaftsbericht.

## Hans Küng Unfehlbar?

204 Seiten, kartoniert 13,80 DM.  
In jeder Buchhandlung.

**Benziger Verlag**

sche Gefangene. Was diese Elemente treiben, ist kein politischer Kampf, das Ziel ist nicht politisch, und die Mittel sind es auch nicht. Es sind Verbrecher, die die Versklavung des Landes an Rußland und China erreichen wollen. Sie werden erstaunt sein, daß sogar Priester und Ordensfrauen zu diesen Terrororganisationen gehören. Aber wenn man bedenkt, daß diese Priester zum Marxismus übergetreten sind, wird man verstehen, daß sie solche Mittel gebrauchen, um zum Ziele zu gelangen.

Noch eins. Einige deutsche Zeitschriften brachten die Nachricht, daß 19 brasilianische Bischöfe verhaftet seien. Das ist falsch. Kein einziger brasilianischer Bischof ist im Gefängnis. — Sie sehen daraus, wie das Publikum ständig Lügen serviert bekommt. Das ist traurig, aber es ist eine Tatsache.

Empfangen Sie meinen herzlichen Gruß.  
Ihr Geraldo de Proença Sigaud  
Erzbischof von Diamantina



Institut für Brasilienkunde  
Sunderstraße 15  
4532 Mettingen

Pressearchiv

Zeitung

Veja

Datum

14-10-70

Nummer

Vega 14.10.70

# Se fôr assim, sou reacionário

COMUNISTAS NA IGREJA, "ESQUADRÃO DA MORTE",  
ROMPIMENTO COM A TFP E  
DOM HELDER EXPLICADOS PELO "BISPO DA DIREITA"

Por Alberico Souza Cruz

Uma estudante de Diamantina considera-o "muito liberal e evoluído". Para muitos brasileiros, é um reacionário empedernido, e ele não foge da classificação: "Se combater o comunismo é ser reacionário, então sou reacionário". Condena a mini-saia, porque "a exibição indiscriminada do corpo diante da sociedade veio destruir a delicadeza de sentimento da mulher". Mas considera bonitos os cabelos compridos para o homem, "contanto que tenham o complemento da barba e sejam bem tratados".

Dom Geraldo Proença Sigaud, arcebispo de Diamantina, é uma das figuras mais controversas da Igreja brasileira. Filho de tradicional família mineira, nasceu em Belo Horizonte em 26 de setembro de 1909. Ordenou-se padre em 1932 e foi sagrado bispo em 1947, permanecendo até 1960 em Jacarêzinho, no Estado do Paraná.

Em 1961, já arcebispo, foi para Diamantina, e dali exerceu grande influência, nos meios rurais, durante o governo João Goulart.

Juntamente com dom Antônio de Castro Mayer e Plínio Correa de Oliveira escreveu, em 1963, "Reforma Agrária, Questão de Consciência", para combater a pregação reformista que se fazia.

Recentemente afastou-se dos companheiros, por entender que a reforma agrária dos governos revolucionários não deve ser combatida ("a intenção do governo não é confiscar").

Em Diamantina, todos o consideram "um bom papo" e não há serenata que não comece pelo palácio do arcebispo. Amante da música clássica e das serestas, dom Sigaud não aceita o iê-iê-iê: "Não desenvolve o gosto artístico e, muito repetido como costuma ser, cria uma espécie de estado hipnótico". Aceita que o classifiquem "bispo da direita", embora faça questão de observar: "Dentro da Igreja, essas classificações não têm muito sentido".



Dom Sigaud: primeiro nas serenatas

## HÁ COMUNISTAS E IDÉIAS COMUNISTAS INFILTRADOS NA IGREJA

VEJA — Existe penetração comunista na Igreja?

DOM SIGAUD — É uma pergunta delicada e tem que ser respondida com certa nuance. Existem, sem dúvida, idéias marxistas que têm penetrado em grandes setores do clero e do laicato. Acho também que existem comunistas que militam nos quadros católicos. Eu conheço, pessoalmente, elementos que eram comunistas e hoje pertencem aos quadros católicos e nêles têm papel atuante. Prefiro não dizer os nomes, mas posso dar um exemplo: frei Beto, o célebre convertido, no entanto entrou na ordem dos dominicanos.

VEJA — Essa situação poderia ser de responsabilidade de alguma entidade eclesial?

DOM SIGAUD — Uma das entidades que mais têm contribuído para a penetração de idéias e princípios marxistas nos ambientes católicos, contra a vontade de seus dirigentes maiores, tem sido a Juventude Operária Católica (JOC). Eles admitem o socialismo como a única solução para os problemas brasileiros e advogam a violência como único método capaz de resolver nossos problemas. É através da JOC e de certas organizações que nos vêm da França, da Holanda e da Bélgica que esses elementos têm penetrado profundamente no Brasil. Haja visto o padre Comblin, que é professor no Instituto Teológico do Recife e que tem teses francamente subversivas, marxistas e revolucionárias.

VEJA — Em 1968, o senhor disse que a organização chamada Tradição, Família e Propriedade já havia conseguido a adesão de 1 milhão de pessoas para suas posições. Essa cifra ainda é real?

DOM SIGAUD — Hoje a cifra é até maior.

VEJA — E por que o senhor e outros católicos romperam com a TFP?

DOM SIGAUD — A história da ruptura de nossas relações se liga a dois fatos. O primeiro foi a política de reforma agrária do governo brasileiro. Os meus companheiros do livro "Reforma Agrária, Questão de Consciência" acharam que nós deveríamos continuar combatendo a reforma agrária, como tínhamos feito antes. E eu era de opinião que nós não deveríamos tomar essa atitude, porque tanto a lei do Estatuto da Terra como o espírito do governo atual não são de propósito confiscatório. A intenção do governo não é confiscar os latifundiários, é fazer a terra ser produtiva, admitindo grandes, médias e pequenas propriedades no regime de empresa e de proprie-



Institut für Brasilienkunde  
Sunderstraße 15  
4532 Mettingen

Pressearchiv

Zeitung	Datum	Nummer
Veja	14-10-70	

le particular. Então eu achava que não devíamos hostilizar essa política. Essa a razão porque eles se afastaram de mim. A iniciativa do distanciamento não foi tomada por mim, mas foi dada mais pela TFP. Esse distanciamento se tornou maior, ultimamente, por ocasião da nova liturgia, quando veio de fora, no ano passado, a nova ordem da Igreja e a TFP não a aceitou, embora a Igreja tenha enviado esse documento em ordem para que nós o introduzíssemos. Eu o aceito e por isso nós nos afastamos. Creio que essa é a razão fundamental de que também alguns católicos amigos da TFP se tenham afastado de mim. Eu lastimo isso muito, porque a TFP é uma organização civil mas que reúne elementos muito bons, rapazes de primeira qualidade, e, se não houvesse essa orientação, que me parece errada, eles poderiam prestar grandes serviços à Igreja e ao Brasil.

#### DOM HELDER É MEU IRMÃO EM CRISTO E NÓS NOS AMAMOS

VEJA — Defina, com uma frase curta, dom Helder Câmara.

DOM SIGAUD — Dom Helder Câmara, para se definir com uma frase, eu acho que é um homem indefinível.

VEJA — Ele é responsável pela penetração de idéias subversivas na Igreja?

DOM SIGAUD — Dom Helder tem a responsabilidade, que se pode documentar, que é o patrocínio que ele tem ao lado do padre Comblin e as declarações que ele fez de que as idéias do padre Comblin correspondem substancialmente às suas próprias idéias. De outro lado, ele tomou atitudes que favorecem enormemente a causa comunista. Por exemplo, apresentando o perigo americano como idêntico ao perigo comunista — o perigo russo —, quando nós sabemos que, na ordem prática, o perigo americano não existe, ao passo que o perigo russo é um perigo iminente. A atitude de dom Helder, em geral, é enfraquecer as resistências ao comunismo, equiparando duas coisas que são completamente diferentes, apresentando o capitalismo como igualmente condenável, quando há formas de capitalismo perfeitamente aceitáveis e não há formas de comunismo que se possam aceitar.

VEJA — Chegando da Europa esta semana, o governador Abreu Sodré disse que dom Helder é o Fidel Castro da Igreja e que está financiado pelos partidos comunistas europeus. O senhor concorda com essa declaração?

DOM SIGAUD — Não, eu não pode-

ria afirmar uma coisa dessas a respeito de dom Helder. Acho muito forte a comparação de dom Helder com Fidel Castro — e, quanto à afirmação de que ele é subvencionado pelos PCs, eu não tenho provas disso e, sem provas, eu jamais poderia afirmar uma coisa dessas, uma acusação muito grave. Mas, se o governador Sodré o afirma, ele deveria dizer as fontes de informação que tem. A mim não consta coisa semelhante.

VEJA — Dom Helder é seu irmão em Cristo?

DOM SIGAUD — Evidentemente, ele é meu irmão em Cristo e nós nos amamos e nos estimamos como irmãos, embora discordemos como responsáveis pela sorte de nossos rebanhos. Ele orienta a Igreja num sentido, o que é um direito que ele tem, e não tem que me dar satisfações por isso. Mas quando ele procura influenciar o Brasil todo, como fez ao fundar aquele Movimento de Pressão Moral, eu tenho o direito de manifestar minha opinião. Até aquele momento eu nunca me tinha referido a dom Helder em público. Mas, no momento em que ele toma uma atitude pública, lançando um movimento político, percorrendo a Europa dizendo coisas que não são verdadeiras sobre o Brasil, eu, como brasileiro, tenho o direito e a obrigação de falar também uma palavra.

VEJA — O senhor rezaria uma missa ao lado dele?

DOM SIGAUD — Já rezei, como rezarei de novo. Por ocasião de nossas reuniões na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, eu tenho me encontrado com ele e nos tratamos como irmãos, com toda cortesia, e celebro ao lado dele porque ele é um bispo católico.

VEJA — Condenando a violência, o senhor celebraria um Te Deum pelo fato de um chefe de Estado ter escapado ileso de um atentado? Mesmo que esse chefe de Estado fosse Adolf Hitler \*?

DOM SIGAUD — Eu não costumo fazer planos a respeito de coisas irreais. De maneira que, sobre Adolf Hitler, eu nunca me ocupei com o problema se celebraria um Te Deum pelo fato de ele ter escapado de um atentado. Acho que não o faria, de jeito nenhum, como não o faria também com Mussolini, como não farei também por Tito nem por Kossiguin nem por nenhuma dessas criaturas. Não faria por uma razão fundamental: é que o Estado comunista, como o Estado nazista, fere radicalmente o direito natural e por isso, como no caso de Cuba também, seria lícito o aten-

\* Quando Adolf Hitler, já no poder, escapou de um atentado, o bispo de Munique celebrou um Te Deum.

tado contra esses homens que na terminologia católica se chamam tiranos, porque eles não respeitam o direito natural.

VEJA — Então, a violência pode ser lícita?

DOM SIGAUD — A violência pode ser lícita sob algumas condições. Primeiro, quando o regime viola, sistematicamente, os direitos naturais, sagrados. Em segundo lugar, quando não há outra solução. Em terceiro lugar, quando há possibilidade de êxito nessa ação.

VEJA — Se o candidato marxista Salvador Allende não tomar posse ou cair após ter sido empossado por um movimento de força, este será justificável?

DOM SIGAUD — A pergunta é muito delicada, porque Salvador Allende é marxista, porém o passado político dele se deu numa democracia. Então, para responder a isso, teríamos que esperar os acontecimentos. Acho que Salvador Allende não deveria tomar posse, e isso através dos recursos legais; quer dizer, acho que é uma obrigação da Democracia Cristã não votar em favor dele. Isso eu acho indiscutível, porque é uma irresponsabilidade entregar um país a uma aventura dessa natureza. De maneira que não se justifica absolutamente, uma vez que a Constituição do Chile permite que dos dois mais votados, o Congresso eleja um, o Congresso tem toda a liberdade de eleger Alessandri e não eleger Salvador Allende. Toda a responsabilidade de todo o futuro do Chile cai sobre a Democracia Cristã. Ora, uma vez que, dentro da lei do Chile, a Democracia Cristã tenha dado a preferência a Allende, eu acho que é preciso esperar os acontecimentos. Se Allende tomar um rumo contrário à Constituição chilena e procurar, com manobras, como Hitler fez, com as leis da democracia, acabar com a democracia, eu acho um direito da sociedade do Chile afastar esse perigo. Se ele toma esse caminho, é obrigação das Forças Armadas, ou do povo chileno, afastá-lo do poder.

VEJA — Como o senhor encara a aliança, na Itália, da Democracia Cristã do católico praticante Emilio Colombo com o Partido Socialista do marxista Pietro Nenni, detentor do Prêmio Lênin da Paz, concedido pelo governo soviético?

DOM SIGAUD — Eu considero a aliança da Democracia Cristã italiana com o socialismo como um desastre total e como uma ladeira em que a Itália vai resvalando, da democracia cristã para o socialismo e do socialismo para o comunismo. A gente vê isso no crescimento vertiginoso do eleitorado comunista e na queda vertiginosa do eleitorado da Democracia Cristã.



Institut für Brasilienkunde  
Sunderstraße 15  
4532 Mettingen

Pressearchiv

Zeitung

Datum

Nummer

**EM SI, A PENA DE MORTE É UMA NECESSIDADE**

VEJA — *E a pena de morte?*

DOM SIGAUD — A pena de morte em si é uma necessidade. Porém, no caso do Brasil, nós temos receio da precariedade de nossa Justiça. De maneira que, de concreto, eu fico sem saber se a pena de morte é um bem ou mal real para o Brasil. Se nós tivermos uma Justiça que não se deixe influenciar por pressões políticas ou injunções econômicas, nós poderemos ver na pena de morte um recurso supremo para evitar que exista por aí "esquadrão da morte" e assim por diante, fazendo justiça quando a Justiça comum falha. É um assunto muito delicado e creio que só em casos extremos poderia ser admitido.

VEJA — *O senhor justifica, então, o "esquadrão da morte"?*

DOM SIGAUD — Não, eu não justifico o "esquadrão da morte" porque ele é uma justiça feita por mãos particulares. Mas eu explico o "esquadrão da morte": ele surgiu devido à existência de um grande número de marginais que fazem do vício uma profissão e que não são atingidos nem pela polícia nem pela Justiça. É uma maneira mais ou menos popular do direito de julgar, que condena e lastimo, mas que compreendo que existe devido a essa anormalidade.

VEJA — *O que deve ser feito para afastar o perigo do comunismo junto aos jovens estudantes e seminaristas?*

DOM SIGAUD — Para afastar o comunismo dos jovens e dos seminaristas, a primeira coisa que se deve fazer é mostrar ao jovem que as teorias dos comunistas são erradas. As teorias sociais e teorias econômicas, porque os jovens se deixam levar por idealismo, eles se fazem defensores de utopias. E é necessário que eles vejam que as utopias são as piores coisas que podem acontecer aos homens. De maneira que pela formação intelectual eles devem ficar imunizados dessas utopias e procurar soluções para os problemas brasileiros onde eles podem ser resolvidos. E não abandonar as soluções possíveis e correr atrás de soluções impossíveis. Agora, no Chile, por exemplo, andam dizendo que no novo regime vai haver tanta abundância, que as mães vão dar banhos de leite nos filhos. Isso é utopia. Então, para correr atrás de um regime que vai dar banho nas crianças com leite, deixo aquele que dá um pouco de leite para as crianças tomarem?

VEJA — *Por que os ideais subversivos envolvem certos jovens?*

DOM SIGAUD — Porque eles trabalham exatamente com o idealismo dos jovens, eles apresentam ideais que são utópicos, que não podem ser realizados, mas o jovem não distingue muito aquilo que não é realizável daquilo que é.

VEJA — *Atlético ou Cruzeiro?*

DOM SIGAUD — Ainda não me decidi. Fico com medo de tomar uma atitude porque, ficando de um lado, apanho do outro.

**ARRAES COMANDA A CAMPANHA CONTRA O BRASIL**

VEJA — *Quem coordena a campanha contra o governo brasileiro no exterior?*

DOM SIGAUD — Há dois órgãos de coordenação dessa campanha no exterior. O órgão primitivo é a Juventude Operária Católica, da Bélgica. E, em colaboração com a JOC, os dominicanos de Waldeberg, na Alemanha, perto de Colônia. Mas, de um ano para cá, a campanha está sendo movimentada fortemente por um bureau de informações sobre o Brasil, dirigido por Miguel Arraes, em Paris.

VEJA — *Dê exemplo de calúnias.*

DOM SIGAUD — Exemplo de calúnias, eu tenho vários que poderia mostrar em jornais da Alemanha. Uma, por exemplo, de que o Brasil de 1950/60, só em Mato Grosso, exterminou 6 milhões de índios. Outra, que nós temos cerca de 30 000 políticos nas prisões, praticamente todos os nossos políticos estariam nas prisões. E que nas prisões brasileiras é comum tratar os presos da maneira mais bárbara. Arrancar as unhas e furar os olhos. Escrevem que eles saem das prisões como verdadeiros farrapos humanos, que no Brasil os homens de cor e mestiços não têm direito a voto, que no Brasil apenas 10 000 pessoas dominam toda a política e economia, que o resto dos brasileiros são párias, que no Rio de Janeiro há apenas Copacabana — onde moram os ricos — e o resto são apenas favelas.

VEJA — *O senhor acredita que a imprensa estrangeira, no meio de tanta propaganda, tenha mencionado episódios reais e resultantes de arbitrariedades de escalões inferiores, ou isso tudo é mentira?*

DOM SIGAUD — Não. Em minhas conferências e entrevistas na Alemanha, eu sempre acentuei que esse problema das torturas nas nossas prisões existe. E acentuei também que não é um problema novo, isso é um problema antigo, não de cunho político, mas com cunho policial, porque não é uma medida para esmagar

a resistência política, mas defeito de nossas organizações policiais. Eu não eximo nossas autoridades de responsabilidade nesse ponto, porque é uma coisa antiga, é uma coisa sabida. Mas não tem a proporção que na Europa se dá e não tem a natureza que se lhe atribui. Na Europa isso é apresentado como se fosse uma coisa de milhares, como se fosse uma espécie de regime nazista. É apenas um método policial para arrancar confissões. É exatamente no período dos inquéritos que essas torturas existem. Uma vez condenado o sujeito, até que nossas prisões são muito liberais. Agora, acho que é um problema que tem de ser encarado seriamente e não se deve negar a existência disso. É preciso insistir para que a nossa polícia use outros métodos, métodos que respeitem a dignidade humana, porque nenhum homem que não é condenado pode ser castigado antes de ser verificada sua culpa. E, se nos permitirmos esses métodos, inúmeras pessoas que são apenas suspeitas mas inocentes acabarão torturadas. Isso não podemos admitir. Meu ponto de vista é muito claro mas nós não podemos fazer disso um espantalho, como se todo o povo brasileiro vivesse debaixo de pesadelo.

VEJA — *O senhor justifica Torquemada\*?*

DOM SIGAUD — O problema Torquemada é extremamente complexo. Nós não podemos pegar Torquemada e pô-lo no século XX, na nossa civilização, na nossa mentalidade. Nós temos que pôr Torquemada em seu tempo. O papel de Torquemada foi o seguinte: de, como teólogo e como jurista, examinar a situação daqueles que, naquele tempo, eram considerados subversivos. Hoje os protestantes são elementos simpáticos e pacíficos, mas, se nos lembrarmos do desastre social, econômico, que o protestantismo representou, nós compreenderíamos o rigor com que os governos enfrentavam esse problema. Basta nos lembrarmos da guerra dos camponeses. Agora, colocando Torquemada no seu tempo, que era uma época em que a pena de morte era uma coisa comum, assim como o suplício e a fogueira, nós temos uma compreensão diferente do papel dele, que foi ser técnico que nos processos, de acordo com o direito daquele tempo, verificava se a pessoa era subversiva ou não. Uma vez que ela era considerada subversiva, ele a entregava ao Estado para que o Estado cumprisse a sua lei. De maneira que Torquemada, visto do nosso ângulo atual, é uma pessoa que não podemos compreender, mas, visto no seu tempo, é um homem compreensível. ○

\* Tomás de Torquemada (1420-1498). Inquisidor-geral da Santa Inquisição, órgão criado pela Igreja que perseguia hereges e judeus.



Institut für Brasilienkunde  
Sunderstraße 15  
4532 Mettingen

Pressearchiv

Zeitung

JB

Datum

1970

Nummer

## D. Agnelo sobe a prefeitura de Congregação

**Cidade do Vaticano (AP-UPI-AFP-JB)** — O Cardeal Arcebispo de São Paulo, Dom Agnelo Rossi, foi nomeado pelo Papa Paulo VI prefeito da Sagrada Congregação para a Evangelização dos Povos, tornando-se o primeiro prelado latino-americano a fazer parte do Gabinete papal.

A nomeação, que causou surpresa nos círculos ligados ao Vaticano, foi anunciada depois que o Papa aceitou a renúncia do ex-ocupante do cargo, Cardeal Gregório Pedro Agagianian, armênio de 75 anos, que em duas ocasiões esteve entre os três mais cotados para ser o futuro Papa.

### FUNÇÃO

Em suas novas funções, Dom Agnelo Rossi dirigirá o trabalho de 31 mil sacerdotes, 82 mil freiras, 15 500 monges e 13 mil curas nativos de terras da Ásia, África, América Latina, Oceania, Escandinávia e parte da Iugoslávia, onde são realizadas obras missionárias. Estarão também a seu cargo assuntos relativos a hospitais, orfanatos, várias escolas e outras instituições da Igreja católica nesses locais.

Com a nomeação para o cargo de prefeito da Sagrada Congregação para a Evangelização dos Povos, o Cardeal brasileiro passa a ocupar um dos 12 principais postos na Cúria Romana, integrando a direção central da Igreja, que se denomina Gabinete do Papa. Os outros cargos são ocupados por cinco cardeais italianos, dois franceses, um iugoslavo, um belga, um suíço e um norte-americano. Dom Agnelo é o mais jovem dos membros desse Gabinete.

Quando o Cardeal Gregório Pedro Agagianian, ao completar 74 anos, apresentou seu pedido de renúncia às funções, no mês passado, círculos do Vaticano acredita-

vam que o Papa Paulo VI nomearia um representante do Terceiro Mundo para substituí-lo. Os mais cotados eram os Cardeais Mário Casariego, da Guatemala e Paulo Zoungrana, do Alto Volta, reunindo o último maiores probabilidades. O nome de Dom Agnelo Rossi nunca fora mencionado.

O último prelado latino-americano que teve projeção na Santa Sé foi o Cardeal Luis Campello, ex-Arcebispo de Buenos Aires, nomeado Chanceler da Igreja em 1959. O departamento trabalha com os selos para os documentos oficiais, mas em grau de importância tem posição bem inferior ao que agora é chefiado por Dom Agnelo Rossi. Dom Luis Campello esteve no cargo até 1967, quando faleceu.

### Nôvo Arcebispo assume dia 1.º

**São Paulo (Sucursal)** — O novo Arcebispo de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns, nomeado ontem pelo Papa Paulo VI, recebeu com um "olá colegas" os jornalistas que o foram procurar em sua residência da Rua Amaral Gama, 133, no bairro de Santana. Ele deverá tomar posse no próximo dia 1.º, no Palácio Pio XII.

Dom Paulo Evaristo, que já foi jornalista, não quis conceder entrevista. Dom Agnelo Rossi deverá apresentá-lo hoje à imprensa, em entrevista coletiva, informando a data da posse do novo Arcebispo e quando partirá para Roma, pois o Cardeal vai acompanhar Paulo VI a uma peregrinação à Austrália.

### COMUNICAÇÃO

Dom Paulo Evaristo Arns foi chamado na manhã de ontem ao Palácio Episcopal para participar de um almoço, ao qual comparece-

ram membros do Conselho de Presbiteros e do Cabido Metropolitano e o capelão da Pontifícia Universidade Católica e outros membros da Arquidiocese.

Durante o almoço, Dom Agnelo Rossi comunicou a Dom Paulo Evaristo Arns que ele era o novo Arcebispo de São Paulo, nomeado pelo Papa Paulo VI. Disse ainda que deixava o cargo, pois havia sido conduzido pelo Chefe da Igreja para outra função.

### SATISFAÇÃO

Os sacerdotes, presentes à mesa, cumprimentaram Dom Paulo Evaristo Arns, dizendo que ele continuaria a representar muito bem o Papa Paulo VI, como Dom Agnelo havia feito na Arquidiocese.

Na saída do almoço, alguns jornalistas tentaram entrevistá-lo, assim como Dom Agnelo, e receberam a promessa de que somente hoje, em entrevista coletiva, seria divulgada a data de posse do novo Arcebispo e a viagem do Cardeal para Roma. Segundo alguns sacerdotes o Cardeal Agnelo Rossi soube da nomeação de Dom Paulo Evaristo Arns na última segunda-feira, quando entrevistou-se reservadamente com o Papa Paulo VI.

### SURPRESA

Na igreja matriz de Santana, onde Dom Paulo Evaristo Arns exerce suas funções sacerdotais, os paroquianos mostraram-se surpresos com sua nomeação para o cargo de Arcebispo, dizendo que "bem que ele merecia; é um homem muito bom e interessado nos nossos problemas."

A casa paroquial da igreja matriz de Santana recebia, no final da tarde de ontem, uma média de 20 telefonemas, cada meia hora, de pessoas interessadas em confirmar a nomeação do Papa Paulo



VI e dar os parabéns ao novo arcebispo.

A casa do novo Arcebispo de São Paulo é simples e fica praticamente escondida na Rua Amaral da Gama, 133, no bairro de Santana. Os visitantes têm que tocar uma campainha e recebem a ordem de entrar quando um dos seus auxiliares aperta um botão, que abre automaticamente o portão. Existe uma segunda porta, de vidro, que pode ser empurrada pelo visitante, sem que seja necessário alguém abrir.

Dom Paulo Evaristo Arns recebeu os jornalistas dizendo: "Como vão colegas? Tudo bem? Eu também sou jornalista."

Retirou uma pequena carteira preta do bolso e abriu-a mostrando um cartão da Associação Brasileira de Imprensa e afirmando que havia trabalhado como jornalista no Rio.

Disse que estava satisfeito em ter sido nomeado Arcebispo de São Paulo, pois o cargo é muito importante, podendo-se dizer que é o terceiro abaixo da função de Papa. Pediu aos jornalistas que não fizessem muitas perguntas, pois havia prometido não falar nada, antes da entrevista coletiva de hoje às 9h30m, mas deixou que tirassem fotos.

Ele se assemelha muito fisicamente a Dom Agnelo Rossi, mas é mais comunicativo. Em conversa informal, frisou que o Cardeal Rossi deverá acompanhar o Papa Paulo VI em sua viagem à Austrália, em novembro.

No comunicado distribuído ontem pela Arquidiocese, "a posse do novo Arcebispo deverá ocorrer, a pedido do Papa Paulo VI, no mais curto prazo possível." Tudo indica que seja no dia 1.º de novembro à tarde.

## A congregação que propaga a fé

Pesquisa/JB

A Sagrada Congregação de Propaganda Fide, que na reforma empreendida por Paulo VI na Cúria Romana passou a se chamar Sagrada Congregação para a Evangelização dos Povos, foi erigida em 1622, em Roma, como organismo diretor e coordenador do trabalho de difusão da Igreja Católica em territórios a que não chegou ainda a mensagem do catolicismo.

É presidida por um cardeal, com o título de prefeito (do latim praefectus, colocado à frente) e suas reuniões plenárias — como as das outras congregações que compõem a Cúria Romana — contam com a presença de certo número de bispos, convocados do mundo inteiro, na qualidade de membros efetivos ou consultores.

### CENTRALIZAÇÃO E SOBERANIA

O século XVII tornava tanto mais urgente uma ofensiva católica pelas terras recém-descobertas da América, África e Ásia quanto maiores e mais significativas eram as áreas perdidas na Europa pela Igreja Católica Romana, na época da Reforma protestante, na Alemanha, Suíça, Holanda, Inglaterra e França.

De início, o dever de evangelizar as novas terras foi confiado por Roma às próprias nações colonizadoras, Espanha e Portugal, que detinham certo monopólio missionário — o Padroado das Índias, instituído pelos Papas Nicolau V (1452), Leão X (1514). Em troca dos serviços prestados, Roma concedia às coroas portuguesa e espanhola o privilégio de perceberem um imposto eclesiástico — o dizimo.

Os direitos assim adquiridos por Espanha e Portugal não deixavam de ser uma ameaça à soberania da Igreja Católica, bastante ciosa de sua unidade e da necessidade de centralização desde o Concílio de Trento (1545-1567). E isso contribuiu para a criação, pelo Papa Gregório XV da Sagrada Congregação "para propagar a fé entre os herejes e os infiéis", isto é, quer entre os batizados que haviam abandonado a fé católica, quer mesmo entre os não batizados — os pagãos.

A medida que ganhava importância, a Congregação para a Propaganda da Fé foi criando organismos subsidiários: Urbano VIII (1623-1644) fundou o Colégio da Propaganda, hoje Universidade, que prepara o clero destinado às missões; Pio XI (1922-1939), a Obra Pontifícia da Propagação da Fé, para angariar fundos e, mais tarde, até uma agência de notícias missionárias, a Agência Fides.

O Concílio Vaticano II (1963-1965), modificando a atitude da Igreja Católica com os não católicos e não cristãos, alterou também a índole da Congregação da Propaganda; a atitude proselitista, nascida do suposto de que só a Igreja Católica é detentora da verdade cristã, deu lugar à atitude ecumênica, que procura descobrir em toda verdade, sob as várias formas culturais e religiosas.

Dai, nasceu o novo nome da Congregação conferido por Paulo VI, em agosto de 1962, Sagrada Congregação para a Evangelização dos Povos, com ênfase muito grande em cada igreja nova as características da Igreja Católica estava aprendendo a amarga de algumas experiências, a da Coreia, por exemplo, de cuja evangelização já se via ocupado São Francisco Xavier, no século XVI, onde muito pouco se conseguiu — a população eram católicos, em 1947, parte por causa de uma precária aculturação da mensagem cristã.



DOM AGNELO ROSSI



DOM PAULO EVARISTO

Paulista de Joaquim Egidio, Município de Campinas, Dom Agnelo Rossi nasceu a 4 de maio de 1913. Filho de pais pobres, sua mãe, Dona Maria Rossi, ajudava a manter a casa trabalhando como lavadeira. Após completar seus estudos em Campinas e no Seminário Central do Ipiranga, em São Paulo, seguiu para Roma, onde se formou em Teologia pela Universidade Gregoriana dos padres jesuítas.

Padre desde 1937, Bispo de Barra do Piraí em 1956, Arcebispo de Ribeirão Preto em 1962. Dom Agnelo foi nomeado Cardeal, em 1965, durante o Concílio Vaticano-II. Foi o primeiro aluno do Colégio Pio Brasileiro, em Roma, a receber o chapéu cardinalício.

Como padre, lecionou no Seminário Central do Ipiranga e na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Campinas, deixando a cátedra para ser Vice-Reitor da Universidade Católica de Campinas.

Foi sagrado Bispo a 15 de abril de 1956. Oito anos depois, assumiu o Arcebispado de São Paulo, substituindo D. Carlos Vasconcelos Mota. Logo depois era eleito presidente da Conferência Nacional dos Bispos, para a qual foi reeleito em 1968.

Recentemente, o Papa Paulo VI designou-o para integrar, juntamente com 14 bispos de diversas partes do mundo, o Secretariado do Vaticano encarregado da organização do Sinodo dos Bispos. Como um dos três presidentes desse sinodo mundial, coube-lhe a tarefa de assegurar maior colaboração entre o Episcopado e o Papa.

Dom Agnelo é um dos mais jovens cardeais da Igreja Católica.

O novo Arcebispo Metropolitano de São Paulo, 49 anos, é um religioso que se preocupou sempre com a tarefa de incentivar a formação dos jovens e treinar as lideranças das comunidades.

— Jesus passou a vida pública formando os 12 apóstolos. A missão dos bispos, além de ser a de sinal visível da unidade de todos os que creem em Cristo, é essencialmente a de formar apóstolos para os tempos novos.

Catarinense de Forquilha, cursou o Seminário de Rio Negro, no Paraná, Estado em que também estudou Filosofia. Encerrada a formação teológica, foi a Paris e lá obteve a licença e o doutorado em Letras. Especializou-se ainda em Pedagogia e Literatura.

De volta ao Brasil, lecionou no Seminário de Agudos, em São Paulo, antes de trabalhar 10 anos e meio em Petrópolis, "onde vivi a melhor experiência de atividade apostólica da minha vida." Em julho de 1966, no instante da sua sagração para Bispo-Auxiliar de São Paulo, a população do bairro operário do Itamarati acorreu à pequena capela, testemunhando seu afeto e gratidão.

Dom Paulo Evaristo Arns é escritor e tradutor de obras filosóficas e teológicas. Membro da Secretaria do Vaticano para os Não Crentes, afirmou ao assumir o cargo (1968) que "a Igreja Católica está lutando pela coexistência e enriquecimento pacífico com os ateus."





CARDEAL AGAGIANIAN

Em 1958, durante o conclave para a eleição do sucessor de Pio XII, entre os papabili — nomes que concentram as especulações nos meios vaticanos — junto de dois italianos, Angelo Roncalli (que sairia Papa com o nome de João XXIII) e Aloisio Masella (ex-Núncio no Brasil), estava um oriental — o Cardeal Gregório Pedro Agagianian XV.

Agagianian tinha alguns trunfos para essa original eleição que é a de um novo Papa: como Pio XII, era homem de estudos e conhecedor de várias línguas; nascera na Armênia, não muito longe da terra natal de Josef Vissarionovitch Stalin e poderia trazer melhores relações entre o Vaticano e Moscou; pertencia ao rito oriental, podendo ser o elemento ideal de ligação entre os católicos romanos, profundamente latinizados, e as mais antigas igrejas cristãs, as do Oriente.

Agagianian não foi feito Papa, mas sua presença à frente de uma das Congregações romanas — espécie de ministério do Papa — contribuiu para desencadear o processo de internacionalização da Cúria Romana.

Como bispo, era um patriarca — o que, no Oriente, significa ser o coordenador de vários bispados agindo colegialmente — responsável pelos católicos armenios da Cilícia, missão que conservou, mesmo depois de ter sido chamado para Roma, por Pio XII, que o fez Cardeal a 21 de fevereiro de 1946.

Completando agora 74 anos, e de acordo com as recomendações da Santa Sé para que não permaneçam em postos de Governo bispos em idade avançada, apresentou ao Papa sua demissão. Mas o Cardeal Gregório Pedro Agagianian continuará sendo príncipe da Igreja, pois o Papa Paulo VI conferiu-lhe o título honorário de Bispo de Albano, uma aldeia situada numa colina próxima a Roma.

Institut für Brasilienkunde  
Sunderstraße 15  
4532 Mettingen

Pressearchiv

Zeitung

JB

Datum

1. 11. 70

Nummer

## D. Agnelo Rossi leva para Roma intenção de servir à humanidade

São Paulo (Sucursal) — Orientar a juventude para a evangelização e a criação de condições de vida mais humanas, através do combate à miséria nos países subdesenvolvidos e de esclarecimento dos mais desenvolvidos, será o principal objetivo do Cardeal Agnelo Rossi ao assumir em Roma a direção da Sagrada Congregação para a Evangelização dos Povos.

O primeiro trabalho do novo prefeito dessa Congregação será acompanhar o Papa Paulo VI às Filipinas, Hong-Kong e Austrália, entre 26 de novembro a 4 de dezembro próximos, quando manterá o seu primeiro contato com o episcopado da Ásia e Oceania. O Cardeal Agnelo Rossi viajará para Roma no próximo dia 13.

### SIGNO DA CARIDADE

Ao deixar o Brasil o Cardeal Agnelo Rossi levará consigo uma grande experiência pastoral e de evangelização, adquirida em seu trabalho persistente e contínuo em várias dioceses de São Paulo e do Estado do Rio (Barra do Pirai) e, finalmente, na maior arquidiocese católica de todo o mundo — a cidade de São Paulo.

Bem humorado, falando pausadamente e num tom suave, D. Agnelo Rossi comenta: "As más línguas dizem que eu seria o Papa Vermelho. Nos nossos dias, essa designação, entretanto, poderia ser mal interpretada e é preciso esclarecer que o prefeito da Sagrada Congregação para a Evangelização dos Povos normalmente é assim conhecido por causa da púrpura cardinalícia que é sinal do amor e da caridade. Nesta nova função, eu posso ser considerado como o cardeal que terá o maior campo de ação em toda a Igreja."

### ECONOMIA DE TEMPO

— Vou para a Europa praticamente só com a roupa do corpo, despojando-me de tudo — afirmou D. Agnelo Rossi ao JB, acrescentando que deverá residir na Praça de Espanha, onde está localizada a sede da Congregação, porque assim não perderá muito tempo em condução, embora seu desejo fosse residir no Pontifício Colégio Pio Brasileiro, onde foi o primeiro aluno inscrito em 1934, quando essa escola começou a funcionar.

Além do trabalho específico à frente da Congregação, o Cardeal Agnelo Rossi desenvolverá outros, relacionados com o seu título cardinalício, que é a Grande Mãe de Deus na Ponte Milvia, e com a assistência aos dois co-

légios da Propaganda da Fé — um Seminário de Filosofia e outro de Teologia — que reúnem estudantes de todas as nações do mundo.

### NOS CINCO CONTINENTES

— Terêi também sob minha responsabilidade o trabalho de incrementar o espírito missionário no mundo inteiro. Meu trabalho vai se desenvolver indiretamente nos cinco Continentes, mas diretamente nos territórios da África, Ásia e Oceania, nas missões da América Latina, Alasca, Norte do Canadá, Groenlândia, Islandia e países escandinavos da Europa.

O Cardeal Agnelo Rossi ficará com a direção de aproximadamente 800 circunscrições eclesiais, compreendendo 31 mil sacerdotes, 82 mil religiosas, 15 500 monges e 13 200 padres, exercendo sua jurisdição sobre uma população de quase 2 bilhões de pessoas, das quais 100 milhões são católicos.

### MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO

Para a Igreja, o mundo está dividido territorialmente em três partes, uma sob a responsabilidade da Congregação Consistorial, que abrange os países onde o catolicismo está bem organizado; outra sob a responsabilidade das igrejas orientais e a maior área, do ponto-de-vista territorial, está confiada à congregação presidida pelo Cardeal Rossi.

— As 12 Congregações Roma-





nas poderiam ser comparadas a ministérios e a minha poderia ser talvez considerada o Ministério do Planejamento e do Interior, ao mesmo tempo. Pode-se dizer que é a congregação mais dinâmica porque é a missionária da Igreja. Outras cuidam dos estudos, do sacerdócio, das universidades, dos religiosos, da liturgia, mas a minha é responsável pelo próprio trabalho evangelizador.

### FÉRTEIS IMAGINAÇÕES

Referindo-se aos comentários que surgiram na imprensa brasileira e internacional a respeito de sua nomeação para o cargo de prefeito daquela Congregação — segundo os quais teria havido manobras dentro da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, com o objetivo de evitar suas posições consideradas conservadoras e conciliadoras em relação ao Governo — o Cardeal Agnelo Rossi disse louvar "essas férteis imaginações, embora preferisse que fossem aplicadas a coisas melhores."



— Eu já havia pedido minha renúncia na última assembleia-geral da CNBB, em Brasília. Entretanto, foi a pedido insistente do episcopado brasileiro que permaneci nesse posto e ficaria até fevereiro do próximo ano, quando seriam realizadas novas eleições.

— Minha promoção se deve a razões religiosas e pastorais, pelo bem da Igreja, e não a intrigas de algumas pessoas que não chegam ao Santo Padre. Pode ser que eles não entendam, mas é uma grande honra que o Sumo Pontífice confere ao Brasil em minha modesta e humilde pessoa.

### IMPORTÂNCIA DO BRASIL

O Cardeal Agnelo Rossi atribui a sua escolha explicitamente ao fato de ser latino-americano e sobretudo brasileiro, além de ter tido uma grande experiência em São Paulo. Explicou que o Papa está desenvolvendo um esforço para internacionalizar a Cúria Romana e, desta vez, deu preferência a um prelado da América Latina e em especial ao Brasil, que está assumindo cada vez maior importância no mundo.

— O Santo Padre queria também, nesta congregação, alguém que tivesse uma experiência maior de trabalho missionário e do Terceiro Mundo. Nesse sentido, a América Latina teve preferência, à África, Ásia e Oceania, onde o cristianismo é um pouco mais jovem.

— Por outro lado, eu sou Arcebispo de uma cidade cosmopolita, onde tenho colônias de 78 nacionalidades diferentes, às quais dou assistência religiosa. Hoje se diz missa em São Paulo, aos domingos, em 28 línguas diferentes. E a partir de novembro serão 29, porque daremos assistência também à colônia coreana, que tem 4 mil membros, dos quais 600 são católicos. A princípio, duas freiras coreanas começarão a trabalhar na Igreja de Nossa Senhora da Paz, na várzea do Glicério, e já descobri um sacerdote coreano, frei Antônio Nage, que atualmente trabalha no Piauí, para exercer as funções de capelão da colônia. Ele está aguardando apenas sua substituição por um sacerdote franciscano que virá de Avelino, na Itália, para depois vir para São Paulo. No meu apostolado, eu tenho sabido respeitar os aspectos típicos de cada nacionalidade e, ao mesmo tempo, incorporá-los à Pascoa da Fraternidade que realizamos com sucesso. A Santa Sé está a par de tudo isso.

### INTERNACIONALIZAÇÃO

O Cardeal Agnelo Rossi explicou que o Papa Paulo VI fez questão de introduzir na Cúria Romana um latino-americano, que possa atender e compreender melhor as necessidades dos vários povos. Acrescentou que a Cúria, a princípio, era essencialmente italiana, e depois passou a se europeizar, chegando agora a vez de receber prelados da América Latina.



— De início, pensei que meu cargo fosse por sete anos, mas, verificando melhor as normas da reforma da Cúria Romana constatei que o prazo é limitado. É evidente, entretanto, que a minha disposição é ficar inteiramente nas mãos do Santo Padre e só peço que, no momento em que ele julgar que em vez de ajudar estou atrapalhando, me coloque em qualquer outro

lugar, no Brasil ou no exterior. Mas também estou sujeito à aposentadoria aos 75 anos, como todos os outros prelados.

### CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO

— Como brasileiro, quero organizar em Roma um Centro de Documentação sobre o Brasil, e no momento já estou dando os primeiros passos para isto, organizando uma seleção de bibliografia, com a ajuda de pessoas e organizações. O meu desejo é que funcione no Pontifício Colégio Pio Brasileiro, como um centro audiovisual que atinja diretamente os interessados através de documentos, ilustrações, filmes e músicas brasileiras.

Uma vez organizado o Centro, o Cardeal Agnelo Rossi quer dar informações periódicas sobre o Brasil aos órgãos de divulgação da Europa, desfazendo algumas imagens sobre o país. Comentou: "Há muito interesse no exterior pelo Brasil e se talvez só houvesse notícias boas sobre o nosso país, a afluência de turistas e pessoas interessadas em conhecê-lo seria extraordinária."

— Por enquanto eu não posso prometer nada, em primeiro lugar porque é preciso antes criar o centro, e ver o seu desenvolvimento. Em segundo lugar é preciso compreender que, apesar da minha boa vontade eu talvez não conte com os recursos necessários. De qualquer modo, acho interessante a criação de um centro desse tipo no exterior, e espero contar com a ajuda de pessoas e entidades aqui do Brasil.

### NECESSIDADE DE HUMANIZAÇÃO

O novo prelado da Sagrada Congregação para a Evangelização dos Povos definiu a evangelização como "aquela boa nova de Cristo segundo a qual nós todos devemos nos amar e nos ajudar como irmãos do mesmo Pai celestial. É aquela mensagem que Cristo trouxe ao mundo e mandou os apóstolos espalharem por toda a Terra. E no nosso trabalho devemos encontrar apóstolos, pessoas enviadas, que trabalhem em todo o mundo para firmar esses laços de fraternidade humana, mas cristã."

Reconhecendo que a evangelização encontra dificuldades quase insuperáveis na pobreza e na miséria, o Cardeal Agnelo Rossi ressaltou a necessidade de um trabalho de pré-evangelização, através da humanização, com a melhoria das condições de vida dos povos.

— Mas essa não é a nossa preocupação principal, pois assim como há, às vezes, crises de mal-estar, também pode haver crises de bem-estar, quando não existe o temor de Deus, o amor a Deus. Nos países escandinavos, por exemplo, há problemas que não se originam na miséria

nem na fome, mas na abundância de bens terrenos. Aos povos desenvolvidos, às vezes falta uma compreensão maior do amor de Deus, no que diz respeito à ajuda aos países mais necessitados.

Ressaltou que outras organizações internacionais estão encarregadas de promover a humanização, mas a sua preocupação à frente da Sagrada Congregação para a Evangelização dos Povos será transformar e elevar os seres humanos às alturas da vida cristã, para que possa viver mais plenamente.

### CONFIANÇA NA JUVENTUDE

— Tenho a esperança — afirmou — de poder mostrar à juventude atual que ela não deve ser destruidora do mundo, mas criadora de um mundo novo. A coisa mais fácil do mundo é atirar pedras nos outros, mas o mais difícil é juntar as pedras e construir. A mocidade às vezes não encontra um ideal, uma orientação, e permito-me dizer que quando não trabalhamos

por Deus, o demônio nos arranja serviço.

Segundo o Cardeal Agnelo Rossi, a juventude vai compreender que pode fazer outras pessoas felizes, através do seu engajamento no processo de evangelização. "Talvez precisem começar pelo aspecto material, cuidando do problema habitacional, alimentar e outros, enfrentados pela população, mas depois as pessoas vão descobrir, que precisam ter também um ideal na vida. E não há ideal mais belo do que aquele revelado e apregoado por Cristo no Evangelho: amai-vos uns aos outros."

— A Igreja se preocupa com a humanização, mas vai além disso porque o homem não tem uma vida permanente e eterna neste mundo. Ele é um passageiro, um viandante, que se dirige para a eternidade e a Igreja faltaria com sua missão se não apontasse aos homens os seus destinos eternos. Ela toma parte na humanização, que varia de nação para nação, de povo para povo, mas procura sempre despertar o homem para Deus.

### NECESSIDADE DE DEUS

— Em geral, nos países do Terceiro Mundo, os homens sentem maior necessidade de Deus. A maior calamidade do homem é se enganar e pensar que encontra o paraíso, a sua felicidade, nos bens terrenos. Esse homem não se realiza. Portanto, haverá uma outra forma de mostrar a esses povos que precisam de Deus e também de seus recursos. Não tenho idéia ainda de como desenvolverei esse trabalho, porque pela minha experiência até hoje eu cuidel apenas de um povo, o brasileiro, que sente fome e sede de Deus. Explicou que terá uma as-

essoria formada por sacerdotes e bispos de todo o mundo, que o ajudarão a orientar os padres e missionários nos países onde a Igreja ainda não se expandiu, com o objetivo de desenvolver a vida cristã.

Referindo-se às missões religiosas, subordinadas à sua Congregação, o Cardeal D. Agnelo Rossi ressaltou que "nós precisamos despertar, cada vez mais, no mundo cristão mais desenvolvido, a idéia das missões. Haverá uma forma diferente de incentivá-la num país e em outro, de levá-la à juventude e à população adulta."

### ESPÍRITO MISSIONÁRIO

O Cardeal D. Agnelo Rossi lembrou que a orientação das missões mudou muito nos últimos anos, pois o Concílio Vaticano II abriu novas perspectivas para o trabalho, e a preocupação é "o respeito aos valores próprios de uma civilização, de uma cultura, promovendo ao mesmo tempo os elementos nativos."



— Para realizar um trabalho missionário, é preciso sobretudo ter o espírito do amor, porque sem ele não há espírito missionário. Com base no bom senso e na formação cristã, os missionários saberão o tipo de trabalho que terão de desenvolver junto a cada povo — finalizou.

### DOM VICENTE

Pôrto Alegre (Sucursal) — O Cardeal D. Vicente Scherer viajará esta manhã para São Paulo, a fim de assistir à posse do novo arcebispo daquela cidade, D. Evaristo Arns e ao mesmo tempo apresentar suas despedidas a D. Agnelo Rossi, a quem substituirá na presidência da Conferência Nacional dos Bispos Brasileiros.

O prelado gaúcho não confirmou a versão de que aproveitará a presença da alta hierarquia da Igreja em São Paulo para, como presidente da CNBB, debater o problema dos sacerdotes e leigos detidos no Rio. — "Não há nada previsto e ademais minha estada em São Paulo é curta. Pretendo voltar já na segunda-feira — disse o Cardeal D. Vicente Scherer.

Sobre como interpretava o gesto de monsenhor Marcelo

Pinto Carnevalheira — que esteve preso 20 dias à disposição do DOPS gaúcho — e que de Portugal enviou um postal ao Secretário de Segurança, coronel Jaime Mariath, agradecendo o respeito com que foi tratado durante sua prisão, D. Vicente Scherer disse: "Monsenhor Carnevalheira é um carnevalheiro, não apenas no nome."



Institut für Brasilienkunde  
Sunderstraße 15  
4532 Mettingen

Pressearchive

Zeitung  
EdSP

Datum  
28-03-71

Nummer

# Recebida com satisfação a escolha de d. Eugênio

ESP. 28.03.71

Das Sucursais e dos correspondentes

Repercutiu favoravelmente em círculos eclesiais do País a nomeação, ontem, pelo Papa Paulo VI, do cardeal Eugênio de Araújo Sales para o cargo de arcebispo do Rio de Janeiro, em substituição ao falecido cardeal Jaime de Barros Câmara. Seu substituto na arquidiocese de Salvador, dom Avelar Brandão Vilela, acha que a escolha trará benefícios às relações entre a Igreja e o Estado.

O vigário capitular do Rio de Janeiro, dom José de Castro Pinto, por sua vez, é de opinião que a designação de dom Eugênio Sales "não tem nada a ver" com aquelas relações e disse acreditar que "não terá havido interferência para a escolha do arcebispo de Salvador".

## Nota no Rio

No Rio de Janeiro, dom José de Castro Pinto distribuiu ontem a seguinte nota oficial: "Tenho o prazer de comunicar ao povo de Deus desta arquidiocese que recebi carta do sr. nuncio apostólico, com data de 27 de março de 1971, participando que o Santo Padre, Papa Paulo VI, nomeou arcebispo desta arquidiocese o sr. cardeal d. Eugênio de Araújo Sales, até o presente arcebispo de Salvador, na Bahia.

"Aproveitamos a oportunidade para saudar ao sr. cardeal d. Eugênio, e desejar-lhe as boas vindas, em nome do povo do Rio de Janeiro, que o acata desde este momento como seu novo pastor, e no qual deposita sua confiança, alegre pela escolha acertada de Sua Santidade".

## Aos baianos

Ao tomar conhecimento da bula papal que o transferiu para o Rio de Janeiro, o antigo arcebispo de Salvador distribuiu a seguinte nota ao povo da Bahia: "Nossa existência é um tecido de momentos alegres e de tristezas. Peregrinamos nesta Terra, em busca da Casa do Pai. Um longo e penoso caminhar. Quem vive para Deus — e assim deve ser todo cristão — pode conservar a paz nos momentos difíceis, dolorosos. É o Senhor que determina e nós, seus servos, obedecemos alegremente, mesmo que, sob o aspecto humano, seja profundo o sofrimento.

"Aqui estou há seis anos e meio, colocado à frente desta que

rida arquidiocese, primacial do Brasil, primeiro como administrador apostólico e, depois do falecimento do sempre lembrado d. Augusto Alves da Silva, como arcebispo e cardeal da Santa Igreja. Perfeitamente integrado à comunidade baiana, participei ativamente de suas esperanças, alegrias, tristezas e dificuldades. Com entusiasmo e profundo amor, dei do melhor de mim mesmo. Se não fiz mais, ou se houve falha, foi em razão de minha pobreza ou incapacidade. Faço essa afirmação diante de Deus, no momento em que comunico ao clero, às religiosas, aos leigos, às exmas. autoridades civis e militares a todo povo de Deus, a determinação do papa Paulo VI de transferir-me de Salvador para a arquidiocese do Rio de Janeiro. Pedi-me expressamente S.S. que manifestasse ser ele solidário no sofrimento que viesse atingir esta Igreja primacial, com seu ato e que assim agia por entender, depois de madura reflexão e apelo à oração, necessitar de meus pobres préstimos em outra parte da nossa Igreja de Deus.

"Estive, estou, e sempre estarei por espírito de fé a inteira e total disposição do Pai Comum da Cristandade, por muito que me custe. O sofrimento que sinto ao deixar esta querida arquidiocese, seja em favor da Bahia e do Rio de Janeiro.

"Demonstrando seu interesse e zelo pela arquidiocese primacial do Santo Padre Paulo VI apressou-se em nomear o meu substituto. A escolha recai sobre um arcebispo amigo, de grande valor pela sua dedicação à Igreja, pela inteligência e equilíbrio já comprovados. D. Avelar Brandão Vilela, pastor de Teresina, é o novo arcebispo eleito de Salvador.

Presidente do Conselho Episcopal Latino-americano (CELAM) e vice-presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) certamente honrará o solo primacial.

"Espero que seu nome seja recebido com espírito de fé — escolhido que foi pelo Santo Padre — e com carinho pelo povo de Deus desta arquidiocese. Nas suas orações irão ajudá-lo no cumprimento de sua missão de pastor desta sempre querida Igreja da Bahia".

## Entrevista

Após a divulgação da nota, informou-se em Salvador que dom Eugênio Sales viajará amanhã para o Rio de Janeiro, a fim de participar da reunião da Comissão de "Justiça e Paz" e acertará com os bispos e sacerdotes daquela arquidiocese pormenores relativos à sua posse, inclusive a própria data. Antes da viagem, contudo, dará entrevista à imprensa baiana, no Palácio da Sé.

## No Sul

A noite, em Porto Alegre, o arcebispo metropolitano, cardeal Vicente Scherer, fez a seguinte declaração a respeito da nomeação de dom Eugênio Sales: "Creio que o nome do cardeal Eugênio Sales terá aplausos gerais. A arquidiocese do Rio de Janeiro e a Igreja do Brasil estão de parabéns. Admito em d. Sales a singular sensibilidade face aos problemas sociais, a independência de atitudes, serena e objetiva, a interpretação dos fatos políticos e a sabedoria de iniciativas pastorais inovadoras, a generosidade de alma na solução de problemas humanos. A amizade que nos une aumenta a minha satisfação pela sua transferência para a arquidiocese do Rio de Janeiro que, por vários títulos, tem primazia entre todas no Brasil".

## Quem é

Arcebispo de Salvador desde outubro de 1968 e cardeal desde março de 1969, d. Eugênio Sales, com 50 anos, é natural de Acari, Rio Grande do Norte. Por ser arcebispo da primeira diocese instituída no Brasil, a de Salvador, somava o título de primaz ao de cardeal. Com sua transferência para o Rio de Janeiro, deixará o título para seu sucessor.

Ex-membro do CELAM e de comissões na CNBB, d. Eugênio exerceu vários cargos antes da sagradação episcopal: diretor espiritual do Seminário Arquidiocesano de Natal, diretor da Obra de Vocações Sacerdotais, presidente do Serviço de Assistência Rural, assistente da Juventude Masculina Católica, professor do Seminário de São Pedro e da Escola de Serviço Social, capelão do Bom Pastor e da Polícia Militar.

## D. Avelar ainda não tem planos

O novo primaz do Brasil, d. Avelar Brandão Vilela, disse ontem no Rio que ainda não tem planos para a arquidiocese de Salvador e que antes de assumir pretende concluir alguns programas pastorais e resolver diversas questões de caráter administrativo referentes à arquidiocese de Teresina. D. Avelar chegou à tarde ao Rio para participar da reunião de cúpula da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Seu retorno ao Piauí está previsto para a próxima quinta-feira, pois ele quer participar das

comemorações da Semana Santa em Teresina.

O arcebispo não quis comentar sua nomeação pelo Papa Paulo VI para a arquidiocese de Salvador, mas elogiou a escolha de d. Eugênio Sales para arcebispo do Rio de Janeiro, afirmando que ela foi excelente e deverá melhorar consideravelmente as relações entre o governo e a Igreja.

## O novo primaz

D. Avelar Brandão Vilela nasceu em Viosa, no Rio Grande do Norte, a 13 de junho de 1912.

Iniciou os estudos em seu Estado, mas acabou sendo ordenado em Aracaju, em 1935. Em 1946 foi consagrado bispo, sendo designado para a diocese de Petrolina. Assumiu a arquidiocese de Teresina em novembro de 1955, dirigindo-a desde então.

A Bahia, com a transferência de d. Eugênio Sales para o Rio, ficará temporariamente sem cardeal, mas, devido à sua condição de sé primacial do país, tudo indica que o Papa Paulo VI não demorará em conceder essa dignidade a d. Avelar Brandão.



## É o 4.<sup>o</sup> arcebispo do Rio

D. Eugênio Araujo Sales é o quarto cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro e sucede ao cardeal Câmara, recentemente falecido. Foi escolhido pelo Papa Paulo VI de uma lista em que figuravam, segundo se afirma, também os nomes de d. Aloísio Lorscheider, presidente da CNBB; d. Afonso Niehues, arcebispo de Florianópolis; d. Alberto Gaudêncio Nunes, arcebispo de Belém, Pará; d. Avelar Brandão Vilela, arcebispo de Teresina, e d. Clemente Isnard, bispo de Nova Friburgo.

O arcebispo de Teresina, d. Avelar Brandão Vilela, vice-presidente da CNBB e presidente do CELAM, foi nomeado para substituir d. Eugênio Araujo Sales como arcebispo de Salvador e primaz do Brasil.

### ARCEBISPADO

O primeiro cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro foi d. Joaquim de Albuquerque de Arcoverde Cavalcanti, que ocupou o posto de 1897 a 1930. Foi elevado ao cardinalato em novembro de 1905, sendo o primeiro latino-americano a receber essa distinção. O Barão do Rio Branco teve decisiva atuação na criação do cardinalato no Brasil.

Seguiu-se no posto d. Sebastião Leme, que o assumiu em 1930 e nele permaneceu até 1942, quando morreu. D. Leme, que era paulista da cidade de Pinhal, assistiu o presidente Washington Luís, quando foi deposto pelo movimento de 1930. Inconformado com os resultados da Revolução de 30, o presidente queria resistir e d. Leme convenceu-o a reconhecer a vitória das tropas revolucionárias, e o acompanhou do Palácio do Catete até o Forte de Copacabana.

### D. JAIME

Escolhido sucessor de d. Sebastião Leme para arcebispo do Rio de Janeiro a 7 de julho de 1942, d. Jaime de Barros Câmara tomou posse a 15 de novembro de 1943. Em dezembro de 1945 foi feito cardeal pelo Papa Pio XII. Durante os 29 anos de atuação como cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro, d. Jaime preocupou-se fundamentalmente com a reestruturação da Igreja em sua diocese, criando mais de 100 paróquias.



D. Eugênio Sales, sucessor de d. Jaime Câmara no Rio



O arcebispo d. Avelar Brandão é o novo primaz brasileiro

Institut für Brasilienkunde  
Sunderstraße 15  
4532 Mettingen

Pressearchiv

Zeitung	Datum	Nummer
JB	27. 4. 71	

## Reunião de Dom Eugênio com padres da Zona Norte tem riso e aplausos

Aplausos, risos e até gargalhadas marcaram o encontro, ontem pela manhã, do Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Eugênio Sales, com os padres do Vicariato Norte, representado por 32 paróquias de uma área que vai desde o Catumbi até o Engenho de Dentro. O Cardeal ouviu mais do que falou e ao final comentou: "foi excelente."

Durante o encontro na igreja de São Francisco Xavier, na Tijuca, feito em caráter reservado a pedido do próprio Arcebispo, para "tornar o ambiente mais informal", cada pároco falou das atividades desenvolvidas, dos progressos e dificuldades enfrentadas. A reunião durou 2 horas e à tarde houve uma outra, mas com as freiras das congregações daquela região.

### Informalidade

Dom Eugênio Sales chegou à igreja de São Francisco Xavier às 9 horas surpreendendo a muitos, pois em vez de se utilizar de seu carro oficial, um Galaxie verde, desembarcou de um Volkswagen branco, cujo motorista era o vigário-episcopal da Zona Sul, Dom José de Castro Pinto.

De batina e carregando uma pasta preta, cumprimentou os padres que já se encontravam no local, reconhecendo alguns.

A reunião, que se realizaria meia hora mais tarde, era o seu primeiro contato com a sua Arquidiocese, "início de um trabalho, porque até agora foi tudo festa." O Rio é dividido em seis Vicariatos: do Centro (Candelária), Leopoldina (Piedade), Rural (Realengo), Sul (Copacabana), Subúrbio (Ramos) e do Norte (Tijuca). Este último compreende 32 paróquias.

### O encontro

As 9h30m foi iniciada a reunião no salão da igreja e o coordenador foi o vigário-episcopal da Zona Norte, monsenhor Vital Cavalcanti.

Cada pároco se levantava, dizia o nome, a localização de sua paróquia, as atividades que vinha

desenvolvendo, os progressos alcançados e as dificuldades enfrentadas. Dom Eugênio Sales, sentado na frente, braços quase sempre cruzados, ouvia mais do que falava. As vezes fazia perguntas rápidas.

Com meia hora de reunião o ambiente tornou-se bastante informal: Dom Eugênio andava dentro do salão, encostava-se na mesa, gesticulava. Os padres, por sua vez, ficaram mais descontraídos e entre uma conversa e outra ouvia-se, do lado de fora, risos, aplausos e até gargalhadas. O encontro durou exatamente duas horas.

### Satisfação

Acabado o encontro todos se retiraram para o pátio coberto da igreja, onde foi servido biscoitos e refrigerantes. Sotaques estrangeiros, se misturavam nos comentários: "foi muito bom, muito franco e sincero."

Dom Eugênio Sales, muito cumprimentado ainda dentro do salão, foi o último a sair:

— Vim aqui só ouvir. Farei a mesma coisa nos outros cinco Vicariatos. A minha impressão pessoal? Sim, foi excelente, e quando digo excelente, é por que achei mesmo.

Alguns padres, uns de camisa esporte, outros de suéter de lã, terno, clergyman, batina ou hábito de monje ainda conversavam quando Dom Eugênio Sales se retirou.

### Missa

As 20 horas, Dom Eugênio Sales concluiu sua visita pastoral às paróquias da Zona Norte, celebrando uma missa na igreja de São Francisco Xavier, na Tijuca, completamente lotada.

Em seu sermão, muito breve, Dom Eugênio Sales afirmou que é necessário levar o cristianismo à prática, divulgando mais o nome de Jesus e o sentido de sua vida, "ainda pouco sentidos e compreendidos entre nós." Ao final da cerimônia, o Arcebispo retirou-se para a sacristia, onde recebeu os cumprimentos de 1500 fiéis.



## Entrevista na ABI foi informal

— E' verdade que o Sr. chorou quando soube de sua nomeação?

A pergunta do Senador Danton Jobim ao Cardeal Eugênio Sales marcou a informalidade da entrevista coletiva que ele concedeu ontem na ABI.

O novo Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro compareceu num elegante *clergyman*, driblou os jornalistas com respostas hábeis e depois brindou-os com conhaque.

Com muito senso de humor, Dom Eugênio enfrentou um ambiente confuso, onde pessoas alheias à imprensa impediram que a entrevista corresse normalmente. Mesmo assim, ele fez algumas revelações: não queria vir para o Rio, expôs as razões numa carta de duas laudas dirigida ao Papa, mas este não aceitou o pedido. "Eu é que decido" — disse-lhe Paulo VI.

### Um grande vulto

Antes da entrevista coletiva — a primeira desde que foi nomeado — Dom Eugênio Sales foi homenageado pela presidência da ABI. Terno de tropical inglês bem talhado, a cruz cardinalícia mal aparecendo por trás do casaco, Dom Eugênio chegou à ABI às 17 horas. Foi recebido pelo presidente da casa, Senador Danton Jobim. A sala onde a homenagem seria realizada ficou pequena para abrigar a quantidade de pessoas que queriam conhecer o novo Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro.

Um pouco constrangido com a presença de tanta gente, Dom Eugênio sentou-se entre rosas e cravos que lhe foram oferecidos pela casa. Ao saudá-lo, o Sr. Danton Jobim classificou-o de "um dos grandes vultos da Igreja brasileira, que, dizem, se acha em crise. Entretanto, cada vez mais se impõe como uma Igreja identificada com os interesses democráticos da nação."

— A Igreja que todos nós cultuávamos estava até pouco tempo distanciada dos interesses sociais e do povo. Depois começou a despertar para a sua missão, deixou de viver isolada. Sem interferir nos domínios do Estado, ela procura levar o seu ministério a todos os setores cujas atividades estavam antes alheias a ela.

### O diplomata

Antes que os repórteres comessem a fazer perguntas, Dom Eugênio pediu para falar alguma coisa. Dentro da pequena sala, jornalistas, funcionários da ABI e curiosos vindos ninguém sabe de onde se misturavam. Vozes de crianças e de uma batucada num prédio ao lado tornavam ainda mais confuso o ambiente. Com muito bom humor e passando diplomaticamente por cima de tudo isso, Dom Eugênio falou:

— Eu admiro vocês todos, jornalistas. Minha vinda a esta casa é na verdade uma vontade muito antiga que tenho de homenageá-los. Vocês são os olhos, os ouvidos e a boca dos que não podem ver, ouvir

e falar. Gostaria de ter ido, pessoalmente, a cada um dos jornais da Guanabara, conhecer as redações, ver vocês todos de perto. Mas era impraticável devido aos meus compromissos. Não posso exercer bem a minha missão sem vocês e

quis Deus que eu vivesse num mundo onde vocês existem.

### A habilidade

— Cardeal, é verdade que o Sr. chorou quando recebeu a notícia de sua nomeação? A pergunta do presidente da ABI não pareceu constranger Dom Eugênio. Ele deu uma de suas raras gargalhadas e explicou que isso dificilmente poderia acontecer. "Não sou homem de transmitir muito as minhas emoções." Depois confessou:

— Mas fique! muito emocionado. E acrescentou:

— Sou sincero com vocês. Eu não queria vir para o Rio. Disse isso ao Papa. Escrevi-lhe uma carta, em francês, onde em duas páginas eu dizia porque gostaria de continuar na Bahia.

— Quais são, quais são? — um côro de vozes interrompeu Dom Eugênio, que parecia gostar da informalidade do encontro.

— Isso é segredo. Só posso dizer que em nove itens eu explicava tudo. Quando estive pessoalmente com o Papa, ele me disse que tinha em mãos tudo o que dizia respeito ao Rio.

— Tenho também as razões que o Sr. tem para não ir para aquela arquidiocese. Mas eu, o Papa, é que decido. O Sr. ouvirá isso, oficialmente, da boca de um de meus auxiliares, como é de praxe.

### Sem rancor

Dom Eugênio Sales disse que já esqueceu o episódio dos padres que protestaram contra sua nomeação. Saindo da expressão risonha para uma mais séria ele diz que o manifesto faz parte do passado.

— Nem sequer guardei os nomes. No princípio havia decidido ficar com eles. Não conhecia os padres, me lembrava de um apenas. Depois achei que o melhor seria esquecer tudo e foi o que fiz.

— O Sr. acha que futuramente os cardeais serão escolhidos pelos bispos e estes pelos padres?

Ele ri, aperta as mãos cruzadas e responde olhando os repórteres por trás dos óculos:

— Olha, o cardinalato é ainda escolha do Papa. Não posso fazer previsão.

Enquanto o presidente da ABI apressa Dom Eugênio, avisando-lhe que outros compromissos o esperam, os repórteres, com muita dificuldade, tentam manter Dom Eugênio no lugar. Um lhe sacode uma rosa para ser visto. Uma mulher dizendo-se jornalista do Colégio Santo Amaro (distribuiu cartões até para Dom Eugênio) interrompeu os repórteres para dizer:

— Deus é o pai de todos. Dom Eugênio olha a mulher com simpatia, alguns acham graça

## Arcebispo faz visita a Governador

Todo o primeiro escalão administrativo do Estado perfilou-se, no salão nobre do Palácio Guanabara, diante de Dom Eugênio Sales, que ontem visitou o Governador Chagas Freitas, a primeira autoridade que o recebe oficialmente como Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro.

Dom Eugênio chegou ao palácio, às 16h, num carro pequeno, nacional, modelo 1964 e com chapa particular. Acompanhavam-no três padres, um deles, o vigário episcopal da Zona Sul, Dom José de Castro Pinto, vestindo *clergyman*. O Governador beijou a mão de Dom Eugênio, mas a maioria dos Secretários, incluindo o Vice-Governador Erasmo Martins Pedro, cumprimentou-o de modo convencional, alguns com discreta reverência.

### Altos e baixos

Dez minutos antes das 16h todo o Secretariado já se mantinha perfilado no salão nobre do palácio, incluindo os chefes do Gabinete Civil e Militar e os procuradores-gerais da Justiça e do Estado. Na fileira, destacavam-se os Secretários de Ciência e Tecnologia, coronel Júlio Coutinho, o mais alto; o de Educação, Fernando Barata, o mais baixo; e a gravata berrante, em vários tons de vermelho, do Secretário de Segurança, General Faustino da Costa.

Pouco antes que Dom Eugênio chegasse, um funcionário do Cerimonial do Palácio lembrou ao Sr. Chagas Freitas de que modo deveria beijar a mão do Cardeal. As 16h, ele chegou, no carro verde, e o Governador foi recebê-lo na escadaria frontal, junto com o Sr. Erasmo Martins Pedro.

Na fileira dos Secretários, o primeiro a ser cumprimentado por

Dom Eugênio foi o chefe do Gabinete Civil, Sr. Marcial Dias Pequeno. O último foi o Secretário de Agricultura, Sr. Edmundo Camello. Em seguida, o Governador, o Vice, Dom Eugênio, Dom José, monsenhor Francisco Bessa, monsenhor Francisco Pinto e o chefe do Cerimonial se sentaram na extremidade à esquerda do salão.

### Animação

Enquanto o Governador Chagas Freitas e Dom Eugênio conversavam — o Sr. Chagas riu por duas vezes em cinco minutos — a conversa entre os Secretários foi ficando tão animada que o chefe do Cerimonial, Embaixador Francisco Gualberto de Oliveira, pediu silêncio ao grupo.

Após cinco minutos de conversa, os presentes brindaram o encontro com champanha, e o Sr. Chagas Freitas brindou Dom Eugênio Sales, "um homem que tem, como principal missão, pacificar e unir em nome de Deus." O Governador prometeu colaboração do Estado, "todos os dias, a todas as horas e sob todas as formas."

Em resposta, já de pé, o Cardeal-Arcebispo do Rio disse que a visita era uma homenagem que a Igreja prestava ao Estado, e lembrou que "o papel da Igreja tem sido e continuará a ser o de respeito às autoridades, na sua missão de cuidar da cidade dos homens." Por fim, pediu a Deus que abençoasse o Governador, ao seu Governo e à família.

As 16h20m, dentro do tempo protocolar, a visita estava terminada. Dom Eugênio Sales, com barrete e veras vermelho vivo, de batina, foi levado ao carro pequeno, em que chegou, pelo Governador Chagas Freitas.

da intervenção e os auxiliares do Cardeal ficam perplexos sem entender nada. Por fim Dom Eugênio consegue dizer que não tem planos definidos, mas que acha prioritário um plano de maior aproveitamento dos religiosos e do laicato, através de cursos de aperfeiçoamento. Antes de iniciar qualquer trabalho manterá reuniões com o clero, ouvirá sugestões e pensará em aplicar na Guanabara o seu grande sonho: o Centro de Treinamento de Líderes, um sucesso na Bahia.



Institut für Brasilienkunde  
Sunderstraße 15  
4532 Mettingen

Pressearchiv

Zeitung	Datum	Nummer
JB	29-7-72	

## Bispo de Crateús denuncia em Washington problemas políticos latino-americanos

Washington (UPI-JB) — O Bispo de Crateús, Ceará, Dom Antônio Batista Fragoso, exortou ontem a Igreja Católica e o povo dos Estados Unidos a apoiarem a nova "teologia da libertação" e a luta contra a opressão na América Latina.

O Bispo brasileiro, que recebeu os jornalistas no escritório da Divisão Latino-Americana da Conferência dos Bispos dos Estados Unidos, disse-lhes que maus tratos a presos políticos são praticados não só no Brasil como também em outros países da América Latina governados por regime militares.

### OUTROS PAISES

Dom Fragoso está passando uma semana nos Estados Unidos, depois de assistir, em Roma, a um seminário sobre o Movimento Missionário Leigo para a América Latina, patrocinado pelo episcopado italiano.

O prelado citou informações sobre repressões e torturas em outros países latino-americanos, como o Peru, Paraguai e a República Dominicana, acrescentando que essa repressão atinge em grande parte a Igreja.

— Quanto ao Brasil — observou — sustento o que foi exposto na imprensa e na declaração dos bispos no sentido de que há torturas.

O bispo citou o JORNAL DO BRASIL, o Estado de São Paulo e a revista Veja como publicações que informaram sobre torturas e repressão no Brasil.

### SEM PERMISSAO

Dom Fragoso recordou que o Governo brasileiro não permitiu que a Comissão de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos investigassem as acusações.

O bispo lamentou a "falta de condição moral" que permite aos Estados Unidos e a outros países desenvolvidos prestarem apoio e ajuda às ditaduras militares na América Latina. O prelado denunciou que o comércio e a assistência internacional estavam criando condições que estimulam a opressão desencadeada por alguns Governos latino-americanos.

— A supressão da luta pela justiça cria um clima

favorável ao investimento internacional — disse o Bispo — e essa ajuda internacional é óptima para a consciência do povo."

### ECONOMIA

Referindo-se ao milagre econômico brasileiro, observou que "em função da taxa de crescimento e da renda per-capita, temos uma das economias mais alentadoras do mundo, com condições internas favoráveis para o investimento internacional."

— Não obstante — acrescentou — um relatório da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e o último censo indicam que a concentração do crescimento está nas mãos de uma pequena minoria. O desenvolvimento não está democratizado, porque só oferece oportunidades à oligarquia econômica do país.

Dom Fragoso fez um apelo no sentido da reformulação da ajuda aos países em desenvolvimento, a fim de canalizar os seus recursos e inteligência para o desenvolvimento econômico e social.

— Tenho a impressão — disse — de que a ajuda internacional, em sua forma atual, constitui uma solução falha para os problemas dos países em desenvolvimento. As nações ricas dão com uma mão e tomam com duas. Nós temos a nossa dignidade própria e não queremos aceitar esmolas do povo norte-americano. Hoje existe na América Latina uma luta de libertação e nós estamos em processo para libertar o nosso povo.

29. Juli 1972

JORI

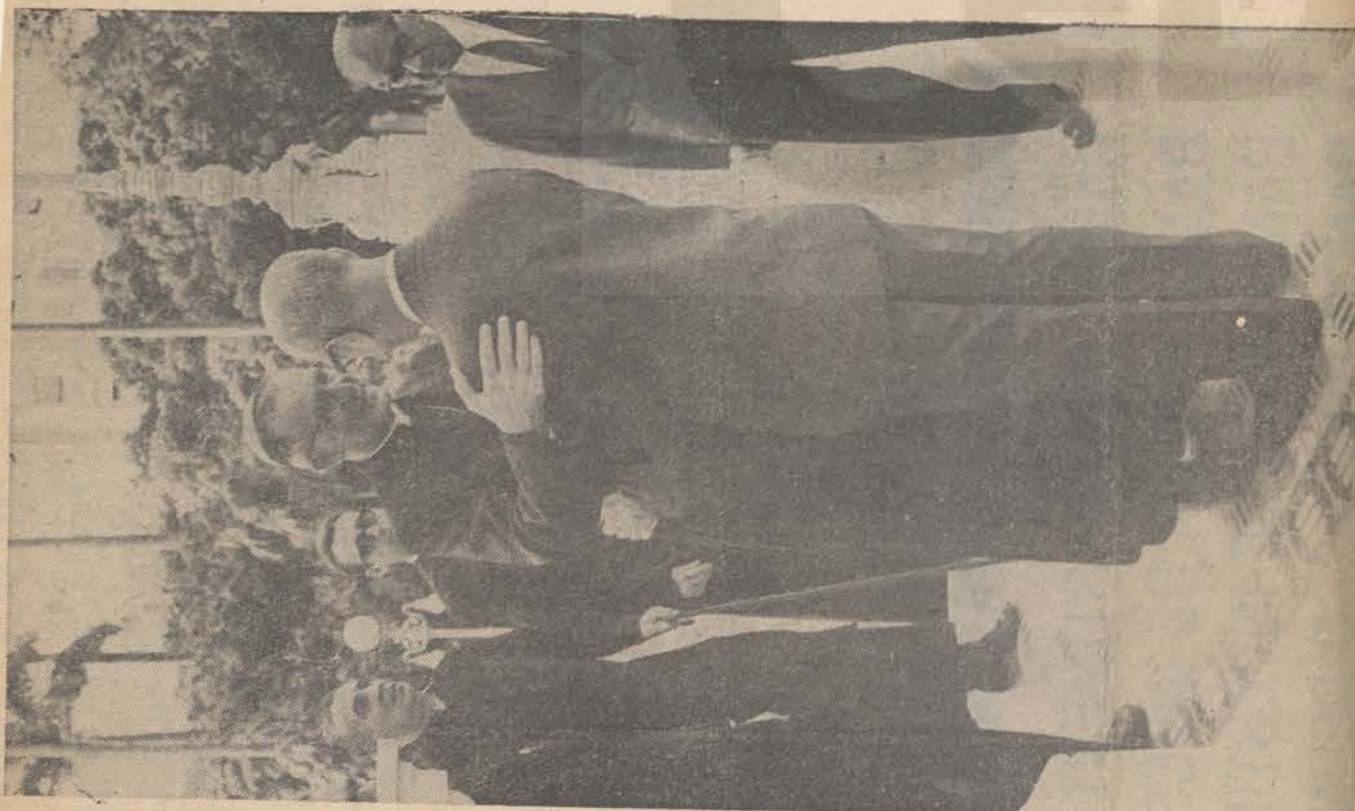
Radiofoto UPI



Antônio Fragoso prega a libertação do povo



O respeito e a cordialidade marcaram o encontro



Antônio Fragoso prega a libertação do povo



## Ecclesia afirma que só Deus pode ser o juiz dos movimentos da Igreja

São Paulo (Suécursal) — Sob o título de **Somente Deus é o Juiz da Igreja**, o editorial do boletim do Centro de Informações Ecclesia, publicado ontem, assinala que "a harmonia entre o Estado e a Igreja depende, em grande parte, da compreensão e aceitação de princípios que regem um e outro lado."

O editorial acrescenta que quando tais princípios foram violados no decorrer da História, gerando desentendimentos mais ou menos graves, não impediram, entretanto, a defesa do que fosse de competência da Igreja para apreciar, à luz do Evangelho, a moralidade dos atos de qualquer indivíduo e de qualquer comunidade. Assim como das decisões da própria comunidade civil e seus mandatários.

### A DOCTRINA

"Como sociedade perfeita e de origem divina — prossegue o editorial do Ecclesia — a Igreja tem sua própria missão, dispondo de todos os meios para atingir os fins que seu fundador lhe propôs. Na interpretação do depósito da fé na definição da moral evangélica, no estabelecimento de sua disciplina interna, no julgamento da ortodoxia e da validade dos rumos pastorais de seus bispos, sacerdotes e leigos, ele é soberana."

"Do outro lado, também o Estado tem seus fins próprios e conta com poderes e meios para atingi-los. Como a Igreja, o Estado também é independente e soberano nos campos que lhe são especificamente próprios. Se nem sempre, no passado o poder temporal esteve desvinculado do poder sagrado e os limites das atribuições e competências de ambos estiveram bem delimitados, nem foram respeitados, estamos em condições de provar que hoje, pelo menos da parte da Igreja, há a consciência da independência e soberania das duas sociedades, com o decidido desejo de

não invadir a seara alheia" — diz o boletim.

"A harmonia entre a Igreja e o Estado depende, em grande parte, da compreensão e aceitação desses princípios. A história aí está para provar que todos os conflitos mais graves foram decorrência do desconhecimento, ou da violação, da harmoniosa independência que deve existir entre as duas sociedades."

### QUEM JULGA

O Ecclesia, "indo mais ao fundo do problema", indaga: "quem é o juiz do Estado? Quem é o juiz da Igreja?" — e assinala que embora a questão comporte algumas distinções, é exato responder que, em última análise, é o próprio Deus.

"Fonte primeira e última de todo e qualquer poder — diz — somente Deus situa-se acima da Igreja e do Estado. A lei suprema do Estado não é a vontade do legislador mas sim a lei natural, como a lei suprema da Igreja é apenas o Evangelho, ambos de expressão inconfundível — da própria vontade do Deus Criador e de Deus Encarnado."

Institut für Brasilienkunde  
Sunderstraße 15  
4532 Mettingen

Pressearchiv

Zeitung

JB

Datum

18-8-72

Nummer

## JK e D. Sigaud incentivam desenvolvimento no Jequitinhonha

78 18/8/72



Duas das mais expressivas personalidades de Diamantina, o ex-presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira e o Arcebispo Dom Geraldo Proença Sigaud, se reencontraram na recente solenidade em que o Banco Denasa de Investimento assinou contrato de exclusividade para a captação de recursos de um dos maiores projetos de reflorestamento de Minas, a REFLORALJE — Reflorestadora Alto do Jequitinhonha — que se transformará agora em importante pólo de desenvolvimento da região.

A REFLORALJE, além de possuir

uma ótima localização, com suas terras situadas no Município de Diamantina, às margens da Rodovia MG-2, oferece aos investidores as vantagens de uma aplicação segura para dedução no Imposto de Renda e uma rentabilidade garantida tendo em vista o mercado imenso que garante a colocação de toda sua produção em carvão vegetal, escoramento para a construção e pasta para papel.

No coquetel em que foi firmado o contrato para a captação, além do Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira, compareceram pelo Banco Denasa de

Investimento, os diretores Dr. Luiz Gonzaga de Souza Lima, Dr. Henrique de Souza Lima, Dr. Carlos Murilo Felício dos Santos, Dr. Fernando Cunha Lima, Dr. Marcos Miranda Novais e D. Marilena Ferrari, enquanto a REFLORALJE foi representada por seu diretor-presidente, Dom Geraldo Proença Sigaud — Arcebispo de Diamantina — e os diretores Dr. João Luiz Sampaio de Castro, Dr. Afonso Murilo Souto, Dr. Divaldo de Melo Jardim, Dr. José Sanches e Dr. Leandro Gomes da Costa, além do presidente da CODEVALE, Dr. Fidelcino Vianna.



Institut für Brasilienkunde  
Sunderstraße 15  
4532 Mettingen

Pressearchiv

TERÇA-FEIRA, 3 DE SETEMBRO DE 1974

## Evangelização, a tese do Brasil no Sinodo de Roma

### Para D. Avelar, não há obstáculos

Da Sucursal do  
RIO

O cardeal da Bahia e vice-presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, D. Avelar Brandão Vilela, ao analisar o discurso do presidente Ernesto Geisel, declarou que não viu, nele, nenhuma referência direta à Igreja, e acha que não há nenhum obstáculo ao bom entendimento entre o governo e o clero. Para o cardeal, o presidente apresentou seu método de realizar a distensão no atual regime brasileiro de forma lenta, gradual e segura. Na sua opinião "não há outro caminho mais adequado do que este para atingir a distensão".

A frase de Geisel, segundo a

qual "o governo não aceita, porém nem poderia aceitar jamais pressões indevidas ou campanhas reivindicatórias de indivíduos ou de grupos quaisquer que, sob vários pretextos, empunhando até mesmo a bandeira de nobres ideais e valores eternos, pretendam forçar mudanças e revisões inconvenientes, prematuras ou imprudentes do quadro político nacional", não foi interpretada, pelo cardeal, como uma referência direta à Igreja.

Dom Avelar Brandão, que está no Rio a fim de participar da reunião da comissão representativa da CNBB, acha que a frase "se dirige a todos os crentes". A seu ver, há muitos pontos positivos no discurso, analisado num documento que ele pretende divulgar brevemente.

Zeitung	Datum	Nummer
EdSP	3-9-74	

Da Sucursal do  
RIO

Com a aprovação de 92 proposições sobre o tema "Evangelização do Mundo de Hoje", os 34 preladados que integram a Comissão Representativa da CNBB encerraram ontem, um dia antes do previsto, mais um período de reunião. Esse documento será a contribuição do Episcopado brasileiro no Sinodo Mundial dos Bispos, mas a CNBB elaborará também um trabalho definindo sua posição quanto ao problema demográfico.

Durante o encontro, realizado no convento do Cenacolo, e iniciado a 27 de agosto, os bispos aprovaram ainda o tema da próxima assembleia geral da CNBB, a ser levada a efeito em novembro, em Itaipava. A pauta da reunião, na qual será eleita a nova presidência da Conferência, incluirá a elaboração das diretrizes pastorais para os próximos quatro anos e a discussão do problema da manutenção do clero, posição diante da maçonaria e dos padres que abandonaram a Igreja, o estabelecimento do sistema do dízimo e um documento sobre a pastoral da confirmação.

Ontem, o presidente da CNBB, D. Aloisio Lorscheider, o vice-presidente, D. Avelar Brandão Vilela, e o secretário-geral, D. Ivo Lorscheiter, revelaram quais temas são considerados prioritários para serem submetidos ao Sinodo de Roma: comunidades evangelizadas, método e conteúdo da evangelização das massas afastadas da Igreja, valorização da família, participação dos leigos, religiosidade popular, descentralização da liturgia, participação da mulher, conselhos presbiterial e pastoral, mudança de mentalidade, projeto ético e participação dos religiosos.

#### Religião popular

Entre as principais sugestões do Episcopado brasileiro ao Sinodo está a da urgência, dentro do quadro da evangelização, de continuar a se aprofundar a pesquisa sobre expressões do catolicismo popular e de religiosidade popular sincretista, para "compreendê-las melhor, seja para purificá-las, seja para se conhecer e promover os valores evangélicos que já contêm".

Os bispos solicitam, por exemplo, que o Sinodo saliente o princípio da dignidade e igualdade fundamental dos membros do povo de Deus, lembrando que "um cardeal não é mais santo do que outros fiéis". Um fenômeno que o Episcopado considera bastante grave, e que se verifica especialmente

no meio urbano, é o da não participação dos batizados na vida da Igreja. Observa o documento a ser levado a Roma que, nas grandes cidades brasileiras, 70, 80 e até 90 por cento dos católicos estão nesta situação, o que eles não interpretam como falta de religiosidade.

As proposições brasileiras ao Sinodo refletem também a preocupação com os não católicos, sugerindo os bispos que se incentivem mais os grupos ecumênicos de estudo e de reflexão e que seja levado em conta o crescimento das religiões sincretistas, especialmente as religiões afro-brasileiras.

A situação das prisões também mereceu uma proposição especial no sentido que se dê maior atenção à pastoral dos cárceres, "quanto à promoção humana dos presos e agentes policiais, baseada na Declaração Universal dos Direitos Humanos".

Os bispos insistiram ainda na necessidade de se promover uma maior atuação da mulher na Igreja, principalmente "se revendo uma certa atitude discriminatória, com relação à sua participação no exercício ministerial", tendo em vista as experiências válidas no desempenho das mulheres nas responsabilidades pastorais, que já lhes foram confiadas e o contexto cultural moderno, no qual a mulher é chamada a posições de responsabilidade cada vez maior.

#### Sinal dos tempos

Os preladados identificaram também alguns "sinais dos tempos" que estão pedindo uma atitude da Igreja, como a "sede de Justiça, de Liberdade, de participação nos bens da cultura, a socialização e o anseio de igualdade e fraternidade entre os homens, além da ascensão da mulher". E examinando o contexto brasileiro, os bispos chegaram à conclusão de que são muito raras as ideologias e religiões que se opõem frontalmente ao Evangelho. "Muito mais frequente, dizem eles, é o caso dos que utilizam o Evangelho ou o reinterpretam em favor de suas convicções, muitas vezes com boa intenção".

Finalmente, ao comentar o documento "A Igreja, a questão demográfica e a pastoral familiar", a ser divulgado hoje, D. Ivo Lorscheiter ressaltou que essa é a primeira vez que a CNBB toma posição em público, diante do problema, e que a intenção é participar de todos os projetos relacionados com a família, explicando que todos devem ser examinados cuidadosamente.





Telefoto "Estado"

O cardeal da Bahia elogiou o caminho da "distensão"

## RELIGIÃO



Dom Avellar, à direita: destaque para o papel social da Igreja\*

### Alta temperatura

Aparentemente, era um inesperado e estimulante apelo à concórdia. Na quinta-feira passada, o cardeal belga Leo Joseph Suenens, implacável analista dos mais explosivos problemas e impasses da Igreja Católica, surpreendeu o plenário do Sínodo dos Bispos, no Vaticano, ao sugerir a instituição do "Ano de Reconstrução". "Peçamos ao Espírito Santo", recomendou o prelado, "que sejam feitas as pazes entre os tradicionalistas e os inovadores e ultra-inovadores, de outra." No mesmo dia, contudo, a entrada em cena de temas encravados entre as duas partes trouxe a suspeita de que a proposta talvez consiga apenas precipitar a totalidade de posições antagônicas.

Protagonista de recentes escaramuças entre governo e clero espanhol, o cardeal madrileño Vicente Enrique y Talancón afirmou que os religiosos devem aproximar-se urgentemente dos pobres e "primidos". Também preocupado com o papel social da Igreja, o cardeal brasileiro Dom Avellar Brandão Vilella sustentou que a evangelização no mundo contemporâneo — o principal tema do Sínodo — precisa levar em conta "a sede por justiça e liberdade, a participação nos cursos da cultura, a promoção da mulher e as inquietações dos jovens". E um representante do Gabão, depois de criticar "o imperialismo dos brancos", defendeu a produção na Igreja Católica africana de alguns elementos animistas de milhares de cultos tribais.

O calor dos debates acabou incluindo uma dramática questão dos palestinos. E, em seguida, o caso de dom Capudji, vigário em Jerusalém, atualmente acusado pelo

governo israelense de contrabandear armas para terroristas árabes. Durante uma candente dissertação sobre o Oriente Médio, o patriarca greco-católico dos melquitas de Antioquia, dom Maximos Hakim, justificou o comportamento do vigário: "Ele fez isso para despertar a atenção do mundo".

Dessa forma, alguns observadores prevêem novas elevações na temperatura das discussões — principalmente porque outros temas polêmicos ainda esperam a sua vez. Como a situação do clero nos países comunistas, que, na quinta-feira, mereceu apenas uma breve mas expressiva insinuação do cardeal polonês Stephan Wyszyński. "Em suas negociações com certos governos", disse ele, "o Vaticano não deveria passar por cima dos episódios nacionais."

### O servo de Deus

Foi, antes de tudo, um modelo de profissionalismo pastoral. De fato, na quarta-feira da semana passada, quando o celebrado pastor americano Billy Graham realizou a primeira de uma série de cinco pregações programadas para o Maracanã, no Rio, dificilmente se poderia pedir mais organização. As 19 horas, grupos de homens e mulheres de semblante grave e roupas discretas começaram a entrar pelos portões do estádio. As 20, pontualmente, compunham uma impressionante multidão de 90 000 pessoas, que ouvia atentamente hinos evangélicos entoados por um coral de 10 000 vozes ou meditavam sobre fra-

\* Ainda na foto: cardeal Juan Ricketts, do Peru, cumprimentando dom Avellar, e o brasileiro Paulo Evaristo Arns.

ses do tipo da que cobria um gigantesco placar eletrônico: "Eu sou o caminho, a verdade da vida".

Em seguida, o pastor Erasmo Martins Pedro, vice-governador da Guanabara, exaltou as qualidades de Billy Graham, "um servo de Deus que já pregou em mais de oitenta países". E, precedendo seu confrade americano, o inglês Michael Ramsey, arcebispo de Cantuária, inesperada presença ecumênica à pregação, declarou: "As igrejas devem compreender a evangelização de Cristo. Mais do que nunca, é necessário que unam esforços para servir aos sofredores".

As 21 horas, protegido por quarenta agentes de segurança, Billy Graham abandonou seu camarim, improvisado numa das extremidades do gramado, e se dirigiu ao púlpito armado nas proximidades. Com a voz empostada e envolvente, começou: "Estou muito feliz por voltar ao Brasil e ao Rio de Janeiro. E por falar daqui, do mesmo lugar onde Pelé, a quem dei uma Bíblia e de quem recebi promessa de participar de uma de nossas reuniões, disputou algumas de suas melhores partidas".

**Verdades esquecidas** — Depois de breve pausa, Billy Graham pediu à multidão para "não falar, não murmurar, não mexer" — explicando, no estilo carismático que o tornou célebre, que tal exigência era indispensável para o Espírito Santo falar através de suas palavras. E, apontando para a Bíblia, afirmou que o mundo está em crise "por se esquecer das verdades deste livro, em cujas páginas aprendemos a eternidade do poder de Cristo, princípio, meio e fim de todas as coisas". A seguir, conclamou o mundo "a encontrar seu único e verdadeiro líder".

Exatamente às 21h30, sempre numa impecável tradução simultânea, Billy Graham pediu às pessoas ainda não convertidas para descerem das arquibancadas, mesmo que não tivessem entendido suas palavras, "para serem de novo simples crianças cheias de amor, entregues a Cristo por um ato de pura fé e arrependimento". A conclamação foi obedecida por centenas de pessoas, cujos nomes e endereços eram anotados por voluntários da Cruzada Evangelista Billy Graham, organizadora da pregação.

Antes de abandonar o púlpito, Billy Graham prometeu falar, no dia seguinte, "do pior homem do mundo". Quem já havia lido seus livros sabia tratar-se de uma figura retórica, que encarna os males do mundo: apego a bens materiais, adoção de vícios — mesmo pequenos — e falta de fé. Terminada a pregação, ficava a certeza de que este e os outros recursos da oratória de Billy Graham haviam impressionado. E, nos dias seguintes, o Maracanã voltaria a receber fiéis em número comparável ao dos grandes clássicos do futebol.



# O CARDEAL E O MARXISMO

1018175 *Enfática*

ROLAND CORBISIER

**N**O Jornal do Brasil, de 12 e 19 do mês corrente, d. Eugênio de Araujo Sales, cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro, escreveu dois artigos sobre o marxismo que merecem um comentário especial. Merecem um comentário especial não só por terem sido escritos por um cardeal-arcebispo, mas também por tratarem do marxismo, revelando, por parte do autor, honestidade intelectual e propensão ao diálogo, virtudes muito raras entre os anticomunistas brasileiros. Em matéria de anticomunismo, estamos acostumados às diatribes dos panfletários e dos energúmenos que, periodicamente, em artigos, entrevistas, proclamações e manifestos, não trepidam em revelar ao público a sua indigência cultural e a mais completa ignorância e incompreensão do assunto. Para não falar, naturalmente, na má-fé dos que fazem do anticomunismo profissional a ideologia dos interesses que não podem confessar. Acostumados ao anticomunismo demagógico, primário e policialesco, não nos poderíamos deixar de surpreender com os artigos de d. Eugênio Sales que revelam equilíbrio, ponderação e desejo de compreender as teses das quais discorda.

O ponto de partida das considerações do cardeal é a verificação de um fato, "o avanço do marxismo" ou "o crescimento do marxismo no mundo". Esse avanço, ou esse crescimento, diz d. Eugênio, "causa inquietação a muitos, de modo especial aos que temem perder privilégios frequentemente injustos". Reconhecer, verificar que há um avanço, ou um crescimento do marxismo no mundo, é registrar um dado histórico. Dizer, porém, que esse avanço preocupa especialmente os que temem perder privilégios injustos, é reconhecer, implicitamente, que o marxismo inclui uma reivindicação de justiça, na medida mesma em que ameaça os privilégios injustos. Para d. Eugênio, no entanto, o marxismo, embora esteja avançando e crescendo no mundo, é uma "filosofia errônea", cujos adeptos "julgam com base em critérios insustentáveis".

**Q**UAL será, porém, a causa desse avanço, ou desse crescimento? A injustiça social? "A explicação completa, diz d. Eugênio, é mais ampla". E, a seguir, aponta, além da injustiça social, a "limitação das liberdades fundamentais" e a "mera repressão" que se torna, geralmente, "forte aliado do adversário". Sem mencionar o nome do país, o cardeal alude, como exemplo de sua tese, ao caso de Portugal, onde "após quase meio século de regime forte", o marxismo "emerge como a maior força organizada da nação", o marxismo, quer dizer, a ideologia que "fora objeto de ostensivo controle". Segundo o cardeal, portanto, o avanço do marxis-

mo, é explicável pela injustiça social e pela limitação das liberdades fundamentais, isto é, pela repressão.

Mas, que é o marxismo? O cardeal não nos diz, obviamente, o que é o marxismo, essa filosofia que, embora "errônea", está avançando e crescendo no mundo. Aponta, no entanto, "elementos válidos" da "análise marxista da ordem capitalista", que se "identificam com posições assumidas pela igreja". E, quais são esses "elementos válidos" que coincidem com as teses da igreja? São, por exemplo, "a igualdade entre todos os homens, a função social da propriedade particular, a justa distribuição da riqueza, a igual oportunidade de acesso aos bens comuns, a luta contra a injustiça". Mas, não serão essas teses fundamentais e, se há um acordo em relação a essas teses, não haverá coincidência em relação ao fundamental?

Essas teses, porém, que, segundo o cardeal, são comuns entre o marxismo e a doutrina da igreja, não podem ser apenas formuladas vagamente, mas devem ser explicitadas com rigor. A igualdade entre os homens não comporta discussão, pois ninguém ousaria sustentar, nos dias que correm, que os homens são "por natureza" uns senhores e outros escravos, como fizeram Platão e Aristóteles, no século IV antes de Cristo. Não basta, porém, afirmar em abstrato, ou na mera letra da lei, a igualdade de todos os homens, se o sistema em que os homens vivem, o capitalismo, promove, pela lógica do seu funcionamento, a desigualdade econômica e social e conseqüentemente política. Também não basta sustentar, em tese, a "função social da propriedade particular", sem distinguir a propriedade privada dos meios de produção da propriedade privada dos bens de consumo. Qual das duas propriedades deve desempenhar uma função social? Excluída a segunda, isto é, a propriedade dos bens de consumo, casa própria, móveis e utensílios etc., resta a primeira, dos bens de produção.

Mas, em que poderia consistir a função social da propriedade privada dos bens ou dos meios de produção? Se essa apropriação é privada, ou particular, é capitalista, e sua função, de acordo com a lógica do sistema, é proporcionar lucros aos capitalistas, isto é, aos detentores do capital. Lucros esses que consistem, como é sabido, na apropriação da parcela de trabalho não paga, quer dizer, da mais valia. Qual poderia ser, portanto, conservando-se o sistema capitalista, a função social do capital privado? Aumentar os salários, melhorar as condições de vida do trabalho, proporcionar aos operários acesso à casa própria e à parafernália eletro doméstica? Essas "funções sociais" o capitalismo as tem exercido, não no interesse das classes trabalhadoras, pois o capitalismo está muito longe de ser filantrópico ou humanitário, mas no interesse da sua própria sobrevivência. O capitalismo tem feito, e continuará a fazer, todas as concessões que julgar necessárias à manutenção do que lhe parece essencial, a apropriação privada dos meios de produção, pois é essa apropriação que permite fixar o preço das mercadorias e, conseqüentemente, o lucro dos capitalistas, razão de ser do sistema.

O cardeal menciona, também, como "elemento válido" e tese comum ao marxismo e à doutrina da igreja, "a justa distribuição da riqueza". Mas, em que poderia consistir, efetivamente, e não apenas em palavras, a justa distribuição da riqueza? Se é necessário reivindicar a justa distribuição é porque a distribuição existente não é justa. Tal injustiça, no entanto, é resultado do sistema, quer dizer do capitalismo. O que a doutrina social da igreja pretenderia, portanto, seria promover a justa distribuição da riqueza mantendo o sistema que se caracteriza precisamente por promover a distribuição injusta dessa riqueza.



Entre os "executivos" que dialogaram com d. Eugênio, preocupados com o avanço do marxismo no mundo e com a possibilidade de serem e de se manterem cristãos, incluí-se um, cujo nome omitiremos por discrição, que ganha, por mês, 750 mil cruzeiros, o correspondente a cerca de 1.400 salários mínimos, quer dizer, ao trabalho de 1.400 operários. Que acha d. Eugênio dessa distribuição capitalista da riqueza? Será justo que uma pessoa física, um "executivo", ganhe por mês o equivalente ao trabalho de 1.400 seres humanos? Se o "executivo" em questão ganha por mês essa fabulosa importância, é porque a lógica do sistema, que lhe permite ganhá-la, é a mesma lógica que, em contrapartida, permite que 1.400 operários apenas sobrevivam, recebendo o salário que é mínimo por definição, o mínimo para não morrer de fome.

Em que poderia consistir a justa distribuição da renda, se o sistema funciona para que a minoria tenha de mais e a maioria tenha de menos? No caso em apreço, como se deveria fazer? Não haveria outra coisa a fazer senão aumentar os salários dos trabalhadores, diminuindo, em consequência, o lucro dos patrões. Mas, não terá d. Eugênio percebido como funciona o sistema, não terá observado que aos aumentos salariais seguem-se imediata e inevitavelmente, com a necessidade de uma lei física, os aumentos dos preços? E por que os preços sobem logo após os reajustamentos salariais? Os preços sobem porque, se não subissem, os lucros dos patrões, dos empresários, diminuiriam, e o sistema, que é controlado pelo capital e não pelo trabalho, existe para que os capitalistas tenham lucros, ou, se preferirem, para que os capitalistas sejam capitalistas. Pois ser capitalista e lucrar é a mesma coisa.

Não passaria, pois, de total ingenuidade, de candura infantil, pretender que os capitalistas, beneficiários do sistema, e que existem em função do lucro, se dispusessem, de uma hora para outra, apenas por amabilidade, com d. Eugênio, a reduzir seus lucros a fim de aumentar o salário de seus empregados. Beneficiários do sistema, os capitalistas, embora sejam "homens com poder de decisão", só podem decidir em seu próprio benefício, a menos, é claro, que ocorresse um milagre, e que se convertessem todos ao cristianismo, como São Francisco de Assis, entregando suas riquezas aos pobres. Excluída a hipótese do milagre, que d. Eugênio, apesar da sua boa vontade, não terá condições de provocar, verifica-se que os capitalistas não poderão tomar a iniciativa da justa distribuição da riqueza pelo simples fato de serem os beneficiários da sua injusta distribuição. Ora, se os capitalistas, banqueiros e "executivos", não podem tomar tal iniciativa, sob pena de se negarem a si mesmos, deixando de ser o que são, quem poderá tomá-la?

**Q**UE classe social, que instância de poder teria condições de patrocinar a justa distribuição da riqueza? Dir-se-ia que o Estado pode assumir tal patrocínio. Mas, que é o Estado? O Estado é um aparelho político, jurídico e administrativo, e também policial, a serviço da classe dominante, da manutenção de seus interesses e privilégios. Quem é o ministro da Fazenda, por exemplo? Não é um banqueiro? Que interesses representa senão os interesses da sua classe, dos demais banqueiros e executivos? O Estado que, na realidade, não passa da expressão política do poder econômico, não pode, conseqüentemente, promover a justa distribuição da riqueza. O Estado, sem dúvida, determina o aumento dos salários. Mas, não impedindo o aumento subsequente dos preços, anula o aumento salarial, mostrando assim que está a serviço da classe dominante.

Restaria, por exclusão, a classe trabalhadora, principal interessada na justa distribuição da riqueza que, a rigor, é criada por seu trabalho. Mas, que pode fazer essa classe? Greves, por exemplo, reivindicando aumento de salários. Todavia, a classe dominante tem meios, ou de declarar as greves ilegais, como acontece nas ditaduras reacionárias, ou de reprimi-las pela violência policial, pois a polícia está a serviço do capital e não do trabalho. Mantido o sistema, a classe trabalhadora que, em tese, é a única a ter condições de promover a justa distribuição da riqueza, na realidade não o pode fazer porque está contida pelo dispositivo de força a serviço da classe dominante. A classe trabalhadora só poderia promover a justa distribuição da riqueza rompendo o sistema, pondo em xeque, pela greve geral, por exemplo, a estrutura capitalista, que é capitalista porque assenta na opressão e na espoliação do trabalho pelo capital. A classe trabalhadora, como diz Sartre, é "o poder absoluto", mas, esse poder absoluto, por falta de consciência ideológica, de organização, e de liderança, normalmente não se exerce, explicando-se, assim, que a classe capitalista, embora minoritária, permaneça no poder. Pois, como é fácil compreender, a manutenção do capitalismo só interessa aos próprios capitalistas, seus únicos beneficiários.

Continuaremos, na próxima semana, a comentar os artigos de d. Eugênio Sales a respeito do marxismo.



D. Eugênio Sales:  
como distribuir a riqueza  
no capitalismo?



Com a ajuda de seis funcionários da segurança do Senado, o presidente do Congresso, Sr. Petrónio Portela, que chegou, ontem, às 20h40m. ao Rio, para conversar com o Cardeal Eugênio Sales e o Sr. Raimundo Faoro, deixou o aeroporto Internacional do Galeão pelo local destinado ao embarque de passageiros das linhas domésticas. Um Galaxie, chapa-fria do Senado, já o aguardava, pronto para a partida.

O Sr. Petrónio Portela chegou acompanhado, apenas, por sua mulher, e pelo volume de bagagem que trouxe — apenas uma valise — não deve permanecer mais de dois dias no Rio. Um funcionário do Senado que permaneceu no aeroporto, depois que o parlamentar pelo Piauí embarcou no Galaxie, afirmou que "o presidente comentou com o Senador José Sarney que não está querendo falar do diálogo".

### O repouso

Dois seguranças que acompanharam o Sr. Petrónio Portela, desde o aeroporto, postaram-se à entrada do edifício Excelsior — Rua Joaquim Nabuco, 23 — e o porteiro tinha ordens para impedir que qualquer pessoa subisse ao apartamento 24, onde o Senador reside. Informava, a quem insistia, que "no 24 não tem ninguém".

No aeroporto internacional do Rio, o presidente do Congresso foi recebido pelo Sr. Sarney e Eurico Rezende, este líder da maioria, que lhe desejaram felicidades nos encontros que manterá no Rio com o Cardeal Eugênio Sales e o presidente da OAB. Os dois Senadores aguardavam a vez de embarcar para Brasília.

O Senador Eurico Rezende considerou importante as novas etapas dos en-

tendimentos e disse que a Arena, agora, está se antecipando ao MDB, para conquistar o apoio de "segmentos sociais importantes", como o clero e a OAB.

Há notícias de que o Sr. Petrónio Portela vai procurar manter contatos, também, com os juristas Seabra Fagundes e Prado Kelly, aos quais não conhece. Val tentar, ainda, marcar um encontro com o ex-Governador Chagas Freitas, que controla a maioria emedebista no Estado do Rio.

### Arcebispo nada comenta

Na festa que se realizou ontem no Santuário da Penha, o Arcebispo do Rio de Janeiro, D. Eugênio Sales, preferiu não comentar o encontro que terá hoje com o Senador Petrónio Portela. Disse que se encontrava no Santuário "apenas para cumprir a tradição de rezar a missa solene da Festa da Penha".

Mandou um recado ao repórter, avisando que iria apenas tomar café e retirar-se. "Minha missão aqui é apenas rezar a missa". Acompanhado por dois outros religiosos, o Arcebispo deixou o Consistório do Santuário — situado junto ao Pátio dos Milagres — pouco antes das 11h. Perguntou se chovia e, ao ser informado de que não, sorriu e permitiu que Monsenhor Luis Gregório de Freitas e uma menina beijassem-lhe a mão. Entrou, então, no carro, depositou o chapéu preto, de aba redonda, sobre as pernas e deu ordem ao motorista para partir.

Dom Eugênio chegou ao Santuário minutos antes das 10h — hora marcada para a realização da missa solene — quando caía fina garoa que obrigou Monsenhor Gregório a apressar a entrada do Arcebispo no Santuário.

## 3. Okt. 1978 Novo encontro com a Igreja

Uma semana depois de ter-se reunido com D. Ivo Lorscheiter, o Senador Petrónio Portela deve encontrar hoje o Cardeal Eugênio Sales e o presidente da Ordem dos Advogados. Os dois encontros foram marcados com a ajuda de intermediários, pelo próprio Senador. Enquanto o Sr. Faoro já anunciara, há três semanas, que estava disposto a se reunir com o presidente do Senado, o Cardeal do Rio, em face dos últimos acontecimentos na PUC de São Paulo, manteve uma atitude mais discreta.

As duas conversas do Senador fazem parte de seu plano de procurar contatos com pessoas de relevo da sociedade civil, como anunciou em agosto. Por enquanto, nada se sabe do que o Senador vem oferecendo a seus interlocutores. De sua reunião com D. Ivo sabe-se apenas que o Secretário-Geral da CNBB mostrou-lhe que o documento dos bispos de Itaipú deve ser a base para os entendimentos com o clero. Já o Sr. Faoro, antes de se encontrar com o negociador do Governo, anunciou que sua posição já é conhecida através dos pronunciamentos formais da Ordem dos Advogados do Brasil.

### Diferença

Nesta segunda missão conciliadora, depois de ter conduzido uma primeira em março, fracassada com a reforma de abril, o Senador Portela incluiu uma novidade: os contatos com pessoas estranhas à política parlamentar.

A entrevista do presidente do Senado com D. Eugênio Sales, contudo, pode ampliar a sua área de manobra, pois o Cardeal do Rio, mesmo mantendo-se dentro de uma linha de permanente apoio às decisões da CNBB é tido pelo Governo como um dos mais equilibrados e independentes dirigentes da Igreja no Brasil. Desde o tempo em que substituiu D. Jaime de Barros Câmara, o Cardeal Sales conseguiu manter um relacionamento pacífico, tanto com o Governo do Estado quanto com os Comandantes militares. Dessa época resultam, por exemplo, suas relações com o atual Ministro de Exército, Sílvio Frota, que comandava a I Região Militar e, depois, o I Exército, e com o General Reynaldo Mello de Almeida, hoje no STM.

### Tática

Com sua missão, fartamente noticiada pela imprensa, o Senador Portela conseguiu fazer com que a Arena se movimente tanto para impedir crises como as que se esperavam para agosto, quanto para contornar movimentos da

Oposição, como a campanha pela Constituinte, que foi vista, de início, como um estorvo à sua ação conciliatória.

O Senador já ganhou pelo menos dois meses de trégua, numa luta contra o calendário até janeiro, quando deverá estar definida a sucessão presidencial.

Enquanto diversos dirigentes da sociedade civil e o próprio MDB pedem reformas políticas imediatas, o Senador, de acordo com o pensamento do Palácio do Planalto, procura articular um plano no qual algumas reformas possam vir ainda este ano, deixando-se, porém, para 1978 e sobretudo para os dias seguintes à eleição de 15 de novembro o essencial da reforma partidária.

Até hoje o Senador não fez um só pronunciamento oferecendo reformas concretas. Segundo ele, não o fará, pois se anunciar algo efetivo em público estará condenado ao fracasso porque a proposta ficará rotulada como projeto do Palácio do Planalto e, até por isso, se tornará rígida.

Sabe-se, contudo, que o centro de sua negociação é o fim do AI-5 através de uma reforma que preveja mecanismos de salvaguarda do Estado.

Nesse sentido, algumas providências já podem ser consideradas como factíveis. A suspensão do Decreto 477, por exemplo, é tida como provável e se não foi feita até agora, isso se deve, em parte, ao temor oficial de que a suspensão do Decreto sirva para exacerbar outras reivindicações universitárias.

Outro item entendido como viável é a revisão das penas da Lei de Segurança Nacional. Hoje há artigos que têm como pena mínima 10 anos de prisão. Em inúmeros casos, tanto as autoridades militares quanto o STM têm preferido absolver réus primários, e às vezes in-gênuos, a condená-los a penas desnecessariamente elevadas.



Há informações de que na mesma ocasião da reforma da lei de segurança seria feita uma nova Lei de Imprensa, com a inclusão de multas em dinheiro na lista das penas, prevendo-se também uma tramitação rápida para os processos.

### As dificuldades

O aspecto mais complicado da reforma ainda é o conjunto de poderes que o AI-5 deixa na mão do Presidente da República que pode cassar mandatos, suspender direitos políticos, fechar o Congresso, intervir em Estados, decretar a censura e demitir funcionários públicos sem que os acusados tenham direito de defesa e, em certos casos, o simples conhecimento do risco que correm.

Todos esses poderes poderiam ser passados para um Conselho de Estado ou Corte Constitucional, formada através de critérios ainda completamente indefinidos. O Presidente representaria essa instituição que julgaria cada caso dando amplo direito de defesa ao acusado. Um dos primeiros defensores dessa fórmula foi o Sr Etelvino Lins, que prevê também o cancelamento *ex-officio* de candidaturas a Governos estaduais sempre que nelas possam ser vistas ameaças à segurança do Estado.

### Silêncio

Pelo silêncio que se seguiu à conversa do Senador com D Ivo Lorscheiter e pela discrição com que se procuraram marcar outros encontros, nota-se que o presidente do Senado tem preferido que seus interlocutores divulguem suas posições, ainda que divergentes, a divulgarem o teor de suas propostas, ainda que gerais.

Com os dois encontros no Rio o Sr Petrólio Portella dificilmente conseguirá mudar as posições da Ordem dos Advogados ou do Palácio São Joaquim. No entanto, sem dúvida alguma, ganhará mais uma semana de tempo.

## D Geraldo Sigaud afirma que comunismo foi inventado por Satanás contra ordem divina

2013177 JB

Belo Horizonte — Quem inventou o comunismo "foi Satanás, que sabe o melhor meio de levar os homens à perdição eterna e fazê-los rebelarem-se contra a ordem constituída por Deus", afirma D Geraldo Sigaud em seu *Catecismo Anticomunista* escrito há 20 anos e agora reeditado com a colaboração da Bolsa de Valores Minas-Espírito Santo-Brasília, cujos exemplares começaram a ser distribuídos ontem nesta Capital.

A distribuição está sendo feita por membros do Movimento Familiar Cristão (MFC), enquanto o Arcebispo de Diamantina mantém silêncio sobre sua acusação de "comunistas" aos Bispos Tomás Balduino e Pedro Casaldáliga. Ele afirmou apenas, pelo telefone, achar que "é muito oportuna", a reedição de seu *Catecismo*.

### HOMEM NO COMUNISMO

O livreto de 45 páginas, capa vermelha, escrito sob a forma de perguntas e respostas (num total de 102), começa por definir o comunismo como "uma seita internacional, que segue a doutrina de Karl Marx, e trabalha para destruir a sociedade humana baseada na lei de Deus e do Evangelho, bem como para instaurar o Reino de Satanás neste mundo, implantando um estado ímpio e revolucionário, e organizando a vida dos homens de sorte que se esqueçam de Deus e da Eternidade."

Mais adiante, na resposta à pergunta 58, diz que quem inventou o regime comunista "foi Satanás, que sabe que o melhor meio de levar os homens à perdição eterna e fazê-los rebelarem-se contra a ordem constituída por Deus."

Adverte D Geraldo Sigaud que, para o comunismo, o direito não existe, ele só reconhece a força. E exemplifica: "Se eu der um osso a um cão, este não adquire um direito ao osso. Posso lhe tirar o osso sem ferir nem um direito. A razão é a seguinte: não tendo alma, o cão não é uma pessoa. Não sendo pessoa, não tem direito. Uma vez que para o comunismo o homem não é pessoa, e sim animal, ele não tem direito. O Estado lhe dá o que quiser, e quando quiser lhe tira. O homem é menos que um escravo: é uma res." Para o comunista, acrescenta, o homem é apenas "um animal trabalhador."

"Que é a Revolução?" — pergunta mais adiante o Arcebispo, para responder: "Revolução, com maiúscula, é a rejeição de Deus, de Cristo, da Igreja, e de tudo o que deles provém, e a organização da vida humana somente segundo a razão humana e as paixões huma-

nas. Seu ideal é a cidade do homem sem Deus, oposta à cristandade à ordem natural".

O *Catecismo* define a classe social como "um conjunto de pessoas — e suas respectivas famílias — cujas funções na sociedade são diversas, porém iguais em dignidade. Exemplo: advogados, médicos, engenheiros, fazendeiros, oficiais das Forças Armadas, apesar da diversidade de suas funções, constituem com suas famílias uma mesma classe social.

"Todas as classes sociais são dignas" — esclarece — "mas não iguais em dignidade. Por exemplo: o trabalho manual é digno e foi até exercido pelo Verbo Encarnado. Todavia, a dignidade do trabalho intelectual é intrinsecamente maior: o espírito é mais do que a matéria."

Observa que na civilização cristã não há castas impermeáveis, mas classes sociais permeáveis. "Ou seja, a pessoa pertence à classe em que nasceu, mas pode elevar-se a outra se tiver um mérito saliente. Bem como pode decair, em razão de seu mau procedimento. Assim, princípio da hereditariedade se harmoniza com o postulado da Justiça. O comunismo, ao invés, quer uma sociedade sem classes, em que todos sejam iguais no que contraria o princípio natural da hereditariedade e as exigências da Justiça."

Ao analisar a questão da propriedade, diz o Arcebispo de Diamantina que quando está no poder o comunismo, às vezes, concede o uso de algum imóvel a um ou outro trabalhador. "Mas não reconhece o direito de propriedade, pois pode tomar tudo a todos, quando quiser. O homem, no regime comunista, não tem sequer direito ao fruto do seu trabalho".



# D. Luciano refuta acusações à Igreja

O secretário-geral da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), dom Luciano Mendes, refutou ontem no Rio, as acusações do senador Jarbas Passarinho (PDS-PA) de que membros da Igreja estejam fomentando o ódio ou incentivando a luta e a invasão de terras. Lembrando que mais do que nunca importa no momento a criação de um clima de paz no País para uma promoção eficaz das classes menos favorecidas, ele afirmou que a ação da Igreja não sofrerá mudança:

— Procuramos sempre melhorar o serviço que a Igreja deve prestar em nome do Evangelho a todo homem de boa vontade e, principalmente, à população de baixa renda. Esperamos, com a graça de Deus, ir em frente.

Dom Luciano lamentou que a atenção seja chamada para os casos de invasão de terras e não para o porquê dessa "impaciência coletiva por parte de nosso povo, que aguarda condições para uma vida mais humana". Explicando o que vê em qualquer invasão "um grande sintoma de uma situação de carência extrema do povo brasileiro", ele disse que não há porque escandalizar-se com a invasão que, acrescentou, é sempre lamentável.

— O importante é evitar a invasão não pela força, mas pela transformação social.

O secretário destacou que a Igreja soma com o senador Jarbas Passarinho no momento em que ele denuncia que há concentração de propriedades, exigindo uma aplicação rigorosa do Estatuto da Terra para modificar essa situação, e também quando denuncia a violência praticada contra os verdadeiros posseiros, vítimas da ganância dos grileiros. Ele refutou as acusações de que setores da Igreja pretendam a compatibilização do marxismo com Cristo, afirmando que não é o momento de criticar modelos, sistemas ou ideologias.

## Exame de consciência

Segundo o cardeal arcebispo do Rio de Janeiro, d. Eugenio Sales, "uma atitude digna e cristã diante do discurso do senador Jarbas Passarinho, parece-me ser

a que nos leva a um exame de consciência. O presidente do Senado não é um leviano, aponta fatos, faz considerações sobre aspectos importantes da vida eclesial e do ensino social da Igreja".

— O exame de consciência nos há de revelar a realidade: se há erros, devemos corrigi-los com coragem e humanidade. Caso contrário, continuaremos nosso caminho, apesar das incompreensões — afirmou d. Eugênio.

O discurso do presidente do Senado repercutiu nos partidos, tendo o presidente do PMDB, deputado Ulysses Guimarães, e os seus líderes na Câmara e Senado manifestado integral apoio à ação pastoral da Igreja no Brasil, em visita feita ontem à tarde, em Brasília, ao presidente da CNBB, d. Ivo Lorscheiter.

"Criticar a Igreja pela existência de conflitos sobre a posse de terras — afirma documento do PMDB dirigido à CNBB — como vem sendo feito por uma campanha orquestrada nos últimos tempos, é tão injusto como ingênuo pretender que, diante deles, possa ela se omitir".

Logo depois de ter sido lido na sessão da Câmara dos Deputados, pelo vice-líder em exercício, Fernando Coelho (PE), o documento do PMDB à CNBB foi classificado de "sectário" pela liderança governista e acusado de ter por objetivo o envolvimento da Igreja na ação política.

— Pretende-se fazer dela, como se tem tentado há tanto tempo — disse o vice-líder governista Alvaro Valle (RJ) — um instrumento para apetites políticos e partidários.

O senador Tancredo Neves e a direção do PP não cogitam de hipotecar solidariedade aos dirigentes da CNBB em face da crise envolvendo a Igreja e especialmente aquela entidade, com o Governo e setores do PDS, por entender que "o assunto é por demais grave, para receber uma conotação político-partidária".

Apesar da quebra do regime de incomunicabilidade imposto pela Lei de Segurança Nacional, a Polícia Federal não permitiu ontem que o bispo de Conceição do Araguaia e um padre e três freiras visitassem os padres Aristides Camio e Francisco Gouriou, presos desde o dia 1 em São Geral-

do do Araguaia, no Pará. O bispo e seus acompanhantes compareceram à sede do Getat, onde se encontram os dois missionários, às 12h30m para a visita, conforme tem feito nos últimos três dias, mas o delegado José Luís Cardoso não permitiu acesso a Camio e Gouriou, sem dar qualquer explicação sobre a proibição.

## Repressão em Nova Iguaçu

O bispo de Nova Iguaçu, d. Adriano Hipólito, disse ontem, durante uma entrevista coletiva no Centro de Formação de Líderes, que numa sociedade democrática, "temos que olhar o discurso do senador Jarbas Passarinho com todo respeito. Ele está no seu direito como também a Igreja está no direito dela de lutar".

"Um grupo de pessoas colava cartazes de convocação para uma caminhada à Prefeitura de Nova Iguaçu no último dia 31 de julho, enquanto dois homens, num Volks azul placa RY-1923, observavam. De volta ao bairro o mesmo grupo foi barrado por outros dois homens apontando revólveres:

— Todo mundo sentado no chão. Um deles rodeou à cata de alguém:

— É você que nós queremos. E arrastou uma das mulheres para o matagal, infligindo a ela toda espécie de humilhação e desrespeito. No fim, ameaçaram:

— Conhecemos todos vocês! Vão se dar mal.

Esse foi apenas um dos seis fatos escolhidos ontem pela Diocese e Comissão de Justiça e Paz de Nova Iguaçu para denunciar a repressão contra o movimento popular e as comunidades de bases. Um documento lido pelo representante da Comissão de Justiça e Paz, Salomão Baraldi, denunciou "o desrespeito ao direito fundamental das reuniões promovidas em Nova Iguaçu".

"O que nos resta é a denúncia pública", afirma o documento, enquanto o bispo de Nova Iguaçu, d. Adriano Hipólito lembrava que embora acreditasse na providência das autoridades, "as perspectivas são pequenas e as experiências nesse sentido não tem sido muito positivas".



# D. Marcelo, o primeiro bispo de Guarabira

24/12/81 OSP

*Dom Marcelo Pinto Carvalheira é o primeiro Bispo Diocesano da Diocese de Guarabira, que foi recentemente criada e desmembrada da Arquidiocese de João Pessoa, na Paraíba, por SS. o Papa João Paulo II.*

*Dom Marcelo vai tomar posse no próximo dia 27 e concedeu para "O São Paulo" a seguinte entrevista:*

**OSP — Dom Marcelo, como ficou a nova Diocese de Guarabira e qual a significação deste acontecimento?**

**Dom Marcelo —** O Papa João Paulo II acaba de erigir Guarabira como Diocese autônoma, desmembrada da Arquidiocese-mãe da Paraíba. A nova Diocese abrange 23 municípios do Brejo paraibano, contendo uma população de quase 400.000 habitantes.

A grande significação deste acontecimento é, sobretudo, de ordem pastoral, no plano da evangelização e da implantação da Igreja, como continuadora, na terra, da missão de Jesus Cristo. O sentido econômico, cultural e social vem em segundo plano, como decorrência histórica daquilo que para nós é principal, enquanto acontecimento do Reino de Deus. O fato que motiva a criação de uma nova Diocese deve ser a caminhada do povo de Deus, das comunidades eclesiais, dos grupos de evangelização e trabalho apostólico, dentro de uma Região. É a capacidade que apresentam os fiéis, juntamente com os padres e os religiosos, de assumirem as tarefas da Igreja na evangelização da vida toda, e na proclamação da fé, pela oração e celebração dos Sacramentos. Assim, a nova unidade pastoral e jurídica da Igreja, isto é, a Diocese, surge

de uma realidade de vida, de uma afirmação da comunidade dos discípulos de Jesus. É preciso lembrar aqui, sobretudo, os pequenos...

**OSP — E o que é o Bispo, neste conjunto da Diocese?**

**D. M. —** Ai, neste conjunto, a figura do Bispo surge e se faz necessária como o principal fator de unidade, como o animador por excelência das comunidades e do povo, na caminhada de libertação evangélica.

Com os padres e demais cooperadores, religiosos, catequistas, animadores, o Bispo é o servidor do povo, na busca da vida para o seu rebanho e "vida sempre mais plena" (Jo. 10,10), conforme o programa do supremo pastor Jesus Cristo, de quem somos ministros, isto é, humildes servidores.

**OSP — E quais são os seus dados pessoais, Dom Marcelo?**

**D. M. —** Eu sou um pernambucano, da cidade do Recife. Meus pais, Álvaro e Maria Tereza Carvalheira, sempre viveram e residiram no Recife. Meu pai já é falecido. Somos 16 irmãos, dos quais eu sou o quinto. Ordenei-me em Roma, em 1953, e sou Bispo há quase 6 anos. No próximo dia 27 de dezembro, se realizará a instalação canônica e a minha posse oficial como primeiro Bispo de Guarabira. Espero que

seja, antes de tudo, a festa das comunidades, a festa do povo, da nossa Igreja do Brejo paraibano. Será, então, tudo tão lindo. O Bispo aparecerá neste conjunto como um irmão entre os irmãos...

**OSP — Como se sente o Sr. como primeiro Bispo da Nova Diocese de Guarabira?**

**D. M. —** Eu já vinha trabalhando nesta área, na qualidade de Bispo Auxiliar de João Pessoa, há mais de cinco anos. Agora, como Bispo Residencial, nomeado pelo Papa João Paulo II, para a nova Diocese autônoma de Guarabira, continuo a sentir-me como um irmão entre os irmãos, investido de uma responsabilidade, ainda maior, de servir ao povo, impulsionado pelo Evangelho, com a mesma missão dos Apóstolos. Sinto que cresceu em mim o entusiasmo, a confiança na força de Deus e no valor do povo.

**OSP — O Sr. Dom Marcelo, poderá nos dizer como foi a caminhada, como está, após cinco anos, a nova Diocese de Guarabira?**

**D. M. —** Quando aqui chegamos, há cinco anos, nossa preocupação era caminhar com os vários grupos humanos, com aquilo que chamávamos de base para futuras comunidades de Igreja ou para equipes de reflexão sobre a vida e o Evangelho. O Espírito

Santo é que já vinha suscitando no chão da Igreja a floração de uma vida nova. Nós apenas acompanhávamos, animávamos o que se esboçava na vida do povo pela ação viva do Senhor, transformando alguns estilos e estruturas inadequadas da nossa Igreja. A cada momento da História, o Espírito do Senhor pode realizar autênticas "eclesiogênesis", isto é, novas maneiras de realizar a Igreja, como por um nascimento novo, dentro de uma vital fidelidade à verdadeira Tradição que remonta ao Evangelho. Assim é que, em nossa Região, hoje Diocese, foi-se estabelecendo uma ampla rede de comunidades de base, células vivas de Igreja, transformando a antiga estrutura meramente paroquial e de massa. Hoje, as camadas populares vão-se organizando, assumindo seu papel, à luz da fé, dentro da Igreja e do Mundo. No momento, já identificamos umas 350 comunidades eclesiais de base, quer nas cidades quer nos sítios. Há, pois, uma nova configuração no modo de ser da nossa Igreja. Todavia, ela nunca se mostrou tão

fiel a Jesus Cristo, à inspiração do Seu Espírito, à comunhão com seus Pastores, como hoje. É importante também observar como essas comunidades eclesiais de base se articulam com os movimentos populares, isto é, sindicatos, conselhos comunitários, grupos profissionais. Os cristãos, a partir de suas comunidades de fé, se tornam, assim, fermentos de transformação no mundo, conforme o dinamismo do Evangelho.



OSP — E quais são os outros serviços e setores que estão na organização da sua nova Diocese?

D. M. Muita coisa foi caminhando, durante estes cinco anos, até conseguirmos os serviços e a organização de alguns setores como temos hoje. Primeiramente, pensamos num serviço de educação popular, que pudesse funcionar junto às bases. Formou-se uma equipe central e uma diversidade de núcleos espalhados pela Região. O trabalho começou com as crianças e a comunidade de adultos ligada a elas. Este Projeto Educativo, que já adquiriu uma prática bem interessante, se valeu, no início, de teorias e experiências de pedagogos, como as de Paulo Freire, Frenet e outros, para o seu setor de alfabetização. Mas ele inclui também um setor de construção de casas em mutirão, outro da produção de pequenas lavouras em comum, outro de comercialização dos produtos. Depois sentimos, com o povo, a necessidade de um Centro de Orientação de Direitos Humanos (CODH) para ajudar no encaminhamento jurídico de uma grande quantidade de casos de injustiça e de infração das leis trabalhistas, quer no campo quer nas cidades. Chamamos o nosso Centro de "Orientação", porque pretendemos orientar pedagogicamente, e não assumir paternalisticamente as causas do povo. Contamos para isso com uma equipe variada, além de três advogados. Os problemas mais gritantes são os da terra e os do solo urbano. Torna-se cada vez mais aguda a questão da estrutura fundiária em nosso Estado, com a modernização do campo, a concentração das terras e os projetos governamentais como o Pró-

Alcool. E claro que a Igreja é incompreendida, mas a força da justiça a favor da vida é apaixonante. Essa força, para nós aqui, é maior que as ameaças do sistema de morte que nos cerca. Nossa fé vence o sofrimento... Há, também já organizada, a nossa CPT

(Comissão Pastoral da Terra), na sede da Diocese, com um núcleo de articulação em cada um dos 23 municípios. Esse trabalho vem aumentando, à luz do Evangelho, a consciência dos problemas e a disposição de luta do trabalhador rural. Neste ano, se esboçou e cresceu um outro serviço, o SEDUP (Serviço de Educação Popular), que é mais abrangente do que o primeiro de que já falamos, e visa quer às demandas do povo, quer às necessidades dos animadores das comunidades eclesiais de base ou setores de Evangelização (como os de agricultores, de jovens, de professoras primárias, de crianças, de doentes, de outras categorias...). Assim, podemos oferecer treinamentos, avaliações, debates, utilizando os mais variados meios de comunicação, como filmes, slides, cartazes, etc. Vamos aprendendo com o povo o conteúdo e o método desses estudos. Ninguém ensina a ninguém, ninguém é libertador de ninguém. Todos juntos nos ajudamos uns aos outros e, em comum, nos libertamos.

OSP — E qual é o seu programa, Dom Marcelo?

D. M. — Meu programa de Bispo não será outro senão aquele que eu já vinha tentando realizar aqui. Este programa se concretiza numa evangelização situada em nossa Região e em nosso tempo. Isso deve tornar Jesus Cristo e o seu Evangelho presente em nossa realidade e respondendo aos grandes

desafios da hora e do lugar em que estamos.

OSP — Seu lema de Bispo expressa o seu programa? Qual é ele?

D. M. — Eu penso que meu lema expressa o programa que me proponho como discípulo de Jesus, com o trabalho de apóstolo. Ele é simplesmente uma palavra: "Evangelizar". Isso, a meu ver, diz tudo. Fala da boa nova de Jesus, sobretudo para os pobres e desesperançados. Isso lembra a força invencível do Espírito de Deus salvando e libertando o seu povo: Deus cantando a vitória em meio a suas criaturas, conforme lembra S.

Paulo: "O Evangelho é a força de Deus para a salvação de todos." Somos, então, portadores desta Palavra de vida pela potência do Espírito Santo. "Ai de mim, pois, se não evangelizar!"

— Se eu fosse escolher de novo o meu lema, mesmo com outras palavras, eu insistiria no mesmo conteúdo: na força do Evangelho e no serviço de cada um de nós, como seus humildes portadores. Assim se apresentava São Paulo: "apóstolo de Jesus Cristo, reservado para o Evangelho de Deus".

OSP — E como o Sr. vê os problemas de hoje, dentro da sua missão?

D. M. — São importantes para nós os sofrimentos do nosso povo, as causas da sua breza, os sinais da sua enorme dor... Como também nos interessam os sinais da sua esperança, isto é, as suas comunidades populares, as suas organizações, os grupos de evangelização, a compreensão da fé, articulada com a vida toda...

Em nossa Região, a gente sabe como estão, na ordem do dia, graves problemas, como por exemplo, o da terra, no campo e na ci-

dade (a questão fundiária e a do solo urbano), o da exploração do trabalhador, o da marginalização sempre mais alarmante de adultos e jovens do povo, o do abandono de menores, enfim o da miséria nas formas mais variadas, resultante de um sistema de morte. Tudo isso é desafio à evangelização e à fé na Igreja, é o campo de trabalho de uma Diocese.

Apesar de tantas falhas do seu passado e no seu presente, é dever elementar da Igreja clamar pela justiça social, pela fraternidade, por uma sociedade, cujos valores supremos não sejam o lucro, o dinheiro, o consumismo material, mas a pessoa humana, a confiança mútua, a liberdade para todos, o amor, enfim, como dom recebido e oferecido por todos os corações, sem exceção de ninguém. Cabe, pois, à Igreja anunciar o plano de Deus, a grande utopia de uma "civilização do amor".



## Livraria para o setor

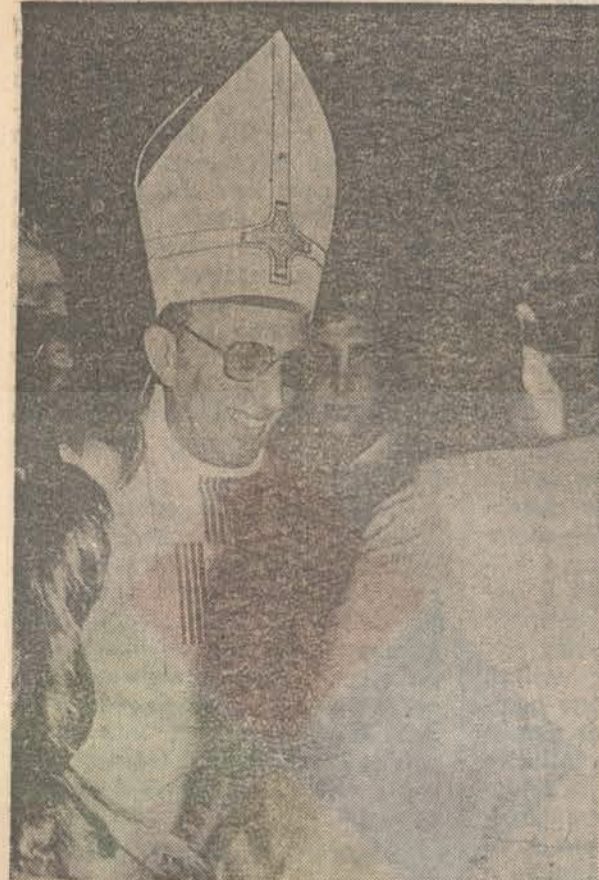
Foi inaugurada uma livraria católica para atender o Setor Cupecê da Região Santo Amaro. Essa livraria tem a finalidade de facilitar a aquisição de material para a pastoral. É especializada em bíblias, material catequético, livros de formação, discos, artigos religiosos, cartões de mensagens e material escolar.

O endereço é: Livraria São Francisco, Av. Cupecê, 3200. Agora os sacerdotes, religiosos ou agentes de pastoral daquele setor não necessitam mais ir até o centro da cidade para comprar todo esse material.



# Ordenado o novo Bispo para Santo Amaro

1112183  
OSP



4. Ao povo da Região de Santo Amaro tinha a dizer que depois de uma longa espera, Deus estava enviando para as comunidades o novo Bispo. Poderia ser até alguém mais brilhante. Mas Deus estava enviando uma pessoa simples e somente Ele sabe porque. Ele havia escutado, com atenção a apresentação que haviam feito, no início da celebração, daquela Região episcopal, com suas dificuldades, lutas e vitórias. Ele, como pastor, quer assumir tudo isso juntamente com todos. Quer sempre estar perto de todos para um mútuo conhecimento e para que todos cresçam sempre mais no amor. Que além de todos os agradecimentos a fazer a tanta gente, tinha um pedido a fazertambém: que todos o ajudem a ser pastor.

Reportagem de Ismael Martignago  
Fotos de Antônio Milena

Com a Catedral Metropolitana repleta de milhares de fiéis, com a participação de 20 bispos e dezenas de padres, em celebração presidida por D. Paulo Evaristo Arns, foi ordenado b'spo auxiliar para a Região de Santo Amaro, na Arquidiocese de São Paulo, D. Antônio Gaspar, no último dia 6.

As 16.00 hs. o povo recebeu os concelebrantes, cantando: "Reunidos em torno de nossos pastores, armados com a força que vem do Senhor, professando todos uma só fé, sob o impulso do Espírito Santo, nós iremos a ti, Igreja Santa, Templo do Senhor, glória a ti, Igreja Santa, ó cidade dos cristãos. Que teus filhos hoje e sempre vivam todos como irmãos". O povo cantando ia recordando nessa marcha da Igreja todas as realidades contrastantes que tecem a vida diária desse povo de Deus: a riqueza da cidade e sua profunda carência, o trabalho, as escolas, as angústias, as alegrias, as favelas, os pobres, os sofredores, os pecadores, a confiança em Deus e, sobretudo, a esperança.

## APRESENTAÇÃO DA REGIÃO

Dois leigos da Região de Santo Amaro estavam encarregados de acolher o novo Bispo no início da celebração e apresentar-lhe as características e realidades da Região onde ele vai ser o pastor. Um dos leigos proclamou: "Conforme a tradição mais antiga da Igreja, a Ordenação Episcopal era concedida em vista de uma missão concreta: ser pastor, mestre e santificador de um povo que lhe é confiado. Esta missão é vivida em comunhão e na correspon-

## Mensagem de d. Antônio

O novo Bispo Auxiliar de D. Paulo Evaristo Arns, para a Região de Santo Amaro, terminada a sua ordenação episcopal, fez sua primeira homilia, usando palavras bem simples, mas sobretudo objetivas. Sua mensagem pode ser resumida nos seguintes pontos:

1. Nossa Senhora, falando sobre a missão que havia recebido de Deus, pronunciou as seguintes palavras de louvor a Deus: "O Senhor fez em mim maravilhas, Santo é seu nome". Esse foi o cântico de gratidão e amor de Maria Santíssima. As palavras dele também não poderiam ser outras. O Senhor, olhando para sua simplicidade e humildade, o chamou para ser pastor do seu rebanho.

2. Em todos os lugares por onde passou e onde a obediência à vontade divina o colocou, foi sempre pastor. Como bispo vai procurar antes de tudo ser pastor, orientando na fé, distribuindo os sacramentos, entregando sua vida para servir ao rebanho, procurando os que estão fora, para que voltem ao rebanho; amparando especialmente os membros que estão doentes e os que sofrem perseguição por amor à justiça.

3. Tentará viver o seu episcopado, iluminado sempre por aquele ardente desejo de Cristo: "Que todos sejam um".



sabilidade com toda a Igreja e com o Papa."

Outro leigo acrescentou: "Dom Antônio Gaspar, nascido e criado na cidade de São Paulo, foi escolhido pelo Espírito Santo de Deus a participar do Colégio Episcopal na Arquidiocese de São Paulo, concretizando a sua primeira caridade de evangelizar o Povo que vive na Região de Santo Amaro".

E os dois foram desfilando a realidade e os desafios pastorais daquela Região: A Região Episcopal de Santo Amaro sobre uma superfície de 322,65 Km<sup>2</sup> e sua população é de um milhão e 300 mil habitantes. Há uma situação revoltante, explicada pelos 15% da população que mora em favelas. Trezentos mil trabalhadores moram praticamente em baracos, gente que cria as riquezas e é marginalizada e explorada. Há um problema grave de distribuição do solo urbano. É um caso gritante de injustiça no modo de usar o solo que foi dado de modo absoluto a poucos, mas que deveria servir a todos.

Dentro dessa situação, milhares de famílias estão impedidas de viver uma vida familiar. Os trabalhadores, ganhando um salário injusto, são obrigados a uma sobrecarga de horas extras, submetidos a um subemprego, sofrendo os efeitos da inflação galopante, cada vez mais levados a uma vida degradante. A participação na vida social é mínima, o número de menores abandonados cresce sempre mais e se multiplicam as formas de violência, inclusive partindo esta inúmeras vezes das autoridades policiais. A prostituição se propaga devido às condições precárias de vida.

A maioria absoluta desse povo é formada por migrantes. Eles foram obrigados a abandonar seus lugares de origem para não morrer de fome. Agora não participam da cidade que ajudaram a construir. Estão fora de suas raízes culturais e sentem uma profunda insegurança. Ao perderem os vínculos culturais ficaram sem os pontos de referência sociais e religiosos, com perda e dispersão de identidade. Dentro dessa diluição deve-se salientar que o aspecto religioso-popular da vida do povo é mais voltado para a simples sacramentalização e às práticas devocionais, criando mais uma dificuldade para a evangelização.

#### SINAIS DE ESPERANÇA

No quadro de sofrimento e de morte, a fé cristã leva a perceber sementes de esperança, não somente na presença do Senhor Ressuscitado no meio do povo, mas também nos gestos concretos de fraternidade e de solidariedade que nascem do próprio povo: a proliferação de CEBs

em toda a Região; os Conselhos Pastorais das Comunidades e dos Setores; grupos de favelados; grupos de alfabetização; centros de defesa dos direitos humanos; grupos de rua; pastoral operária; grupos de conscientização política; grupos de menores carentes..

Há ainda a formação crescente dos organismos internos da Igreja: o surgimento de agentes de pastoral e de animadores de comunidades; a renovação catequética; as escolas da fé; a pastoral vocacional tendo como centro de irradiação a Casa de Formação a pastoral da juventude; o Conselho Regional de Pastoral e a Coordenação Regional e a sempre crescente união entre todos os sacerdotes da Região.

Houve também o compromisso do povo ali presente, formalizado nas seguintes palavras: "Dom Gaspar, o senhor não vai assumir sozinho esta missão. Todos, leigos, religiosos, religiosas e padres da Região e Bispos da cidade, estaremos unidos no gesto concreto de evangelização".

#### PALAVRAS DE DOM PAULO

D. Paulo recordou toda a tradição da Igreja com relação à missão dos bispos em breves palavras. Jesus Cristo, enviado pelo Pai para evangelizar o mundo, escolheu os apóstolos, seus colaboradores. Os apóstolos também impuseram suas mãos a pessoas escolhidas que receberam a plenitude do sacerdócio e o dom do Espírito Santo. Assim, numa sucessão ininterrupta de bispos, a Igreja veio através dos séculos até nossos dias.

Na pessoa dos bispos, unidos a seus presbíteros, está a pessoa do próprio Cristo e, pelo seu ministério, Cristo continua a proclamar o Evangelho. Os bispos ali presentes iriam naquela hora, pela imposição das mãos, comunicar-lhe esse ministério, associando-o ao colégio episcopal. O novo bispo deveria honrar esse ministério de dispensador dos mistérios de Deus, testemunhando a verdade do Evangelho e comunicando o Espírito de santidade.

Cristo disse que, quem despreza os seus enviados, despreza a Ele mesmo e o Pai que o enviou. O episcopado é um serviço e não uma honra. O bispo deve distinguir-se muito pelo serviço prestado que pelas honrarias recebidas.. Aquele que é o maior, deve ser o menor e aquele que serve a todos. O bispo deve pregar a palavra de Deus, quer agrade quer desagrade. Deve admoestar com paciência, orando, oferecendo sacrifício pelo povo e procurando alcançar a plenitude de Cristo, a abundância e a diversidade da graça.

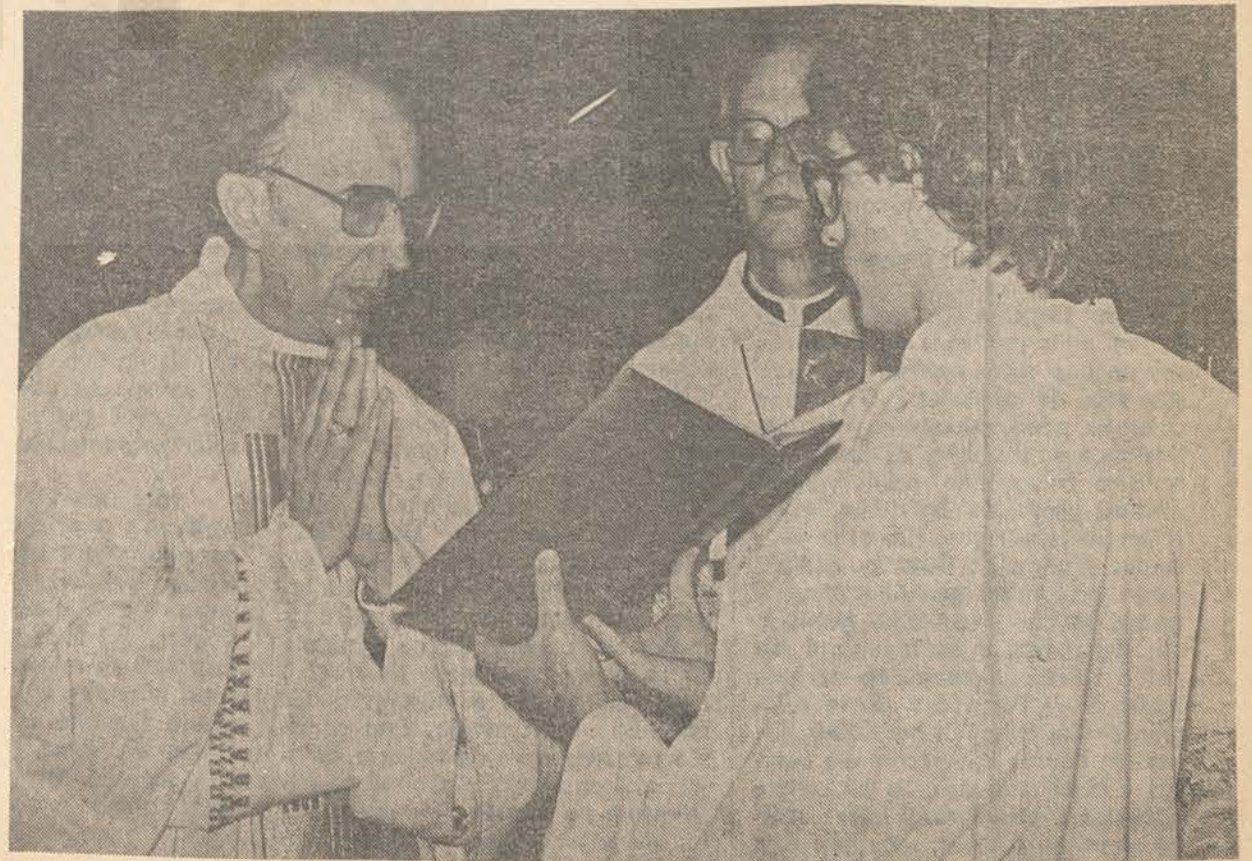
O bispo deve mostrar um zelo incansável particularmente por aque-

les que estão fora do rebanho, como se fossem entregues a ele pelo próprio Cristo: Não deve se esquecer que faz parte do colégio episcopal dentro da Igreja universal, unida sempre pelo vínculo do amor.

E terminou com a exortação: "Preocupa-te com todo o rebanho dos fiéis, a cujo serviço te coloca o Espírito Santo, para reger a Igreja de Deus, em nome do Pai, de quem és imagem entre os fiéis; em nome do Filho, cuja missão de mestre, sacerdote e pastor exerces; e em nome do Espírito Santo, que dá a vida à Igreja de Cristo e fortalece nossa fraqueza".

#### FAMILIARES FALAM DE D. ANTONIO

Ao término da celebração, fomos falar com a Mãe de D. Gaspar. Ela estava vivendo um misto de alegria e grande emoção e preferiu dizer apenas que estava bastante orgulhosa do seu filho. Seu irmão, Marino, foi o que mais falou. Toda a família espera que o novo bispo enfrente os desafios pastorais da Região de Santo Amaro que são grandes e diversificados. Sabe que ele tem qualidades para desempenhar com sucesso esse encargo de pastor. É uma pessoa simples, calma, muito tranquila. Aceita as responsabilidades com muita humildade, mas é extremamente organizado, gosta das coisas bem feitas, é planejador e objetivo. Recebeu e comunicou a nomeação para a família com grande simplicidade. Para seus familiares ele vai sempre ser aquela pessoa querida a quem todos chamam de Tônico.







Milhares de fiéis participaram da celebração





# Cinquenta anos de Diocese

2214183 USP

D. Jairo R. Matos da Silva

Quis a Divina Providência que nós, os que vivemos hoje, participassemos das alegrias e responsabilidades de uma diocese que, neste ano, celebra meio século de evangelização. Difícil como sempre foi essa tarefa, podemos imaginar, através da história que ficou registrada e de todo o patrimônio religioso que recebemos, quanto sacrifício, quanto mar, o quantos esforços foram empregados no percurso dessa longa jornada. Muitos plantaram, outros regaram, mas foi o Senhor da messe quem, certamente, provocou o incremento nesse vasto campo. Tudo o que se fez para o fortalecimento e progresso da nossa Igreja Particular, teve o seu mérito e merece a nossa admiração e não pode ser avaliado segundo as luzes dos dias de hoje. Grande é a distância. Todas as instituições, em cada época, tiveram a sua maneira própria de pensar, de expressar-se e de agir. As circunstâncias históricas não abrem, rapidamente, espaços novos. O tempo é uma condição essencial para o amadurecimento das idéias e a concretização das obras. Os passos da história humana, como os da própria natureza, obedecem a ritmos compassados. Qualquer esforço violento mata a vida. Somente na plenitude dos tempos chegou até nós Aquele que é eterno. Condenável seria apenas, impedir a evolução ou deixar de estimular com prudência. Esperar, portanto, é fruto da sabedoria.

Desmembrada da Arquidiocese de São Salvador da Bahia, em 1933, quando se celebrava o décimo nono centenário da Redenção do Senhor, a nossa região começou a organizar-se como diocese tendo seu próprio pastor, seu clero e seus fiéis, formando todos o Povo de Deus. Novos projetos, novas instituições, associações diversas múltiplos estímulos, tudo foi feito para

que a Boa-Nova, o Reino de Deus fosse conhecido e se ampliasse entre nós.

Como acontece em cada Igreja Particular e na Igreja Universal, difundiu-se, aqui, a vida de Cristo, através de vários canais, sobretudo por meio de sua Palavra e dos sacramentos de maneira misteriosa e real. Com efeito, a partir do batismo, formamos um só corpo com o Cristo Ressuscitado, conforme nos ensina o Apóstolo São Paulo (1.º Cor. 12,13) Dotados de dons especiais gratuitamente concedidos pelo Espírito Santo, os cristãos, pelo menos os mais conscientes, foram participando desse complexo trabalho pastoral que, com o volver do tempo, veio mudando de fisionomia e se orientando para os mais diversos objetivos, numa tentativa de corresponder mais inteligentemente e com eficácia maior às exigências históricas.

Principalmente nos últimos nove anos a nossa diocese, contemplando a própria vida de Jesus Cristo e estimulada pelas sábias orientações do Vaticano II, alicerçada nas reflexões de Medellín e nos Documentos de Puebla, ciente de que fé e vida, religião e história se entrecruzam, foi se voltando, pouco a pouco, para as questões mais angustiantes que afligem o nosso povo, com uma atenção especial para os mais desvalidos e explorados.

Dentro das nossas possibilidades e limitações procuramos abrir o nosso coração, a nossa mente e os nossos olhos para as tristezas e as angústias, dificuldades e dores, assim como para as alegrias e esperanças do nosso rebanho, pois compreendemos e aceitamos que tudo o que é verdadeiramente humano ressoa em nosso espírito Por conta desse passo qualitativo que demos, essencial, aliás, ao Evangelho, temos sofrido as incompreensões, as calúnias, as resistências, os comentários levianos e ameaças. Essa variedade de perseguições, no entanto, não nos é desconhecida. Sobre isso o Evangelho já nos avisara: "Eu vos envio como ovelhas no meio de lobos..." (Mateus 10,16) Não desconhecemos o que o Príncipe dos



Apóstolos, na sua 1.ª Carta, nos declara: "Sereis felizes, se padecerdes alguma coisa por causa da justiça. Portanto não temais as suas ameaças e não vos turbeis". (1.º Pdr. 3,14-15) "Caríssimos, não vos pertubeis no fogo da provação, como se vos acontecesse alguma coisa extraordinária. Pelo contrário, alegrá-vos em ser participantes dos sofrimentos de Cristo, para que vos possais alegrar no dia em que for manifestada a sua glória. Se fordes ultrajados por causa do nome de Cristo, bem-aventurado sois vós..." (1.º Pdr. 4,12-14). Queiramos ou não, temos que "provar a esponja do fel e do vinagre".

Estamos ancorados em João Paulo II ao reconhecermos que "a missão da Igreja não se confina nas atividades de culto e no interior dos templos. Desde os tempos apostólicos, e certamente, inspirada na ação do próprio Jesus, ela sempre procurou inserir-se na comunidade humana, sempre se debruçou sobre a humanidade, à imagem do bom samaritano, para conhecer suas necessidades, curar suas feridas, encorajar seus esforços e apoiar suas iniciativas... Essa dimensão é, hoje, mais sentida do que nunca... e no vosso Brasil, talvez mais do que em qualquer outro quadrante do mundo, por causa das situações inegavelmente graves em que vive vosso povo..." (10.12.80). Apesar dessa urgência e gravidade, as nossas orientações, por palavras e obras, têm sido dadas no sentido de que a Igreja Particular de Bonfim não perca a sua "identidade mais profunda, a sua credibilidade e a sua eficácia". Creio que a missão primordial da Igreja é religiosa, mas não se pode negar que o Evangelho tem, necessariamente, uma repercussão social. O Evangelho à semelhança do Verbo Divino, se faz carne e estende a sua tenda entre nós. O fermento é para a massa. O Evangelho é para o mundo. Creio, igualmente, que a "Igreja cometerá uma traição ao homem se, com as melhores intenções, lhe oferecer-se bem estar social mas lhe sonegasse ou lhe desse escassamente aquilo a que mais aspira... aquilo a que tem direito, aquilo que espera da Igreja e que só ela lhe pode dar". (João Paulo II — 10.12.80).

Foi proclamado solenemente que a "Igreja sente como seu dever e direito estar neste campo da realidade, porque o Cristianismo deve evangelizar a totalidade da existência humana, inclusive a dimensão política". (Documento de Puebla, 515). Bem-aventurados os que ouvirem, aceitarem e viverem essa proclamação tão sábia!

Nós que recebemos esta herança bendita de anunciar o Reino, que começa, aqui na terra, somos convidados a prosseguir nos caminhos da conversão e da escuta à palavra de Deus e às necessidades dos nossos dias em união com o papa João Paulo II e seus sucessores, abertos às outras Igrejas Particulares, na convicção profunda e inabalável de que o Senhor do Bonfim, o Redentor do homem, é o centro do universo e da história humana.

Ao comemorarmos o cinquentenário da nossa diocese, encontramos num contexto maravilhoso de três outras celebrações que nos santificam, que rasgam novos horizontes, que nos estreitam na mesma fé, nos impulsionam para a mesma caridade e nos conduzem para a mesma esperança. Refiro-me ao Ano Santo da Redenção, ao Ano Vocacional e ao Cinquentenário do 1.º Congresso Eucarístico realizado em São Salvador da Bahia de onde Bonfim foi desmembrada nos idos de 6 de abril de 1933, quando reinava na Igreja Pio XI, o fundador da Ação Católica e restaurador do Estado Pontifício. Naquele ano festejavam-se, também, os 1900 anos da Morte e da Ressurreição do Senhor Jesus.

Cônciosos de sermos todos nós "luz do mundo e sal da terra", somemos nossos esforços, busquemos a unidade, a santificação própria e a do nosso povo, construamos a "civilização do amor", proclamamos a igualdade entre todos para a glória de Deus e reconciliação do nosso rebanho pelos caminhos da paz.

1870  
São Paulo, de 17 a 23 de junho de 1983

## Diocese de Caravelas, na Bahia, tem novo Bispo

No próximo 2 de julho, D. Antonio Zuqueto será empossado como o segundo bispo de Teixeira de Freitas e Caravelas, na Bahia. Às 9h30, haverá Missa celebrada pelo novo bispo, e concelebrada por D. Filipe Tiago Broers, primeiro bispo de Caravelas, além de outros bispos e padres vindos das dioceses da Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo.

As comunidades católicas do extremo sul do Estado estarão presentes à ocasião, se concentrando a partir das 9h00, a lado do Centro Administrativo, em Teixeira de Freitas. Para maior possibilidade de comunicação, a sede da Diocese de Caravelas foi transferida para a cidade de Teixeira de Freitas e a "nova" denominação diocesana abrange as duas localidades. A Praça Castro Alves será o local para a tomada de posse de D. Zuqueto, como também a transferência da sede episcopal.

D. Antonio Elizeu Zuqueto nasceu na cidade de Resplendor, em Minas Gerais, no dia 29 de abril de 1928, filho de imigrantes italianos. Estudou no Seminário São Francisco de Assis, em Santa Tereza, do Espírito Santo; e Seminário São Fidélis, em Piracicaba, SP. Fez o noviciado para os freis Capuchinhos em 1948. Seus primeiros votos foram feitos em 6 de janeiro de 1949. Os estudos de Filosofia e Teologia, no Seminário Maior, foram realizados em Itambacuri, Minas Gerais. A 19 de março de 1955, D. Zuqueto foi ordenado sacerdote, no Santuário Na. Sra. dos Anjos, na mesma cidade em que fez o Seminário Maior. Exerceu trabalhos sacerdotais em: Santa Teresa (vigário); Itambacuri e Conceição (Superior das Comunidades dos Capuchinhos); e em São Sebastião no Rio de Janeiro (como vigário também). Foi Superior Vice-Provincial dos freis Capuchinhos, do Estado do Rio, Minas Gerais e Espírito Santo. A 25 de março de 1980, foi eleito bispo, para trabalhar como auxiliar do D. Quirino Schmitz, Bispo de Teófilo Otoni, Minas Gerais.

### O PRIMEIRO BISPO

D. Filipe Tiago Broers foi o primeiro bispo da Diocese de Caravelas, e pediu ao Santo Padre para ceitar a sua renúncia por motivos de saúde. Ele havia sido eleito bispo de Caravelas em 2 de maio de 1963 e sagrado Bispo em 25 de julho de 1963. Com doação total, assumiu a sua função por quase 20 anos.

Para estar em contínuo contato com o povo, D. Filipe fazia enormes viagens, sempre estimulando a vida das 12 paróquias existentes na Diocese. Além disso, deu toda atenção aos grandes problemas do povo: o ensino e a saúde. Reconstruiu o Hospital Regional de Caravelas e, em muitos municípios, o primeiro ginásio foi criado sob estímulo de D. Filipe. Várias comunidades de irmãs foram trabalhar na região a convite do bispo. As comunidades religiosas existentes na diocese, se implantaram durante a estada de D. Filipe em Caravelas. Os padres que trabalham na Diocese:

- Franciscanos da Província de Santa Cruz (nove);
- Capuchinhos da Vice-Província de Caravelas (10 freis, e 2 não-sacerdotes);
- Missionários do Sagrado Coração (dois padres);
- um padre diocesano de Viena, na Áustria;
- um padre da própria diocese desenvolve trabalho em Leopoldina, MG;

### A DIOCESE

Por determinação do Papa João XXIII, a Diocese de Caravelas foi criada em 21 de julho de 1962. Seu território foi desmembrado integralmente da Diocese de Ilhéus, e está situada no extremo Sul da Bahia, limitando-se com Itabuna (Bahia), Aragoaí e Teófilo Otoni (Minas Gerais) e São Mateus (Espírito Santo). Tem uma superfície de 26.861 km<sup>2</sup> e cerca de 600 mil habitantes.

Em fevereiro deste ano, a Diocese elaborou seu Plano de Pastoral, para os próximos três anos. Alguns de seus objetivos principais:

- a) Intensificar a educação permanente e progressiva da fé em todos os níveis, através de uma catequese integral, que inclua a conscientização sobre as exigências sociais e políticas da mesma fé;
- b) Fomentar a Pastoral Vocacional para os ministérios ordenados, para a vida consagrada e para os novos ministérios e serviços nas comunidades;
- c) Continuar o trabalho de educação política e desenvolver sua Pastoral Popular que promova a organização do povo, visando a conquista de seus direitos e justas reivindicações, dando prioridade aos grupos mais marginalizados;
- d) Incrementar uma Pastoral Familiar, que, integrando a família na comunidade lhe dê condições de realizar sua missão.

Este plano significa a caminhada das CEBs no sul da Bahia, que são de pescadores, ou povoados antigos formados depois da vinda de Pedro Álvares Cabral, ou de grandes centros ao longo da BR-101, e em várias delas, participam industriais e homens de comércio. Nos grandes povoados, vivem também os bóias-frias, que também formam grupo e comunidades, assim como garimpeiros e carvoeiros. A grande força destas comunidades são os jovens, a maioria da população, e as crianças da Catequese. O Plano de Pastoral é uma decisão deste povo de "Caminhar Juntos".



# Por que o PC deve ser ilegal

Dom Luciano Cabral Duarte\*

É difícil atravessar uma semana sem que o tema da legalização do Partido Comunista no Brasil seja abordado pela imprensa. Na esteira desse debate, os brasileiros que ainda acreditam em democracia assistem perplexos a acontecimentos surpreendentes. Ainda recentemente, segundo o noticiário da imprensa, o secretário-geral do Partido Comunista, Giocondo Dias, foi cordialmente recebido em Brasília por parlamentares não só da oposição como do PDS, entre eles o próprio presidente da Câmara, Nelson Marchezan, como se fosse um companheiro de idéias de liberdade. Participo da perplexidade geral dos brasileiros diante desses fatos e ofereço algumas idéias a esse debate que agora se trava.

Assinalo que, no caso, os argumentos não valem pela posição religiosa de quem os apresenta. A discussão é sócio-política e não religiosa, e o raciocínio de quem entra nessa liça vale pela consistência lógica que tem em si mesmo ou deixa de ter. Começo catalogando os argumentos favoráveis à legalização, que venho encontrando, nos últimos meses, declinados por nomes ilustres. Apenas duas alegações me parecem merecer consideração. O primeiro desses argumentos é o de que um país livre tem que dar liberdade de expressão a todos os grupos e os comunistas são um grupo entre os outros, portanto com direito à sua automanifestação na sociedade. O segundo arrazoado diz que, estando o Partido Comunista na legalidade, todos conheceremos "quem é quem" e assim se evitarão suspeições e equívocos.

Esses argumentos são duas falácias, falácias ardidas e sutis que envolvem, em primeiro lugar, os arautos que os sustentam ingenuamente. Analisemos os dois raciocínios. O pressuposto de base é o de que todos os brasileiros desejamos uma democracia livre, pluripartidária, à base de uma Constituição promotora dos direitos humanos, onde todos coexistiremos no respeito das razoáveis divergências grupais. Ora, o primeiro argumento perde a aparente densidade e entra em queda livre exatamente ao defrontar-se com esta preliminar.

Não podemos dizer, em tranqüila consciência, que os comunistas têm direito a surgir no Parlamento, em nome da liberdade da democracia, se a finalidade que eles se traçam é precisamente dissolver o Congresso, instalar a ditadura do partido único e impor ao povo brasileiro uma Constituição outorgada pelo totalitarismo marxista. Dir-me-ão que deliro, que repito chavões sem fundamento e que nenhum comunista de algum relevo subscreveria tais coisas. Entretanto, o que importa mesmo não é saber o que os comunistas estão dizendo agora. O que



Os comunistas lutam pela legalização de seu partido para combater a democracia

nos é necessário é conhecer para que eles estão afirmando o que agora dizem.

Os comunistas de cada país seguem uma estratégia universal, desdobrada em meticulosas táticas. Para que foi que a intelligentsia sovieto-marxista determinou que todos os comunistas brasileiros se unissem a fim de perseguir a legalização de seu partido? Passemos a palavra ao mais autorizado entre nossos possíveis interlocutores, Lênin. Escreveu ele: "A participação num parlamento democrático burguês, ao invés de prejudicar o proletariado revolucionário, permite-lhe mostrar mais facilmente às massas retardadas por que esses parlamentos merecem ser dissolvidos. Isso facilita o sucesso de sua dissolução, facilita a eliminação política do parlamentarismo burguês". Poder-se-ia ser mais claro?

O segundo argumento padece de uma inocência que seria cândida, não fora trágica. Pensar que o Partido Comunista na

legalidade irá eliminar sua primeira linha de ação, no subsolo da clandestinidade, é dar mostra de que não se aprendeu nada da história do comunismo, desde a revolução de 1917. No momento em que os comunistas estão na ilegalidade, eles lutam só nesta frente de batalha, porque é a única que lhes é deixada. Quando o PC obtém o direito de registrar-se, como os demais partidos, passa a mover-se em dois fronts: o da ilegalidade, que continua, que é o mais importante e segue mais ativo que nunca, e o da legalidade, que lhe foi concedido por uma democracia liberal perdulária, que eles levarão, passo a passo, à demolição.

A estas razões, que me levam a ser contra a legalização do Partido Comunista por uma simples questão de lucidez, eu juntaria ainda algumas outras. Os comunistas sabem, melhor do que nós, o que lhes convém. Se eles estão agora lutando, no Brasil, por uma posição legal, à luz do sol, é porque isto serve à sua estratégia. Num país onde não houvesse analfabetos, onde o nível de cultura do povo fosse elevado e sua consciência política esclarecida, a legalização do Partido Comunista não teria maiores conseqüências. Aí estão a Alemanha Ocidental, a Inglaterra e a Suécia, por exemplo: os comunistas nada pesam em seus parlamentos, embora o partido marxista-leninista seja legal. Mas, no Brasil, temos infelizmente 30% de analfabetos. E, quem não lê, vê pela metade. Por fim, não se diga que os comunistas de hoje mudaram. Eles não podem mudar, sob pena de não ser mais comunistas.

\* Dom Luciano Cabral Duarte é arcebispo de Aracaju



# INJUSTA PRIORIDADE DO CAPITAL

22/7/83 MP

D. Cláudio Hummes

**H**Á mais de um ano, o maior problema do nosso povo é o desemprego. Ninguém desconhece esse fato. Nem é necessário apresentar muitos números e estatísticas. As demissões em massa de trabalhadores continuam acontecendo e se repetindo, principalmente nas grandes indústrias. As readmissões são insignificantes. A recessão econômica se aprofunda. As consequências sociais também são cada vez mais percebidas. Cresce a pobreza e o desespero da população.

Por outro lado, apesar de todas as promessas e acenos da parte das autoridades públicas para a criação de novos empregos, o contrário persiste. Já houve explosões sociais e as tensões aumentam.

A Igreja considera o emprego um direito fundamental de todo trabalhador. A isso corresponde um dever do Estado e dos donos dos meios de produção, os empresários, de encontrar um emprego adaptado para todos aqueles que são capazes de o ter", como afirma a encíclica de João Paulo II sobre o trabalho humano (n.º 18). O trabalhador, de fato, precisa absolutamente do seu emprego como meio de subsistência.

No Brasil de hoje, ao contrário, o Estado e os empresários estão mais preocupados em salvar o capital do que o trabalho. Todos os pacotes econômicos, todas as medidas tomadas e pressentidas, visam em primeiro lugar o bem-estar do capital, ficando em segundo plano a preocupação social para com os trabalhadores. Isso continua se repetindo no mais recente pacote, conforme o parecer de economistas e políticos peritos e inteirados no assunto.

A discussão maior, no momento, gira ao redor da desindexação da nossa economia. O Governo ameaça com a desindexação do salário dos trabalhadores. A resposta do outro lado é a seguinte: por que só do salário dos trabalhadores e não igualmente a desindexação do ativo das empresas? Por que os trabalhadores deverão pagar, em primeiro lugar, uma crise que eles não criaram?

Na realidade, o atual modelo econômico brasileiro dá prioridade ao capital e não ao trabalho. O Papa, na citada encíclica, ao contrário, afirma com meridiana clareza que a doutrina social da Igreja ensina que não é a capital que deve ser prioridade, mas o trabalho. Por essa razão, a Igreja no Brasil continua denunciando o modelo econômico brasileiro como injusto e explorador do povo. Não é lícito insistir numa organização da economia que gerou e continua gerando tanto desemprego como entre nós. A sociedade deve exigir e o Estado deve acatar esta exigência de profundas e substanciais mudanças no atual modelo econômico, pois o povo não pode continuar sofrendo as consequências duras e injustas de uma recessão econômica, programada para salvar um modelo econômico desumano e falido.

Existem alternativas, vindas tanto dos partidos de oposição como dos peritos e organismos intermediários da nação em geral. Estas alternativas devem ser ouvidas pelo governo com seriedade e isenção, devem ser debatidas amplamente com a sociedade, em vez de o governo continuar forjando pacotes atrás dos bastidores, desprezando a colaboração preciosa, necessária, e de direito, da nação.

O povo, do seu lado, precisa organizar-se mais e mais, associando-se em seus sindicatos, suas organizações de classe e as organizações populares. Ninguém deveria ficar isolado por aí, mas deveriam unir-se em associações para fazer pressão sobre o poder público, pressão democrática, não violenta, mas firme, para que se cômence a levar a sério a necessidade de mudanças substanciais.

Enquanto essas mudanças não acontecerem, o Estado tem a obrigação de providenciar o sustento dos desempregados. Diz o Papa na mesma encíclica citada: "A obrigação de conceder fundos em favor dos desempregados é um dever que deriva do princípio fundamental da ordem moral neste campo, isto é, da



princípio do uso comum dos bens" (n 18). Algumas medidas neste sentido deveriam ser imediatas em favor dos desempregados, como, p. ex., transporte gratuito de ônibus; isenção das taxas de luz, água e impostos; a proibição de despejo de desempregados, a proibição de horas extras, e outras ligadas diretamente à alimentação e à criação maciça de novos empregos; p. ex., na construção civil.

Em nossa região, com a ajuda dos sindicatos e da nossa Pastoral Operária, os desempregados, graças a Deus, vão se organizando, mas eles querem contar com o apoio organizado de toda a sociedade civil.

Por fim, enquanto durar o sofrimento de tantos irmãos nossos, vamos todos partilhar um pouco do nosso pão com eles, pensando na palavra de Cristo: "Eu tive fome, e vocês me deram de comer".



O SÃO PAULO

# 50 anos da Diocese

São Paulo, de 22 a 28 de julho de 1983

## de Bonfim

A diocese de Bonfim, no nordeste da Bahia, está comemorando, neste ano, o cinquentenário de sua criação e instalação. Foi criada pelo papa Pio XI, no dia 6 de abril de 1933, e instalada, no mesmo ano, no dia 2 de agosto, com a presença de Augusto Álvaro da Silva, que pereceu como seu Administrador Apostólico até a chegada do 1.º bispo. Nas solenidades da instalação foi lida a Bula "Ad aptius christifidum regimini" (Para mais fácil proveito dos fiéis cristãos). A sede da diocese é a mesma cidade de Senhor do Bonfim.

Por essa época a nova circunscrição eclesiástica era formada por paróquias que abrangiam 33 municípios. Tinha a extensão de 1.027 quilômetros quadrados com população de 323.020 habitantes. Era limitada pela Arquidiocese de Salvador e pelas dioceses de Ilhéus, Petrolina, Pesqueira, Caetité, Itapicuru e Penedo. Sua superfície e população foram, posteriormente, alteradas com a criação dos bispos de Rui Barbosa, Amargosa, Ilhéus, Santana, Juazeiro e Paulo Afonso. Atualmente são as seguintes paróquias: Senhor do Bonfim, Formoso, Jaguarari, "Antonio Gonçalves", Pindobaçu, Saúde, Jacobina, Capim Grosso, Itiúba, Cansanção, Monte Santo e Queimadas. Essas doze paróquias compreendem 15

municípios cujos habitantes chegam quase a 600 mil habitantes. Sua superfície é de 33.600 quilômetros quadrados. Atualmente trabalham nesta diocese 19 sacerdotes, sendo que 10 são Religiosos e apenas nove são diocesanos. Brasileiros somente 9. Sessenta e quatro Irmãs dedicam-se aos mais diversos setores da pastoral: Hospitais, Orfanato, Colégios e demais campos da evangelização no centro e na periferia das cidades e na zona rural.

Desde os tempos do Cônego Pedro Hugo Teixeira, assassinado por um débil mental embriagado, dentro da Matriz de Senhor do Bonfim, no dia 1.º de setembro de 1914, que se falava em criar-se uma diocese nestas regiões. O conceituado jornal "O Correio do Bonfim", que começou a circular em 1.º de outubro de 1912, repetidamente propagava essa idéia, mas em 1.º de agosto de 1920 a "A Tarde", da Capital, veiculou a primeira notícia da criação do bispado de Bonfim". (Anuário, 3). Esse grande e justo desejo, com o vover do tempo, foi tomando corpo até que assumiu proporções maiores quando, a 17 de abril de 1926, D. Augusto Álvaro da Silva, Arcebispo da Bahia, veio a Senhor do Bonfim para anunciar que, aí, estava "para engastar mais uma pérola na coroa desta princesa."

Iniciaram-se os preparativos. Formou-se uma Comissão Central que, entre outras responsabilidades, adquiriu, por compra, para o futuro bispo, uma residência de propriedade do casal Simão e Leormina Esteves, pela quantia de Rs. 30.000,000 (Trinta contos de réis). A escritura da referida casa foi entregue ao já citado Arcebispo da Bahia, no dia 20 de junho de 1928, data da sua segunda visita a Senhor do Bonfim. Essa propriedade integraria o patrimônio do novo bispado.

Somente três anos depois da instalação da diocese, chegou o 1.º bispo, **D. Hugo Bressane de Araújo**, no dia 2 de maio de 1936. Sua posse se deu no dia seguinte com imensa alegria do nosso povo. Ele nasceu em Campanha, Minas Gerais, no dia 4 de setembro de 1899. No dia 11 de fevereiro p.p. comemorou suas bodas de diamante de ordenação sacerdotal. Foi sagrado bispo na Catedral

de sua terra. Ao lado de sua cultura e espírito apostólico, deixou por toda a diocese marcas indeléveis do seu trabalho fecundo. Trouxe os monges cistercienses, entregando-lhes a paróquia de Jacobina. Confiou aos franciscanos a paróquia de Campo Formoso. Chamou as Sacramentinas que, ainda hoje, educam mais de mil alunos. Pediu a colaboração dos padres do Sagrado Coração. Reorganizou a Conferência de São Vicente de Paulo. Fundou a Pia União das Fi-



ilhas de Maria e a Congregação Mariana e outras associações religiosas. Escreveu algumas Cartas Pastorais. No dia 19 de setembro de 1940 foi transferido para a diocese de Guaxupé, Minas Gerais. Atualmente reside na cidade de Marília, Estado de São Paulo, e conta com 83 anos de idade.

**D. Henrique Golland Trindade** foi o 2.º bispo de Bonfim. Nasceu em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, no dia 20 de maio de 1897. Vestiu o hábito franciscano no dia 22 de março de 1922 e fez profissão solene em 1926. Nesse mesmo ano, no dia 18 de dezembro, foi ordenado sacerdote. Foi eleito bispo de Bonfim no dia 29 de março de 1941. Recebeu a Ordenação Episcopal no dia 8 de junho do mesmo ano e no seguinte mês de agosto, no dia 14, foi recebido pelo povo bonfinense. Orador, jornalista, conferencista e escritor de muitos recursos, foi sobretudo um homem de grandes virtudes. Deixou inesquecíveis lições de amor aos mais desvalidos. Criou uma casa para órfãos. Trouxe os Irmãos Maristas para Bonfim. Fundou a Ação Católica e a Ordem Terceira de São Francisco. Reformou a residência episcopal e, ao seu lado, construiu a Capela de São Francisco. No arquivo da diocese encontram-se Cartas Pastorais repassadas de verdadeiro zelo apostólico. No dia 16 de maio de 1948 foi transferido para a diocese de Botucatu, São Paulo. Foi promovido a Arcebispo no dia 19 de abril de 1958. Veio a falecer no dia 6 de novembro de 1974.

Em seguida chegou a Senhor do Bonfim, como pastor, **D. José Alves Trindade**, mineiro de Lagoa Dourada, onde nasceu a 7 de outubro de 1912. Em 1934 foi estudar em Roma, no Pontifício Colégio Pio Brasileiro. Estudou teologia na Universidade Gregoriana e no dia 27 de março de 1937, na Basílica de São João de Latrão, recebeu o sacramento da Ordem. Na Catedral de Mariana,

Minas Gerais, foi sagrado bispo, no dia 21 de novembro de 1948. Pouco tempo depois, no dia 10 de janeiro de 1949, tomou posse da diocese de Bonfim. Andou por toda a diocese, frequentemente acompanhado de missionários capuchinhos. Aumentou o patrimônio da diocese. Construiu Capelas, um grande Salão Paroquial, incentivou as vocações sacerdotais e religiosas e fundou a entidade "Obras Sociais" que até os nossos dias beneficia a muitos. Ordenou alguns sacerdotes. No dia 27 de maio de 1956 mudou-se para a diocese de Montes Claros, Minas Gerais, onde ainda trabalha. Na sua despedida recebeu "inúmeras manifestações de apreço e gratidão".

**D. Antonio Mendonça Monteiro** foi o 4.º bispo. Nasceu em Cachoeira, na Bahia, no dia 7 de novembro de 1907. No dia 4 de abril de 1931 foi ordenado sacerdote. Foi eleito bispo no dia 31 de janeiro de 1950 e recebeu a sagração episcopal no dia 16 de abril desse mesmo ano, na Catedral de Salvador. Durante 7 anos, portanto, foi bispo Auxiliar nessa Arquidiocese. A sua posse, em Bonfim, se deu numa festa de Pentecostes. Era o dia 9 de junho de 1957. Entre outras atividades de



bispo D. Jairo Matos



mérito recuperou o Hospital Regional, que, hoje, traz o seu nome, e fundou o Instituto Bonfinense de Assistência e Promoção Social para mantê-lo. A seu convite as Irmãs Servas da Sagrada Família assumiram a responsabilidade do Orfanato e Artesanato Patrocinio de São José. As Franciscanas Hospitalares começaram a trabalhar no referido Hospital Regional. Preocupado com as vocações sacerdotais reabriu o Seminário Menor, hoje transformado em Ginásio Diocesano. Fundou várias Associações Religiosas como a Legião de Maria, a Irmandade do Santíssimo Sacramento, a Congregação da Doutrina Cristã. Sob os seus cuidados criou-se o Círculo Operário, foram construídas duas escolas profissionais. Promoveu o 1.º Congresso Eucarístico Diocesano, em 1958, e a Semana Ruralista em Jacobina. Sob seu governo criou-se a diocese de Paulo Afonso, no dia 14 de setembro de 1971. Faleceu no dia 23 de dezembro de 1972, em Salvador, depois de ser acometido de uma infecção nos rins, quando estava em visita pastoral no município de Mirangaba.

No dia 2 de junho de 1974, quando se celebrava a festa do Espírito Santo, chegou o 5.º bispo de Bonfim, **D. Jairo R. Matos da Silva**. Nasceu no dia 3 de julho de 1929, na cidade de Castro Alves, Bahia. Fez seus estudos no Seminário de Salvador. Ordenou-se no dia 8 de dezembro de 1954. Após ter sido vigário em Santo Antônio de Jesus e Jequié, foi sagrado bispo nesta última paróquia, no dia 5 de maio de 1974. Era o Dia Mundial das Vocações.

Restaurou uma das casas dos Vicentinos onde funciona um Artesanato que já preparou cerca de 500 pessoas sem recursos em trabalhos manuais. Reformou boa parte do atual Ginásio Diocesano (antigo Seminário) para formação de agentes de pastoral. Criou o boletim mensal "Ressurreição e Vida". Apoiou a fundação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e a Associação das Lavadeiras de Senhor do Bonfim. Introduziu ao setor de evangelização o

movimento denominado Animação Cristã na Zona Rural (A.C.R.). A partir de 1975 promoveu, anualmente, a Assembléia diocesana para planejamento de todos os trabalhos pastorais sob a luz de certas prioridades. Construiu uma nova Cúria, tendo ao lado um salão-auditório com o nome do Papa João Paulo I, que nos deu a honra de sua visita, quando ainda Cardeal de Veneza, com capacidade para trezentas pessoas e outros compartimentos para as diversas Comissões de Pastoral: pastoral da terra, pastoral da saúde, pastoral da juventude, pastoral da educação, uma pequena biblioteca e para outras finalidades congêneres. Aceitou e incentivou o Projeto Igrejas-Irmãs. Durante esse período casas paroquiais, salões para reunião e Capelas foram construídos ou restaurados.

Aproveitando-se deste Cinquentenário, a diocese de Bonfim dará todo o apoio ao Jubileu da Redenção proclamado pelo Papa João Paulo II, ao Ano Vocacional e ao Jubileu de Ouro do 1.º Congresso Eucarístico Nacional efetuado em Salvador. Fará, ainda, as seguintes comemorações: os cinquenta anos de sacerdócio do Pe. Alfredo Haasler, vigário de Jacobina, os 25 anos do Congresso Eucarístico diocesano de Bonfim, o Jubileu de Prata da Legião de Maria e os 46 anos de fundação do Educandário N. Sra. do Santíssimo Sacramento que está sob a responsabilidade das Religiosas Sacramentinas.

No transcurso desses 50 anos um grande número de leigos sempre se acercou (e continua se aproximando) dos seus pastores (bispos e vigários) para desempenhar, na unidade da fé, os seus compromissos batismais, através de variadas associações e movimentos apostólicos. Já na sua carta de saudação ao seu futuro rebanho, D. Hugo Bressane de Araújo solicitava a dedicação de preparados catequistas para o aprofundamento da fé. Aproximamos-nos do seu apelo: "...O pároco é responsável pelo doutrinamento de todos os seus fiéis... Saiba cercar-se de um corpo dengado de instruídos e virtuosos catequistas que, bem dirigidos, poderão tornar-se elemento de primeiro valor na formação da paróquia."

Por conta de sua zelosa convocação reuniram-se muitos Vicentinos, congregaram-se moças para o fortalecimento da Pia União, vieram rapazes para as Congregações Marianas, difundiu-se a Liga Católica Jesus, Maria e José, homens e mulheres aumentaram as fileiras do Apostolado da Oração, as crianças formaram a Cruzada Eucarística. Enfim era o tempo da Ação Católica cujo dinamismo deveria extravasar-se da

faixa interna da Igreja para acentuar com mais ênfase o seu papel na sociedade inteira. Numa segunda carta, comentando recentes ensinamentos de Pio XI, escrevia, ainda, o mesmo D. Hugo: "...é da Ação Católica que virá a mais alta aspiração e o mais frutuoso impulso para a participação dos católicos na vida pública, no que diz respeito à cooperação obrigatória dos cidadãos católicos para o bem comum e até para a prosperidade civil."

Não lhe passou ao longe a idéia (tão debatida hoje) de que a Igreja pode e deve, dentro do que lhe é pertido, participar da vida política de um povo. Aqui estão as suas ponderadas palavras: "Nós não podemos, pois, desinteressar-nos de tais questões; daí decorre a seguinte conclusão: a Ação Católica, muito embora não fazendo política de partido, quer preparar os seus membros a fazerem a boa política, a grande política, quer preparar politicamente a consciência dos cidadãos, formando-as, ainda neste particular, cristamente, catolicamente."

Os outros bispos seguiram a mesma trilha, chamando a todos para o trabalho da evangelização. Baste-nos recordar o que D. Henrique Golland Trindade, na sua 2.ª Carta Pastoral, de 30 de agosto de 1944, afirmava: "Entretanto não podemos nem queremos trabalhar sozinho, neste apostolado antigo-moderno do laicato; seria já pecar pela base. E uma prova desta nossa asserção é esta humilde carta que vos escrevemos... com o fim de meditarmos juntos sobre as responsabilidades e as obrigações que a Ação Católica impõe a todos nós, clérigos e leigos..."

Nós, igualmente, não nos cansamos em convidar, insistentemente, os nossos fiéis para o pleno cumprimento daquilo que é sagrada consequência da sua regeneração em Cristo. Dizíamos, por exemplo, através do Boletim "Ressurreição e Vida" (outubro de 1977): "Não são missionários, apenas, os que receberam o sacramento da Ordem. Cada pessoa que renasceu da água e do Espírito Santo, se incorporou a Cristo-Profeta. Na fidelidade à Palavra e na obediência ao coordenador dos carismas, todos podem anunciar a Boa Nova "para que a palavra de Deus corra e seja glorificada (2.º Tes. 3,1) e seja, por toda a terra, anunciado o Reino de Deus."

Se nem todos têm aceito esse convite sagrado (o que é lamentável) temos certeza, no entanto, que muitos têm respondido positivamente, e alguns até, abrindo-se para a dimensão política da fé cristã, arrostam temerosos perigos e não recuam sequer diante das ameaças de morte.

Antwort





Abi Ackel garantiu a d. Luciano que não há restrições jurídicas à permanência dos padres franceses no País

## Para d. Luciano, libertação dos padres restabelece o diálogo

Da Sucursal de Brasília

Após encontro de cerca de uma hora com o ministro da Justiça, Ibraim Abi Ackel, o secretário-geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), dom Luciano Mendes de Almeida, disse ontem que a libertação dos padres franceses Aristides Camilo e Francisco Gouriou restabeleceu a plenitude do diálogo Igreja-Estado. "O que restringia muito este relacionamento nos últimos tempos — observou — era o caso dos padres franceses, e este está superado."

Dom Luciano descartou a hipótese de ter havido acordo em torno da soltura dos dois religiosos e até de sua permanência no País. Esta, segundo ele, depende agora do julgamento do recurso à ser interposto no Supremo Tribunal Federal contra a decisão do Superior Tribunal Militar, condenando-os por incitamento ao conflito armado dos posseiros do araguaia, que resultou na morte de um agente federal, em 1981. Se o STF vier a reconhecer a inocência dos padres, como espera dom Luciano, "será um passo para não serem expulsos". Da parte do governo, conforme garantiu Abi Ackel ao secretário da CNBB, "não há qualquer restrição jurídica" à permanência dos dois missionários no País.

### Expulsão significará retrocesso, diz d. Paulo

O cardeal dom Paulo Evaristo Arns manifestou ontem ter "certeza de que eles ficarão no Brasil", referindo-se à possibilidade de os missionários franceses Aristides Camilo e Francisco Gouriou serem expulsos do País pelo governo federal, depois de terem sido libertados, beneficiados pela nova Lei de Segurança Nacional. Para d. Paulo, "seria um retrocesso inexplicável para todo o povo se houver qualquer medida contrária à permanência dos padres franceses".

Em relação ao destino de Camilo e Gouriou, dom Luciano Mendes assegurou, ainda, que o governo não faz restrições à sua movimentação ou sobre onde serão instalados. O bispo referia-se a informações de que o governo só concordara em atender à ordem judicial de soltura dos padres — expedida pelo STM em função da nova Lei de Segurança Nacional — depois de a Igreja ter assegurado a não-participação de Camilo e Gouriou na inauguração da Igreja de Con-

ceição do Araguaia, ocorrida no domingo.

Sabe-se, também, que o governo não tem disposição política para deixar de expulsar os dois religiosos do País, caso a condenação imposta pelo STM venha a ser confirmada pelo Supremo. O governo teme que Aristides Camilo e Francisco Gouriou voltem para São Geraldo do Araguaia e lá atuem politicamente junto aos posseiros. Outro argumento levantado é de que se isso acontecer o próprio governo não teria como evitar que haja represália contra os padres por parte dos proprietários das terras.

Dom Luciano assegura que a Igreja não faz acordos ou negociações, mas "prática o diálogo para defender princípios". "Cada um (governo e Igreja) — afirmou — tem que cumprir a sua missão na busca de soluções equitativas e diante de problemas concretos."

Segundo o secretário-geral da CNBB, caberá ao bispo de Conceição do Araguaia, dom Patrick Hanrahan, e à direção das missões estrangeiras de Paris, a que Camilo e Gouriou estão subordinados, a decisão a respeito do seu futuro. A CNBB, segundo explicou, não participará da escolha do lugar onde os dois deverão continuar seu trabalho.



## Os posseiros voltam hoje para casa

Da Sucursal de Belém

Somente hoje, quarta-feira, os posseiros do Araguaia estarão chegando às suas localidades de origem no sul do Pará, após terem sido libertados em Belém na segunda-feira à tarde e viajado à noite, de ônibus, para São Geraldo do Araguaia, via Araguaia e Xambioá.

Os posseiros foram libertados em dois grupos. O primeiro — que era defendido pelos advogados Deusdeth Brasil e José Quadros Alencar — foi libertado às 13 horas de antemão e passou à tarde recebendo homenagens e passeando pelo comércio. O segundo — defendido pelo advogado Djalma de Oliveira Farias — só foi liberado uma hora antes de tomar o ônibus para viajar ao Sul do Estado. De acordo com o advogado,

foram os próprios posseiros que pediram para ficar no quartel do 1º Comar até a noite (a viagem começou às 22 horas), alegando que não queriam ser importunados pelos integrantes do Movimento de Libertação dos Presos do Araguaia (MLPA) e Comissão Pastoral da Terra (CPT), da CNBB, já que foram eles que mantiveram as acusações contra os padres franceses Aristides Camio e Francisco Gouriou, também libertados em Brasília.

Pouco antes da viagem, uma deserção entre os seis posseiros do grupo do advogado Djalma Farias. José Ribamar Rodrigues se recusou a comparecer a uma coletiva marcada pelo advogado, ex-agente da Polícia Federal, na qual foram repetidas as mesmas acusações contra os dois missionários franceses. Ribamar seguiu direto para a rodoviária,

onde se encontrou com os colegas do outro grupo.

Em entrevista coletiva na casa de Djalma Farias, João Matias voltou a acusar o padre Aristides Camio de mandante da emboscada praticada pelos posseiros no dia 13 de agosto de 1981, na qual morreu o "guia" da Polícia Federal Antônio Trindade Nunes. Segundo ele, o padre teria afirmado que se eles não atacassem antes, seriam expulsos de suas terras pelos capangas dos fazendeiros Evandro Azevedo, Juraci Teixeira e José Almeida. João Matias disse também que, quando da troca de advogados no início do ano, o líder do outro grupo, lavrador Raimundo Pereira da Anuniação, chegou a lhe oferecer dinheiro para abandonar o advogado Djalma Farias.

## Sancionada lei dos estrangeiros

Da Sucursal de Brasília

O presidente João Batista Figueiredo sancionou ontem, com vetos, a lei 7.180, que dispõe sobre a concessão de permanência no Brasil a estrangeiros registrados provisoriamente. O veto incide sobre o artigo 8 (que previa um prazo de 120 dias para as pessoas que se encontram em situação irregular normalizarem sua permanência) e sobre o artigo 9 (que concedia 120 dias para requererem registro provisório os estrangeiros que ingressaram no Brasil entre 20 de agosto de 1980 e 9 de dezembro de 1981).

Ao justificar o veto, o Presidente ressalta que "a crise econômica que envolve o País possui reflexos sociais que desaconselham a regularização indiscriminada de mais de meio milhão de estrangeiros que dispu-

tariam com os nacionais o mercado de trabalho". Acrescenta a exposição de motivos que o interesse público recomenda ser o assunto "minuciosamente examinado", para evitar que a Nação "importe inconvenientes com efeitos negativos à sociedade".

A medida, para Figueiredo, "é uma disposição casuística que não atende aos superiores interesses do bem comum. Entendo que cada problema que envolve estrangeiros em situação irregular deve ser individualmente considerado".

Conclui a justificativa lembrando que o registro provisório "abriu a todos os irregulares a oportunidade de legalizar a situação. A maioria preferiu permanecer na clandestinidade e não pode ter agora o mesmo tratamento daqueles que efetuaram a normalização".

## Suplicy envia lista de desaparecidos

Uma lista de 13 brasileiros desaparecidos em circunstâncias misteriosas na Argentina, quase todos exilados, foi enviada ontem ao presidente Raul Alfonsín pelo deputado Eduardo Matarazzo Suplicy (PT-SP), que recentemente integrou uma delegação parlamentar brasileira que foi a Buenos Aires assistir à posse do novo presidente.

O deputado paulista encaminhou também ao presidente argentino carta de um irmão do estudante de Medicina Luis Renato Lago Faria, desaparecido misteriosamente na capital argentina em fevereiro de 1980. Todos os nomes se destinam à "Comissão Nacional sobre o Desaparecimento de Pessoas", instituída pelo governo Alfonsín para investigar o paradeiro de milhares de desaparecidos durante a ditadura militar.

### Quem são

São os seguintes os brasileiros desaparecidos na Argentina, cujo paradeiro o deputado Eduardo Suplicy quer que seja investigado pelo governo daquele país, de acordo com a lista enviada a Alfonsín:

1 — Daniel José de Carvalho, motorista e torneiro mecânico, banido do Brasil em 1971, desaparecido em 1973.

2 — Edmur Pérciles Camargo, banido do Brasil em 1971, desaparecido em 73.

3 — Francisco Tenório Júnior, músico, desaparecido em 76 durante

excursão em companhia do poeta Vinícius de Moraes.

4 — Joaquim Pires Cerveira, militante da frente de libertação major do Exército, banido do País em 1970, desaparecido em 73.

5 — João Batista Rita, estudante secundarista, banido do Brasil em 1971, desaparecido em 73 junto com Cerveira.

6 — Joel José de Carvalho, operário gráfico, banido do Brasil em 1971, desapareceu em dezembro de 1973, na fronteira.

7 — Jorge Alberto Basso, exilado na Argentina desde 1973, preso em 1976, desaparecido.

8 — José Lavechia, banido do Brasil em 1970, desaparecido em 73, na fronteira.

9 — Luis Renato do Lago Faria, estudante de Medicina, desapareceu em 1980.

10 — Maria Regina Marcondes Pinto, professora, exilada na Argentina em 1973, desapareceu após ser sequestrada no dia 10 de abril de 1973, em companhia do cidadão chileno Edgardo Enriquez Espinosa.

11 — Roberto Rasgado Rodrigues, estudante de engenharia, sequestrado em 1977 e desaparecido.

12 — Sidney Marques dos Santos, exilado na Argentina em 1972, desaparecido desde 1976.

13 — Walter Kenneth Nelson Fleury, desaparecido em Buenos Aires em 76.

## Cunha Lima promete liberação da lista

O secretário de Informação e Comunicações, Jorge Cunha Lima, disse ontem que a relação pormenorizada das verbas para publicidade das empresas do governo do Estado será liberada até o final deste mês ou no começo de janeiro. Ele prometeu divulgar os gastos do governo com publicidade de três em três meses e já está vencendo o segundo trimestre.

## Para d. Luciano, vice é um candidato de valor na sucessão

Da Sucursal de Brasília

O secretário-geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), d. Luciano Mendes de Almeida, disse ontem que o "vice-presidente Aureliano Chaves é um candidato de valor no atual processo sucessório", mas lembrou que isso não é só o que se exige de um postulante ao cargo, acrescentando que ele precisa "apresentar um programa de governo que possa atender às graves necessidades sociais do País".

D. Luciano ressaltou a importância de os membros do Colégio Eleitoral "não renunciarem à livre escolha de seus candidatos, por mais aliantes que sejam as promessas de vantagens futuras", referindo-se a possíveis tentativas, por parte de algum presidente, de comprar votos.

"Reconhecemos em Aureliano qualidades de homem de governo constatadas no desempenho dos cargos ocupados a serviço do País, o que se evidenciou até quando a ele coube exercer a missão presidencial", disse d. Luciano. Advertiu, porém, que esse reconhecimento não deve diminuir a valorização da participação da população no processo sucessório. Ele acredita que "num regime plenamente democrático importa insistir na maior participação dos cidadãos na escolha de seus representantes".

Para d. Luciano, o atual quadro sucessório desperta na Igreja atenção, pela sua importância, e também apreensão, "porque não se deve relegar a segundo plano as urgentes medidas em benefício das classes populares, sempre empobrecidas".

4-2-84 F58



## Dom Luciano nega acusação a padres

Da Sucursal de Brasília

O secretário-geral da CNBB, dom Luciano Mendes de Almeida, negou ontem o envolvimento dos missionários Aristides Camio e Francisco Gouriou nos recentes conflitos ocorridos na localidade de São José dos Três Morros, município de Conceição do Araguaia (PA), no qual o prefeito, Antônio Coelho, disputa terras com posseiros.

Em nota distribuída à imprensa, dom Luciano denuncia a situação de violência pela posse da terra e afirma: "É absurda e infundada a exploração que se quer fazer, implicando no fato os padres franceses recentemente libertados".

No documento, dom Luciano refere-se ao conflito pela posse da terra em Conceição do Araguaia que começou em 1982, quando os missionários franceses cumpriam pena em Brasília. O secretário-geral da CNBB reitera denúncia feita pela Diocese de Conceição do Araguaia, pedindo "medidas judiciais que assegurem a tranquilidade e a justiça na região, evitando sobretudo a ação impune dos pistoleiros, que gera violência e medo".

Amanhã, dom Luciano será recebido em audiência pelo ministro da Justiça, Abi Aekel. Esse encontro foi pedido há uma semana, com o objetivo de solucionar o problema de visto de passaporte de quatro missionários estrangeiros. Além dessa questão, dom Luciano abordará ainda o problema do Araguaia, encaminhando documentos ao ministro.

13-5-84 FSP



## Bispo faz apelo por ocupantes em Ivinhema

CÁSSIA CORTEZ

Especial para a "Folha"

IVINHEMA, MS — Através de carta aberta à população de Mato Grosso do Sul, o bispo da Diocese de Dourados, dom Teodato Leitz, evoca o artigo 2º do Estatuto da Terra em defesa das mil famílias de trabalhadores rurais sem terra, que ocuparam uma área em mata e ociosa no município de Ivinhema. A carta foi redigida pelo bispo após ter visitado os ocupantes, recebendo destes outra carta pedindo apoio e tomando conhecimento de que uma equipe de religiosos foi barrada pela PM ao se dirigir ao local para levar medicamentos e celebrar uma missa.

"Não dá mais para viver. Nossos filhos estão morrendo de fome. Queremos terra e não temos", justificaram os trabalhadores ao pedir apoio do bispo, que fez um apelo às autoridades: que seja feita uma remediação de todas as terras do Mato Grosso do Sul e, particularmente, as da área agora em conflito, e que os eventuais excessos sejam destinados para assentar os trabalhadores sem terra. Que haja um módulo máximo da propriedade da terra, a fim de que acabe a concentração das terras nas mãos de poucos. Que no atual conflito seja aplicado o Estatuto da Terra no seu artigo 2º, que assegura a todos a oportunidade de acesso à propriedade da terra, de preferência na região onde habita.

O bispo apela também para que seja assegurado o direito de que fala a Constituição, garantindo a liberdade de assistência religiosa aos ocupantes da área pelos agentes da Pastoral da Diocese de Dourados. Que o Estado não se omita de fornecer alimentos, roupas e remédios aos ocupantes, ajuda já prometida. Por fim o bispo invoca o conceito geral de justiça, repudiando as eventuais acusações de que tanto os ocupantes da área, como aqueles que os apoiam, estejam na ilegalidade.

Ontem, os advogados solicitados pela Comissão Pastoral da Terra para defenderem os ocupantes juntamente com o presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura, Pedro Ramalho, foram barrados pela PM que novamente reforçou o cerco na área. Segundo informações do capitão Lacerda, que comanda a operação, cerca de 100 famílias estão ocupando a mesma área no

sentido contrário de onde entraram os primeiros. O juiz de Ivinhema aguardará dez dias para autorizar o cumprimento da liminar concedida ao pedido de manutenção de posse solicitado pela pretensa proprietária, Sociedade de Melhoramentos e Colonização — Someco, que até ontem ainda não havia provado a legitimidade de sua posse sobre a área.

Na próxima semana o governador do Estado, Wilson Barbosa Martins, deverá ir a Brasília, para pessoalmente entregar a questão nas mãos do ministro extraordinário para Assuntos Fundiários, Danilo Venturini. Segundo o governador, esta é uma

questão social e humana, e todos os esforços estão sendo no sentido de resolver a situação sem derramamento de sangue e que seja satisfatória aos trabalhadores. Segundo eles, "não queremos favor e nem terra de graça, estamos reivindicando nossos direitos. Queremos pagar esta terra com a produção".

O cerco policial, com o apoio logístico da Someco, continua. O governo está investigando o envolvimento da PM com a colonizadora. No entanto, o secretário de Segurança Pública, Aleixo Paraguassu, considerou normal a ajuda dada pela empresa para a PM.



#### **Bispo morre em Itaiçi**

ITAICI — O bispo aposentado de Januária (MG), dom João Batista Przyklenk, morreu ontem, em Itaiçi, durante os trabalhos da 22ª Assembléia-Geral da CNBB. Dom João, de 68 anos, presidia a Comissão Especial que elaborava um texto sobre adaptações do Direito Canônico ao Brasil. Por volta das 17 horas, depois de apresentar várias sugestões para a redação do documento, sentiu-se mal e foi atendido imediatamente pelo médico que acompanha dom Aloisio Lorcheider, dr. Humberto Silveira Cosentino. Alguns minutos depois, apesar de várias tentativas de reanimação, entre elas a massagem e respiração boca a boca, dom João Batista morreu de parada cardíaca. O ex-bispo de Januária nasceu em Brandewalde, na Alemanha, foi ordenado padre em 1940, no Rio Grande do Sul, e chegou ao episcopado em 1962, na Alemanha. Fez seus estudos primários na Baviera, estudou filosofia na Holanda e formou-se em Teologia em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. Fez curso de Direito Canônico em Roma.

#### **Marchezan prevê negociação**

BRASÍLIA — O presidente Figueiredo deverá aproveitar este novo ciclo de viagens aos Estados para trocar idéias com os governadores de oposição acerca da sua proposta para um amplo entendimento nacional. Foi o que declarou ontem o líder do governo na Câmara, Nelson Marchezan. "Uma coisa é certa — disse. Nenhum entendimento se tornará viável se não tiver a participação do presidente Figueiredo".

4/5/84 PFR



# D. Luciano adverte para deterioração social

**CARLOS DE OLIVEIRA**

Enviado especial a Itaipu

O secretário-geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), dom Luciano Mendes de Almeida, afirmou ontem, em Itaipu, município de Indaiatuba — onde participa da Assembléia-Geral dos bispos de São Paulo —, que seria lamentável se o atual estado de deterioração do corpo social brasileiro levasse a uma explosão popular. De acordo com o bispo, a crise econômico-social que o País atravessa “está requerendo medidas eficazes e urgentes, para que não cheguem tarde demais. Estamos realmente com o corpo social doente e seria lastimável que o indicador desta doença fosse a explosão”.

Para dom Luciano, os efeitos da deterioração social são evidentes entre os trabalhadores rurais e urbanos “que cada vez menos recebem os efeitos da solicitude do sistema e são colocados em segundo nível”. O secretário-geral da CNBB opina que os trabalhadores rurais deveriam receber assistência para encontrar trabalho e melhores condições de vida. Destacou que nas grandes cidades “os operários têm-se encontrado em situação de desespero, em razão do desemprego, agravada pelos gastos com água, luz, saúde e transporte, entre outros”.

Concretamente, para dom Luciano, deveria se dar ênfase à solução dos problemas habitacionais, “no momento, a principal preocupação dos trabalhadores de São Paulo. As prestações do BNH são maiores do que a capacidade de contribuição do operário e isso desespera”.

Diante desse quadro, a missão da Igreja, segundo o bispo, “é, em primeiro lugar, afirmar os valores éticos intrínsecos ao trabalho, ao salário justo e às estruturas que



D. Luciano: a situação requer medidas eficazes e urgentes

promovem esses elementos. Em segundo lugar, é missão da Igreja promover na sociedade a consciência do valor do operário enquanto pessoa humana que exige, já, medidas de atendimento que o façam capaz de atravessar a crise, que ele não criou,

até que as estruturas sejam adequadas”.

Na opinião de dom Luciano, “cabe à Igreja recordar o débito da sociedade para com as vítimas do desemprego. Existe um débito social em cobrança, que requer medidas urgentes. Isso é um dever da Igreja, na sua missão de salvaguardar os valores éticos e defender essas causas justas”.

## “O mundo do trabalho”

Os bispos do Estado de São Paulo, ligados ao Secretariado Regional Sul-1 da CNBB, iniciaram ontem sua assembléia-geral para debater o tema “O mundo do trabalho na roça e na cidade”. De acordo com o presidente da entidade, dom Angélico Sândalo Bernardino, a intenção do encontro é descobrir pistas concretas capazes de minimizar a “dura realidade dos trabalhadores rurais e urbanos”. Nesse sentido, é provável que os bispos apontem a reforma agrária como uma das soluções, aliada a uma séria política de geração de empregos nas grandes cidades.

Ontem, com base em explicações de lavradores, os bispos fizeram um estudo na realidade no campo. Assim, os principais problemas do trabalhador rural são a sua ainda precária organização em sindicatos e associações, a não participação na terra, o êxodo rural, a impossibilidade de saldar financiamentos e a total falta de assistência aos bóias-frias.



Alguns lavradores denunciaram que o acordo entre usineiros e bóias-frias, firmado logo após os incidentes de Guariba, está sendo desrespeitado em algumas regiões do Estado, especialmente nas áreas de Junqueirópolis e Tupi Paulista, onde usinas não estariam registrando em carteira os trabalhadores empregados no corte da cana-de-açúcar. Hoje à noite, os bispos já deverão apresentar as primeiras propostas para a atuação pastoral da Igreja Católica em São Paulo no meio rural. Amanhã, o bispo de Santo André, dom Cláudio Hummes, falará sobre a situação do trabalhador urbano.

INSTITUT für  
BRASILIANKUNDE e. V.

## CARITAS DIOCESANA DE NOVA IGUAÇU

Projektbeschreibung

Nova Iguaçu, den 22. 6. 1984

Sehr geehrte Damen und Herren,

wie Sie vielleicht wissen, ist Nova Iguaçu eine riesengroße Peripheriestadt in der Bannmeile von Rio de Janeiro. Sehen Sie, vor 50 Jahren war Nova Iguaçu noch ein kleines Landstädtchen, 40 Kilometer von der Stadt Rio entfernt, mit 30.000 Einwohnern. Seitdem wurde in Brasilien der Industrialisierungsprozeß immer mehr beschleunigt. So wurden auch in Nova Iguaçu viele größere und kleinere Industrien geschaffen. Rio de Janeiro und São Paulo haben sich dann als große Industriezentren Brasiliens herausgebildet. Diese Städte und ihre Umgebung sind sehr schnell gewachsen und so hat Nova Iguaçu heute über eine Million Einwohner.

Es ist möglich, daß Sie schon etwas über die agrarische Struktur in Lateinamerika und auch in Brasilien erfahren haben. Das ganze Land wurde mit der Zeit, Eigentum von wenigen Großgrundbesitzern. Dieses Land wird heutzutage meistens für Monokultur oder Viehzucht benutzt. So ein agrarisches System braucht keine großen Arbeiterkontingente. Infolgedessen sind in den letzten Jahrzehnten, die Landarbeiter vom Land vertrieben worden. Weil sie nicht wissen, wohin sie gehen sollen, kommen sie mit ihren Familien zur Peripherie der großen Städte, wie Rio und São Paulo. Hier hoffen sie Arbeit und Lohn in den Industrien zu finden, damit ihre Familien die unmenschliche Lebensbedingungen überwinden können.

In Brasilien gibt es eine historische Konzentrierung der Reichtümer, die eine grausame Kluft bildet zwischen der großen Mehrheit der Bevölkerung, die arm ist, und den wenigen, reichen Millionären, die immer reicher werden, auf Kosten der Armen, besonders der Arbeitermassen. Nebenbei erlebt Brasilien heute eine schwere ökonomische Rezession. Das kann man sofort merken, wenn man, zum Beispiel nach Nova Iguaçu kommt. Viele von diesen vertriebenen armen Familien, die nach hier gekommen sind, um ein besseres Leben zu finden, laufen heute auf den Straßen unserer Stadt herum, ohne Arbeit, ohne Lohn, ohne Wohnung, oft ohne etwas zu essen.

Um die Sache noch mehr zu komplizieren, kommen diese emigrierten Familien nach Nova Iguaçu ohne die erforderlichen Dokumente, die zum Bürgerrecht gehören. Ohne diese Papiere ist es einfach unmöglich, eine Arbeitstelle zu bekommen oder die Kinder die Schule besuchen zu lassen. Der Mangel an diesen notwendigen Dokumenten bildet ein wahres soziales Problem in Brasilien, besonders in den Großstädten. Im Inland waren sie nicht wichtig und so lebten die Landarbeiterfamilien da, ohne sich damit zu beschäftigen. In der neuen Lage ist es dringend nötig, daß sie diese Dokumente haben, damit der Familienvater Arbeit finden kann und damit die Kinder in die Schule eintreten dürfen.

Unsere "Caritas Diocesana" unterhält eine Dienststelle, um diesen Leuten die nötigen bürgerlichen Dokumente und Urkunden zu beschaffen. Eine zusätzliche Schwierigkeit besteht darin, daß die Mehrheit dieser Leute aus den anderen, fernen Bundesstaaten gekommen ist. Man muß jeden Tag mehrere Anträge an die Notariate anderer Staaten schreiben, damit sie Geburtsurkunden, Standesamt- und Trauscheine dieser Leute schicken, damit sie ihre augenblicklichen Schwierigkeiten lösen können. Aus unserer Erfahrung sind wir tief überzeugt, daß dieser Dienst eine große Hilfe bedeutet, damit diese armen Leute vorwärts gehen können.

Um diese Dokumente zu kriegen, müssen wir viel Geld aufbringen, weil die Kosten hoch sind. Sehen Sie, die Kosten der Geburtsurkunden staffeln sich nach dem Alter des Kindes. Das kann nur in Brasilien geschehen, glaube ich. Ich füge diesem Brief eine Übersicht bei, in dem Sie etwas von dieser unserer Arbeit erfahren können. Aus diesem Bericht können Sie ersehen, welche Dokumente unsere Leute brauchen, um eine Arbeitstelle zu kriegen und den Kindern den Schulbesuch zu ermöglichen. Wir besorgen eine größere oder kleinere Zahl von Dokumenten in der Proportion zu der Summe Geld, die wir zu diesem Zweck zu Verfügung haben. Im Moment bestreiten wir die Ausgaben von der Geldsammlung unserer "Campanha da Fraternidade" (Aktion für Brüderlichkeit, eine Art Fasten-



# Igreja não retrocede, afirma d. Luciano

Da Sucursal de Brasília  
 Há unanimidade dentro da Igreja. A partir de agora, a hierarquia cederá mais espaços para o laicato, mas sem retroceder. Esta é a opinião do secretário-geral da CNBB, dom Luciano Mendes de Almeida, ao comentar a mensagem proferida pelo presidente da entidade, dom Ivo Lorscheiter, no programa "A Voz do Pastor", em Santa Maria (RS). Na mensagem, dom Ivo afirmara que a Igreja deve mudar de atuação, entregando aos leigos a organização da sociedade. Disse ainda dom Ivo que esses leigos devem estar "maduros e imunes a ideologias escravizantes".

"Não se trata de a Igreja retroceder — afirmou Dom Luciano — em sua atuação, nem de ocupar a retaguarda no processo nacional, mas de atuar, preferencialmente, através do laicato consciente e preparado em todos os campos da vida social e política. A voz dos pastores continuará anunciando e denunciando, mas a isto se somará, cada vez mais, a atuação dos cristãos comprometidos com sua fé."

Dom Luciano chamou ainda atenção dos leigos sobre o momento político, afirmando: "Nesse momento da História, há dois radicalismos

que escravizam a mente despreparada e desmunida do senso crítico. Há os que exacerbam a liberdade pessoal e desconhecem as exigências da justiça, concedendo direitos absolutos às pretensões da realização pessoal. E há os que, diante das desigualdades sociais pretendem, a ferro e fogo, atropelando liberdades pessoais, instaurar regimes autoritários, sob a capa de humanitarismo social.

Só a consciência crítica poderá discernir as exigências da liberdade e da justiça sem lesar nenhum desses valores."

A transferência gradual de alguns trabalhos que até agora foram desenvolvidos apenas pela Igreja, para os leigos, foi amplamente discutida na última reunião do Conselho Permanente da CNBB. O assessor político da entidade, padre Fernando Bastos D'Ávila, apresentou aos bispos um documento sobre a realidade nacional, que foi tema de debates do Conselho.

Além disso, há alguns meses, a CNBB vem programando seu trabalho de educação do laicato, que se desenvolverá em todas as comunidades católicas.

## D. Mauro diz que permanece a tarefa de incentivar o povo

Da Sucursal do Rio  
 Ao comentar as novas tarefas que o presidente da CNBB, d. Ivo Lorscheiter, previu anteontem para a Igreja, o bispo de Duque de Caxias, na baixada fluminense, afirmou que "neste instante a Igreja tem de continuar animando o processo de participação do povo na vida nacional". Na sua opinião, o País ainda está longe da democracia e deve-se exigir muito da Igreja para que o pacto social que se delineia seja construído "em cima da verdade e de uma profunda sinceridade com o povo". O bispo fez, no entanto, uma ressalva ao pronunciamento de d. Ivo. Para d. Mauro, o presidente da CNBB falou como bispo de Santa Maria e não pela entidade, já que a orientação pastoral da Igreja brasileira só pode ser mudada em Assembleia Geral da CNBB. No momento, e para os próximos dois anos, o que orienta o trabalho católico é o Documento 28 da CNBB, "Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil".

A Assessoria de Comunicação Social da Arquidiocese do Rio informou que d. Eugênio Sales não comentaria o pronunciamento de d. Ivo.

## D. Cândido confirma a adoção da nova estratégia de ação

Reportagem Local  
 "A Igreja quer, atualmente, que os leigos assumam, cada vez mais, a sua missão, no contexto sócio-político", afirmou ontem o bispo de Bauru e ex-representante da CNBB junto ao Celam (Conselho Episcopal Latino-americano), d. Cândido Padin, enfatizando seu apoio ao pronunciamento de d. Ivo Lorscheiter, presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, sobre a nova estratégia de ação da Igreja no próximo ano. D. Ivo deu prioridade à formação de "um laicato maduro".

Para o bispo de Bauru, "o papel que a hierarquia da Igreja exerceu no Brasil, nos últimos anos, foi em grande parte, supletivo, dadas as dificuldades de atuação direta dos próprios leigos". Observou que "cabe aos leigos uma atuação a partir de suas responsabilidades profissionais e técnicas" e que "cada um, no seu setor, deve manifestar as aspirações dos participantes da vida social e política".

Assinalou, contudo, que "sempre caberá à hierarquia da Igreja pronunciar-se oportunamente a respeito dos valores éticos e religiosos relacionados com a ordem social e política".

aktion), die wir einmal im Jahr durchführen. Aber die Leute, die zu unseren Gemeinden gehören, sind auch arm und der Zuschuß, den wir von der Campanha da Fraternidade bekommen, ist kaum genug, um die genannten Ausgaben für zwei Monate zu bezahlen. Oder wir sind gezwungen, weniger Bewerbungen entgegenzunehmen. Wenn wir mehr Geld haben, dann sind wir in der Lage, mehr Leuten zu helfen.

Wir glauben, daß dieses Projekt nicht nur augenblickliche Nöte isolierter Personen lindert, sondern auch eine Veränderung der Lebensbedingungen erreicht. Wie schon gesagt, mit dieser Personal-Dokumentation kann ein armer Familienvater Arbeit bekommen und den Kindern den Schulbesuch ermöglichen. In unserer brasilianischen Lage stellt es einen großen personellen Fortschritt dar. Erst wenn die Leute arbeiten dürfen und Löhne kriegen und die Jugendlichen und Kinder die Schule besuchen, sind sie in der Lage, zu kommen, sich zu versammeln, sich zu vereinen, ein neues Bewußtsein zu entwickeln, um dann soziale Kraft zu haben, die Strukturen zu ändern. Ein arbeitsloser, hungernder Mensch ist nicht in der Lage, Strukturen zu verändern. Ihm muß konkrethelfen werden, um dahin zu kommen. Die Strukturen zu ändern, das ist unser Ziel; aber es sind viele andere Schritte vorher nötig, die noch nicht getan wurden und die getan werden müssen, damit unsere Arbeit nicht in Utopien verfliegt. Wir sind fest davon überzeugt: dieses notwendige Projekt ist eine echte

"Hilfe zur Selbsthilfe".

*Luís Thomaz OFM*

P. Luís Thomaz OFM - Caritas Diocesana  
 Rua Capitão Chaves, 60 - Centro  
 26000 Nova Iguaçu, RJ - Brasilien

### PROJEKT: "Ausweisdokumente für Flüchtlinge und Zuwanderer"

#### 1. Ausstellung einer Geburtsurkunde (Original):

Alter	Preis/Person		
bis 15 Tage	10,00 DM	bis 15 Jahre	25,00 DM
bis 3 Jahre	18,00 DM	bis 21 Jahre	35,00 DM
bis 6 Jahre	20,00 DM	bis 30 Jahre	50,00 DM
bis 10 Jahre	22,00 DM	üb. 30 Jahre	60,00 DM

Insgesamt wurden dafür im Monat Juni 1984 2.091.000 Crz (= ca. 3.485 DM) ausgegeben.

2. Die Ausstellung der Abschrift einer Heiratsurkunde kostet jeweils 6,00 DM. Dafür wurden z.B. im Monat Juni insgesamt 510.000 Crz. = ca. 850 DM ausgegeben.

3. Monatslöhne der beiden Angestellten:  
 1 Sozialarbeiter(in) - 485,88 DM  
 1 Sekretärin - 323,92 DM.

Bei der Umrechnung wurde ein Wechselkurs von 600 Crz. = 1 DM zugrundegelegt.

Sie können bei diesem Projekt auch mit kleinen Beträgen z.B. 6,00 DM (Heiratsurkunde) oder 10,00 DM (Geburtsurkunde für einen Säugling) schon Hilfe zur Selbsthilfe leisten.

Den Betrag überweisen Sie bitte auf das Konto des Instituts für Brasilienkunde e.V. Nr. 90171400 (BLZ 403 619 06) bei der Ibbenbürener Volksbank oder auf das Postscheckkonto Nr. 310477-309 beim Postscheckamt Hannover unter dem Stichwort "Urkunde" oder "Geburtsurkunde" oder "Heiratsurkunde" oder "Monatslohn". Falls Sie eine Spendenquittung wünschen, vermerken Sie das bitte auf Ihrem Einzahlungsschein.

INSTITUT FÜR BRASILIENKUNDE  
 SUNDERSTR. 15  
 TELEFON 05452/2358  
 4532 METTINGEN

Konto: Ibbenbürener Volksbank 90171400 - Postscheckkonto: PschA Hannover XXXXXX 3104 77-309



## D. Ivo acredita ser a hora de leigos assumirem a luta

Das Sucursais

"Não queremos que só os bispos falem sobre estes assuntos de ordem política e social. Até hoje a CNBB era uma voz isolada, que nos momentos mais difíceis assumia a palavra. Desejamos agora que os leigos, nos partidos, associações e sindicatos, falem e assumam a luta", disse ontem em Santa Maria o presidente da CNBB, d.Ivo Lorscheiter, ao explicar o sentido da sua alocução do dia anterior. D. Ivo observava que a tarefa da Igreja, no futuro, "deverá deslocar-se prioritariamente para outras áreas de ação, dentre elas a formação de um laicato cristão maduro, atuante, imune a ideologias escravizadoras, construtor de uma sociedade correspondente às exigências da fé". Revelou ainda que a Assembléia Geral da CNBB, em abril de 1985, debaterá o assunto.

A questão começa a ser levantada porque em 1986, em Roma, será realizado o sínodo dos bispos sob o tema "O Papel dos Leigos na Sociedade e na Igreja". Assim, um dos objetivos de d. Ivo, ao lançar a idéia, foi o de verificar sua repercussão. "Hoje há mais espaço para todos se

manifestarem. Queremos evitar uma Igreja clericalista, induzindo assim a que os leigos ocupem estes vazios", disse.

Garantiu que a posição manifestada no programa "A Igreja e o Momento Nacional" retrata a posição oficial da CNBB, e reconheceu que a formação deste "laicato cristão maduro" auxilia na superação dos "equivocos das propostas marxistas e os erros do capitalismo". No entanto, em nada muda o pensamento atual da Conferência sobre a Teologia da Libertação.

D. Hélder

"A Igreja não vai mais precisar tomar a dianteira na cena política como vinha ocorrendo nos últimos vinte anos". Assim d. Hélder Câmara, arcebispo de Olinda e Recife, traduziu, ontem em Belo Horizonte, seu otimismo em relação aos novos rumos da política brasileira. "Agora, a hierarquia da Igreja vai atuar através do seu laicato, pois não é mais preciso falar em nome daqueles que já adquiriram vez e voz, mesmo que esta vez e esta voz não estejam ainda claramente definidas", completou.

## Burity apela aos agricultores

Preocupado com as crianças que estão acompanhadas de seus pais, em frente ao Palácio da Redenção, há mais de 48 horas, o governador Tarcísio Burity convocou uma reunião com as presenças de Álvaro Diniz, presidente da Fetag - Júlio César Ramalho, advogado dessa entidade - João Pereira Lacerda, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Pitimbu e Expedito Félix da Cruz, assessor sindical do Governo.

Na entrevista coletiva que prestou a jornalistas após a reunião, em caráter secreto, o governador Tarcísio Burity disse que apelou para o espírito humanitário das lideranças dos camponeses que estão em vigília na frente do Palácio solicitando a retirada da polícia e pedindo a desapropriação das terras conflitadas, para que solicitem aos pais destas crianças que as retirem do grande perigo a que estão sujeitas, ao serem expostas a ação inclemente da natureza.

Infelizmente - prosseguiu o governador - estes líderes me informaram que vão solicitar a retirada das crianças mas, antecipadamente, me disseram que não tinham força para convencer os camponeses a tirarem seus filhos da presença constante do perigo da morte pois, uma desidratação grave poderá matar uma criança destas em pouco tempo.

APELO A DOM JOSÉ

Diante da afirmativa das lideranças citadas - disse mais adiante o chefe do Executivo Estadual - eu estou enviando um telegrama ao arcebispo da Paraíba Dom José

Maria Pires, apelando para que o mesmo, usando a grande liderança que tem, diante de seu trabalho eficaz, junto aos mais humildes, que defende com muita justiça, onde solicito a sua interferência junto a estes pais que expõem seus filhos a estes graves perigos para que retire-os o mais breve possível.

A UNIÃO 18/12/82

## Dom José desafia o Governo

O arcebispo da Paraíba, dom José Maria Pires, desafiou ontem o governador Tarcísio Burity a "citar nominalmente os nomes das pessoas que estão fazendo agitação em Camucim, a quem se referiu, com tanto acinte, em entrevista divulgada pela imprensa". O desafio foi lançado, por telefone, no programa "Luz Otávio Informal", da rádio CORREIO. "Se o sr. Burity disse que toda a Nação conhece esses agitadores, — disse dom José — então é hora de citar os nomes, para que a Paraíba os conheça também".

Ao criticar Burity por sua entrevista publicada ontem no CORREIO,

o arcebispo lembrou que "a posição do Governador em relação aos problemas dos agricultores em Camucim tem sido de omissão e demagogia".

Lembrando as palavras de Burity, disse dom José: "O governador disse que é preciso que se cumpra a lei: pois é chegada a hora de

que faça cumprir, na Paraíba, o Estatuto da Terra, que até hoje não foi cumprido. Ou o Estatuto da Terra não é lei para o governador?".

Em sua entrevista ontem divulgada pela rádio CORREIO, dom José Maria Pires disse que "ninguém cala a boca do povo" e anunciou para toda a comunidade cristã da Paraíba uma campanha de ajuda aos camponeses de Camucim, "que estão precisando de alimentos, roupas e medicamentos".

Aceitaremos essa ajuda — acrescentou — também da parte do Governo, se ele estiver disposto a fazer alguma coisa pelos agricultores", e informou que os alimentos, medicamentos e roupas serão recebidos na Arquidiocese da Paraíba, por comissão criada para esse fim.

"Nós não incentivamos os agricultores a vir a João Pessoa procurar ajuda, mas já que eles vieram, então os ajudaremos", finalizou.

CORREIO 16/12/81

## Camponeses: não somos dirigidos

Em uma "carta as autoridades e à população", os agricultores da Fazenda Camucim, desde segunda-feira na calçada do Palácio, da Redenção, rebateram, ontem afirmativas do Governo de que seus protestos têm a inspiração de "elementos da Igreja,

do Partido dos Trabalhadores, do PC do B". No documento, os agricultores indagam: "Será que o governador quer dizer que nós e o nosso sindicato não temos cabeça para pensar e encaminhar nosso movimento dentro da lei?".

O NORTE 17/12/81





Dom Luciano Mendes vê dificuldades, mas acredita nas mudanças

## Dom Luciano agradece a Deus pela tranquilidade

O secretário geral da CNBB, dom Luciano Mendes de Almeida, 54 anos, disse que "é preciso agradecer a Deus pelo clima de tranquilidade e de esperança que se vive hoje no País". Observou que "todos sabemos quantas dificuldades deverão ser enfrentadas para que as classes desfavorecidas possam alcançar condições mais justas de vida. No entanto, a colaboração e a boa vontade de todos poderão acelerar as medidas urgentes de transformações em bem do povo".

Dom Luciano disse que a Igreja "pede a Deus para abençoar aqueles que recebem novas responsabilidades para com o povo, para que possam oferecer ao povo ampla participação com vistas a uma sociedade fraterna" e destacou que "todos os segmentos da sociedade são chamados a dar sua colaboração". "A Igreja procurará, sem dúvida, continuar no cumprimento de sua missão, em especial na formação das instituições e no empenho para que as medidas econômicas respeitem os valores sociais e que estas atitudes políticas se conciliem com as exigências éticas do primado da dignidade da pessoa humana, à luz da palavra de Deus".

O bispo de São Miguel Paulista (SP) e secretário do Regional Sul 1 da CNBB, dom Angélico Sândalo Bernardino, 52 anos, disse que "o Brasil está respirando esperanças com a escolha de Tancredo". Destacou ter gostado do discurso do presidente eleito, "sobretudo quando deixou claro que pretende introduzir reformas sérias que possibilitem, ao esmagado povo brasileiro, uma participação efetiva".

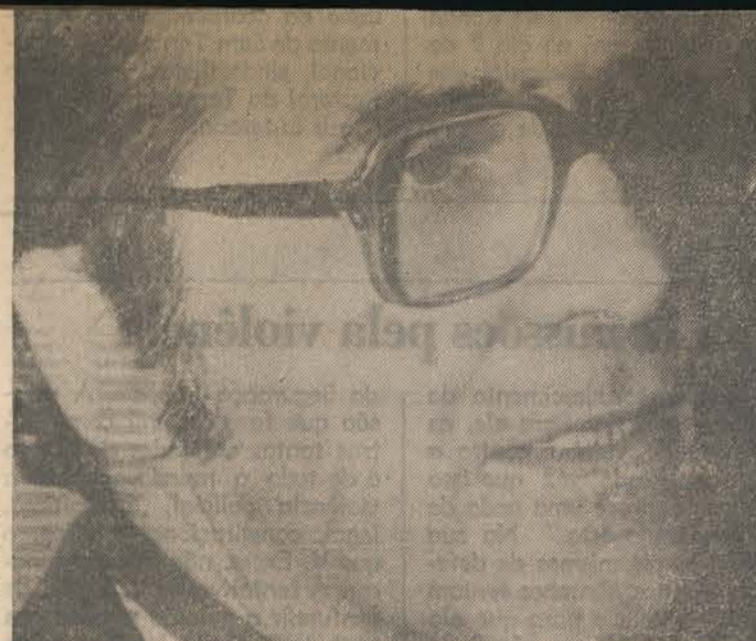
Dom Angélico observou que, "a par de alimentar esperanças", tem "um profundo receio de que os bons propósitos, enunciados no discurso de eleição, fiquem em palavras, porque o conjunto de forças que se coligaram para derrotar a ditadura é de uma terrível heterogeneidade".

Sobre o papel da Igreja no novo contexto político, afirmou que "a Igreja tem um papel específico que independe do atual momento e que deve continuar cumprindo e aprofundando: o de levar adiante, cada vez mais firmemente, sua opção preferencial pelos pobres. Isto deve desembocar, no aspecto político, na luta por uma Assembléia Nacional Constituinte em que as reformas de base exigidas pelo povo se façam reais e presentes".

16-1-85  
F88



Foto: Arquivo



## Dom Celso insiste na partilha durante a CF

"Fome de pão", "desemprego", "falta de terra" e "menor carente" foram os quatro "sobrenomes" da fome que a Região Episcopal Ipiranga detectou como problemas fundamentais a serem tratados durante a Campanha da Fraternidade deste ano. "Onde compraremos pão para tanta gente? Dai-lhes vós mesmos de comer" rezava o cartaz apresentado pelo setor Ipiranga na Missa do Lançamento da CF, acontecida na sexta-feira, dia 22, às 20 horas, na Igreja de São Judas Tadeu. Na Celebração da Eucaristia, presidida pelo Bispo Regional, D. Antonio Celso Queiroz e concelebrada pelo Presbitério da Região, participou um bom número de cristãos das 31 paróquias dos quatro setores da Região. Na mesma participaram ainda, representantes das diversas pastorais e dos vários centros comunitários.

O desemprego que vitima muitos trabalhadores, sobretudo, operários que moram na Região, foi aludido com a frase "Não há vagas, favor não insistir". Dom Celso, no ato penitencial, pediu perdão a Deus "porque disfrutamos dos bens que os operários produzem sem pensar quanto desemprego, salários baixos significam para eles". Não insistimos, não nos indignamos diante dessa situação, disse o bispo que concluiu, lamentando: "chegamos até a blasfêmia quando afirmamos que Deus quis assim".

"Senhor, que a terra que tu criaste seja repartida com justiça entre os irmãos", pediu Dom Celso. "Fazemos parte de

um país que vive no pecado", prosseguiu o bispo. "Neste ano, vários líderes foram assassinados porque lutavam pela terra, nem mesmo os índios escaparam", insistiu ele. Falando do menor carente, o Bispo da Região afirmou que a fome começa cedo, "antes do irmão nascer".

A Campanha da Fraternidade é um período de evangelização e de fraternidade, declarou o bispo na sua homilia. Fraternidade é partilha, continuou, e a verdadeira fraternidade é partilha "do que se é e do que se tem, com os irmãos". O bispo disse ainda que "não podemos começar a quaresma sem uma grande esperança no coração que o Espírito nos coloca. Essa grande esperança é que podemos mudar, e Deus nos dá forças para mudar através do seu Espírito que está no coração dos homens. Ele está onde o homem sofre, luta e trabalha. Queremos mudar por causa dos irmãos, pois eles precisam de nós. Queremos mudar nossas comunidades e paróquias por causa do povo dos nossos bairros, porque esse povo tem direito a uma Igreja mais presente que anuncie que o Reino chegou e que nesse Reino não pode haver fome".

Dom Celso concluiu apontando os contrastes entre as casas religiosas e as favelas, entre as paróquias ricas e as pobres e voltou a insistir na partilha. Finalmente, o bispo afirmou que "quaresma é arriscar um gesto que a gente não teve coragem de fazer".

113188  
080



## O caráter Bélico do drama do homem de hoje

213/85  
DH

D. BOAVENTURA KLOPPENBURG

No livro de Gênesis lemos a página bíblica referente à cidade de Babel e à sua torre (Gên 11, 1-9). Seus construtores tinham a intenção de levantar um monumento que deveria ser o mesmo tempo símbolo e foco de unidade. Mas foi precisamente nessa construção que os homens se encontraram mais dispersos que antes, confundidos na linguagem, divididos entre si e incapazes de consenso e de convergência.

Em sua recente Exortação Apostólica Re conciliatio et Paenitentia, o Papa João Paulo II recorre à fracassada construção da torre de Babel para ilustrar as conseqüências do pecado, que são motivos de divisão e de ruptura, não só no interior de cada homem, mas também nos vários círculos em que ele vive: familiar, ambiental, profissional e social.

Por que falhou aquele ambicioso projeto de Babel? Responde o Papa: Porque os homens tinham colocado como sinal a garantia da desejada unidade unicamente uma obra de suas mãos, esquecidos da ação de Deus. Eles calcularam apenas com a dimensão horizontal do trabalho e da vida social descurando a dimensão vertical, pela qual se teriam encontrado radicados em seu Criador e Senhor e voltados na direção dele como fim último de seu caminho.

Conclui então o Papa: "Pode-se dizer que o drama do homem de hoje, como o do homem de todos os tempos, consiste precisamente no seu caráter babilônico" (n. 13).

Já na narração do primeiro pecado no Éden encontramos este mesmo elemento que nos ajuda a compreender o pecado: a exclusão de Deus ou a ilusória pretensão de ser "como Deus" (Gên 3,5.22). É verdade que na narração de Babel a exclusão de Deus não aparece tanto em tom de contraste com Deus, mas como esquecimento e indiferença em relação a Ele, como se o mesmo Deus não merecesse nenhum interesse no âmbito dos desígnios empreendedores e associativos do homem.

Nas duas narrações bíblicas (Éden e Babel) a ruptura com Deus desemboca dramaticamente na divisão entre os homens. Na descrição do pecado do Éden a ruptura com Iahweh espedaçou ao mesmo tempo o laço da amizade que unia a família humana; o homem e a mulher apontam o dedo acusador um contra o outro (Gên 3,12), depois o irmão que, hostil ao irmão, acaba por tirar-lhe a vida (Gên 4,2-16). Na descrição de Babel a conseqüência do pecado é a desagregação da família humana, que agora chega ao extremo na sua forma social.

Dado que com o pecado o homem se recusa a submeter-se a Deus, também se transtorna seu equilíbrio interior, causando contradições e conflitos em seu íntimo. "Assim dilacerado, conclui o Papa, o homem produz, quase inevitavelmente, uma laceração no tecido das suas relações com os outros homens e com o mundo criado. É uma lei e um fato objetivo, que têm confirmação em muitos momentos da psicologia humana da vida espiritual, como aliás na realidade da vida social, onde é fácil observar as repercussões e os sinais da desordem interior".

É este, repito, o drama do homem de hoje. Já no Documento de Puebla denunciavam nossos Bispos a mesma raiz: "O homem moderno não conseguiu construir uma fraternidade universal na terra porque procura uma fraternidade descentrada e sem origem comum. Esqueceu que procedem do mesmo Pai" (n. 241). Por isso podiam declarar: "Sem uma radical união com Deus em Jesus Cristo, qualquer outra forma de comunhão puramente humana acaba se tornando incapaz de sustentar-se e termina fatalmente voltando-se contra o próprio homem" (n.273).

Porque o homem de hoje perdeu o sentido de Deus, eclipsou-se também o sentido do pecado. A consciência cristã elabora uma fina sensibilidade e uma perspicaz percepção dos fermentos da morte que estão contidos no pecado, com a capacidade de individualizar tais fermentos nas mil formas assumidas pelo pecado, nos mil carizes com que ele se apresenta. Era o que denominamos "o sentido do pecado" que tem sua raiz na consciência moral do homem e é como o seu termômetro. Pergunta o Papa: "Não vive o homem contemporâneo sob a ameaça de um eclipse de consciência, de uma deformação da consciência e de um entorpecimento ou duma anestesia das consciências? E João Paulo II recorda a declaração de Pio XII em 1946: "O pecado do século é a perda do sentido do pecado".

O eclipse do sentido do pecado impede-nos de perceber os fermentos da morte que ameaçam a humanidade. Os que ainda nos sentimos iluminados por Jesus, "a luz do mundo" (Jo 12,46) temos o grave dever de ajudar na dissipação das trevas para libertar o homem de hoje de seu drama babilônico.

Seria um rico capítulo para a boa Teologia da Libertação.

(§) Bispo Auxiliar de Salvador, doutor em Teologia e membro da Comissão Internacional de Teologia da Santa Sé.



## D. Avelar quer legalização dos partidos comunistas

A legalização dos partidos comunistas foi defendida ontem, em Salvador, pelo cardeal dom Avelar Brandão Vilela, arcebispo de Salvador e primaz do Brasil, ao receber o convite de elementos do Partido Comunista do Brasil (PC do B) para participar do ato pela legalidade da organização, marcado para amanhã. Dom Avelar, 72, considerou ser um direito "de qualquer grupo político defender a sua legalização".

Segundo ele, cada pessoa deve ter suas convicções e o homem que não as tem não justifica sua vida em sociedade. "Ele não só deve ter convicções, como capacidade de entender e respeitar as dos outros. Isso vale para os anticomunistas ferrenhos e para os comunistas", acentuou o cardeal, que se declarou adepto de uma sociedade democraticamente organizada.

O arcebispo voltou a fazer suas críticas às falhas do capitalismo e ao autoritarismo dos países comunistas. Para ele, as bases de uma convivência pacífica estão no respeito ao indivíduo e a sociedade. Na entrevista que concedeu ontem, na sua residência, dom Avelar anunciou a programação da Semana Santa, cujas comemorações terão início no dia 31 de março.

As comemorações da Semana Santa, segundo salientou, serão iniciadas com orações pelo restabelecimento

da saúde do presidente eleito, Tancredo Neves e com a procissão da fé e da esperança. Sobre a coincidência da data com o aniversário da revolução de 64, o cardeal comentou: "A Semana Santa tem dois mil anos e está vinculada ao Cristo que morre, sofre e ressuscita e acompanha a Igreja ao longo da História. O ciclo chamado revolucionário já se encerrou e não vejo razões para comemorações".

Referindo-se ao estado de saúde do presidente Tancredo Neves, dom Avelar, que em 1983 foi submetido a uma cirurgia semelhante (que lhe tirou 25 centímetros do intestino) e teve uma hemorragia, disse que o segredo da sua recuperação foi o descanso. Assim, para ele a situação de Tancredo Neves ainda é grave e observou que após a alta hospitalar ele deve procurar um local para repousar longe de todos os problemas.

— Afinal — comentou dom Avelar —, três operações em doze dias é uma violência tremenda ao organismo. E, na idade dele, apesar da sua resistência, é preciso que tenha um largo espaço de repouso, de obediência às recomendações de alimentação e não se queimar etapas.

Dom Avelar não esclareceu se estará ou não presente ao ato que defende a legalização do PC do B, a ser realizado amanhã.



## Bispos debaterão o tema na reunião de Itaici

BRASILIA — Com a ausência do Arcebispo de Olinda, Dom Helder Câmara, que estará em viagem ao exterior, inicia-se quarta-feira em Itaici (SP) a 23ª Assembleia Geral dos Bispos do Brasil. Durante dez dias, 284 bispos discutirão o tema "Liberdade cristã e libertação", a partir de um documento que analise a ação pastoral da Igreja no Brasil e também a contribuição da Igreja à Assembleia Nacional Constituinte.

A Constituinte não é um tema previsto na pauta, mas deverá ser debatida nesta ampla reunião de bispos. Segundo o Cardeal Primaz do Brasil, Dom Avelar Brandão Vilela, a CNBB formou uma comissão, integrada em sua maior parte por leigos, para recolher sugestões da comunidade para a nova Constituição e elaborar um documento final, onde a Igreja vai propor que não apenas os representantes de partidos, mas também de outros setores da sociedade, participem da Assembleia Constituinte.

O Presidente da CNBB, Dom Ivo Lorscheiter, explicou que esta iniciativa da Igreja tem uma "intenção democrática", pois o seu objetivo é estabelecer um processo participativo em que a representatividade popular seja a maior possível.

Também Dom Avelar Brandão Vilela entende que "o Brasil inteiro" deve ser ouvido na preparação de uma Nova Constituição e que a Igreja pode colaborar, recolhendo as sugestões nos seus organismos regionais.

O tema central da assembleia de Itaici será "Liberdade cristã e libertação", e decorre da necessidade de a Igreja do Brasil estudar a Teologia da Libertação depois da divulgação das instruções do Vaticano sobre o assunto em setembro passado. O Nuncio Apostólico, Dom Carlos Furno, estará presente à reunião dos bispos, informou a CNBB.

O documento preparatório da assembleia analisa a aspiração do povo à libertação, segundo o Secretário-Geral da CNBB, Dom Luciano Mendes, e nele se coloca as condições de miséria e sofrimento de grande parte do povo brasileiro. Além disso, faz uma reflexão bíblica e teológica sobre a atitude de Jesus Cristo diante da libertação.

Outros temas serão debatidos durante os dez dias de reunião dos bispos como a metodologia e conteúdo da Pastoral de Juventude no Brasil e o leigo no mundo e na Igreja. A equipe nacional de Pastoral da Juventude proporá aos Bispos o lança-

mento oficial do ano da juventude na Catedral de São Paulo dia 14.

Além dos bispos estarão presentes à assembleia de Itaici seis pastores evangélicos, 32 assessores, representantes de 17 organismos da CNBB, 14 subsecretários regionais e membros de 14 comissões regionais do clero.

### D. Paulo condena mudança de data

SÃO PAULO — O Cardeal-Arcebispo de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns, condenou ontem qualquer expediente golpista, como a antecipação da convocação da Assembleia Nacional Constituinte ou da eleição direta para a Presidência, em caso de impedimento definitivo do Presidente eleito Tancredo Neves.

— O Presidente eleito deve restabelecer-se e a Nação reerguer-se. A Constituição deve ser respeitada e o povo brasileiro merece esperança e respeito — afirmou, ao defender a democracia, "a nova era que está chegando", e a reorganização da sociedade.



17-4-85

## Religião

### Troca de comando

Nomeado o novo arcebispo de Olinda e Recife

**A**scensão de dom José Cardoso Sobrinho, 51 anos, ao posto de arcebispo de Olinda e Recife, consumada na semana passada, pegou de surpresa o clero e os fiéis pernambucanos. Há dois meses, seu nome passou a figurar nas listas de possíveis sucessores de dom Hélder Câmara, mas poucos esperavam que o papa João Paulo II confiasse a dom José o leme da mais importante arquidiocese do Nordeste, que abrange dezoito municípios pernambucanos, onde vivem 3 milhões de pessoas, além do Território de Fernando de Noronha. O nome mais cotado, até por ser aparentemente o preferido de dom Hélder — o arcebispo aposentado nega essa preferência —, era o de dom José Lamartine Soares, 58 anos, bispo auxiliar de Olinda e Recife, que o papa no mesmo dia designou arcebispo metropolitano de Maceió.

“Dom José era um bispo praticamente desconhecido por aqui”, informa um prelado nordestino. “Seu nome foi incluído nas listas porque estava fora do fogo cruzado que se estabeleceu em torno da sucessão de dom Hélder e porque, além disso, nasceu em Pernambuco.” Outro prelado da região fez um comentário ainda mais incisivo: “Dom José não passava de um azarão”. Nos meios religiosos, comenta-se que, enquanto dom Hélder trabalhava o nome de dom Lamartine e de outros bispos identificados com sua linha pastoral —



Dom José: no lugar de dom Hélder

sua lista também incluía dom Ivo Lorscheiter, presidente da CNBB, e dom Luciano Mendes de Almeida, o secretário-geral da entidade —, os conservadores pressionavam a Santa Sé com os nomes de dom José e dom Amaury Castanho, bispo de Valença, no Rio de Janeiro.

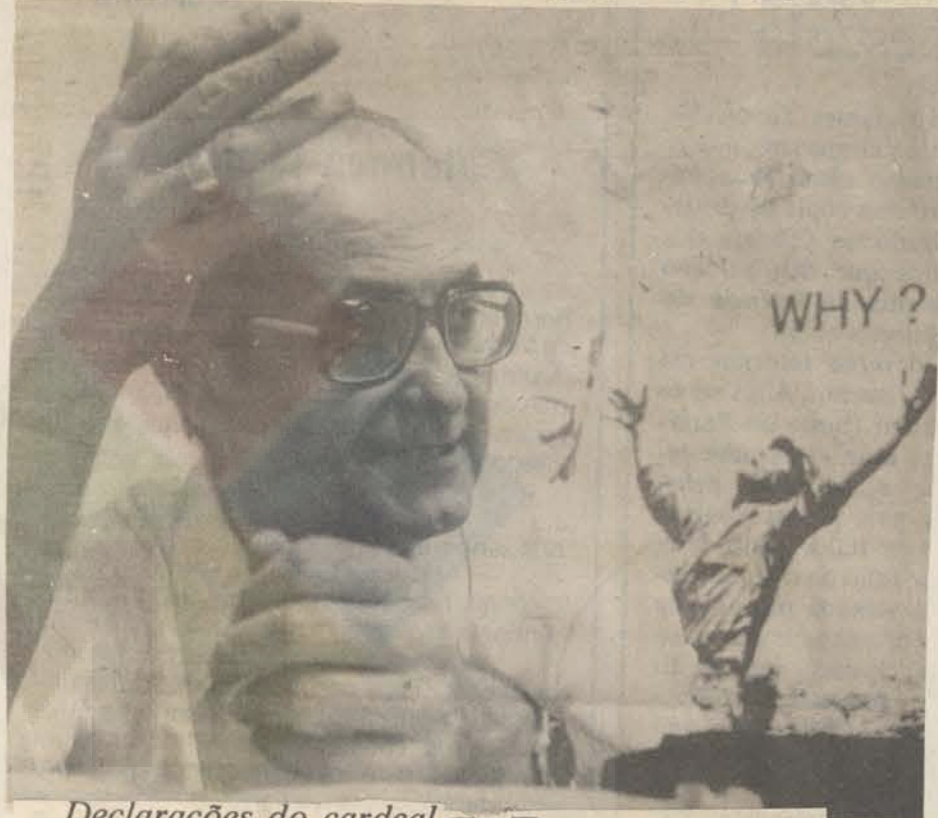
**ESTILO TRADICIONAL** — Sagrado em 1979 bispo de Paracatu, Minas Gerais, dom José sempre teve uma atuação recatada no panorama episcopal brasileiro. O cargo mais importante que ocupou na CNBB foi o de membro de sua comissão jurídica. Antes de ser nomeado bispo de Paracatu, viveu mais de vinte anos em Roma, onde se doutorou em Direito Canônico e Direito Civil, lecionando essas cadeiras no Colégio Internacional Santo Alberto, dos carmelitas, sua ordem religiosa. Introvertido, de poucas palavras, ocupa suas horas vagas com leituras sobre questões religiosas. Filho de família modesta da cidade pernambucana de Caruaru — seu pai era um artesão que fabricava selas para cavalos —, sentiu-se atraído pelo sacerdócio na infância e tornou-se um religioso de estilo tradicional. De seus cinco irmãos, dois também são religiosos: Maria Lúcia, 52 anos, freira beneditina, e Paulo, 50 anos, sagrado em março bispo de Petrolina, Pernambuco. Conservador para uns, moderado para outros, dom José tem à sua frente uma missão difícil. “Ninguém substitui dom Hélder”, avisa dom Lamartine, um dos candidatos supostamente preteridos. “Apenas o sucede.”



Dom Lamartine: enviado para Maceió



# Resposta de um <sup>14/5/85</sup> <sup>Td's</sup> bispo dos pobres a um purpurado da Cúria Romana



*Declarações do cardeal Dom Agnelo Rossi sobre as classes menos favorecidas do País — “os pobres são perdulários e indolentes que abandonam suas terras, entregando-se ao alcoolismo” — suscitam a indignação de Dom Mauro Morelli, bispo de Caxias e São João do Meriti que responde, neste artigo, ao membro da Cúria Romana e Presidente da Administração do Patri-mônio da Sé Apostólica.*

**M**eu concidadão e irmão bispo, o Cardeal Agnelo Rossi, encontra-se na Cúria Romana a serviço do Papa e da Igreja Universal, desde outubro de 1970. Por razões de serviço ou para descanso junto a seus familiares, periodicamente tem visitado o Brasil nos últimos quinze anos. Em cada uma de suas visitas, o cenário político-religioso brasileiro é agitado pelas declarações do Cardeal.

Através dos meios de Comunicação Social é montada uma encenação fictícia do Julgamento Final, numa versão que certamente não ocorrerá, segundo minha compreensão do Evangelho. Baterias são assestadas e projéteis disparados contra a atuação pastoral da Igreja Católica Apostólica Romana na conjuntura sócio-

política e econômica do Brasil. Como a guerra é generalizada, somos todos atingidos pelas saraivadas do Cardeal.

Como a sociedade brasileira não atingiu, ainda, elevado grau de secularização, seus pronunciamentos têm causado grande perplexidade dentro e fora da Comunhão da Igreja. Perplexidade é a expressão mais bondosa que encontro para empregar nestes comentários.

Não seria contra a vontade e a justiça, porém, afirmar que seus pronunciamentos têm causado constrangimento aos bispos e muito sofrimento dentro da Igreja.

E óbvio que, da mesma forma, seus pronunciamentos, durante os anos de terror que atravessamos, fortaleciam os inimigos da Nação brasileira.





Dom Mauro Morelli

Como legado do Papa, junto ao governo brasileiro, às exéquias do presidente eleito, Dr. Tancredo Neves, o cardeal bispo Agnelo Rossi entregou a amigos e aos Meios de

*“Desafio quem quer que seja a provar que a Igreja incentivou ou propôs a solução de nossos problemas pela violência”*

Comunicação Social um documento intitulado: “Verdades, erros e perigos na Teologia da Libertação”, datado de 19 de março de 1985, festa de São José, patrono da Igreja Universal. Tenho em mãos fotocópias desse documento, com correções manuscritas e a assinatura do Cardeal.

Como cidadão brasileiro e bispo na Igreja Católica Apostólica Romana, em dupla condição, pois, de igualdade com o concidadão e irmão bispo, venho a público para discordar das atitudes e das declarações do meu irmão na fé e na cidadania.

Historiadores, teólogos,

cientistas sociais, psicólogos, marxistas, irmãos de outras confissões cristãs, editoras católicas e a nação da Nicarágua, atingidos no documento endereçado à Teologia da Libertação, se desejarem ou julgarem conveniente, poderão, sem ajuda, apresentar à opinião pública crítica contundente às posições e conceituações sustentadas ou formuladas pelo Cardeal. Não creio que o façam, pois todo diálogo pressupõe certos postulados fundamentais!

*“Sinto profundamente que um irmão bispo venha com julgamentos generalizados e carentes de responsabilidade”.*

Limitar-me-ei, portanto, a tecer algumas considerações como bispo e cidadão brasileiro.

Na minha percepção, não creio que já exista uma escola de Teologia da Libertação, mas ensaios num processo de elaboração teológica.

É importante observar que teólogos latino-americanos encontraram inspiração, alento e alimento para suas refle-

xões teológicas no testemunho e na prática pastoral da Igreja na América Latina.

A Igreja, por sua vez, fundamenta sua vida e ação evangelizadora na teologia do Concílio Vaticano II, aplicada à realidade latino-americana pelas memoráveis Assembléias de Medellín e Puebla, realizadas por convocação, com a presidência e aprovação final dos Papas Paulo VI e João Paulo II, respectivamente.

No Brasil, a renovação da Igreja e sua atuação pastoral têm sido orientadas e acompanhadas pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, isto é, pela Assembléia Geral dos Bispos.

O episcopado brasileiro, na etapa final do Concílio (1965), ultimou e aprovou o primeiro Plano de Pastoral de Conjunto. Lembro, também, que a pedido de João XXIII e, já no pontificado de Paulo VI, tinha sido elaborado e aplicado o Plano Pastoral de Emergência. Nestes primeiros planos e nos subseqüentes, evidencia-se, cada vez mais, o engajamento da Igreja no estudo da realidade, na reflexão da Fé e na ação pastoral visando a promoção da justiça, da fraternidade e da solidariedade.

Na medida em que o terror assaltou a Nação brasileira, a Igreja no Brasil não fez elucubrações teológicas a respeito

do regime imposto ao povo do Brasil. Leigos, religiosos, religiosas, padres e bispos, por exigência do Evangelho, saíram em campo em defesa dos índios, agricultores, posseiros e trabalhadores.

Mortes, calúnias, discriminação e outras manifestações do poder do arbítrio caíram pesadamente sobre muitos membros da Igreja na luta pelos direitos humanos mais fundamentais e sagrados.

Desafio a quem quer que seja a provar que a Igreja tenha incentivado ou proposto a solução de nossos problemas pela via da violência. Pelo contrário, se não fora a atuação da Igreja, afirmo com modéstia e humildade (pois, ao lado do compromisso, estiveram presentes também, a indefinição e a omissão), o povo teria sido, provavelmente, esmagado numa terrível e caótica guerra civil que forçosamente eclodiria como resultado do desespero e da opressão.

Não pretendo ser dogmático na afirmação acima, mas como participante do processo histórico, percebo que a presença e a atuação da Igreja evitaram o agravamento da situação, contribuindo, ao mesmo tempo e de forma expressiva, para o processo de resistência cívica que levou a Nação à conquista da abertura política, naquilo que tem de legítimo e verdadeiro.

Sinto profundamente que um irmão bispo afastado de nossa Pátria por longos anos, distante e acima dos bispos que respondem pelas Igrejas locais no Brasil, venha com julgamentos generalizados e, por consequência, carentes de responsabilidade, lançar sobre toda a Igreja no Brasil suspeitas e condenações.

Dom Agnelo Rossi, que o cardinalato não faz parte da hierarquia da Igreja. A Igreja é regida, por mandato de Cristo, pelo Colégio de Bispos presidido, na caridade, pelo Bispo de Roma, Pastor da Igreja Universal, a quem o Cristo confiou a missão de confirmar na Fé os seus irmãos pastores.

Na prática atual da Igreja, o cardinalato é um serviço episcopal junto ao Bispo de Roma, na missão que também nos pertence, pela ordenação episcopal, de zelar pela Unidade da Igreja, pela Tradição Apostólica da Fé e pelo compromisso radical com a Evangelização, razão de ser da

Igreja no mundo. O que se espera de um cardeal é que seja Lembraria ao irmão bispo, o mais evangélico dentre os bispos.

Não desejo, nesta oportunidade, estender-me em considerações sobre problemas que afetam a Igreja, em todos os níveis, e que estão intimamente ligados à nossa missão episcopal. Omissão, luta pelo poder e neuroses não solucionam os problemas da Igreja, pelo contrário, os agravam. Tenho consciência de que a Igreja no Brasil também é imperfeita e pecadora. Por outro lado, a Igreja, no Brasil, também sofre por causa das imperfeições e pecados das Igrejas irmãs na Europa e em outras partes do mundo.

O venerando irmão bispo não ignora, também, que as Atas e Documentos da Conferência Nacional dos Bispos do

*“Lastimo que o documento não mencione os grandes pecados e pecadores que fizeram do Brasil uma terra de famintos, desenraizados e marginalizados”.*

Brasil são enviados à Cúria Romana e ao Papa. Na extensa lista de documentos da CNBB já publicados, apenas um documento — “Diretório para a Missa com grupos populares” — foi retirado de circulação e é objeto de um longo e inacabado diálogo com a Santa Sé. Recentemente, organismos da Santa Sé pediram à CNBB revisão de alguns pontos da Legislação complementar ao Direito Canônico. No mais, posso afirmar que os documentos que orientam a vida e a ação pas-

toral da Igreja, no Brasil, contam, pelo menos, com a aprovação tácita da Santa Sé.

É importante observar que, nos anos que atravessamos, a vida da Igreja, no Brasil, é orientada pelo documento “Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil”. A formação dos futuros padres segue orientação de documento aprovado, com elogios, pelo organismo competente da Cúria Romana.

Volto a insistir que nas “Diretrizes Gerais...” se encontra, de forma clara e sem ambigüidades, a posição da CNBB a respeito de questões que atormentam o meu irmão bispo, como a luta de classes e o que entendemos por “opção pelos pobres”. Uma opção que exige conversão própria Igreja e dos pobres, não apenas dos poderosos e ricos. Opção que não admite sofismas, atenuantes e gozações, mas que exige conversão radical à fraternidade, caminho que nosso pecado impede de percorrer. Diante desta opção, reconheço-me bastante omissos e pecador. Que cada um julgue a si mesmo!

Como brasileiro considero ofensivos, aos pobres e marginalizados, os conceitos emitidos no documento do brasileiro, Dom Agnelo Rossi, na sua análise da realidade brasileira sob os aspectos sócio-econômicos e políticos! A título de exemplo, vamos à seguinte afirmação: “Hoje é quase impossível encontrar um descendente de imigrantes na miséria!” Uma visita ao Rio Grande do Sul ou à Baixada Fluminense demonstra exatamente o contrário. Nem será necessário verificar a situação dos “imigrantes africanos” e sua sorte no Brasil de ontem e de hoje.

Onde fica esse Brasil em que trabalhadores, por causa de seu pecado pessoal, “não produzem mais e melhor e não sabem ou não procuram economizar?”!

Desde quando o pecado pessoal levou o pobre povo brasileiro a merecer esta terrível bofetada das mãos unidas do nosso concidadão e irmão bispo. “Mas também existem,



é mister dizê-lo, em alguns a indolência, o abandono das terras, o alcoolismo, gastos imprevidentes e exagerados, como de moradores de favelas que dispendem fartamente no Carnaval"!!!

Lastimo que o documento não mencione de forma clara e corajosa os grandes pecados e pecadores que fizeram do Brasil uma terra de famintos, desenraizados e marginalizados.

Quanto ao "abandono" das terras — baseado em fontes oficiais — informo ao concidadão e irmão bispo que os pobres brasileiros "abandonaram" nas mãos das corporações nacionais e transnacionais as suas ricas terrinhas! Pelo Brasil afora 12 milhões de "indolentes" cometeram esse crime de "abandono" e de lesa-pátria! Como consequência dos pecados pessoais dos pobres do Brasil, quatrocentos milhões (400 em 570) de hectares de terras agrícolas estão nas mãos limpas dos grandes proprietários agrícolas!!! Os quais, cinicamente, informam que, destes 400 milhões 200 não estão sendo utilizados! Baseado na teologia

do documento, concluiria que por causa dos pecados dos pobres existem as favelas e as periferias das grandes cidades e foi criada, por exemplo, a diocese de Duque de Caxias!

Não pretendo analisar todos os parágrafos do documento, pois extrapolaria os objetivos deste texto. Porém, não posso deixar de observar, ainda, que o concidadão e irmão bispo, não soube ler e ver, na agonia do Presidente eleito, que o povo brasileiro é profundamente religioso, solidário e desejoso de uma solução fraterna e pacífica para o descalabro institucional e social em que nos encontramos. Pregações e ações de violência não encontram a mesma resposta que a proposta de paz e de reconciliação fraterna. Com esta afirmação e nesta oportunidade não pretendo entrar no mérito das propostas da Nova República e nem na extensão e profundidade do caminho da reconciliação.

Não poderia, também, deixar de fazer um confronto das

visitas que meu irmão bispo nos fez com a Visita Pastoral do Papa João Paulo II à nossa Pátria em 1980.

Pastor da Igreja Universal, primeiro Bispo no Colégio de Pastores, sinal e guardião da Unidade da Igreja, o Papa veio de braços abertos ao encontro de todos: esteve no Palácio do Planalto e no barraco da favela. Rezou com a Igreja

*"Em nome do Evangelho, não jogue na praça pública a honra, a dignidade e a reputação dos filhos da Igreja, seus irmãos!"*

ja, exerceu seu magistério, revelou-se irmão dos bispos em cada localidade visitada. Pregou o Evangelho da Cruz com suas dimensões verticais e horizontais, com firmeza e sem ambigüidades. O Papa presidiu, na caridade, um grande encontro com seus irmãos, os bispos brasileiros. O Papa amou a Igreja, recebeu dela o amor, O Papa nos entendeu e nos confortou!

A maior prova disto foi o discurso feito aos bispos em Fortaleza. Para iluminar certos acontecimentos na Igreja, torno público que o Papa, no Brasil, alterou substancialmente o discurso aos bispos preparado em Roma. Três bispos, pelo menos, são testemunhas deste gesto de amor do Papa aos irmãos bispos. Mais do que isto, afirmo que o Espírito de Deus iluminou o Papa na sua peregrinação no Brasil. O discurso preparado em Roma não correspondia à verdade da Igreja no Brasil e não fazia justiça aos bispos brasileiros.



## Ponto de Vista

# O dever do religioso é obedecer

Dom Luciano Cabral Duarte

A recente punição que a Congregação para a Doutrina da Fé e a Congregação dos Religiosos aplicaram a frei Leonardo Boff, colocando-o num período de "obsequioso silêncio", durante o qual ele não poderá escrever livros e artigos, nem fazer conferências ou falar em público, além de afastar-se da direção da *Revista Eclesiástica Brasileira*, desencadeou uma incompreensível tempestade de protestos no Brasil e no mundo. O mais forte, a meu ver, partiu do frade franciscano nicaraguense Uriel Molina, que até há pouco tempo dirigia o Centro Valdivieso, a central da inteligência católica sandinista. Ele fez a seguinte pergunta: "Depois disto, como poderá a Santa Sé fazer o mundo acreditar que a mensagem do Evangelho é de liberdade?" Apesar de seu tom agressivo, a pergunta de frei Uriel Molina tem o mérito de nos colocar no centro do problema: o que é a liberdade, como a ensina Jesus Cristo? Certamente não é aquela liberdade que reivindicavam na semana passada, durante a visita de João Paulo II à Holanda, leigos, freiras e padres católicos daquele país. Eles exigiam do papa nada menos do que a liberação do aborto, do homossexualismo, das relações sexuais fora do matrimônio. Ora, o que na verdade queriam era um passaporte da Igreja para a devassidão.

Creio não estar enganado ao responder que, segundo o ensinamento de Jesus Cristo, liberdade é o poder que tem o homem de cumprir o seu dever. O animal irracional é tângido à ação cegamente, pela força impulsiva do instinto. A vontade do homem, ao contrário, é rogada pela claridade da razão a fazer o que é certo. E aqui está o nó górdio: o homem é livre, mas não é independente. Submetido, sem ser consultado, aos mil determinismos da natureza, ele é, além disso, solicitado a inclinar-se, por decisão sua, ante a voz de compromissos indeclináveis. Refiro-me aos compromissos brotados de sua condição humana e também aos engajamentos que, espontaneamente, ele assumiu na sua existência.

Isso cai como uma luva no caso Boff. Não podemos esquecer que sua punição ocorreu dentro da Igreja, entre pessoas da Igreja. Pois bem, ninguém é obrigado a fazer-se sacerdote, ou religioso, ou aceitar ser bispo, na Igreja Católica Apostólica Romana. Mas quem aceita as funções de conduzir o povo católico presta, previamente, um juramento de obediência. O padre faz isso na hora de sua ordenação sacerdotal, prometendo obediência ao seu bispo e seus sucessores. Boff prestou esse voto. O bispo também depõe o seu juramento de fidelidade e obediência ao papa nas mãos do núncio apostólico, quando este lhe comunica sua escolha, pelo sumo pontífice, para integrar o colégio dos sucessores dos apóstolos. E que ninguém apareça para sofismar, alegando que desobedecer às congregações romanas não significa desobedecer ao santo padre. Aí está o novo Código de



*Quem aceita as funções de bispo ou padre se obriga a ser fiel às leis da Igreja*

Direito Canônico para nos alertar, se for preciso, no seu cânone 360: "A Cúria Romana, pela qual o romano pontífice costuma tratar os negócios da Igreja universal, é que, em nome dele e com sua autoridade, desempenha sua função para o bem e o serviço das igrejas (...)"

É verdade que as decisões das congregações romanas não constituem sentenças inapeláveis. Quem tiver motivos para reclamar tem assegurado o direito de dirigir-se reservadamente ao papa, instância suprema e decisória em caráter mais alto. Mas, ao mesmo tempo, é obrigado, pela disciplina da Igreja, firmada em numerosos documentos desde o papa Pio IX até hoje, a não partir para nenhuma contestação pública. No entanto, constato amargurado que está acontecendo exatamente o contrário no caso Boff.

Na Europa, Hans Küng, ex-teólogo católico nascido na Suíça, aproveita o vendaval do caso Boff para sair do anonimato em que se encontrava e investir grosseiramente contra

João Paulo II, dizendo que a condenação do teólogo brasileiro "é mais um sinal da política de poder restauradora do papa Wojtyła". O dominicano belga Edward Schillebeeckx, professor na Holanda, declara que o que aconteceu foi "uma afronta à Igreja no Brasil". A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, em si, recusa-se a comentar o caso. Mas leio na imprensa, aturdido, uma lista de dez bispos ligados a ela, irmãos meus de episcopado, que se insurgem contra a punição da Santa Sé usando termos injuriosos. Um décimo primeiro bispo diz, à parte, num poema de imagens repletas de farpas, que "o silêncio imposto ao frade é estupidez do homem".

De minha parte, sofro com essa dilaceração dos pastores da Igreja no Brasil, mas prefiro que o abscesso da desunião episcopal, há muito tempo latejando, finalmente seja lancetado. Lembro a esses meus irmãos que Roma, ao punir Boff, simplesmente cumpriu o seu dever — e o fez com discrição, moderadamente. Se não o fizesse, incorreria numa omissão de suas obrigações. Portanto, suplico a meus irmãos, pastores do povo de Deus no Brasil: lembremo-nos todos de que fomos constituídos como tais para o bem dos batizados. Evitemos, assim, que o Brasil se transforme numa nova Holanda, onde os próprios católicos acabam de cobrir de vexames e afrontas o sucessor de Pedro. Meus irmãos e sucessores dos apóstolos: lembrem-se de seu juramento de fidelidade a Pedro e se retratem de público, como pública foi a manifestação de rebeldia de vocês. Atitudes como a que vocês tomaram no caso Boff podem desencadear desastrosas consequências na Igreja do Brasil.

Dom Luciano Cabral Duarte é arcebispo de Aracaju



## Um dia na vida de DOM LUCIANO

Mateus Mateus



D. Luciano, criador da Pastoral do Menor, começa a trabalhar às 5h30 e não tem hora para descansar

## O bispo dos miseráveis da zona Leste e seu pátio dos milagres

**RICARDO KOTSCHO**  
Do Reportagem Local

Quarta-feira, 5 de junho —um dia como os outros na vida de Luciano Pedro Mendes de Almeida, carioca de 54 anos, fala mansa e jeito de mineiro, cabelos grisalhos atacados por uma caspa incurável, um homem de estatura mediana que anda sempre de terno preto e camisa branca abotoada até o colarinho. Secretário-geral da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) desde 79 e bispo da Região Episcopal Belém, na zona Leste de São Paulo, há nove anos e três meses, criador e coordenador da Pastoral do Menor, d. Luciano nasceu mesmo para ser padre. Não poderia ser outra coisa na vida, como os leitores constatarão

logo neste relato sobre seu inacreditável cotidiano.

Combinamos nos encontrar às 5h30 na sua casa, um modesto sobrado geminado na rua Cajuru, perto do largo São José de Belém. É a hora em que normalmente começa seu dia que ele nunca sabe quando vai terminar. Faz um frio danado, os operários caminham apressados para os pontos de ônibus, soltando fumaça pela boca. Há luzes acesas na casa do bispo, que reclama uma boa pintura.

Irmã Carmem, franzina religiosa que há anos acompanha d. Luciano, vem atender à porta: "Ele pediu desculpas para vocês. Falou para esperarem um pouquinho. Ficamos pelejando com uns bêbados aqui até agorinha há pouco e ele foi descansar

um tempinho. Não convido vocês para entrar porque ainda tem um bêbado dormindo na sala..."

Todo dia é assim, diz ela, balançando a cabeça. D. Luciano tinha chegado em casa à uma da manhã, depois de rezar uma missa na favela Sinhá; resolver o problema de um casal de São Mateus, que quer se aposentar mas não tem a documentação em ordem; visitar um padre que está doente no Jardim Colonial e outro que aniversariava em Sapopemba; fazer uma palestra sobre a Pastoral do Menor num encontro de casais, no Colégio São Luís, e visitar a mãe da sua secretária Doraci, que sofrera um enfarte fulminante e estava internada no Hospital Matarazzo.



Quando chegou em casa, encontrou a confusão armada. O pintor desempregado João Moreira Filho, 42, quatro filhos, tuberculoso e com problemas mentais, mais uma vez se embriagou e veio pedir ajuda ao bispo, como sempre faz nos momentos de desespero. O bispo não estava. Mas, não acreditando na palavra de irmã Carmem, João começou a esmurrar e a dar cabeçadas na porta, tentando arrombá-la. Ele faz parte de um grupo de uns vinte homens em situação de absoluta indigência que frequentemente vêm durante a noite pedir ajuda ao bispo. Fora esses, há os necessitados eventuais, de tal forma que todas as noites o movimento na casa 774 da rua Cajuru vara a madrugada, transformando o pequeno jardim num verdadeiro pátio de milagres enfeitado por algumas roseiras.

O dia está clareando. D. Luciano acordou, depois de dormir menos de três horas. Tossindo muito, os olhos lacrimejando de sono — problema crônico que já lhe valeu uma miobite —, o bispo pede desculpas mais uma vez pelo atraso e vai logo tratando de dar início à sua rotina diária. O desjejum se resume numa xícara de café tomada às pressas e uma bolacha.

Acima da porta da sala de visitas, onde o pintor desempregado ainda dorme, lê-se num painel: "Senhor, assim como falas comigo através da Tua criação, fala de Jesus aos outros através de mim." Sobre uma cômoda no hall da escada há uma imagem de Nossa Senhora. São os únicos sinais de que esta é a casa do bispo.

D. Luciano veio morar aqui há cinco anos. Era a casa do vigário do Belém, padre Antônio Bonfante, que pouco depois voltou para a Itália. A antiga residência episcopal foi transformada em sede do Centro Social do Belém, criado por d. Luciano. Nos fundos, há um quarto de hóspedes, permanentemente ocupado por doentes que saem dos hospitais e não têm para onde ir.

Depois de acordar o hóspede da sala de visitas e ver como ele estava passando, d. Luciano dá uma olhada

na sua agenda. O primeiro compromisso oficial é às 9h: reunião com os 110 padres da Região Episcopal Belém. Primeiro jesuíta a ser sagrado bispo no Brasil e a trabalhar numa diocese, em março de 76, ele me diz que esta sua atividade pastoral em favor dos desamparados não é propriamente uma opção, mas uma necessidade.

"De duas uma: ou você blinda a porta da casa ou entra em comunhão com eles. Esta é uma exigência do lugar, uma região pobre, desativada da cidade. Os que me procuram não têm mais a quem recorrer. Os serviços sociais do Estado são limitados."

O caso de João é um bom exemplo, afirma ele. Há um mês deixou de receber pensão por invalidez porque, segundo os médicos do Inamps, tem condições de trabalhar. Mas não arruma emprego porque é obrigado a tomar tranquilizantes e não tem condições de subir uma escada. "É um caso que não tem solução. Eu não posso curá-lo e não posso obrigar o Estado a lhe dar uma pensão."

No começo, quando chegou à diocese, lembra o bispo, era mais fácil resolver estes problemas. Bastava dar um prato de sopa, um dinheiri-

nho, um remédio, uma carta de recomendação, uma palavra de consolo. "De três anos para cá, a situação piorou muito. O desemprego aumentou, as instituições estão oneradas, as pessoas cansadas. Há uma certa faixa de sofrendores que exagera, extorquente, no desespero. O relacionamento franciscano com o pobre se tornou mais violento, é árduo, incompreendido. As pessoas não entendem. Achar mais fácil chamar a polícia. Os pobres brigam entre eles, por nada, por uma ponta de cigarro. Muitas vezes sou obrigado a apartar as brigas no berro. Mas também não sou nenhum Tarzã..."



"Os que me procuram não têm mais a quem recorrer"

João conta a d. Luciano que seu aluguel vai passar de Cr\$ 60 mil para Cr\$ 150 mil e ele não sabe como vai fazer. "Vivo na base da humilhação. Eu não tenho parentes para me ajudar. Só tenho esse amigo aqui, que para mim é mais do que um pai. Sabe o que é um pai?" pergunta o pintor, apontando para o bispo. "Não conheço outra pessoa tão humana." Antes de ser suspensa a pensão, João recebia Cr\$ 135 mil, o que hoje não daria nem para o aluguel.

D. Luciano vai atender o primeiro telefonema do dia. "Não há de ser nada, Deus é Pai", diz, antes de desligar. Nem um minuto depois, ligam da CNBB, de Brasília. O secretário-geral, que passa metade do mês lá e metade em São Paulo, dá instruções para o envio de documentos ao Vaticano.

Tanto em São Paulo como em Brasília, d. Luciano costuma rezar missa todos os dias às 7h15, mas hoje, com o problema de João, ele se atrasou. Ainda há tempo, porém, antes da reunião com os padres, de fazer o que mais gosta na vida: visitar as crianças dos centros comunitários que ele mesmo ajudou a criar, em sua maioria filhos de mães solteiras que moram nos cortiços da região. Um em cada três dos dois milhões de habitantes da sua diocese mora em cortiços. Na cidade toda, informa o bispo, a população encortificada chega a 3,8 milhões de pessoas e os favelados beiram um milhão. Ou seja, metade dos dez milhões de habitantes de São Paulo mora em sub-habitações.

Vamos primeiro ao Centro Educacional Comunitário São Francisco de Assis, no Brás, instalado há um ano numa escola técnica que só funciona à noite. "O dono da escola nem católico é, mas nos cedeu as instalações durante o dia sem cobrar nada." D. Luciano não tem carro, só anda de carona. Do táxi que serve a reportagem da Folha ele avista uma jovem caminhando na calçada: "Aquele menina é a Alice. Fez dezito anos há dois dias. Os pais morreram e depois ela foi abandonada pelo casal que adotou. Vivia na rua, abandonada, se desesperou, virou indigente. Agora está recuperada, trabalha no centro."

Alice é uma das catorze mulheres que ajudam irmã Monica — uma das religiosas que vieram do elegante

Colégio Sacre Coeur de Jesus, da avenida Nove de Julho, para trabalhar com carentes da zona Leste — a cuidar das 136 crianças entre 2 e 14 anos que frequentam o São Francisco de Assis. Estas crianças antes passavam o dia trancadas nos cortiços, enquanto as mães trabalhavam, e a maioria chegou ao centro comunitário apresentando graves sintomas de desnutrição.

Agora, são crianças bem vestidas e coradas que vêm saudar d. Luciano, fazendo a festa — dele e delas. O remédio é um só: comida e carinho. O mais animado é Cristiano Oliveira Santos, hoje com três anos, um menino que passava o dia trancado no quarto, sem comida, até que o dono do cortiço, não aguentando mais seus gritos, resolveu arrombar a porta para lhe dar pão e água.

O grupo de trinta crianças que está no refeitório instalado num porão, tomando leite e comendo bolo, interrompe a merenda para receber o bispo, cantando a "Oração do Pastor", de padre Zezinho, que diz assim: "Abençoa, Senhor, o nosso pastor/Abençoa, Senhor, este homem de paz/ E faz com que ele não canse jamais". Nestas horas, d. Luciano até esquece o cansaço e brinca:

"Quem aí gosta de feijão?" Todos levantam o braço. Arrisco também uma pergunta: "Quem aí quer ser padre?"

Até as meninas levantam o braço. "A gente tem força por causa disso", confidencia o bispo ao sair do refeitório para ir brincar de roda com as crianças no pátio. Animado, vai até o outro lado da escola para dar a partida numa corrida de meninos empurrando pneus velhos. Onde ele vai, as crianças vão atrás.

A caminho do Educandário São José, um dos mais tradicionais da zona Leste, fundado pelas irmãs do Imaculado Coração de Maria há 74 anos e há três transformado num centro comunitário para crianças carentes, d. Luciano fala da luta que foi convencer a Prefeitura a fazer convênios que permitissem pagar a manutenção destas escolas. Nos últimos três anos, a diocese instalou sessenta desses centros comunitários, além de vinte creches.

Irmã Arcenia, que já foi superiora da ordem e hoje cuida do centro comunitário que abriga crianças de cortiços de 4 a 14 anos, vem receber d. Luciano na porta e, enquanto caminhamos, nos diz: "Entre as 140 crianças que temos aqui atualmente, você não encontra cinco casais direitinho, bem constituídos, crianças com pai e mãe. A gente fica com pena dessas mães abandonadas pelos maridos. Elas são verdadeiras heroínas."

Outra vez no táxi, o bispo procura explicações para esta situação. "Com as obras do metrô, tivemos aqui um processo de deterioração urbana muito violento. Quem recebeu indenização foi morar em outros bairros mais distantes. As casas que ficaram de pé viraram cortiços. Você vê que só agora, com a conclusão das obras, estão sendo construídos os primeiros edifícios. Pode ser que agora haja um processo inverso, temos muita esperança..."

Passamos em frente ao famoso "quadrilátero da Febem" na Celso Garcia. O bispo lembra: "Foi aqui que começei nosso trabalho com o menor. Nossa preocupação sempre foi acompanhar o menor que sai para



O bispo dando a partida para a corrida de pneus velhos

que ele não volte à Febem". D. Luciano se entusiasma ao falar do trabalho com os menores, que iniciou em 77, e não titubeia um instante quando lhe pergunto o que prefere: este trabalho pastoral ou cuidar dos grandes temas eclesiológicos e institucionais como secretário-geral da CNBB, em Brasília. "Disso aqui, é claro."

Daqui a um ano, ele atinge o prazo limite (oito anos) estabelecido pela CNBB para alguém permanecer no mesmo cargo na entidade. E aí: d. Luciano deixa a CNBB e fica de uma vez na sua zona Leste ou concorre à presidência? Ele desconversa: "Bem, isso aí não depende de mim."

A propósito, é bom lembrar que, quando da sua primeira eleição para secretário-geral da CNBB, em abril de 79, d. Luciano foi responsável por um fato inédito na história da entidade: ao receber 89,75 % dos votos, tornou-se o primeiro dirigente a eleger-se em primeiro escrutínio. "Se fosse hoje, não teria mais essa: unanimidade", admite ele, ao descer do táxi em frente à Paróquia Cristo Rei, local da reunião com o clero.

Excepcionalmente, hoje, d. Luciano é um dos primeiros a chegar. Estar sempre atrasado para os compromissos é uma das suas características, graças aos imprevistos que vão engordando sua agenda diária. "O d. Luciano conhece quase todo mundo aqui na região, chama as pessoas pelo nome. Vira e mexe ele vai à delegacia para resolver problemas de encrencas de vizinhos, brigas de marido e mulher. Nos fins de semana, para descansar, ele visita as comunidades de base e sempre chega atrasado em todas, porque no caminho vai incluindo mais algumas...", me diz um jovem padre.

A grande maioria dos padres que vai participar da reunião é bem mais jovem do que o bispo e está longe de haver uma unanimidade de posições entre eles. Mas, num clero polarizado por lideranças conservadoras e progressistas, a figura moderada de d. Luciano ganha força, tanto na cúpula da CNBB como no trabalho pastoral do dia a dia, exatamente por apoiar iniciativas dos movimentos popula-

res, mesmo quando não concorda com elas. No fim de maio, por exemplo, um grupo de padres de São Mateus resolveu promover um ciclo de debates sobre o poder popular na União Soviética, Cuba, China, Nicarágua etc. Ao chegar para a abertura do evento, ele se surpreendeu: "Vocês organizam uma coisa dessas e nem me avisam? Isso pode criar problemas para mim, não para vocês...", protestou, mas não impediu que o ciclo de debates fosse realizado.

Para manter unido um clero que vai de senhores engratados a padres de tênis e calça Lee, d. Luciano adota um estilo que lembra muito Tancredo Neves. Antes de abrir a reunião, conversa com vários deles em particular, apara arestas, sente o clima. Na hora da prece, pede pelas crianças, "que são para nós sinal de vida, de novidade, de bênção de Deus". Vários padres fazem suas preces, abrindo o leque do que se passa pelas suas cabeças: pelos aniversariantes do dia; pelos camponeses, para que "essa reforma agrária seja para valer e se torne uma realidade"; pela "nova República, que ainda apoia o sistema capitalista e reprime greves com a arma do medo e das demissões"; pelo "êxito da caminhada de Corpus Christi, para que a Igreja continue caminhando em direção dos mais sofridos e dos mais abandonados" etc.



"Muitas vezes sou obrigado a apartar as brigas no berro"

Ao final da reunião, já se sente o cheiro da comida do almoço. Num piscar de olhos, os padres formam fila para se servir de arroz, bife rolê, farofa e salada, e d. Luciano continua lá no fundo do salão conversando com um e com outro. É o último a se servir e sentar à mesa numa cadeira qualquer que ficou vazia. "Tem dia

que ele nem come, mas ajuda a lavar os pratos depois do almoço", comenta um padre ao ver o bispo se servindo. Em cinco minutos, ele já acabou de comer e não se queixa: "Deu para mastigar." Enquanto os padres fazem uma "vaquinha" para pagar o almoço, o bispo prossegue nas conversas ao pé do ouvido, já um pouco agoniado com a hora.

Seguimos agora para um cortiço na rua Santa Clara, onde há uma mulher querendo falar com ele. "Os cortiços constituem hoje nosso grande desafio pastoral. E um problema recente que ainda não conseguimos vencer, muito pior do que o das favelas. O homem da favela investe o seu dinheiro em comida. O do cortiço gasta boa parte do seu salário para pagar o aluguel. Ninguém se dá conta disso, as pessoas que passam na rua não imaginam como é a vida lá dentro dos cortiços."

Só na Paróquia de São João Batista, no Brás, um levantamento feito por algumas das 450 religiosas que atualmente trabalham na região registrou a existência de 280 cortiços. Irmã Miriam França Miranda, que depois de se aposentar como autônoma foi morar junto com outras religiosas no Brás para se dedicar unicamente à população encortificada, conta que esse trabalho tem só dois anos. "D. Luciano nos pediu para entrar em contato com essa gente dos cortiços e logo descobrimos que pelo menos a metade dos moradores é constituída de mães solteiras com filhos pequenos. Nossa atenção para o problema foi despertada quando vimos o grande número de quartos fechados o dia inteiro com cadeados e vozes de crianças lá dentro. No dia em que encontramos uma menina de dois anos que não conseguia nem se sentar de tão desnutrida, resolvemos abrir uma creche para alimentar essas crianças."

Uma das crianças era a menina Andréia, hoje com cinco anos. "Ela parecia uma sonâmbula quando entrou na creche. A mãe é costureira e trabalha fora o dia inteiro, não podia nem dar comida para a filha. Hoje, a Andréia é uma das crianças mais vivas da creche, muito inteligente, sempre bem humorada. Foi só dar comida para ela, um pouco de atenção..."

Apesar de todos esses problemas, a caminho do cortiço da rua Santa Clara, bem em frente à "Nossa Casa", a sede que as religiosas montaram para dar assistência à população encortificada — ajuda para encontrar empregos, cursos de corte e costura e de aproveitamento racional de alimentos, bazar para venda de roupas a preços simbólicos, orientação para conseguir abatimento nas contas de água e luz — d. Luciano me diz: "Gosto mesmo é de ficar aqui. Cada vez que tenho que viajar, fico preocupado. A minha vida hoje é tripartida: a Pastoral do Menor, a região do Belém, a CNBB."

Por falar nisso, ele resolve dar uma parada na Casa do Menor do Belém, onde 25 pessoas trabalham num plantão permanente de atendimento aos menores que saem da Febem, ali ao lado. Neste local, desenvolve-se um trabalho pioneiro de LAS — Liberdade Assistida Comunitária — para os menores carentes, que vai do fornecimento de refeições à ajuda na procura de empregos. Por onde passa, dentro do sobradão alugado, sempre tem alguém para barrar seu caminho e falar algo —



algum problema, certamente. Entre um problema e outro, ele aproveita para dar ou receber algum telefonema.

O carro depois passa em frente à sua casa, onde já tem gente esperando por ele. "Nossa diocese é dividida em seis setores, com 56 paróquias, noventa comunidades de base, dezoito colégios, dez lares, sessenta centros comunitários, vinte creches..." inventaria d. Luciano, e interrompe no meio para um breve cochilo. Já estamos chegando ao cortiço, mas antes de entrar ele conversa com uma irmã na "Nossa Casa", explicando como se faz para transformar os cobertores doados por colégios religiosos em ponchos para as crianças. "Cada cobertor desses dá para fazer três ponchos. É só cortar aqui, colocar umas presilhas..."

Dona Josefa Maria da Conceição, 74, mãe de dezesseis filhos, oito deles ainda vivos, sentada junto à porta do seu quarto de cortiço de dois por dois metros, onde mora com o neto José Clodoaldo dos Santos, de 11 anos, quase deixa cair seu prato de arroz com feijão quando vê o bispo em pessoa. Pernambucana de Bom Jardim, lavradora e viúva de lavrador, Josefa veio para São Paulo faz um ano, a pedido de três filhos que moram aqui.



*"Os cortiços constituem hoje o grande desafio pastoral"*

Seu lar tem um beliche, um fogão de duas bocas e uma mesa. Não tem janelas, só a porta que dá para o corredor escuro, ao longo do qual foram montados com tabiques mais doze quartos iguais a esse. "Eu tenho o costume de falar a verdade. Vendi a casinha que tinha em Bom Jardim para pagar minha viagem mais o neto. Vim para cá porque os filhos chamaram. Cheguei aqui, não quisera saber da velha. Fui na casa de um por um, mas nenhum deles ainda veio aqui me ver."

O problema que dona Josefa quer contar ao bispo nada tem de original, mas é dramático. Ela mostra seu carnê do INPS, pelo qual recebe Cr\$ 80.782 de aposentadoria. Atualmente, paga Cr\$ 50 mil de aluguel e já avisaram que no mês que vem o preço vai subir para Cr\$ 80 mil. "Não tenho marido, não tenho quem seja por mim. Os filhos são mais fracos do que eu. Como é que vou fazer para comer?"

Perguntas como essa povoam o dia do bispo da zona Leste e, embora não tenha respostas nem soluções para todas, vai seguindo em frente, na certeza de que vai-se dar um jeito. Antes de chegar à rua, acompanhado de dona Josefa que já parece menos revoltada só por ter conversado com o bispo, d. Luciano vê pela janela de um tabique uma pequena menina estudando sozinha. A criança quer chegar até a janela para cumprimentá-lo, mas não consegue: tem as duas pernas atrofiadas.

Já são mais de duas horas da tarde, horário marcado para o início da reunião do Centro Social no salão paroquial da Igreja de São José do Belém, com a participação dos coor-

denadores das creches e dos centros comunitários. São religiosas, enfermeiras, pedagogas, assistentes sociais que se reúnem regularmente para fazer um balanço do seu trabalho com as crianças da região. No quadro negro, padre Filippelli, coordenador-chefe do grupo, já assumiu o tema do encontro: "Foi Jesus Cristo quem disse: venha, pois, entender quem puder/ Criança jamais é dilema/ Menino não é teorema/Menina jamais é problema/ Se acaso exista um problema/ O problema é de quem não os quer."

A pedido de d. Luciano, cada um dos cerca de quarenta participantes do encontro se apresenta, diz onde trabalha, fala das dificuldades e das vitórias alcançadas. O problema comum é a falta de espaço nos centros e nas creches para atender a todas as crianças que necessitam de atendimento. Atualmente, o Centro Social dá assistência a oito mil crianças e d. Luciano calcula que, dos oitocentos mil menores da região, pelo menos duzentos mil estejam necessitando de atendimento. Os números poderiam desanimar qualquer um, menos d. Luciano, que diz aos coordenadores: "Ainda estamos no começo. Vocês são os pioneiros, os desbravadores. Em comparação com o passado, já estamos muito melhor. Pouco a pouco, vamos melhorando. O importante é ter sempre presente que a criança é sagrada. E que a nossa grande recompensa é a própria criança."

O bispo alterna palavras de estímulo com cobranças. "O nosso objetivo permanente tem que ser servir sempre melhor. Não basta a boa vontade, apenas. Outro dia, fiquei sabendo que foram tratar uma criança que estava com problemas nos olhos, aplicando algumas ervas. Cegaram a criança. É preciso ter cuidado. A vida continua ali onde vocês estão dando a vida. Os frutos não demoram a aparecer."

D. Luciano conta o caso do menino de um centro comunitário, de nove anos, que hoje está cuidando de seus três irmãos. "A mãe morreu, o pai é camioneiro, às vezes fica uma semana fora de casa. E, com o que aprendeu no centro, o menino está criando os irmãos."

O Centro Social fica perto da sede da Região Episcopal Belém e d. Luciano aproveita para ir a pé até o seu quartel-general. Ao longo de um quarteirão, três pessoas o param na rua. Um deles é um antigo pipoqueiro do bairro. "O senhor está vendo meu caso, d. Luciano?" O bispo diz que sim e explica ao repórter: "Roubaram o carrinho de pipocas dele na semana passada e precisamos conseguir um outro."

A secretária passa os recados: "Doutor Luís ligou, precisa falar com o senhor sobre a Constituinte; ligaram da Cúria para dizer que os bispos podem se paramentar para a caminhada de Corpus Christi lá na escola Caetano de Campos etc etc". A sede da Região Episcopal fica num antigo cortiço onde moravam quarenta famílias. D. Luciano pára muito pouco aqui. Quem comanda o barco é Haroldo Miranda, 50, administrador de empresas, há três anos presidente do Centro Social e uma espécie de prefeito da diocese. Nos fins de semana, é ele quem acompanha d. Luciano em sua peregrinação pelas comunidades de base da periferia.

## Nossa Senhora, uma criação das classes dominantes? 1917 195 79

Dom Boaventura Kloppenburg, O.F.M.

FIQUEI triste, magoado e indignado ao ler em um dos últimos números de uma revista católica (*Concilium*, nº 188), publicada e divulgada por uma editora católica, um artigo sobre *A Mãe de Jesus no Novo Testamento*, da autoria de um padre católico. Da Santíssima Virgem, tal como a conhecemos e veneramos em nossa santa Igreja Católica, não sobrou nem sombra. Imaculada Conceição, concepção virginal de Jesus, virgindade perpétua, relações afetuosas entre Maria e Jesus, assunção corporal, tudo foi águas abaixo. "É verdade que ela não é descrita (no Novo Testamento) como pecadora; mas tampouco é descrita como um exemplo de virtude. Simplesmente não sabemos o suficiente a respeito dela para afirmar que ela foi algo mais do que uma mulher normalmente boa, sujeita aos defeitos e fragilidades de nossa natureza humana decaída".

A tese certa e grifada do autor é esta: "A fé na Maria da devoção cristã tradicional é fé em algo que não é verdadeiro".

O autor, que não desconhece os primeiros capítulos dos evangelistas Mateus e Lucas e sabe que se trata de textos do primeiro século, imagina que Maria, como "personagem fictícia" e "figura plástica", surgiu nos séculos X até XVII, como "necessidades sentidas pelas classes dominantes da cristandade que patrocinavam arte e a literatura desses séculos". Uma Maria como simples dona-de-casa numa aldeia palestina do primeiro século, igual às moças de suas cozinhas palacianas ou às camponesas de seus domínios, não poderia



ser representada em quadros pendurados nas paredes de suas casas, nem ser cantada em hinos de louvor à sua beleza e virtude. "Antes de poder venerar Maria, eles tinham que torná-la um dos seus; quer dizer, tinham que destruí-la. Não deveríamos esquecer que é este o pano de fundo contra o qual ela era considerada a mulher ideal: bela, pura, conquistando a impossível realização da virgindade e maternidade ao mesmo tempo, e sempre uma dama, 'nossa Senhora'".

Assim teria surgido Nossa Senhora.

De Nossa Senhora antes do primeiro milênio, principalmente nas Igrejas Orientais, nada se diz. Mas o que mais nos interessa é a figura de Nossa Senhora tal como a encontramos nos evangelhos de Mateus, Lucas e João, todos do primeiro século cristão. Declara o autor que "as provas históricas genuínas acerca de Maria são tão escassas e frágeis que imporiam ao historiador, se se tratassem de qualquer outra pessoa, um embaraçado silêncio". Diz ele que estas são as conclusões da crítica histórica.

A crítica histórica tem uma importante palavra a dizer, principalmente quando estuda fatores não teológicos ou puramente pragmáticos que certamente influíram também na configuração concreta de certas imagens. Mas esta crítica não pode ser o árbitro supremo para resolver os problemas da Sagrada Escritura. Os escritos do Novo Testamento têm para nós o duplo valor de ser um documento histórico e um documento inspirado. Como documento histórico narra fatos; como documento inspirado atesta esses fatos, interpreta-os e manifesta sua verdadeira significação e sua coerência dinâmica. Como expressão do pensamento de Deus em palavras humanas, os textos do Novo Testamento têm para nós um valor diretor. Eles surgiram da pregação do Evangelho e a seu serviço, sob inspiração do Espírito Santo; e por isso não se opõem à tradição, mas fazem parte dela, sem se identificar, porém, com a totalidade da tradição que vem dos Apóstolos. Por esta razão o Concílio Vaticano II sublinhou mais uma vez este princípio: "A Igreja não tira exclusivamente da Escritura a certeza de tudo quanto foi revelado" (DV 9a). A Igreja do tempo dos Apóstolos não se organizou a partir de uma prévia e minuciosa análise exegética ou histórico-crítica dos livros do Novo Testamento; e em sua natureza, doutrina, liturgia e constituição a Igreja independe do método da crítica histórica.

Insinuar, como o faz o autor, que Mateus e Lucas escreveram de sua própria imaginação independente, sem qualquer anterior informação histórica sobre a infância de Jesus; ou que o evangelista João produziu simplesmente construções teológicas (*theologúmena*), sem base em fatos históricos, não é um método histórico-crítico suficientemente sério, que nos permita jogar às urtigas a santa fé que o Espírito Santo suscitou e fez viver na Igreja de Cristo.

Não posso, como cristão (nem é necessário invocar minha condição de bispo), permanecer mudo diante de tamanha aberração teológica. Sentir-me-ia, conivente se não manifestasse publicamente meu formal desacordo e protesto. Assim não pode continuar. Cada um dizendo ou publicando os maiores disparates contra a nossa santa fé, como se agora fosse possível permanecer sinceramente católico e ao mesmo tempo investir contra a doutrina cristã. Também nessas situações de rebelde infidelidade deve fazer-se ouvir uma voz profética: não te é lícito ofender assim a Mãe de Nosso Senhor. Ela é Nossa Senhora!

Dom Boaventura Kloppenburg, O.F.M. é Bispo Auxiliar de Salvador. Doutor em Teologia e membro da Comissão Internacional de Teologia da Santa Sé.



277-112  
D. Luciano fala  
sobre morte de  
padre italiano

Das Sucursais e correspondentes

"Nosso problema não é de terra, mas de justiça, de uma justiça que exige constante conversão do homem ao seu semelhante, à fuga da ganância e à abertura para os valores de uma sociedade que quer ser justa e aberta". Este foi o comentário do secretário-geral da CNBB, d. Luciano Mendes de Almeida, a respeito da morte do padre italiano Ezechiele Ramin, 32, ocorrido na quarta-feira, no município de Aripuanã, Mato Grosso. Segundo d. Luciano, o missionário foi vítima de uma violência injustificável, "por parte daqueles que não aceitam uma solução pacífica e urgente para o problema da terra, que é a reforma agrária".

A Polícia Federal não interferirá na investigação do assassinato do padre italiano. O ministro da Justiça, Fernando Lyra, esclareceu ontem que o caso é da competência das autoridades locais e a participação da Polícia Federal só ocorrerá se houver solicitação expressa do governo estadual.

Por ter sido a primeira autoridade a tomar conhecimento do crime, o delegado regional do município de Jiparaná, Sílvio Machado, ficou encarregado de tomar as primeiras medidas para o caso e vasculhou toda a área do crime.



## D. Luciano contesta acusações contra a Igreja

Da Sucursal de Brasília  
e do Enviado Especial a Goiânia

O secretário-geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), d. Luciano Mendes de Almeida, disse ontem que as acusações contra a atuação da Igreja na defesa da implantação da reforma agrária, revelam uma falta de senso cívico de seus autores. "Estas pessoas, na verdade, estão procurando atrasar medidas que a própria lei do País (Estatuto da Terra), há mais de vinte anos, estabelece", disse d. Luciano.

D. Luciano referia-se à acusação formulada contra a Igreja pelo comandante da Escola Superior de Guerra (ESG), general Euclides Figueiredo, para quem o clero está à frente dos movimentos de insuflamento de posseiros contra os proprietários de terra. "Não é aceitável que se acuse a Igreja de estar à frente de um processo que é fruto do não cumprimento da Lei", afirmou o

secretário-geral da CNBB. "Os que se opõem contra a efetivação da reforma agrária deveriam compreender a justiça desta medida e colaborar para o aprimoramento do projeto".

D. Luciano afirmou que a Igreja não apóia a violência, venha de onde vier, e sim a solução através do diálogo, do direito e, portanto, da organização popular e da conveniente atuação das agremiações e sindicatos dos trabalhadores do campo. "A reforma agrária pacífica e devidamente fundamentada na lei é urgente e inadiável — disse o bispo — para que seja possível alcançar uma solução justa para os milhões de trabalhadores sem terra. O Governo deve empreender uma ação imediata em favor das pessoas que não têm terra".

Indagado se as constantes perseguições aos missionários católicos que atuam no campo em favor dos trabalhadores sem terra poderiam resultar em divergências entre a

Igreja e o governo, disse o bispo: "Apesar da participação de policiais em um dos incidentes (a prisão do padre Balduino, ocorrida semana passada em Mato Grosso), longe de divergências, Igreja e governo vivem um momento de convergência em favor da promoção social do povo brasileiro".

CPT

Uma nota de repúdio às declarações feitas em Salvador (BA) pelo general Euclides de Oliveira Figueiredo, foi divulgada ontem, no Centro de Treinamento de Líderes da Arquidiocese de Goiânia, na capital goiana, por nove bispos católicos e um pastor luterano que participam da assembleia comemorativa dos dez anos de fundação da Comissão Pastoral da Terra (CPT). O general, anteontem, criticou a reforma agrária e afirmou que o clero deve ser colocado "no começo da lista" dos setores que estariam por trás das invasões de terras.

Tadashi Nakamura



28  
sábado, 24/8/85 □ 1º caderno □ 3

## Edvaldo expõe a D. Avelar como pretende pôr fim a desemprego em Salvador

Salvador — O candidato situacionista à Prefeitura de Salvador, Edvaldo Brito (PTB, com apoio do PDS), explicou ao cardeal D. Avelar Brandão Vilela como pretende erradicar o desemprego nos bairros pobres e, com o mesmo plano, dar ocupação aos aposentados ociosos, atenuar o problema do menor abandonado e reduzir a demanda de transporte urbano.

Edvaldo (que é negro e muito ligado ao candomblé, ostentando a condição de Ogã do terreiro de Mãe Menininha do Gantois) fez sua visita de pouco mais de meia hora ao Arcebispo de Salvador e Primaz do Brasil, no Palácio Arquiepiscopal do Campo Grande, apenas 24 horas depois de haver estado ali, com o mesmo objetivo, o candidato do PMDB, Mário Kertesz, um judeu não ortodoxo.

O plano contra o desemprego de Edvaldo Brito utiliza sua experiência como advogado e assessor de entidades que congregam microempresários. Como Prefeito, ele pretende promover o surgimento de um grande número de microempresas nos bairros pobres e subúrbios, prometendo ajuda material além de isenção fiscal.



## D. Luciano quer Constituinte desvinculada

Do Sucursal de Belo Horizonte

O secretário-geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), d. Luciano Mendes de Almeida, 54, defendeu ontem em Belo Horizonte a proposta de "desvinculação" da Assembléia Nacional Constituinte do futuro Congresso Nacional, a ser eleito em 1986. Segundo d. Luciano uma Constituinte independente do Congresso garantiria "maior representatividade popular à nova Constituição". O secretário-geral da CNBB disse ainda que outro ponto que preocupa a CNBB, é que o poder econômico predomine na eleição dos deputados constituintes.

"Esta Constituinte deve ser exemplo de participação popular, evitar lo repetir os vícios do passado, mas até agora está sendo marcada pelo poder econômico", disse D. Luciano. Em razão disto, acrescentou ele, a CNBB tem ouvido suas bases e procurado mobilizá-las em apoio às propostas que visem garantir uma Constituinte "sem o predomínio do poder econômico". Esta atitude da CNBB, disse d. Luciano, decorre do entendimento de que o "o papel da Igreja é colaborar na defesa dos interesses populares".

D. Luciano disse defender uma Constituinte independente do Congresso por esta seria soberana. "Os representantes do povo seriam eleitos apenas para o período de elaboração da nova Constituição, haveria assim menor margem de se repetirem os vícios do passado", disse. O secretário-geral da CNBB declarou ainda que "estamos abertos a todas as formas de convocação que privilegiem o interesse popular".



30/10/1957

Jarbas Passarinho

## Um verdadeiro padre

Pudesse eu e difundiria ao máximo a excelente entrevista que o cardeal primaz do Brasil, dom Avelar Brandão, concedeu ao "Jornal do Brasil", a propósito da comemoração da passagem do meio século de sua ordenação. Sempre tive por ele grande admiração, desde os tempos em que era arcebispo de Terezina. Mais tarde, quando sua eminência já chegara ao cardinalato, sobre ele conversei com Teotônio Vilela, que ao irmão só se referia como "o cardeal" e me comunicava impressões e reações do prelado ilustre a posições que eu assumia, como senador e líder do Governo. Eram transparentes a admiração e o orgulho de Teotônio por seu irmão, ainda que ambos não tivessem, quase sempre, as mesmas posições no campo temporal. Por isso mesmo, ao perguntar-lhe o repórter se tinha cabimento dizer-se que Teotônio estaria mais destinado a ser um santo da família, dom Avelar respondeu que isso era "um tremendo equívoco". De fato, não há como comparar a ambos os irmãos, ainda que mantendo fraternal convivência. Um era o vulcão a despejar lava candente sobre o governo do qual se separou e da legenda que repudiou. Como disse bem dom Avelar, "no princípio, Teotônio era o arrebatamento em pessoa. Depois, foi se cristalizando com o tempo... sobretudo nos últimos anos, ele teve um crescimento humano e espiritual espantoso". E assim foi.

O que mais me impressionou em dom Avelar foi a notável capacidade de ser justo, de não se deixar contaminar pela intransigência, nem ceder à acomodação. Nele tenho visto, com enorme alegria do católico que sou, o padre em que posso confiar, que julga com isenção, ainda que com severidade. Por exemplo, quando fala a respeito dos últimos vinte anos, ele diz: "Nós vivemos nesses vinte anos uma época especial, historicamente característica, onde houve grandes realizações e grandes equívocos. Muitos desses (equívocos) estavam ligados a posições ideológicas que marcaram a própria índole do regime. Muita gente qualificada e bem intencionada esteve envolvida no processo brasileiro, como também gente aproveitadora e mal intencionada. A Igreja vivia dentro desse clima e não era nada fácil. As duas grandes tentações seriam ou se acomodar plenamente, achar tudo ótimo porque se estava combatendo o comunismo, ou então condenar tudo, in limine, porque havia injustiças e inclusive torturas acontecendo. Então daí se partia para o conceito de que o regime era iníquo e se devia combater a qualquer preço. Não adotei nem uma nem outra dessas atitudes".

De fato, dom Avelar teve um comportamento irrepreensivelmente equilibrado. Como ele mesmo se autodefine, foi um moderador, mais que um moderado. "Sou um pacifista — diz ele —, no sentido de ser um homem que gosta de promover a paz, no amor e na justiça, uma paz viva, não a paz dos pântanos". Ainda se haverá de avaliar corretamente o papel importante que dom Avelar desempenhou nessa fase da vida brasileira. Acho que ele caracteriza um marco que dificilmente um analista justo deixará de considerar da maior importância, não apenas nas relações entre o governo e a Igreja, mas igualmente entre as correntes claramente em conflito, dentro da própria igreja católica, em função da polémica levantada com a prática da Teologia da Libertação. Longe de ficar em indefinições cautelosas, dom Avelar responde sem subterfúgio à pergunta do repórter: "Posso dizer que a Teologia da Libertação traz contribuição válida e legítima a uma visão de Deus e do homem, no contexto da

sociedade, da família e da vida. E autêntica quando nasce da inspiração evangélica. O problema maior surgiu quando grupos acharam que poderiam utilizar a análise marxista com objetivos de estrutura cristã e não perceberam as ambigüidades que poderiam surgir em decorrência de ligações inerentes à análise e à ideologia marxistas".

Chamá-lo "príncipe da Igreja", como era costume antigamente, deve ofendê-lo, pelas conotações pertinentes ao principado, mas dizer que dom Avelar é um pastor que conduz com inteligência e zelosamente o seu rebanho não será fugir da verdade. Eis, de corpo inteiro, um verdadeiro padre.

Jarbas Passarinho escreve sempre às quartas-feiras nesta coluna.



## A convocação do Sínodo

D. EUGENIO SALES

O Sínodo Extraordinário dos Bispos foi convocado por João Paulo II com a finalidade de "celebrar, verificar e promover o Concílio Vaticano II".

Passados vinte anos, torna-se oportuna a decisão do Santo Padre.

Um Concílio é julgado pela História, não somente por seu conteúdo, mas também pelos frutos obtidos. Os cristãos de hoje e de amanhã tomam em consideração o aspecto humano, as pessoas que o elaboraram e aplicaram suas diretrizes, bem como a maior ou menor fecundidade segundo o Espírito Santo.

Lembro a necessidade de o Vaticano II ser examinado à luz dos demais concílios ecumênicos anteriores, quanto aos resultados concretos, em benefício da Igreja. Por exemplo, o Concílio de Trento legislou sobre a formação do clero na sessão XXIII, capítulo 18, "De Reformatione", aos 15 de julho de 1563. Mandou que todas as dioceses criassem um "perpetuum seminarium", no qual o Bispo pudesse educar os jovens nas sagradas disciplinas. Mas, ainda no tempo de Santo Afonso de Ligório, na metade do século XVIII, não haviam sido acolhidas plenamente tais determinações tridentinas ao Sul da Itália.

Hubert Jedin e Konrad Repgen julgam que o Concílio Vaticano II influiu mais profundamente na vida da Igreja que o Vaticano I e é comparável ao de Trento. Os primeiros historiadores deste último, Servi e Pallavicino, decorrido meio século, não podiam emitir um juízo sobre a sua importância, pois continuava a ser mais objeto de controvérsia que de história ("Manual de História da Igreja", tomo IX, págs. 228 ss).

Na América Latina três acontecimentos marcaram este período pós-conciliar: Medellín, Puebla e as Visitas Pastorais do Papa em diversos países do Continente.

A primeira iniciativa para uma correta execução das normas conciliares na América Latina, por parte do Conselho Episcopal Latino Americano, (CELAM), ocorreu em 1968. Em agosto daquele ano estiveram reunidos 138 Bispos, vindos de todos os países do Continente e 110 entre observadores e convidados.

Indubitavelmente, Medellín representa um grande passo na aplicação do Vaticano II. Em seus 16 temas, sugeria rumos para a renovação da vida religiosa no Continente.

O segundo maior evento, no Continente Latino Americano, neste período pós-conciliar, quanto à observância do Vaticano II, foi a III Assembléia Geral, em Puebla de los Angeles-México.

A longa duração, de 28 de janeiro a 13 de fevereiro de 1979, uma acurada dinâmica, um intenso trabalho possibilitaram a elaboração de um extraordinário documento que até hoje, vem influenciando beneficentemente toda a América Latina. Sem dúvida, é uma adequação válida e eficaz das orientações do Concílio Ecumênico Vaticano II, diante das realidades do Continente.

A presença do Santo Padre e suas diretrizes, especialmente na alocução de 28 de janeiro de 1979, foram de grande

importância. O Romano Pontífice prestigiou, com sua presença e palavra, os irmãos no Episcopado, exercendo a missão de Pedro no Colégio Episcopal.

A convocação da III Assembléia Geral havia sido suspensa, com a morte de Paulo VI. João Paulo I a renovou e o atual Pontífice confirmou, imediatamente, estimulando assim, sua realização. Tal atitude de confiança nos Bispos caracteriza a personalidade do Papa na linha da colegialidade.

Na cerimônia de abertura, como Successor de Pedro, recorda aos Bispos presentes serem eles "mestres da Verdade". Explicitamente, trata do ensino ortodoxo sobre Jesus Cristo, a Igreja e o Homem. Aliás, essa trilogia caracteriza a ação do Pontífice em seus discursos, por ocasião das visitas pastorais à América Latina e marca um rumo definitivo de seu Pontificado.

Outro aspecto foi por ele abordado em Puebla: o Bispo construtor, promotor e defensor da unidade. Além das recomendações gerais, desce ao concreto. Chama a atenção dos Pastores para os perigos que ameaçam a Igreja no Continente, neste período pós-conciliar. Assim, aborda a vigilância doutrinária; as releituras: "Ocorrem, hoje, em muitas partes — o fenômeno não é novo — "releituras" do Evangelho, resultado de especulações teóricas" (Discurso inaugural, 1.4); a infiltração na comunidade eclesial de erros oriundos do marxismo: "Em outros casos se pretende apresentar Jesus comprometido politicamente, um lutador contra a dominação romana e contra os poderes e, inclusive, implicado na luta de classes. Esta concepção de Cristo como político, revolucionário, como o subversivo de Nazaré não se coaduna com a catequese da Igreja" (Idem); a obediência ao Magistério; a identidade da Igreja; a "desconfiança para com a Igreja "institucional" ou "oficial", qualificada como alienante, à qual se oporia outra Igreja popular "que nasce do povo e se concretiza nos pobres" (Idem, 1.8); a revitalização da "doutrina social ou ensinamento social da Igreja" (Idem 3.7). Entre as tarefas prioritárias, pede a atenção do Episcopado para a Família, as vocações sacerdotais e religiosas e a juventude.

A esses dois acontecimentos excepcionais — Medellín e Puebla — na aplicação do Vaticano II à América Latina, acrescento as extraordinárias e fecundas visitas de João Paulo II a nossos países. Elas constituíram, em intensidade, a maior evangelização desses povos, desde o Descobrimento. E sempre conforme as autênticas instruções do Vaticano II.

Fascinante um trabalho comparativo dos ensinamentos de João Paulo II nessas ocasiões com a doutrina do último Concílio!

Assim, a realização do Sínodo Extraordinário proporciona uma feliz oportunidade, também para nós, de examinar a realidade e tomar as necessárias medidas para um crescente cumprimento das diretrizes do Vaticano II em nosso meio.



# Bispo defende no Sínodo comunhão aos divorciados

FSP 28-11-85

Das Agências Internacionais e do Enviado Especial

O arcebispo Karl Berg, de Salzburgo (a quarta cidade da Áustria), que está no Vaticano participando da assembleia extraordinária do Sínodo dos Bispos, pediu ontem que os católicos que se divorciaram e casaram novamente tenham tratamento mais tolerante pela Igreja. A questão do divórcio foi uma dos principais temas no terceiro dia do Sínodo.

De acordo com o bispo austríaco, a Igreja deveria entender a atual situação dos fiéis que se divorciam. Pelas leis católicas, o casamento contraído na Igreja é indissolúvel e um fiel só pode casar-se novamente com a morte do cônjuge ou a anulação do matrimônio pelo Vaticano. Desse modo, um católico que se divorcia —pela lei civil— não recebe a comunhão e os sacramentos, embora possa participar da missa e das festividades.

Atualmente, a Igreja permite a administração dos sacramentos aos casados novamente se viverem em abstinência sexual. A proposta do

arcebispo austríaco é que os divorciados que casaram uma outra vez voltem a receber a comunhão, após um período de penitência.

Segundo d. Karl Berg, os problemas pastorais relacionados com o casamento e a família aumentaram muito nos últimos vinte anos —desde o Concílio Vaticano 2º, de 1962-65, cuja avaliação é feita neste Sínodo— e a Igreja deveria prestar mais atenção a eles. O arcebispo disse que é muito grande o número de católicos divorciados que se casaram novamente em outras igrejas. Uma pesquisa entre católicos norte-americanos, citada pela agência "Associated Press", informa que 73% deles são favoráveis a um segundo casamento entre divorciados.

## Multinacional

O conselheiro teológico do Papa, o cardeal Joseph Ratzinger, fez um discurso sobre a situação da Igreja aos bispos reunidos no Sínodo. Ratzinger, que chefia a Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé —nome atual do antigo Santo Ofício— adver-

tiu que a Igreja Católica está ganhando uma imagem de "corporação multinacional, que inspira medo e ódio no povo". Segundo ele, essa imagem foi sendo formada nos anos posteriores ao Concílio, e a Igreja tornou-se "objeto de suspeita para muitas pessoas". O cardeal disse que "a dimensão mística da Igreja pode estar sendo negligenciada", e acrescentou que o atual Sínodo não deveria se preocupar somente com as estruturas da instituição ou com seus integrantes (os bispos).

Os cardeais brasileiros que participam do Sínodo —d. Eugênio Sales, arcebispo do Rio de Janeiro, d. Aloísio Lorscheider, arcebispo de Fortaleza, e d. Ivo Lorscheider, presidente da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB)— não fizeram intervenções ontem, mas, segundo o enviado especial Dermi Azevedo, da Folha, reuniram-se com os bispos espanhóis e participam, no próximo sábado, de uma reunião extraordinária da Conferência Episcopal Latino-Americana (Celam). D. Hélder Câmara, ex-arcebispo de

Associated Press



Um guarda do Vaticano saúda os cardeais d. Eugênio Sales (esq.) e d. Aloísio Lorscheider, que participam do Sínodo

Olinda e Recife, foi recebido em audiência pelo papa João Paulo 2º.

Uma forma de organização eclesial defendida por d. Hélder Câmara e criticada por vários setores da Igreja —as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs)— recebeu ontem o apoio de bispos latino-americanos e

africanos. Monsenhor Julio Terrazas Sandoval, presidente da Conferência Episcopal da Bolívia, propôs que o Sínodo desse um "reconhecimento eclesial" às CEBs, que, segundo ele, representam "o novo rosto da Igreja". Dom François Gayot, representante do Haiti, disse que as CEBs são

"um local privilegiado" para a comunhão da Igreja. Posição semelhante foi defendida por bispos africanos, como o presidente da Conferência Episcopal do Níger e Burkina Faso (dois países da África Central), d. Anselme Titiamna, e de Burundi (Leste), d. Joachim Ruhuma.



## Cardeais aprovam reformas na Cúria Romana

28/11/85  
DERMI AZEVEDO  
Enviado Especial ao Vaticano

A criação de novas congregações (ministérios) — como a do Apostolado dos Leigos e a da Vida Consagrada —, a fusão de conselhos e comissões e, sobretudo, o reforço do poder da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé são algumas das possíveis modificações a serem introduzidas na estrutura da Cúria Romana na reunião do Colégio dos Cardeais, que termina hoje no Vaticano sob a presidência de João Paulo 2º. Esta ampla reforma no governo da Igreja Católica vem sendo preparada desde 1983 por uma comissão nomeada pelo Papa, dentro do tradicional clima de sigilo do Vaticano.

No campo das relações da Igreja Católica com as demais igrejas cristãs, a influência da Congregação para a Doutrina da Fé será ainda mais reforçada: ela passará a ser o canal competente para o diálogo ecumênico e para o controle das iniciativas ecumênicas de organizações católicas. A partir do Concílio Vaticano 2º, a linguagem oficial católica sobre os evangélicos (protestantes) era a de "irmãos de outras Igrejas e comunidades eclesiais". Agora, de acordo com o esquema do Vaticano para a reforma da Cúria, voltará a antiga expressão: "irmãos que não têm plena comunhão com a Igreja Católica".

Quando a Igreja foi assimilada pelo Império Romano, no século 4, na época do imperador Constantino, assumiu não somente o status de religião oficial, mas também o modelo burocrático de estrutura governamental. No Direito Romano, Cúria era o nome dado ao conjunto dos funcionários que ajudavam diretamente o imperador na administração e designava também o palácio onde os burocratas da época se reuniam. Chamados tradicionalmente de dicastérios (lugares de justiça), os organismos do governo da Igreja (congregações, tribunais, secretarias, conselhos, comissões e ofícios) são hoje conhecidos genericamente como institutos.

A história da Igreja registra que a primeira organização formal da Cúria Romana foi feita pelo papa Sisto 5º, em 1588, seguindo-se reformas em 1908 — com Pio 10º — e em 1965 — com Paulo 6º — através da Constituição *Regimini Ecclesiae Universae* conhecida como REU, promulgada em 1967. Uma comissão de revisão foi organizada em 1974 e João Paulo 2º decidiu envolver mais diretamente os cardeais neste trabalho, convocando reuniões plenas em 1979 e 1982. Uma nova comissão foi formada em 1983 e suas propostas estão sendo agora analisadas no Vaticano.

De acordo com a proposta do Papa, a Congregação para a Doutrina da Fé

— que é presidida pelo conservador cardeal alemão Joseph Ratzinger — manterá seus objetivos de "promover e defender a fé e ajudar os bispos no seu magistério". Mas, ao contrário da reforma de Paulo 6º, os bispos não mais serão ouvidos "no exame e eventual condenação de doutrinas errôneas". Com o papa Paulo 6º, a norma era publicar as regras de funcionamento interno da Congregação. Agora, a proposta silencia sobre este aspecto.

Na reforma, a Congregação perde competência sobre a dispensa do celibato, mas passa a ter poder sobre as comissões Bíblica e Teológica do Vaticano. O principal reforço de poder será, contudo, no campo das relações com outras Igrejas.

Quanto à Congregação para os Bispos, não fará mais consultas às Conferências Episcopais para criar ou modificar dioceses, províncias, regiões e prelazias pessoais, além de omitir, nas novas normas, referências à manutenção e à aposentadoria do episcopado. Já a Congregação para as Igrejas Orientais deverá ter uma linguagem mais ecumênica, segundo as primeiras análises.

O jornalista DERMI AZEVEDO tem suas despesas de viagem pagas pela Ordem dos Capuchinhos



## Bispos preparam mensagem ao mundo para encerrar o Sínodo

**DERMI AZEVEDO**

Enviado Especial ao Vaticano

Os 165 participantes da 2ª Assembleia Extraordinária do Sínodo dos Bispos —convocado pelo papa João Paulo 2º para discutir a situação da Igreja vinte anos após o encerramento do Concílio Vaticano 2º— aprovaram ontem de manhã, por unanimidade, a preparação de uma mensagem "aos cristãos e pessoas de boa vontade", que será divulgada no dia 8 de dezembro na Basílica de São Pedro, no encerramento dos trabalhos do Sínodo, que foi aberto domingo passado.

Para redigir a mensagem o secretariado do Sínodo nomeou os arcebispos Casemiro Dossah-Anyron, de Lomé (Togo, país da costa ocidental da África), Joseph Cordeiro, de Parache (Paquistão), Jean-Marie Lustiger, de Paris (França), e o secretário-geral do Celam (Conselho Episcopal Latino Americano), d. Dario Castrillon Hoyos, bispo de Pereyra (Colômbia). As nomeações, segundo uma nota oficial do Vaticano, foram feitas com base em critérios de variedade geográfica e linguística.

### Concílio reafirmado

As principais intervenções de ontem no Sínodo, na presença de João Paulo 2º, voltaram a reafirmar a

## Comunhão a divorciados é apoiada

Das Agências Internacionais

O vice-presidente da Conferência dos Bispos do Canadá, d. James Martin Hayes, expressou ontem no Vaticano "simpatia" à idéia de administração dos sacramentos aos divorciados que contraíram novo casamento; apresentada na quarta-feira pelo bispo austríaco d. Karl Berg. A Igreja Católica não reconhe-

ce o divórcio —considera o casamento religioso indissolúvel—, permitindo um segundo casamento somente com a morte do cônjuge ou a anulação do matrimônio anterior pelo Vaticano. Segundo d. Martin Hayes, a Igreja deve pensar se realmente interpreta esses casos da melhor forma possível, visando "aos direitos e ao bem-estar das pessoas interessadas".

importância do Concílio para a vida da Igreja Católica, nestes últimos vinte anos. O presidente do Secretariado Vaticano para a União dos Cristãos, cardeal Johannes Willebrands, reapresentou uma tese do Concílio Vaticano 2º sobre a universalidade do cristianismo, bastante contestada pelos setores conservadores da Igreja. A tese diz que a comunidade cristã fundada por Cristo subsiste na Igreja Católica, mas não é a Igreja Católica, estando presente também nas demais comunidades cristãs. O cardeal Willebrands destacou os avanços do diálogo ecumênico desde 1965, apesar das dificuldades ainda existentes nas áreas da intercomunhão e do casa-

mento misto. Um grande avanço ocorreu também, segundo o cardeal, no diálogo entre cristãos e judeus desde o Concílio, que repudiou a idéia de "culpa coletiva" dos judeus pela morte de Jesus Cristo.

Em um dos intervalos do Sínodo, João Paulo 2º recebeu ontem os representantes das Igrejas que dialogam com Roma e que participam do Sínodo como observadores: ortodoxos, coptas, anglicanos, luteranos, metodistas, reformados, discípulos de Cristo, pentecostais e o CMI — Conselho Mundial das Igrejas.

O jornalista DERMI AZEVEDO tem seus despesas de viagem pagas pelo Secretariado Cristão de Solidariedade Dom Oscar Romero



# Conservadores e progressistas mantêm suas posições



Dom Ivo Lorscheiter defendeu a opção Igreja pelos pobres



Dom Eugênio Salles é adversário da Teologia da Libertação



Papa João Paulo II quer uma Igreja mais espiritual, menos engajada

Miguel Biazso/São Paulo

**P**RORIZANDO nos debates as questões internas da Igreja, 165 bispos escolhidos pelo Papa João Paulo II estiveram reunidos durante 14 dias na segun-

da assembleia extraordinária do Sínodo dos Bispos que discutiu e avaliou o período pós Concílio Vaticano II, levantando aspectos que teriam sido positivos e negativos na atuação da Igreja Católica desde 1965.

Convocado pelo Papa João XXIII, o Concílio Vaticano II

representou a abertura da Igreja para o mundo, uma redefinição na linha de ação dos católicos e o início de um diálogo com outras religiões. Nos vinte anos pós-conciliares duas alas foram se consolidando dentro da Igreja. De um lado, sacerdotes, bispos e leigos se engajaram naquilo que se convencionou definir como opção preferencial pelos pobres. Na América Latina se desenvolveram as bases teóricas da Teologia da Libertação e em outras partes do mundo grupos cristãos têm se empenhado na luta contra o capitalismo e na defesa de uma sociedade mais justa.

Em contraposição àquela corrente, setores que pregam uma volta à grande disciplina, a volta a uma Igreja mais preocupada com os problemas espirituais do que com os "problemas mundanos e carnis", foi consolidando suas posições, principalmente dentro da máquina burocrática do Vaticano, depois que o Papa João Paulo II substituiu João Paulo I. Ligado a setores que se identificavam com a Opus Dei - grupo conservador que apóia governos de extrema direita, João Paulo II abriu caminho para que religiosos do grupo conservador passassem a ocupar cargos importantes dentro da hierarquia da Igreja Católica.

Além disso o Papa convocou o Sínodo para avaliar o Concílio Vaticano II tentando enquadrar o avanço dos progressistas, que teriam aumentado sua influência nos países pobres e que têm forte influência do catolicismo dentro de limites bem definidos. Além dos presidentes de cada uma das Conferências Nacionais, João Paulo II convidou para o Sínodo arcebispos de vários países, em sua grande maioria identificados com o conservadorismo.

Dos debates que foram realizados em Roma, com uma participação discreta do Papa, ficou evidente que o impasse vivido pela Igreja não será re-



## Impasse não será resolvido por cardeais

solvido com reuniões de cardeais. A troca de acusações, veladas ou não, foram suficientes para mostrar que a Igreja não poderá evitar uma discussão mais aprofundada de alguns problemas como a autoridade do Papa, o papel das Conferências Nacionais, a opção pelos pobres, etc. Nos debates também ficou evidente que a polêmica sobre Teologia da Libertação tem na América Latina um dos campos mais tensos de discussões.

O Brasil enviou três cardeais ao Sínodo Extraordinário. O Presidente da CNBB, D. Ivo Lorscheider, identificado com os setores progressistas, o cardeal D. Aloísio Lorscheider, de Fortaleza, também identificado com os grupos progressistas, e o arcebispo do Rio de Janeiro, D. Eugênio Sales, elemento importante dentro do grupo conservador e um dos religiosos latino-americanos que enviou Carta a João Paulo II agradecendo a ação da Cúria Romana contra "uma certa Teologia da Libertação".

O presidente da CNBB, D. Ivo Lorscheider, encaminhou ao Sínodo um documento respondendo às quatro perguntas encaminhadas pelo Vaticano às Conferências Episcopais que foram: 1 - O que foi feito para que o Concílio seja conhecido fielmente e conhecido na prática? 2 - Que benefícios vieram do Concílio para a vida concreta da Igreja em sua região? 3 - Registraram-se erros ou abusos na interpretação ou na aplica-

## Manobra de Ratzinger fracassou

ção do Concílio? Por quê? 4 - Que dificuldades foram encontradas na aplicação do Concílio com vistas às novas exigências que emergem das suas mudanças? O que deve ser estabelecido pelo Sínodo extraordinário para realizar os objetivos, segundo o espírito e letra do Vaticano?

Respondendo a essas perguntas a CNBB afirmou que um dos principais benefícios está no fato de se ter desenvolvido "uma Igreja mais de acordo com as exigências de uma sociedade urbana e industrial, mais aberta aos tempos e ao mundo, menos triunfalista, mais consciente" e "servidora da humanidade e reconhecendo seus limites e pecados históricos". Ainda como fator importante os bispos acrescentaram a importância de "uma Igreja desvinculada das estruturas de poder e riqueza enquanto opressora do povo, assumindo a opção preferencial pelos pobres e o compromisso da nobre luta pela justiça".

Outro religioso brasileiro a participar do Sínodo, D. Aloísio Lorscheider, Arcebispo de Fortaleza, também defendeu os avanços iniciados com o Vaticano II e reafirmados pela Teologia da Libertação.

Dos religiosos brasileiros que participaram da reunião em Roma, o arcebispo do Rio, D. Eugênio Sales, foi o único a criticar o período pós-Vaticano II afirmando que "erros graves ocorreram". Apostando na centralização e no fortalecimento da autoridade papal, D. Eugênio pediu um controle mais rigoroso de Roma sobre os seminários, denunciou a decadência da vida religiosa que estaria infectada pelo secularismo. "Há religiosos que desrespeitam o Papa e se opõem direta ou indiretamente à Cúria Romana".

A mesma divisão demonstrada pelo clero brasileiro, também ficou evidente nas manifestações de religiosos latino-americanos e de outras partes do mundo. O resultado final do Sínodo ainda não permite uma avaliação sobre a que setor ele foi mais interessante. Enquanto os progressistas conseguiram firmar algumas importantes posições, como valorizar as Conferências Nacionais, diálogo ecumênico e a opção preferencial pelos pobres, os conservadores obtiveram uma significativa conquista. Eles conseguiram introduzir nos textos sinodais o essencial da teologia espiritualista que relativiza o engajamento dos cristãos no mundo contemporâneo.

# Os seminários e os concílios

*Dom Antônio Celso Queiroz, Bispo responsável pelo Setor Vocacional e Seminários da CNBB e Reitor de nosso Seminário Arquidiocesano, analisa neste artigo, o problema da formação sacerdotal à luz do espírito do Concílio Vaticano II, um dos temas no recente Sínodo dos Bispos realizado em Roma. Dom Celso é também Bispo Auxiliar na Região do Ipiranga.*



Dom Antônio Celso Queiroz

Neste mês de dezembro, em todas as Regiões Episcopais de São Paulo, em várias paróquias, há ordenações sacerdotais. Durante longos anos isso não aconteceu. Daí o fato chamar a atenção e ser tão promissor! Nossa Arquidiocese tem ordenado, anualmente, um significativo número de padres. Neste ano foram vinte e cinco... O grupo de padres novos já constitui a metade do presbitério arquidiocesano. E a florada é comum nas várias partes do Brasil. As vocações ao presbitério repontam em todas as Igrejas. É mesmo uma primavera!

A nível nacional e em muitos regionais tem-se procurado

compreender a causa desse fenômeno. Ele é tanto mais surpreendente quando se sabe que nosso país nunca teve o número de vocações julgado suficiente.

As causas, certamente, são várias mas em um ponto todos estão de acordo, os que pesquisam e refletem sobre o assunto. Ele faz parte da profunda renovação da Igreja que, alimentada por vários fatores, teve seu maior impulso e expressão no Concílio Vaticano II. Dele emergiu uma Igreja mais missionária, mais comunitária e participante, mais presente à vida dos homens, mais comprometida com a história. Nessa Igreja se delinea uma nova figura de padre. É o perfil de um ministro, homem de Deus a serviço dos irmãos, encarnado na

realidade, solidário com os pobres, a exemplo de Jesus. Padre animador de comunidades fraternas, portador do testemunho evangélico em meio a uma sociedade que teima em marginalizar a pessoa humana. Essa figura de padre abre de novo a juventude. Ela representa um projeto de vida que vale a pena para o jovem de hoje. Isso é tanto mais motivador quando não constitui uma aventura isolada mas se insere em um conjunto de igreja, servidora do mundo, portadora da salvação do Senhor. Essa igreja já tem inclusive, mártires e entre eles, figuras admiráveis de padres que deram sua vida pelos irmãos!

Para muitos que não participam da pastoral vocacional essa análise pode parecer surpreendente. Afinal, não se afirma às vezes que o Concílio esvaziou os seminários e provocou o abandono do ministério de um sem número de padres?

Essa insinuação que, ultimamente tem se transformado em afirmação, é superficial demais para ser verdadeira. Ela é, porém, insinuante porque corresponde a uma tentação permanente do homem frente aos riscos da história: voltar atrás. Ela é tanto mais tentadora quando acena para uma solução "clara e segura": restaurar o antigo que pretensamente deu certo. No entanto ela é uma solução psicológica e não pastoral. Muito menos é uma solução de fé, porque Deus não se encontra voltando atrás na história. Deus está no hoje de nosso compromisso, por mais penoso que seja. Deus está no nosso hoje aberto à grande Esperança que nos trás a presença do Espírito.

A crise não foi provocada pelo Concílio ou sua nova eclesiologia. Aliás, nem teria havido tempo para tanto. Só agora, passados 20 anos, toda riqueza da renovação conciliar começa a se delinear melhor. A crise das vocações é muito anterior ao Concílio. Nas Igrejas do Brasil ela sempre foi um componente crônico de nossa pastoral. A crise dos padres e dos seminários, por sua vez, chegou ao auge no imediato pós-Concílio, mas não foi provocada por ele. Na verdade,



# Arcebispo protesta e não reza Missa do Galo no Recife

**Recife** — O arcebispo metropolitano de Olinda e Recife, dom José Cardoso Sobrinho, negou-se a concelebrar com os capelães da PM e do Exército, na noite de Natal, a tradicional Missa do Galo da praça do Derby, em protesto contra a "prisão arbitrária" do padre Jaime Kohmetscher, ocorrida na semana passada, quando este acompanhava um grupo de favelados que tentava impedir a pavimentação de um dos acessos ao viaduto Tancredo Neves, que o prefeito Joaquim Francisco pretende inaugurar amanhã.

Com a mesma atitude, dom José Cardoso protestou contra o fuzilamento de um comerciário de 20 anos, no centro do Recife, por dois policiais militares, na última terça-feira. Fernando Luís da Silva, a vítima, foi preso ao descer de um ônibus e por tentar escapar dos PMs, acabou baleado nas costas.

## Com o povo

Ao justificar seu protesto, dom José Cardoso lembrou que esperou até o meio-dia da terça-feira por um pedido formal de desculpas do comando da PM pernambucana, especialmente pela prisão em camburão do padre Jaime, que é cidadão americano e pároco do bairro pobre de Brasília Teimosa. "Tomei esta atitude para mostrar que a Igreja está sempre do lado do povo", disse o arcebispo em entrevista à televisão.

A Missa do Galo da praça do Derby — celebrada a céu aberto, diante do quartel general da PM — é uma das mais tradicionais do Recife. Nos últimos 21 anos, foi sempre concelebrada pelos capelães militares (dom Hélder nunca participou) para uma grande número de fiéis e também para as autoridades. Na última terça-feira, o cônego Antônio Alves ocupou o lugar que, segundo

anúncio da assessoria de Comunicação Social da PM, seria de dom José Cardoso. O governador Roberto Magalhães, secretários e o comando da corporação, todos acompanhados das famílias, estavam presentes.

Além de não comparecer à concelebração, o arcebispo marcou para ontem à noite uma missa na paróquia de Brasília Teimosa, em desagravo ao padre Jaime. A atitude surpreendeu fontes ligadas à Igreja, especialmente se levado em conta o fato de que o substituto de Dom Hélder foi sempre considerado um moderado, incapaz de um gesto como este. Mas, no caso do padre Jaime, ele tinha quebrado um tabu: no dia seguinte à prisão, o boletim arquidiocesano publicou, pela primeira vez desde que Dom Hélder deixou a Arquidiocese, um protesto expresso contra a violência policial.

O padre Jaime Kohmetscher esteve preso por cerca de três horas no último dia 18, juntamente com o vereador pemedebista Pedro Eurico de Barros (ex-presidente da Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese no tempo de Hélder Câmara) e com o líder comunitário Moacir Gomes. Os três acompanhavam um grupo de favelados que ergueu barricadas tentando impedir a pavimentação da rua Coronel Fabriciano que, segundo eles, traria prejuízos aos moradores de uma favela situada à margem. Na ocasião, dois outros políticos — a deputada federal Cristina Tavares e o deputado estadual Luciano Siqueira, ambos do PMDB — foram também vítimas de violências praticadas pela PM. Até o consulado americano no Recife, tendo em vista a condição de cidadão americano do padre Jaime, preocupou-se com o incidente e pediu informações ao governo pernambucano sobre o ocorrido.

## Coronel dá explicações pela PM

O coronel Francklin Santos, chefe da assessoria de Relações Públicas da Polícia Militar de Pernambuco e organizador dos festejos natalinos no quartel do Derby, refuta as acusações do arcebispo de Olinda e Recife, dom José Cardoso, de que o padre Jaime Kohmetscher fora agredido, preso durante quatro horas e torturado por soldados da PM, por ocasião da ação policial nas imediações do viaduto Tancredo Neves, semana passada.

O coronel não se limitou a responder ao arcebispo e foi além, ao dizer que ele deve primeiro assistir ao vídeo-tape (a PM, segundo o oficial, tem uma fita sobre a ocorrência na favela da rua Coronel Fabriciano, junto ao viaduto Tancredo Neves) para depois acusar:

— A nível do meu conhecimento, a Polícia Militar desconhece a violência contra o padre, pois os vídeo-tapes estão aí para mostrar. O padre não passou quatro horas preso, conforme declara o bispo. Ele passou 25 minutos no camburão e mais uma hora na delegacia, afirmando, inclusive, que não fora machucado e que a delegacia não era um lugar agradável.

Quanto à declaração do arcebispo de que também não concelebrara a missa porque a Polícia Militar assassinara, na segunda-feira passada, o comerciário Fernando Luís da Silva, o coronel Francklin Santos respondeu:

— O episódio da morte do comerciário, lamentável sob todos os sentidos, ocorreu dentro de uma ação policial que tentava evitar um assalto a um ônibus. E soldado Elson das Neves, que matou com um tiro o comerciário, foi excluído às vésperas do Natal da guarnição, não fazendo, portanto, mais parte da PM.

A Polícia Militar, segundo o chefe da assessoria de Relações Públicas, não tomou conhecimento previamente da recusa do arcebispo de Olinda e Recife em concelebrar a missa. Só uma hora antes é que fora informada de que o arcebispo não compareceria.

— Aliás, quem se ofereceu para celebrar a Missa do Galo foi o próprio arcebispo, ao visitar, à sua chegada ao Recife, o coronel Nelson Lucena, comandante da PM. Como se prontificou a celebrar a missa, a polícia não tinha por que se recusar, concluiu o coronel.

## Movimento de Arte lança um disco

Um disco coletivo independente registrando a história poética e musical dos artistas de São Miguel será lançado neste sábado, dia 14, a partir das 20 horas, no MPA Circo (avenida Nordestina, em frente a TELESP, em São Miguel Paulista). O disco independente, produzido pelo Movimento Popular de Arte (MPA), durante os meses de setembro e outubro últimos no Estúdio Eldorado, em São Paulo, mostra a música popular produzida nos subúrbios da periferia. Do show de lançamento participarão, entre outros, Edvaldo Santana, Matéria Prima, Rabe-ruan, Grupo Goró e Lígia Regina. Os ingressos custarão apenas cinco mil cruzeiros.

## Enlace

Benedito Domingos Mariano e Estela Catarina Gonçalves, integrantes do Centro Santo Dias de Direitos Humanos da Arquidiocese de São Paulo, testemunharão publicamente o seu imorredouro amor unindo-se pelos indissolúveis liames do matrimônio, no próximo dia 21, em Carapicuíba. Os amigos do dileto casal estarão prestigiando o enlace.

ela chegou apesar do Concílio. Representou o desmoronar de uma casa cujas paredes não foram derrubadas por ninguém. Caíram porque, necessitando reformar o prédio, foi necessário retirar as estacas que o rodeavam. Ao fazê-lo viu-se que as paredes há muito estavam comprometidas, carcomidas pelo tempo. Houvesse a Igreja acompanhado, mais de perto, a história do homem e isso não teria acontecido. Houvesse a Igreja valorizado mais a riqueza das novas igrejas e praticado mais a colegialidade e, certamente, a evolução das vocações, os seminários, e a vida e ministérios dos padres teria sido outra. Mas então a própria história da Igreja no mun-

do moderno teria sido diferente. Muitos Concílios teriam se reunido entre Trento e o Vaticano II... Nesse caso não teria sido necessário convocar um Concílio para construir uma ponte entre a Igreja e o mundo, como afirmava João XXIII. Ponte só se constrói entre margens opostas e separadas... A Ponte demorou tanto a ser construída que, posta em uso, provocou congestionamentos, alguns graves. Tristes engenheiros, porém, aqueles que, diante desse quadro, só têm a idéia de dinamitar a ponte! Não menos melancólica seria a tentativa de dificultar e desestimular ao máximo seu uso. Corresponde à instalação de um pedágio tão caro que apenas alguns privilegiados teriam condições de atravessá-la. Na prática significaria condenar a ponte ao desuso ou transformá-la em mera atração de turismo histórico-teológico.

Mas voltamos aos nossos seminários. Eles aí estão. Não apenas voltaram a ser mas são, realmente, uma novidade promissora em nossas Igrejas. Não são perfeitos mas aprenderam a se alimentar das riquezas das duas margens aproximadas pelo Concílio. De um lado, a grande tradição da Comunidade Eclesial que conservou viva a riqueza da Palavra, dos Sacramentos, a pureza do Ministério e a Santidade de vida dos discípulos do Senhor. De outra margem lhes chegam, constantemente, as interrogações dos homens, o pulsar da história, "os gemidos da criação em dores de parto", as alegrias e sofrimentos do povo, a bíblica esperança dos pobres. A formação dos novos padres deixou de

ser, como em tempos passados, preocupação de uns poucos e tabu para o conjunto da comunidade. Hoje ela é tema constante das reuniões de bispos, dos presbíteros, e interesse crescente das comunidades eclesiais. As dificuldades são certamente muitas mas não são exclusivas dos seminários; são parte de uma igreja no mundo em profundas mudanças. Que o digam os pais que se esforçam por educar seus filhos! Os professores e pedagogos de todas as escolas e instituições educacionais! Reconhecem-nos os padres, catequistas, ministros da palavra que se empenham na educação da fé dos cristãos. Experimentam-nos, sobretudo, os jovens, seminaristas ou não, que sincera e dolorosamente, buscam caminhos de crescimento pessoal em meio a valores constantemente contraditados pela sociedade consumista e materialista.

A grande obra do Concílio não foi pretender das respostas acabada para tudo. Foi fazer a Igreja retomar a humildade fundamental, a comunhão fraterna, a primazia da missão e a abertura ao Espírito do Senhor que nela age. Foi confiado na força do Espírito que João convocou, que Paulo lutou por sua implantação e que João Paulo apela constantemente para sua concretização. Nossos Seminários, nossa casas de formação, nossa busca de um saber teológico mais incarnado fazem parte do mesmo movimento pelo Espírito. E na fidelidade a Ele, na constante coragem de corrigir possíveis e inevitáveis desvios da rota que eles devem prosseguir. Nossos Seminários, apesar da pobreza dos meios de nossas igrejas, estão vivendo uma juventude promissora. O Espírito que os fez renascer nos garante a Esperança de que terão, na Igreja de nossos dias, o tempo, o espaço e o clima de confiança necessários para que cheguem à plena maturidade.



## Dom Avelar: 'Marie' é chocante *16/11/72*

SALVADOR - O cardeal da Bahia e arcebispo-primaz do Brasil, D. Avelar Brandão Vilela, disse ontem, em Salvador, que a proibição do filme "Je Vous Salue Marie", de Goddard, não seria uma atitude antidemocrática ou mesmo um retrocesso no atual momento de abertura política e ideológica, porque a fita choca e causa inquietude por afetar conceitos doutrinários e morais.

Fazendo questão de ressaltar que sabe do filme apenas por informações e o que leu nos jornais, o cardeal baiano afirmou que se fosse apenas uma obra de arte pura, mesmo que avançada, ainda passaria e poderia ser exibido para intelectuais ou pessoas com alta capacidade crítica, em sessões especiais. "Mas não é o caso, sobretudo porque discute a virgindade de

Maria, agredindo e ferindo a consciência religiosa do povo brasileiro. Eu gostaria que ele não existisse", declarou.

D. Avelar disse que a temática do filme é chocante para os cristãos-católicos, que contemplam a Virgem Maria sob o

prisma do Evangelho. Já para os que não tem fé, nem aceitam a virgindade de Maria, entende o Cardeal, o problema é colocado com outra perspectiva porque esses não se importam que ela seja apresentada em um estado de pureza ou como prostituta.

### Lyra nega sessão para os bispos

Em Brasília, o ministro da Justiça, Fernando Lyra, esclareceu ontem que o filme "Je Vous Salue Marie", do cineasta francês Jean-Luc Goddard, está merecendo tratamento normal na Divisão de Censura do Departamento de Polícia Federal e teve iniciado seu exame. Ele nada antecipou sobre um eventual veto ou a liberação da obra.

Lyra fez questão de deixar claro que o Ministério não está mantendo nenhum entendimento com autoridades eclesiais sobre o assunto, e muito menos que estaria sendo preparada uma "sessão privé" para uma platéia seleta de bispos e autoridades governamentais: isso seria absurdo e ridículo, assinalou, concluindo: "o filme terá tratamento normal".



## Para d. Tomás, ser contra o filme é fazer sua propaganda

Da Sucursal de Brasília

"Eu não negociaria nada com o governo em troca da proibição do filme" ("Je Vous Salue Marie"), disse ontem à Folha o bispo da cidade de Goiás (a 130 km de Goiânia), dom Tomás Balduino, 63. O ministro da Justiça, Fernando Lyra, tem anunciado que está "negociando com a Igreja" a liberação da fita, ao mesmo tempo em que afirma ser a CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) aliada do governo nas mudanças sociais. O bispo afirmou ainda: "Não acho que a fé do nosso povo possa ser anulada pela contratequese da obra".

Dom Tomás, da ala progressista da Igreja, fundador da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e do Conselho Indigenista Missionário (Cimi) e atual presidente da CPT Centro/Sul, está gozando férias em Franca (a cerca de 400 km ao norte da capital paulista). Ouvido pelo telefone, deu sua opinião sobre a polêmica surgida em torno da liberação ou não do filme do cineasta franco-suíço Jean-Luc Godard em quatro pontos:

1 - "O fato de nós da Igreja nos posicionarmos pró ou contra já fez bastante propaganda dele. Será que ele merece?"

2 - "Não acho que a fé do nosso povo possa ser anulada pela contratequese da obra;

3 - "Há coisa mais importante e mais grave na atual situação sócio-político-econômica do nosso país do que essa briga às vezes apaixonada em torno do tal filme francês;

4 - "Eu não negociaria nada com o governo em troca da proibição do mesmo filme".

O subsecretário da CNBB, cónego Celso Pedro, disse ontem que "a Igreja já fez o que tinha que fazer para preservar a imagem da Virgem Maria". Agora, segundo ele, "tudo depende do governo". Disse também que "a Igreja tem que tomar uma

posição firme de defesa de alguém que representa muito para ela, como a Virgem Maria".

Segundo o subsecretário da CNBB, "há mil maneiras de se discutir qualquer coisa. Mas a posição de Godard não pode ser aceita porque fere dogma da Igreja. Dogma é dogma", afirmou ele. Disse que a posição adotada pela CNBB, contrária à liberação, "não pode ser definida como um retrocesso. A Igreja do Brasil chega a ser criticada por suas posições liberais. Mas não pode ceder no que lhe é tão caro, como a Virgem".



D. Tomás Balduino, bispo de Goiás, diz que há coisas mais graves

## 'Estou com a Igreja e não abro', diz Lyra

Da Sucursal de Brasília

"Não vou brigar com a Igreja por causa de um filme", disse ontem o ministro da Justiça, Fernando Lyra, ao comentar a polêmica em torno da pressão da Igreja contra a liberação do filme "Je Vous Salue Marie" (Ave Maria) do cineasta franco-suíço Jean-Luc Godard. Reafirmando sua posição favorável à liberação do filme, Lyra analisou a posição da CNBB:

"A Igreja não está proibindo o filme. Ela está pressionando contra sua exibição por entender que o filme fere os princípios dogmáticos em que

se sustenta. E o dogma, todos nós sabemos, é aquilo que não é discutível pelos crentes. Pressão e contrapressão é a coisa mais natural do mundo e faz parte do jogo democrático", disse o ministro da Justiça.

Fernando Lyra disse que defende o direito de a Igreja defender os seus dogmas, mas que é favorável à liberação do filme. "Não sou censor", justificou. Quanto à relação do governo com a CNBB, Lyra disse que "tem muita gente que quer a Igreja aliada na luta pelas mudanças mas que não entende a posição tomada diante de um de seus dogmas. A posição da Igreja nesse episódio é

coerente com o que ela representa. Não vamos brigar por causa disso".

Indagado por uma repórter se a posição da Igreja nesse caso não seria comparável à dos militares do governo anterior, o ministro da Justiça afirmou: "Não comparo a Igreja com a ditadura e nem o Godard com os métodos de 64". E acrescentou: "Estou com a Igreja e não abro." Fernando Lyra disse que o assunto ainda não chegou à sua apreciação mas que, sendo a última instância, está preparado para analisá-lo. Lyra ainda brincou com os jornalistas: "Vou ver o filme e digo a vocês como é que é."



1962/186

6/6/60

### D. Avelar se surpreende com reunião em Roma

SALVADOR — "Não devo falar de um assunto que está sob reserva". Com essa justificativa, o Arcebispo de Salvador e Primaz do Brasil, Dom Avelar Brandão Vilela, recusou-se ontem a falar sobre a convocação que o Papa João Paulo II fez à presidência da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), aos cardeais brasileiros e aos bispos presidentes dos Secretariados Regionais da Conferência Episcopal, para uma reunião de emergência, no próximo dia 7, em Roma.

Dom Avelar afirmou que qualquer explicação deveria ser dada pela direção nacional da CNBB e confessou-se surpreso com a convocação. "no momento em que todos os bispos estão ocupados com a Quaresma e com a Campanha da Fraternidade". Em Porto Alegre, o Arcebispo Dom Cláudio Colling negou que a reformulação da Teologia da Libertação seja o motivo principal da reunião convocada por João Paulo II, afirmando tratar-se de um encontro de rotina, que acontece a cada cinco anos. Segundo ele, o Papa pretende fazer uma avaliação da atuação da Igreja Católica no Brasil.

Dom Cláudio observou que o Papa tem o direito de convocar quem quiser e considera normal sua atitude. Será a primeira reunião desse tipo que o Arcebispo de Porto Alegre assistirá, acompanhado de seu antecessor no cargo, Dom Vicente Scherer.

Também para o Bispo de Bauru, Dom Cândido Padin, trata-se de uma reunião de rotina, segundo ele, marcada pelo Papa no ano passado. Disse que João Paulo II está interessado em conhecer "o trabalho e as experiências dos religiosos no Brasil" e não acredita que ele irá impor qualquer restrição às atividades do clero brasileiro.

— A Igreja Católica no Brasil segue as diretrizes que são de aprovação do Sumo Pontífice — acrescentou.

Dom Cândido Padin acha que entre os assuntos que poderão ser discutidos estão a cartilha da Igreja brasileira "Exigências cristãs de uma ordem constitucional", sobre a Assembléia Constituinte, e o tema deste ano da Campanha da Fraternidade, sobre a distribuição de terras para famílias de lavradores, ambos "em perfeita sintonia com o Vaticano".



## D. Luciano nega 'emergência' na visita ao papa

Da Sucursal de Brasília

MA 3887102

O secretário-geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), d. Luciano Mendes de Almeida, afirmou ontem que a ida dos bispos brasileiros a Roma, convocados pelo papa João Paulo 2º, já estava prevista pelo episcopado brasileiro e não tem qualquer caráter de "situação de emergência". D. Luciano referiu-se à reportagem publicada na última terça-feira pela Folha, que, segundo ele, deu uma conotação distorcida sobre o encontro.

Na reportagem, o jornalista Dermi Azevedo afirmou que "numa iniciativa sem precedentes na história contemporânea das relações entre o Vaticano e a Igreja Católica no Brasil, o papa João Paulo 2º acaba de convocar a presidência da CNBB, os cardeais brasileiros e os bispos presidentes dos secretariados regio-

nais da conferência episcopal para uma reunião de emergência no Vaticano, no dia 7 de março próximo". D. Luciano contestou a expressão "reunião de emergência" e criticou o tratamento dado à reportagem que, segundo ele, "não retrata a verdade".

D. Luciano disse ter estranhado que o repórter da Folha, "que sempre foi nosso amigo e que nunca teve dificuldades em conversar conosco, tenha divulgado tal notícia sem conversar antes com a gente". D. Luciano atribuiu a esta atitude do repórter as ásperas palavras que dirigiu a Dermi Azevedo na terça-feira última, quando foi procurado para comentar a reportagem do dia anterior. "De fato, fui muito áspero. E não deveria ter colocado em dúvida a fé cristã do Dermi. Cheguei a telefonar para ele por três vezes para me desculpar, mas não o encontrei".

O secretário-geral da CNBB disse que, de fato, não tem notícias de outras ocasiões em que o papa tenha convocado de uma só vez os principais dirigentes de um episcopado a Roma. "Mas acho que foi uma deferência à Igreja do Brasil. Afinal, somos o maior episcopado do mundo, maior inclusive que o da Itália".

Disse que não tem conhecimento da agenda do encontro que levará a Roma a comitiva integrada por dezessete bispos e cinco cardeais brasileiros. Ele disse ainda que a viagem está marcada para o dia 10 de março, e não dia 7, como foi publicado pela Folha. "Mas creio que o objetivo é fazer uma avaliação geral dos contatos mantidos pelo santo padre com os dirigentes das quatorze regionais da CNBB, ao longo do ano passado", disse d. Luciano.



# Vaticano anuncia convoca

Das Agências e do correspondente em Teresina

O Vaticano anunciou ontem que o papa João Paulo 2º convocou a presidência da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), os presidentes dos catorze secretariados regionais da conferência episcopal e os cinco cardeais brasileiros para, de 13 a 15 de março, debater em Roma a atuação da Igreja católica no Brasil, conforme antecipou a Folha com exclusividade no último dia 18. Segundo apurou a Folha — e as agências noticiosas internacionais

PAULO

Sábado, 22 de fevereiro de 1986 — POLÍTICA — 5

## ção dos bispos brasileiros

reiteraram ontem—, um dos principais assuntos do encontro deverá ser a Teologia da Libertação.

A nota divulgada pelo Vaticano afirma que a reunião não se trata “nem de um sínodo (conselho eclesialístico), nem de outra assembléia de alguma índole canônica, mas de um encontro informal, com a intenção de aprofundar, em diálogo fraternal, temas que interessam à vida e à atividade da Igreja” do Brasil.

Desde o início das visitas “ad limina” (realizadas regularmente a cada cinco anos) dos bispos brasileiros à Santa Sé, em janeiro de 85, o

papa “manifestou a intenção” de concluí-las convocando um encontro com “um grupo representativo do episcopado brasileiro”, diz a nota do Vaticano. A última convocação de um episcopado nacional pelo papa ocorreu, nos anos 80, com clero da Holanda.

D. Aloísio

Ontem, entretanto, o arcebispo de Fortaleza (CE), d. Aloísio Lorscheider, disse, em Teresina (PI), a reunião “não se trata de uma convocação mas do atendimento de um apelo feito pela CNBB” para a

revisão das visitas “ad limina apostolorum”. Segundo disse d. Aloísio, “vamos discutir o relatório que cada bispo enviou ao Vaticano de seus últimos cinco anos de trabalho e responder a uma pergunta: O que cada um de nós achou da visita feita pelo papa?”

Para o arcebispo de Fortaleza, não há nenhuma semelhança da convocação dos bispos da Holanda e a atual reunião com a igreja brasileira. “Os bispos da Holanda foram convocados pelo papa para um sínodo. Nós pedimos ao papa uma reunião. Esta é a diferença”, disse.



## Bispos brasileiros viajam para a reunião com o papa

Da Reportagem Local

O cardeal-arcebispo de São Paulo, d. Paulo Evaristo Arns, 64, embarcou às 16h10 de ontem — no aeroporto metropolitano de Cumbica, em Guarulhos, na região leste da Grande São Paulo — com destino a Lisboa (Portugal), de onde ele viajará até Roma para participar da reunião extraordinária convocada pelo papa João Paulo 2º, da qual farão parte outros 21 cardeais, arcebispos e bispos da Igreja Católica brasileira.

O secretário-geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), dom Luciano Mendes de Almeida, também viajou ontem. O bispo auxiliar da zona leste de São Paulo, dom Angélico Sândalo Ber-

nardino, embarcou para Roma no sábado à noite.

Sem precedentes na história do episcopado brasileiro, o encontro com o papa começa hoje e se estenderá até o próximo dia 15, reunindo no Vaticano cinco cardeais, os presidentes dos 14 secretariados regionais da CNBB e os três dirigentes gerais da entidade.

Os projetos pastorais da CNBB e questões polêmicas como o "silêncio obsequioso" imposto pela Cúria Romana ao teólogo franciscano Leonardo Boff figuram na pauta do encontro que, segundo a versão oficial do Vaticano, servirá para avaliar as visitas "ad limina apostolorum" que os bispos brasileiros fizeram ao papa no ano passado e início deste ano.

## Visita é para avaliação, diz d. Aloísio

Do correspondente em Fortaleza

O cardeal-arcebispo de Fortaleza, d. Aloísio Lorscheider, disse, em entrevista à Folha no dia 7, que o principal objetivo da reunião extraordinária convocada pelo papa João Paulo 2º para os dias 10 a 15 de março em Roma — com a participação de 22 cardeais, arcebispos e bispos brasileiros — é avaliar as visitas "ad limina apostolorum" (feitas ao papa a cada cinco anos) realizadas pelos bispos brasileiros no ano passado e início deste. Esta é a versão oficial do Vaticano sobre a convocação.

"D. Ivo Lorscheider, o presidente da CNBB, tinha pedido, em julho do ano passado, que se pudesse fazer depois (das visitas) uma revisão, e o papa acedeu" — explicou d. Aloísio. "Nós estamos abertos para isto, porque as visitas 'ad limina' são para que o papa nos aconselhe, para que ele nos diga onde nós estamos menos certos ou onde nós devemos insistir mais, no futuro."

O cardeal afirmou que a manutenção do equilíbrio entre as questões espirituais e sociais de que trata a Igreja não é preocupação recente dos bispos brasileiros, ao informar que na próxima assembléia da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil — marcada para os dias 9 a 19 de abril em Itaipó, município de Indaiatuba, 120 km a noroeste de São Paulo — serão discutidos "um tema de cará-

ter social e doze temas de caráter espiritual". Prevê, porém, que a imprensa vai abordar apenas o tema "Exigências Cristãs de uma Nova Ordem Constitucional". "Mas nós vamos tratar da pastoral da juventude, do sínodo dos negros, da liturgia, da vida religiosa, da lei complementar do direito canônico e assim por diante. Então, muita gente fica com a idéia de que nós só tratamos de questões sociais."

### "Fator justiça"

"O que a Igreja faz hoje é insistir no fator justiça, no respeito a cada pessoa, porque nós estamos vivendo em uma disparidade social gritante, onde mais de dois terços da humanidade estão morrendo de fome. Isso não é cristão, não é evangélico. Nós temos que levantar a voz contra isso. E isto é profundamente espiritual, porque o homem tem o direito, dado por Deus — é um fundamento da nossa fé — de ter aquele mínimo que possa fazê-lo viver decentemente como cristão" — afirmou o arcebispo de Fortaleza.



## Telegramm vom Papst

Brasilien stöhnt auf. Kaum der Militärdiktatur entronnen, hat das Land die Bürde einer Demokratie zu tragen, für die es keine Tradition gibt. Immerhin: Die häßlichen Uniformen sind aus Brasilia verwunden, die Regierung kleidet sich zivil. Jetzt aber hat sich der Präsident José Sarney, etwas geleistet, was die liberale Öffentlichkeit nicht sehen will. Jean-Luc Godards „Je vous salue, Marie“ (Gegrüßt Du, Maria), der in Europa nur im Anlauf genügend Anlaß zum Erfolg bot, darf in Brasilien nicht gezeigt werden. Nach wochenlangem Verbot verfügte der Präsident einseitig die Zensur und bescherte „Nova Republica“ ein Novum: Die Zensurbehörde, selbst Militärdiktator, haben sich mit solchen Kleinigkeiten nicht persönlich die Finger schmutzig gemacht. Von Justizminister und oberstem Zensor im Stich gelassen, die im Gegensatz zur Kirche die Verletzung religiöser Gefühle nicht erkennen konnten, mußte José Sarney wohl oder übel persönlich ans Werk gehen. Er schätzt den Godard nicht, gestand Sarney öffentlich, daß die Bischöfe und der telegrafische Intervention des Papstes konsequent widerstehen. Die brasilianischen Oberhirten, als nicht gerade erfolgreich im Kampf gegen Diktatur, Zensur und Zensur bekannt, befanden sich man zwischen einer politischen und einer „moralischen“ Unterscheidung. Inzwischen kursieren die ersten Video-Bänder, verbotene Früchte schmecken besser. Sollte am Ende gar alles von Sony, BASF und Co. inszeniert worden sein, um den Video-Abverkauf zu steigern?

Detlef Urban

Dienstag, 18. März 1986

## Brasiliens Bischöfe zur Einheit gemahnt

ROM, 17. März. „Besser ein einziger Schritt in Gemeinschaft mit der Bischöflichen Konferenz als zehn in Gefahr, die Einheit der Bischöfe zu brechen.“ Mit diesen Worten hat Papst Johannes Paul II. Vertreter der Brasilianischen Bischofskonferenz — fünf Kardinäle, das Sekretariat und weitere Repräsentanten der 100 Bischöfe des Landes mit den 100 Millionen Katholiken — zur Einheit ermahnt. Mehr noch als an die Korrektur von progressiven oder „linken“ oder „rechten“ Bischöfen innerhalb des brasilianischen Episkopats war dem Papst an der Einheit gelegen.

Deshalb hatte Johannes Paul II. eine außergewöhnliche Einladung ausgesprochen zu einem „Treffen der brasilianischen Bischöfe mit dem Heiligen Vater und der römischen Kurie“. Über die Lage in der brasilianischen Kirche ist der Papst ausreichend gut informiert. Er selbst besuchte Brasilien im Juli 1980 und wurde seither bei den regelmäßig vorgeschriebenen Besuchen der brasilianischen Bischöfe in Rom weiter unterrichtet. Deshalb sind ihm auch die beträchtlichen Spannungen innerhalb der größten Bischofskonferenz der katholischen Kirche nicht verborgen geblieben. Sie wurzeln in den verschiedenen sozialpolitischen Entscheidungen, die sich aus der Verpflichtung der Kirche ergeben, für die Armen einzutreten. Die sozialen und politischen Schwierigkeiten Lateinamerikas werden in Brasilien und in der brasilianischen Kirche mit besonderer Heftigkeit empfunden und ausgetragen. Die Auseinandersetzungen über die „Theologie der Befreiung“ waren dafür einer unter vielen Hinweisen. In Europa haben in diesem Zusammenhang die „Instruktionen“ der vatikanischen Glaubenskongregation unter dem deutschen Kardinal Ratzinger „über einige Aspekte der Befreiungstheologie“ (September 1984) und das Schweigegebot für den Vertreter dieser Theologie, den Franziskanerpater Leonardo Boff (Mai 1985), einiges Aufsehen erregt.

Zwietracht unter den Bischöfen eines Landes erscheint dem Papst als Greuel, als schlimmste Verfehlung im Amt, als größtes Hindernis für ein wirksames Handeln der Kirche. Deshalb widmete er den größten Teil seiner Schlußansprache am vergangenen Samstag zum Ende der dreitägigen Beratungen diesem Thema der Einheit, in immer neuen Variationen, die in dem anfangs zitterten Satz gipfelten.

Für die verschiedenen Fragen, sowohl in der Kirche wie die Bildung des Klerus, der Ordensleute und der Laien, als auch in der Gesellschaft wie die Agrarreform, die internationale Verschuldung Brasiliens, den Plan einer neuen Verfassung, das politische Handeln der Kirche — all diese Themen wurden während der Beratungen von Donnerstag bis Samstag der letzten Woche angesprochen —, bot der Vatikan keine fertigen Lösungen. Johannes Paul II. forderte die Bischöfe jedoch auf, gemeinsam untereinander und in Verbindung mit dem Papst und den zuständigen Kardinälen der römischen Kurie, die auch bei der Konferenz anwesend waren, ihre Entscheidungen zu treffen. Nicht zuletzt diente das Treffen zwischen den 21 brasilianischen Bischöfen und dem Papst mit den Kardinälen einer letzten Überprüfung vor der Veröffentlichung des zweiten vatikanischen Dokuments über die Theologie der Befreiung, das voraussichtlich unter dem Titel „Christliche Freiheit und Befreiung“ nach Ostern veröffentlicht wird.

## Die Bischöfe Brasiliens im Vatikan

Neues Dokument  
über die Befreiungstheologie

T. W. Rom, 16. März

Die dreitägige Zusammenkunft brasilianischer Bischöfe mit dem Papst und den Spitzen der Kurie ist am Samstag mit einer Präsentation des zweiten Dokuments über die Befreiungstheologie durch Kardinal Ratzinger zu Ende gegangen. Unter dem Titel „Christliche Freiheit und Befreiung“ soll es um Ostern veröffentlicht werden. Ausserdem steht die Publikation einer Erklärung bevor, die sich an die brasilianische Kirche wendet.

Der Besuch der Leiter des mit über 300 Bischöfen und über 100 Millionen getauften Katholiken grössten Episkopats hatte einen *informellen Charakter*. Johannes Paul II. hatte schon die Episkopate anderer Länder zu gemeinsamen Tagungen in den Vatikan eingeladen. Als Novum wird diesmal registriert, dass die allgemeine Politik einer Bischofskonferenz mit den wichtigsten Männern der römischen Kurie erörtert wird, nachdem bereits die Bischöfe der Regionalkonferenzen zu ihren „Ad-limina“-Besuchen empfangen worden waren, die alle fünf Jahre stattfinden. Seit dem Zweiten Vatikanischen Konzil haben die nationalen Bischofskonferenzen *immer mehr an Gewicht gewonnen*. Der Papst trägt dieser Entwicklung zur Kollegialität Rechnung und versucht zugleich mehr Einfluss auf das Schicksal der nationalen Episkopate zu nehmen.

Zu den aktuellen Fragen der brasilianischen Kirche gehören nicht nur die Befreiungstheologie, die nach dem Schweigegebot für den Franziskanerpater *Leonardo Boff* wieder Schlagzeilen gemacht hatte, sondern auch interne Themen wie der *Mangel an Priestern*, die Rolle der Bischöfe sowie die *Laiken* und aktuelle politische Probleme wie die *Agrarreform*, die neue Verfassung Brasiliens, die Verschuldung des Staates und all die *dringenden sozialen Aufgaben* des Landes.

## Papa diz que Teologia da Libertação deve ser purificada

DERMI AZEVEDO  
Do Reportagem Local

O papa João Paulo 2º disse ontem, às 9h, aos 22 cardeais, arcebispos e bispos brasileiros que participam da reunião de cúpula entre o Vaticano e a CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) que existe uma Teologia da Libertação "ortodoxa e necessária", desde que "purificada de elementos que poderiam adulterá-la, com graves consequências para a fé". Disse ainda que os bispos e a Igreja "têm um papel específico a exercer, que não se identifica nem se substitui ao dos políticos, dos economistas, dos sociólogos, dos intelectuais ou dos sindicalistas". E acrescentou que "pensar que só a atividade sócio-política imediata é eficaz, é arrancar a Igreja de sua missão primigênia e identificá-la com outras instâncias, por um reducionismo perigoso e destruidor".



**Classifolha**  
36 páginas

O Classifolha é uma revista com quatro cadernos, em 36 páginas, um de livros, outros cadernos e apartados para alugar e vender em São Paulo, um de Litoral, com ofertas imobiliárias na Baixada Santista; um de Empresas, com reportagens sobre negócios humanos e análises do setor; e outro de Veículos, com a tabela das cotizações dos automóveis usados e séries de carros das diversas marcas. PÁG. 45 a 80

**Opinião da Folha**

Leia na pág. 1 os editoriais "O novo choque do petróleo", avaliando as consequências da queda das cotizações do petróleo sobre a economia mundial; e "O dilema de Gorbachev", sobre as mudanças em jogo no 27º Congresso do Partido Comunista soviético.

**A inflação não está fora de controle, diz Bresser**

Em artigo no recém-lançado "Economia em Debate", o secretário de governo do Estado de São Paulo, o economista Luiz Carlos Bresser Pereira, afirma que, apesar de o patamar real da inflação ter sofrido nova alteração, ela não está fora de controle. Para ele, o governo tem condições de ser bem sucedido na sua política econômica. PÁG. 38

**O Folhetim homenageia Emir Rodriguez Monegal**

O Folhetim tem hoje por tema um dos maiores críticos latino-americanos, o uruguaio Emir Rodriguez Monegal, morto no final do ano passado. De vários aspectos de sua vida e obra são discutidos pelos seus amigos e colaboradores no Brasil. O suplemento traz também uma entrevista com Boris Schweikerman, o principal estudioso e divulgador da literatura russa no país.

**Em Casa e Companhia, opções para sua camisa**

Escolher uma boa camisa para compor seu visual é uma decisão importante que não requer muito esforço. Basta um pouco de paciência, ao percorrer ruas e shopping, para encontrar "algo" que combine com você. Casa e Companhia traz ainda a moda colorida do verão 86, além de uma reportagem sobre como comprar carne sem ser enganado nos açougues.

**Na Folhinha, os leitores dão troco aos monstros**

A Folhinha traz hoje as "piadas" das oitocentas histórias, charadas etc. sobre vampiros, bruxas e caveiras enviadas por seus leitores, em 410 cartas, mostrando que o terror pode ser tratado com bom humor. Leia também a história de alguns monstros famosos, como Frankenstein e Drácula, este último inspirado num príncipe que viveu no século 15.

**Tratar-se nas UTIs viria problema em São Paulo**

PÁG. 19

Índice	
A Cidade é Sua	26
Acidentes	87 e 88
Agências	26
Alas, Edifícios e Aviação	42
Cidades	19 a 27
Classifolha	45 a 80
Empresas	37 a 44
Educação	28 a 31
Esportes	22 a 26
Estêrter	19 a 18
Falsetonistas	26
Ilustrada	82 a 90
Imprensa no Mundo	18
Livros	84 e 85
Música	82
Opinião	1 a 3
Polícia	26
Política	4 a 8
Quadrinhos	86
Teledifusão	88
Turfe	20

**Tempo**  
Nublado em São Paulo, com várias chuvas e ventos moderados. Temperatura máxima de 24°C. Temperatura mínima de 18°C. Ventos moderados a fortes, de norte a noroeste.

A queda do preço do petróleo, que poderá ajudar o Brasil a economizar US\$ 1,1 bilhão em suas importações líquidas, vem acompanhada de alguns desafios importantes. O governo precisará acoplar o Proalcool à nova situação e

casamente a nível de combustível o preço do álcool, combustível que move 95% dos veículos produzidos no país. Além disso, há o risco de reduzir o poder de compra dos exportadores de petróleo, o novo quadro de preços tende a dificultar as vendas brasileiras para mercados crescentemente impor-

tautos, caminhões, soja e arroz. Se dificulta o acesso a países petrolíferos, a redução de preços tende, no entanto, a espaço para maior expansão econômica no mundo industrial, o que também pode ajudar as vendas brasileiras. Nos EUA, porém, segundo relata o

**Governo prepara uma lei para proteger o não-fumante**

Um grupo assessor do Ministério da Saúde discute, na próxima quarta-feira, um anteprojeto de lei federal que proíbe fumar e portar cigarros acesos em locais fechados, como recintos de trabalho, lazer, assistência médica e sanitária, educação, esporte e em veículos de transporte. O assunto tem o aval do presidente Sarney. A proteção ao não-fumante —ou fumante passivo— é tema desta semana da série "Dá Pra Resolver". Os aviões já separam fumantes e não-fumantes. Em São Paulo, o Metrô obteve sucesso em disciplinar seus passageiros fumantes, ao contrário da Rede Ferroviária Federal.



Josefa Araújo Santana diz que vai fumar "uma vinte" cigarros durante a viagem de 36 horas até Olinda, na Bahia.

Motoristas de ônibus dizem ser difícil proibir passageiros de fumar em viagens de longa distância. Josefa Araújo Santana, 36 —que na quarta-feira passada deixou São Paulo com destino a Olinda, Bahia, a 175 km de Salvador—, afirmou: "Danai até lá vou fumar uns vinte". PÁG. 24

**3.500 fazem fila por uma casa própria**

Cerca de 3.500 funcionários públicos conseguiram na manhã de ontem, no ginásio do Ibirapuera, as senhas da Caixa Econômica Estadual que dão direito ao interesse de adquirir um dos 1.156 apartamentos do Instituto de Previdência Social do Estado (Ipsesp), nos bairros da Saúde (zona sul) e Tucuruvi (zona norte). Mas a animação que imperava entre os primeiros das onze filas formadas contrastava com o descontentamento dos que, mesmo com a senha, terão de aguardar possíveis desistências ou a constatação de irregularidades na documentação. Alguns estavam acampados nas imediações do local antes mesmo da publicação dos editais de venda, no último dia 18. PÁG. 25



Sob chuva, funcionários públicos esperam o momento da inscrição que pode dar direito à aquisição de um apartamento.

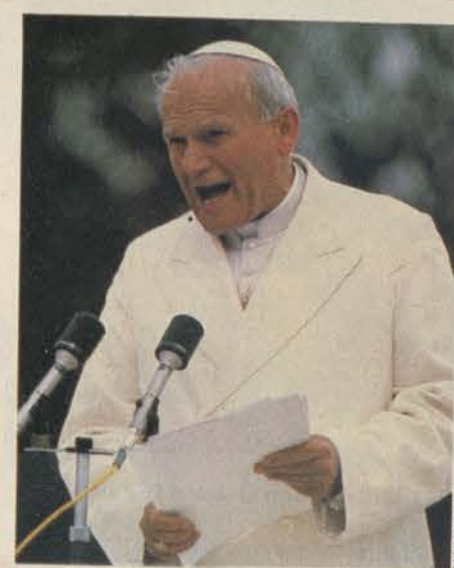
*Handwritten notes:* "Há o lugar", "FASP 23/10", "Wichitudo"

**Religião**

**Acerto em Roma**

**Papa procura alinhar os bispos brasileiros**

Tudo indica que foi mera coincidência o fato de a reunião da cúpula da Igreja Católica no Brasil com o papa João Paulo II, na semana passada, ter ocorrido na sala Bolonha, dentro do Vaticano, a mesma na qual o atual pontífice conseguiu obter a ameaça de cisma da Igreja na Holanda, em 1980. Durante três dias, de quinta-feira a sábado, 21 prelados do país estiveram ali, debatendo sob a presidência do papa temas como o papel do bispo, a vida das paróquias e a verdadeira missão da Igreja na sociedade nacional. Existe, porém, um ponto em comum entre o episcopado do Brasil e o holandês: ambos são considerados por João Paulo II excessivamente progressistas. Enquanto o holandês se mostra liberal em questões como o celibato sacerdotal e a moral sexual, o brasileiro é demasiadamente engajado em assuntos políticos. Foi para repassar tais problemas que o papa convocou os bispos brasileiros a Roma. "Espero que esta reunião seja de grande



João Paulo II: empenho na união

utilidade para a Igreja do Brasil", avisava no início do encontro o cardeal de Porto Alegre, dom Vicente Scherer, um dos poucos bispos nacionais a defender sem restrições o magistério tradicional de João Paulo II. Outro ponto em comum entre o episco-

19 13 186  
pado brasileiro e o holandês é que, apesar de suas reuniões no Vaticano, ambos continuam com questões não resolvidas com o papa. A reação dos bispos também é idêntica: quando em público, negam a existência de qualquer contencioso com Roma. No caso do Brasil, há dois pontos de atrito: a Teologia da Libertação, fundamento do engajamento político do clero brasileiro, sobre a qual João Paulo II tem reparos, e a pouca atenção do episcopado nacional aos motivos que levaram a Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé a punir com o silêncio, em 1985, frei Leonardo Boff, principal ideólogo da Teologia da Libertação.

**CUIDADOS DO PAPA** — Não resta dúvida de que a reunião da semana passada representou um esforço pessoal de João Paulo II para enquadrar a Igreja no Brasil na sua linha de pontificado. O papa tem pressa, mas não quer mal-entendidos. Durante o encontro em Roma, o cardeal alemão Joseph Ratzinger, prefeito da Congregação da Fé, deveria ter apresentado aos bispos brasileiros um novo documento sobre a Teologia da Libertação. O texto foi previamente submetido a João Paulo II, que não gostou dele. Achou-o "longo demais" — tinha mais de oitenta páginas — e "muito científico", pela sua bibliografia de 23 laudas. O papa pediu a Ratzinger um docu-

mento mais simples e compreensivo, de menos de quinze páginas, que possa ser lido serenamente não só pelos teólogos, mas também pelos humildes sacerdotes do interior do Brasil e da América Latina em geral. O cuidado do papa se deve aos incidentes criados quando da divulgação, em setembro de 1984, de um documento anterior sobre a Teologia da Libertação, cujo conteúdo foi motivo de áspersas discussões entre bispos e teólogos brasileiros.



Dom Vicente: aliado do papa



Dom Ivo: irritando Ratzinger

Nos últimos meses, uma das preocupações de João Paulo II eram os freqüentes atritos entre prelados brasileiros adeptos da Teologia da Libertação e organismos da Cúria Romana, como a Congregação da Fé. Desde o início do ano passado, quando o cardeal Ratzinger compeliu ao silêncio o frei Leonardo Boff, o prefeito da Congregação da Fé vinha sendo sistematicamente pressionado por alguns bispos brasileiros a levantar a punição. Um desses prelados era dom Ivo Lorscheiter, presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). "Ratzinger já estava ficando irritado", comentava na semana passada um bispo brasileiro que o conhece de perto. "E transmi-

tiu essa irritação ao papa." Era natural que João Paulo II aproveitasse a reunião em Roma para apaziguar os ânimos.

**CEIA DOS CARDEAIS** — Em nenhum momento o papa, ou qualquer dos presentes, tocou no assunto, mas sua intenção era visível. Ele acompanhou todas as reuniões, ficando com os prelados brasileiros também durante os intervalos para o café com biscoitinhos. Taticamente, no seu discurso aos participantes da reunião, ele não condenou formalmente a Teologia da Libertação, professada pela maioria dos 21 prela-

dos que assistiam a ela, mas apenas os seus desvios doutrinários. E até admitiu a existência de uma Teologia da Libertação "ortodoxa e necessária", desde que "purificada de elementos que poderiam adulterá-la com graves conseqüências para a fé". A posição de João Paulo II, no entanto, não havia mudado: ele aceita a Teologia da Libertação, desde que exorcizada de suas influências marxistas. O papa só não acompanhou os brasileiros nos compromissos fora dos limites do Vaticano. Na sexta-feira, por exemplo, cardeais e bispos compareceram a um jantar oferecido pelo embaixador do Brasil junto à Santa Sé, Afonso Arinos de Mello Franco Filho. O jantar — ou "Ceia dos Cardeais", como foi batizado em Roma — foi organizado na esplêndida residência do embaixador, o Palácio Caetani, na Via Delle Botteghe Oscure, a 50 metros da sede do Partido Comunista Italiano. O palácio se chama Caetani porque pertenceu ao cardeal Benedetto Caetani, que passou à História como papa Bonifácio VIII (1294-1303). Dante Alighieri cita Bonifácio VIII na *Divina Comédia*, colocando-o no inferno.



## D. Eugenio apóia Teologia para promoção da justiça

20-3-1966

Ao retornar ontem de Roma, onde participou da reunião extraordinária do Papa João Paulo II com os bispos brasileiros, o Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Eugênio Sales, disse considerar positiva a Teologia da Libertação, interpretada como instrumento de libertação do pecado e de promoção da justiça entre os homens.

— O que é negado pela Igreja e continuará sendo através do novo documento sobre o tema elaborado pelo Vaticano — esclareceu o Cardeal — é que recorramos a armas marxistas para encontrar soluções para os problemas sociais que atingem nosso povo.

Dom Eugênio Sales adiantou que o documento, a ser divulgado nos próximos dias, esclarece a responsabilidade da Igreja na luta pela liberdade, eliminando deturpações e definindo uma fundamentação ideológica. Ele negou que o Papa João Paulo II tenha rejeitado uma primeira versão do texto por considerá-la não bíblica e omissa quanto às Comunidades Eclesiais de Base.

— O Santo Padre não poderia ter rejeitado, simplesmente porque não existiu primeira versão. O documento foi elaborado com a participação

dele. Evidentemente alguns pontos foram modificados no curso das discussões mas não houve a rejeição, divulgada por alguns jornais, por parte de João Paulo — acrescentou.

De acordo com Dom Eugênio Sales, o documento considera as Comunidades Eclesiais de Base um grande meio de evangelização, "desde que sejam efetivamente eclesiais". Sobre isso, lembrou ter havido uma modificação no documento que falava em comunidades de base inicialmente, sem nenhuma referência a sua característica eclesial.

Fazer frutificar as decisões do encontro, para Dom Eugênio Sales, é missão de todo o clero brasileiro. O clima de concórdia, confiança e liberdade que tomou conta da reunião deu-lhe importância transcendental, na opinião do Cardeal. Feliz e com muitas esperanças, ele resumiu suas expectativas:

— Houve uma sementeira mas seus frutos vão depender da chuva e do solo. Espero que a chuva não falte e o solo seja sempre bom.

O Cardeal fez questão de esclarecer que o encontro "não foi um pão de orelhas nos bispos". Ao contrário, enfatizou, foi conduzido sempre num clima de harmonia.

## D. Avelar defende relacionamento profundo e aberto entre bispos

SALVADOR — Os bispos brasileiros devem buscar um relacionamento mais profundo e aberto entre si, depois do recente encontro com o Papa João Paulo II, afirmou ontem o Cardeal-Arcebispo de Salvador e Primaz do Brasil, Dom Avelar Brandão Vilela, que também participou da reunião em Roma.

Dom Avelar disse que os bispos brasileiros tiveram o privilégio de serem os primeiros a lerem documento do Vaticano sobre o tema "Liberdade Cristã e Libertação", que aborda entre outras questões, a da

Teologia da Libertação. O documento será divulgado durante a Páscoa e Dom Avelar não quis comentar seu conteúdo.

Segundo o Arcebispo, o encontro com o Papa ocorreu "num clima fraterno e de caridade", apesar das divergências de pontos de vista entre os bispos. Disse ainda que João Paulo II esteve sempre presente às reuniões, demonstrando grande interesse pelos problemas da Igreja no Brasil, e que ele "gostou tanto da experiência que pretende repeti-la com bispos de outros países".



## D. Avelar defende relacionamento profundo e aberto entre bispos

SALVADOR — Os bispos brasileiros devem buscar um relacionamento mais profundo e aberto entre si, depois do recente encontro com o Papa João Paulo II, afirmou ontem o Cardeal-Arcebispo de Salvador e Primaz do Brasil, Dom Avelar Brandão Vilela, que também participou da reunião em Roma.

Dom Avelar disse que os bispos brasileiros tiveram o privilégio de serem os primeiros a lerem documento do Vaticano sobre o tema "Liberdade Cristã e Libertação", que aborda, entre outras questões, a da

Teologia da Libertação. O documento será divulgado durante a Páscoa e Dom Avelar não quis comentar seu conteúdo.

Segundo o Arcebispo, o encontro com o Papa ocorreu "num clima fraterno e de caridade", apesar das divergências de pontos de vista entre os bispos. Disse ainda que João Paulo II esteve sempre presente às reuniões, demonstrando grande interesse pelos problemas da Igreja no Brasil, e que ele "gostou tanto da experiência que pretende repeti-la com bispos de outros países".



## Dom Cláudio: Papa alertou para infiltração na Igreja

PORTO ALEGRE — O Papa João Paulo II alertou Bispos brasileiros que estiveram em Roma sobre a infiltração comunista na Igreja. A revelação foi feita ontem pelo Arcebispo desta Capital, Dom Cláudio Colling, em palestra sobre a Teologia da Libertação — para a Associação de Dirigentes Cristãos de Empresas.

Dom Cláudio contou que, numa conversa informal com alguns Bispos, durante um dos intervalos da recente reunião em Roma, o Papa comentou que os comunistas não usam mais as mesmas táticas da época da invasão do Afeganistão, por exemplo, pois agora eles se infiltram na própria Igreja. Segundo Dom Cláudio, o Papa também se disse preocupado com a pregação de uma chamada "Igreja Popular", onde não há nem hierarquia.

Após a palestra, em entrevista, Dom Cláudio explicou que a infiltração está realmente clara e deu como exemplo da sua existência uma associação de bairro ligada à Igreja,

onde se colocam elementos que defendem estas idéias. Mas perguntado se o Papa chegou a dizer que também há infiltração comunista entre os sacerdotes, Dom Cláudio não respondeu claramente. Apenas informou que ela pode ocorrer de "mil formas".

Na palestra, Dom Cláudio condeou as "Teologias da Libertação", que, segundo ele, são assim chamadas justamente porque recebem influências ideológicas, deixando, por isso, de constituírem uma verdadeira doutrina da fé. Acusou estas teologias de recorrerem à análise marxista e, portanto, pregarem a luta de classes para produzir uma sociedade totalitária.

Dom Cláudio advertiu que essas teologias falam da "imagem da Igreja que cada um tem na cabeça, da Igreja que nasce do povo e da Igreja sem hierarquia". Jogam, conforme acrescentou, a culpa de todos os pecados sobre a sociedade, fazendo desaparecer o pecado pessoal.

## Dom Luciano: João Paulo II reprova conflitos entre Bispos brasileiros

BRASILIA — O Papa João Paulo II não quer conflitos entre os Bispos que defendem uma ação mais espiritual e os partidários de uma ação mais voltada para o social no Brasil. Foi esta a recomendação que fez nas reuniões com 21 dos principais representantes da Igreja brasileira, em Roma, nos dias 13, 14 e 15 últimos. A informação foi dada ontem pelo Secretário-Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), Dom Luciano Mendes de

Almeida.

Segundo Dom Luciano, o Papa não fez qualquer restrição ao trabalho social desenvolvido pela Igreja brasileira e os encontros contribuíram para "perceber melhor a missão evangelizadora da Igreja, que inclui uma dimensão social e política". O Papa, continuou o Secretário da CNBB, deixou claro que é preciso evitar "posicionamentos que quase se antagonizam", como a opção pela ação mais espiritual ou mais social.



## VIDEOSAT

A copa e o mundo em seu lar



Com o Videosat seu televisor recebe programas brasileiros e internacionais diretamente dos satélites.

Som e imagem perfeitos em qualquer lugar do Brasil, mesmo em regiões distantes e isoladas.

Ideal para fazendas, casas de campo, canteiros de obras, condomínios, etc.

### ZIROK®

ELETRÔNICA LTDA.

Rua Madeira, 28 - CEP 03033  
Tel.: 228-9853 - Telex (011) 36665 - São Paulo

## EMPRESÁRIO DE SUCESSO VEM A SÃO PAULO PERDER PESO.



No Ibirapuera Park Hotel você tem quadras de tênis, piscina, fisioterapia, salão de ginástica, sauna e pista de cooper, o

Rovere American Bar e o Amaranto Restaurant.

Os apartamentos são amplos e confortáveis.

E, nas horas vagas, aproveite para trabalhar um pouquinho nos salões de convenções.

**Ibirapuera Park Hotel**  
O seu Hotel especial.

Av. Sena Madureira, 1355 - São Paulo  
CEP 04021 - Fone: 572-0111 - Telex: 32405 IBPH.



MARC DEVILLE - PHOTO NEWS GAMBIA SIGLA

### João Paulo II: apelo para reforçar laços

entre os militares e os grandes proprietários rurais do Araguaia". Por muito menos, outros religiosos têm levado a pior. Em 1980, o padre Vito Miracapillo foi expulso do país, por decreto presidencial, sob a acusação de pregar o desrespeito à data da independência do Brasil. Em Ribeirão, no interior de Pernambuco, o sacerdote se negara a rezar missa pela data da independência, afirmando que só a celebraria quando realmente houvesse liberdade no país.

**VERDADEIRA OBSESSÃO** — Comparado, pelos seus admiradores, à madre Teresa de

Calcutá, com a diferença de que não pratica a caridade tradicional, como a religiosa da Índia, que socorre leprosos e dá esmolas aos pobres, dom Pedro é um bispo voltado exclusivamente para os deserdados da sociedade. Essa dedicação integral, verdadeira obsessão que só ultimamente cede espaço ao interesse pela Nicarágua, levou-o a receber, em 1977, a acusação de comunista e mais um pedido de expulsão do país, formulado por um de seus irmãos de episcopado, o então arcebispo de Diamantina, dom Geraldo Maria de Proença Sigaud. "Não sou e nunca fui comunista", re-



Miracapillo: recusa punida

bate dom Pedro. "Apenas optei pela Igreja dos oprimidos." O bispo de São Félix do Araguaia também está seguro de que, apesar de suas divergências com a ortodoxia católica, o Vaticano não duvida de sua fidelidade à Igreja. E ilustra sua tese com um exemplo. Em 1977, no auge da campanha para expulsá-lo do país, Paulo VI fez chegar ao ministro da Justiça, Armando Falcão, através do cardeal-arcebispo de São Paulo, dom Paulo Evaristo Arns, a advertência de que "mexer com o bispo de São Félix do Araguaia será mexer com o próprio papa".

As convicções e atitudes de dom Pedro o tornam um pastor amado e odiado na sua própria comunidade. "O Pedro é nosso irmão, é o maior amigo da gente", diz entusiasmado o índio Chico, da aldeia de Tapirapé, que passou a semana passada hospedado na casa do bispo. A residência episcopal vive cheia de índios, posseiros, pequenos agricultores e agentes de pastoral em viagem a São Félix. A comida é preparada num fogão a lenha e, depois das refeições, os moradores se revezam na tarefa de lavar a louça e varrer o chão. Pelo menos um dia na semana, o trabalho é feito por dom Pedro. "Esse bispo não quer o desenvolvimento da região, porque usa os pobres como massa de manobra para sua ideologia", acusa o comerciante José Rodrigues, 33 anos, que vende sementes, adubos e defensivos agrícolas para os proprietários rurais da região. "Também sou católico, mas o meu Cristo não se envolve em política."

A crítica de Rodrigues tem um endereço. Nas eleições de 1982, a força pastoral da Igreja local elegeu os seminaristas Antônio Tadeu Escami e José Pontim para as prefeituras de Santa Terezinha e São

Félix do Araguaia e o agente de pastoral Francisco de Assis para o município de Canarana. As celebrações litúrgicas desta Semana Santa, na catedral de São Félix do Araguaia, exibem a marca inconfundível do estilo de dom Pedro. De segunda-feira a domingo, cada dia será dedicado à "memória de um religioso ou agricultor morto nos conflitos sociais da América Latina". Na sexta-feira, em vez da liturgia tradicional, será encenada a peça *Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus Lavrador*, de autoria de um dos auxiliares do bispo.



## Bispos discutem Constituição

Da Reportagem Local

5/14/86 FEP

Uma comissão da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) estará reunida a partir de hoje, no convento jesuíta de Itaiaci, município de Indaiatuba (SP), 99 km a noroeste de São Paulo, para preparar a versão definitiva do texto provisório sobre "Exigências Cristãs de uma Ordem Constitucional", a ser encaminhado aos bispos que realizarão a assembleia anual do episcopado brasileiro, de 9 a 19 próximos. A íntegra de uma das versões preliminares do texto-

base que será discutido pelos bispos foi publicada, com exclusividade, na edição de ontem da Folha.

O grupo de redação do texto-base para a reunião da CNBB é presidido pelo bispo auxiliar de São Paulo, d. Antônio Celso Queiroz, e também integrado pelo bispo de Vitória da Conquista (BA), d. Celso Pinto, e pelo auxiliar do Rio de Janeiro, d. Afonso Felipe Gregory, além do sociólogo jesuíta Fernando Bastos Ávila, do Ibrades (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento), do Rio de Janeiro, e do padre Agostinho Castejón, secre-

tário-geral do MEB (Movimento de Educação de Base).

A versão final do texto "Exigências Cristãs de uma Ordem Constitucional" considerará, também, as sugestões encaminhadas pela Comissão de Acompanhamento do Processo Constitucional, da CNBB, cujo presidente é o bispo de Bauru (SP), d. Cândido Padin.

Entre os membros desta segunda comissão, encontram-se o suplente de deputado federal Plínio de Arruda Sampaio e o jurista Fábio Konder Comparato.

### Amanhã, na Folha, a Assembleia da CNBB

A Folha publica, em sua edição de amanhã, reportagem sobre o significado pastoral da 24ª Assembleia Geral da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) — que se realizará de 9 a 19 de abril em Itaiaci, município de Indaiatuba (99 km a noroeste de São Paulo) — e o novo clima da conferência, a partir da reunião de cúpula com o papa João Paulo 2º, em Roma, de 13 a 15 de março. Entre os principais temas a serem discutidos na assembleia, está o texto "Exigências Cristãs de uma Nova Ordem Constitucional", preparado por uma comissão da CNBB. Na edição de amanhã também será publicado um dossiê sobre a entidade episcopal, fundada em 1952.



## D. Avelar: Texto do Vaticano não aceita violência

*Auto 03-04-76 B*  
SALVADOR — Ao comentar ontem, em sua Oração Dominical, o documento "Instrução para a liberdade cristã e a libertação", divulgado pelo Vaticano, o Arcebispo de Salvador e Primaz do Brasil, Cardeal D. Avelar Brandão Vilela, afirmou que o texto rejeita qualquer tipo de estrutura que menospreze a dignidade e os direitos da pessoa humana, mas rejeita, em princípio, o caminho da violência como instrumento para a conquista da liberdade. Segundo D. Avelar, o documento, além da instrução e da conclusão, apresenta cinco capítulos: a situação da liberdade no mundo de hoje, vocação do homem à liberdade e drama do pecado, libertação e liberdade cristã, a missão libertadora da Igreja e a doutrina social da Igreja por uma praxis cristã da libertação.

— Em nenhum dos capítulos se fala, explicitamente, no marxismo, embora, no texto, se depreenda claramente, nas distinções filosóficas e teológicas referentes a conceitos e doutrinas, que o caminho da libertação cristã tem sua origem na palavra de Deus e não, como é óbvio, nas ideologias humanas.

Afirma ainda o Cardeal que o texto só se refere uma vez à "Teologia da libertação", mas todo ele visa orientar os católicos e os homens de boa vontade sobre a missão específica da Igreja e o sentido de sua presença no meio do mundo.

— Ao referir-se, por exemplo, à evangelização e à promoção da justiça, o documento não nos apresenta um quadro de antagonismo puro e simples, mas coloca tudo em seu devido lugar: "ela (a Igreja) presta grande atenção em manter, clara e firmemente, tanto a unidade como a distinção entre evangelização e promoção humana: unidade, porque ela busca o bem do homem todo, distinção, porque essas duas tarefas, sob títulos diversos, integram a sua missão".

Mais adiante D. Avelar diz em sua Oração que "o documento reafirma a preferência pelos pobres, mas não repele as demais categorias da sociedade. Convida todos a um processo vital de conversão para o bem, para a verdade, para a justiça, para a liberdade e para o amor fraterno".

■ O Vaticano mostra neste segundo documento sobre a Teologia da Libertação que compreende a necessidade desta teologia, da libertação eterna do pecado e de suas consequências e também da libertação terrena, afirmou ontem o Bispo Hélder Câmara em entrevista à rádio Belgrano, da capital argentina.

Segundo D. Hélder, o documento "Instrução para a liberdade cristã e a libertação" afirma que os cristãos devem se preocupar com os pobres, mas não devem usar a violência para conseguir a justiça social.

— Todos que acreditam no Criador devem colaborar para a promoção humana, para que ninguém tenha a tentação de pensar que Deus é um padrao — acrescentou D. Hélder.



# Para bispos, reforma depende de Sarney

15/11/67  
DERMI AZEVEDO  
Enviado Especial a Itaiaci

A Igreja Católica espera "um ato de coragem" do presidente José Sarney para implementar a reforma agrária, com base na convicção de que ela depende exclusivamente de uma "decisão política" do governo federal e na constatação de que "os que resistem a esta medida são minoritários com relação à imensa maioria da população brasileira". É o que disseram ontem, às 15h30, em entrevista coletiva no convento de Itaiaci, município de Indaiatuba, a 99 km a noroeste de São Paulo, o arcebispo de Olinda e Recife (PE), d. José Cardoso Sobrinho, 56, e os bispos de Rio Branco (AC), d. Moacyr Grechi, 50, e de Lins (SP), d. Walter Bini, 56.

Os bispos afirmaram que que "resistir ao plano governamental de reforma agrária e manter a atual concentração de terras no país é desejar o caos e a violência em futuro muito próximo, numa escala generalizada". Segundo eles, a "luta pela reforma agrária representa um pensamento unânime dentro do episcopado católico brasileiro". Acrescentaram que a proposta do governo "é moderada", não prejudicando ninguém e que deve ser concretizada, segundo disse d. José Cardoso, "sobretudo por razões éticas e não à base de conflitos".

D. José afirmou que "assim como presidente Sarney teve a coragem de decidir pela implantação de um novo plano de estabilização econômica" deveria realizar mais "dois gestos corajosos: aplicar imediatamente os planos regionais de reforma agrária e iniciar o processo de irrigação do nordeste, já que é um homem nordestino".

## Funaro

Confirmando a posição assumida, anteontem, pelo cardeal de Fortaleza (CE), d. Aloisio Lorscheider, os três bispos entrevistados ontem afirmaram que não apóiam a eventual presença na assembleia de Itaiaci, do ministro da Fazenda, Dilson Funaro, para falar sobre a reforma econômica decretada pelo presidente Sarney. Disseram ainda que o assunto não foi discutido em plenário. Segundo d. Moacyr Grechi, "a vinda de Funaro poderia provocar uma imagem ambígua da Igreja junto à opinião pública". Segundo ele, a CNBB "precisa preservar sua independência diante do governo".

A sugestão de que Dilson Funaro poderia vir a Itaiaci para falar aos bispos sobre o plano econômico foi do próprio presidente José Sarney, em conversa telefônica com o presidente da CNBB, d. Ivo Lorscheider, na última quarta-feira, depois de ter sido comunicado, por d. Ivo, de que iria receber telegrama do episcopado

Banco de Dados  
pedindo apoio para a reforma agrária e para a demarcação das terras indígenas.

A reação do episcopado, até agora, tem sido contrária à aceitação da proposta presidencial, seja pelo fato de o plano econômico não ser tema prioritário da assembleia, seja porque a maioria dos bispos considera que a Igreja deve ouvir, sobretudo, os setores populares da sociedade brasileira sobre o Plano de Estabilização Econômica.

## Congresso constituinte

Os bispos que participam da 24ª assembleia da CNBB, em Itaiaci, encerram hoje o processo de discussão sobre o documento "Exigências Cristãs de uma Nova Ordem Constitucional", tema central da reunião. D. Walter Bini disse ontem que a Igreja não apresentará, neste texto, artigos constitucionais "mas somente diretrizes e princípios". D. Moacyr acrescentou que a CNBB "está recolhendo, neste texto, o que vem sendo proposto, nos últimos dez anos, pela sociedade civil brasileira". Citou, especificamente, as questões da reforma agrária, solo urbano, melhor distribuição da renda, além da participação dos cidadãos nos bens culturais e na vida política.

"Estamos fazendo isso sem ilusões a curto e a médio prazos — disse d. Moacyr — e entendemos que o processo de discussão é mais importante do que as eventuais conquistas. Mesmo assim, o debate atual sobre a nova Constituição marcará o futuro da sociedade brasileira".



D. José Cardoso Sobrinho



D. Moacyr Grechi



# À atenção de d. Tomás Balduino

LUCIANO CABRAL DUARTE

23. April 1986

Em artigo publicado na Folha de S. Paulo (3 de abril de 1986, pág. 3), intitulado "Frei Betto, Fidel e a Religião", o meu ilustre e caro irmão no Episcopado, d. Tomás Balduino, bispo de Goiás (GO), comenta dois pontos que lhe "chamaram particularmente a atenção" em dois artigos meus, sobre o livro de Frei Betto, "Fidel e a Religião".

Com o respeito que tenho ao meu colega no Colégio dos Sucessores dos Apóstolos, sem espírito de polémica nem de entrar na espiral de réplicas e tréplicas, acho que é a minha vez de comentar, despretensiosamente, os comentários.

Não sou dono da verdade; d. Balduino também não o é. No fim das contas, a verdade é que é dona dela mesma, e a nós outros, pobres "bípedes pensantes", cabe apenas andar pelo areal dos raciocínios para descobri-la, e, uma vez achada a pedra preciosa, curvar nossa mente ante a fulguração da evidência.

D. Balduino me argüi, inicialmente, de eu insistir (e é verdade que o fiz, e continuarei a fazê-lo), quando falo no livro "Fidel e a Religião", no fato de que seu autor é apenas um "irmão leigo dominicano" e não um sacerdote, como, de boa ou má fé (provavelmente de boa fé...) foi afirmado em Cuba. Tenho em mãos um recorte do jornal comunista da ilha de Fidel, "Gramma", em uma de suas edições semanais de janeiro último, (o jornal é diário e publica resumos hebdomadários) onde se afirma que o citado livro "do sacerdote dominicano brasileiro Frei Betto" foi um grande sucesso de livraria em Cuba, e mais de 200 mil exemplares desta obra duraram apenas poucos minutos nas livrarias. Não sei se o artifício de chamar um "irmão leigo" de "sacerdote" contribuiu para a vendagem fulminante do referido escrito.

Minha razão é simples: um "irmão leigo" não participa do sacramento da Ordem, nem dos carismas de um padre: é um leigo. Assim é que o povo católico gosta de saber quem é sacerdote e quem não o é. Que razão existe para escondê-lo e para confundir o que confundido não deve ser?

O segundo ponto em que sou trazido à colação por d. Balduino refere-se "à problemática de fundo do aludido livro, a saber: o novo posicionamento de Fidel para com a religião".

E d. Tomás lança mão de dois argumentos, antes de tentar reduzir a um dilema absurdo o sentido do meu esforço de mostrar o chão de falsidade em que "se situa o lúcido e brilhante" trabalho pastoral de frei Betto, em seu livro "Fidel e a Religião".

Sopesemos os dois argumentos aduzidos. O primeiro é uma citação de um bispo norte-americano, d. Patrick Flores, bispo de San Antonio (Texas), que visitou Cuba em 1985, e que diz: "Não vimos dizer que cesse o governo socialista, porém que respeitem os direitos das pessoas que pensam de outra maneira. Também pedimos aos cristãos que respeitem aqueles que querem ter outra forma

de governo. O diálogo pode produzir esta possibilidade".

Eis uma complexa declaração do prelado estadunidense, onde se misturam quatro considerações e pedidos. Sua primeira observação é esta: "Não vimos dizer que cesse o governo socialista". Isto mostra que o autor da frase é mesmo um norte-americano: "Time is money", encerramos este assunto pois não vale a pena perder tempo. Eis a segunda afirmação: "Porém que respeitem os direitos das pessoas que pensam de outra maneira" (grifei). Aqui o tema se torna sério. Se o prelado da grande nação vizinha vai a Cuba pedir aos responsáveis do país que "respeitem os direitos dos que pensam diversamente", é óbvio que estes direitos (os dos católicos, especialmente, como se vê pelo contexto) não estão sendo respeitados. Ninguém pede que se faça o que já está sendo feito. O terceiro pedido de d. Patrick Flores é este: "pedimos aos cristãos que respeitem aqueles que quiserem ter outra forma de governo". Aos meus olhos, um pedido inócuo, ingênuo, pois que podem fazer os dissidentes católicos de Cuba senão calar-se ou ir para o Gulag, como foi Armando Valladares e foram milhares de outros? A frase final do bispo dos Estados Unidos é um piedoso desejo, que embora não realizado em nenhum país comunista do mundo, não há proibição de que seja formulado: "o diálogo pode produzir esta possibilidade" de uma melhoria verdadeira de relacionamento... O diálogo pode afrouxar, por momentos, taticamente, a gargalheira de sufocação da Igreja de Cuba. O esforço para aumentar esta asfixia até a morte é que não cessará jamais, no regime comunista, como demonstrarei adiante. De modo que, salvo engano, o primeiro argumento de d. Tomás traz água ao meu moinho, e por este gesto lhe agradeço.

O segundo argumento aduzido por d. Balduino contra meus escritos é uma citação do arcebispo de Havana, d. Jaime Ortega Alamino, de outubro de 1985: "Se estas questões pudessem ser superadas pelo diálogo, sairia ganhando o povo. Nós cristãos, estamos continuamente convidados por Jesus Cristo ao perdão e à reconciliação e inclusive ao amor dos inimigos. Por que propiciar situações ofensivas que requerem continuamente o exercício da virtude reconciliadora? O diálogo e a aproximação entre crentes e não crentes, em nossa terra cubana, seja uma realidade" (ibidem). (Grifei).

Homem inteligente, d. Balduino sabe melhor do que eu que os católicos dos países comunistas ouvem mais do que falam, e falam mais pelas entrelinhas do que pelas linhas. Releia, caro irmão, por favor, este gemido abafado do arcebispo de Havana. Veja como ele exprime com um subjuntivo de impossibilidade o seu anseio de ver resolvidos os problemas entre os cubanos católicos e o governo antiteísta que os oprime: "Se estas questões pudessem ser superadas pelo diálogo"... E ainda:

"Nós, os cristãos, estamos convidados continuamente ao perdão, à reconciliação e ao amor dos inimigos". Quem ofendeu os católicos de Cuba, para que eles os devam perdoar? Quem rompeu com eles, para que precisem reconciliar-se? Quem são estes "inimigos" aos quais eles são chamados a conceder o perdão heróico, que Cristo nos ordena outorgar a quem nos odeia?

Se não fosse impertinência, eu agradeceria a colaboração que novamente me dá o sr. bispo de Goiás Velho.

Vejamos agora a conclusão das colunas que d. Balduino publicou contra meus artigos. Desta vez, ele muda de tom e seu escrito manso se ergue no assomo agressivo de uma diatribe. Declara ele que minha posição é de "fechamento e intolerância diante deste novo sinal dos tempos que é a aproximação do Estado com a Igreja em Cuba, e pode significar de duas uma: ou a investida espetacular e vã contra moínhos de vento, ou, o que seria mais danoso, a implacável agressão que só resultaria em apagar completamente a mecha que ainda fumeja" (ibidem).

Três coisas a comentar. Primeira: que vale "este novo sinal dos tempos: a aproximação do Estado com a Igreja, em Cuba"? Respondo: objetivamente, em termos de quem vai além dos acidentes e busca a substância, este sinal não vale nada. Porque não é fornecendo agora um pouco de oxigênio provisório à Igreja cubana, Igreja que Fidel quis e quer destruir, que ele muda seriamente alguma coisa. Nem é com suas receitas de bobó de camarão com dendê oferecidas a Fidel, que frei Betto conseguirá abrir uma brecha na monolítica fortaleza ideológica do comandante cubano. Pois Fidel está inapelavelmente debaixo das decisões das "Tesis y Resolución sobre la Política en relación con la religión, la Iglesia y los Creyentes, del Primer Congreso del Partido Comunista de Cuba" (1975). Este texto básico foi aprovado em 1975 por todo o PC de Cuba (Fidel à frente) com o "placet" do Kremlin, e é um documento intocado até hoje.

Ai se lê: "A religião, conforme o marxismo-leninismo, é uma das formas da consciência social e, como tal, um reflexo na consciência do homem, da realidade exterior. Sua origem é terrena e não celestial." E adiante: "A religião não é, pois, algo independente ou acima da sociedade; não existiu sempre, senão que surgiu em certa fase do desenvolvimento da sociedade e deverá extinguir-se inexoravelmente no futuro (grifei), quando — como escreveu Marx em "O Capital" — as condições de vida diária, laboriosa e ativa, representam para os homens relações claras e racionais entre si e de respeito à natureza". Dentro deste guante de asfixia, qual a sorte da Igreja cubana? Quem conhece um mínimo do mundo comunista sabe que a estrutura da ideologia marxista, na sua essência, é intocável. Imre Nágý, primeiro-ministro comunista na in-



surreição da Hungria, em 1956, por querer mudá-la, foi fuzilado. Alexandre Dubcek no levante da Tchecoslováquia, em 1968, foi apeado do poder mais alto em seu país a vegetar no ostracismo até hoje. Fidel é um político sutil, que tem sempre sabido jogar bem, com o grande urso, até agora.

A segunda coisa é uma acusação: d. Balduino, abrindo a pinça de seu dilema em que procura enquadrar-me, diz que, de um lado, posso estar a combater moinhos de vento. Se os textos que transcrevi, das "Tese e Resolução Cubanas sobre Política e Religião" são apenas moinhos de vento, um de nós dois, meu caro d. Tomás, está enxergando miragens no deserto. Quem? Eu ou o sr.? Eu, pelo menos, me apoio em textos oficiais do comunismo em Cuba. E o sr. em que se arrima? Seus argumentos dúbios parece que se volatilizaram quando, acima, tentei dissecá-los. As observações tendenciosas, truncadas, contraditórias, sofismadoras de seu co-irmão dominicano frei Betto também, como já provei, não têm consistência. Se estiver interessado, poderá ler, a respeito, o artigo que publiquei no "Estado de S. Paulo" de 26/01/86, onde, das 52 contradições e coisas estranhas do livro de seu colega, dou-me ao trabalho de demonstrar a falsidade de várias delas.

Eis o terceiro item do escrito de d. Balduino: a outra ponta do dilema armado para analisar meus escritos em questão, seria a hipótese de que eu estaria praticando uma "implacável agressão que só resultaria em apagar completamente a mecha que ainda fumega".

A imagem do resto de tocha que teima em arder, contra o vento e o tempo, é de Isaías, e é aplicada por S. Mateus à ação de Jesus. É uma comparação que carrega em si grande beleza. Só que, no caso, parece-me completamente deslocada. Se eu estou tentando rasgar uma hipocrisia sem nome; se procuro mostrar que Fidel Castro nos impingiu, sem a menor cerimônia, inverdades gritantes que frei Betto nos transmite, com candura e mesmo com certo entusiasmo sófrego, não estou apagando a "mecha fumegante" do "pequeno resto de Israel" que são os católicos de Cuba, reduzidos por Fidel a menos de 0,5% de praticantes. Esta mecha, autêntica, eu a alimento como posso, com minhas pobres orações e com meu esforço em bradar os fatos, única fonte da verdade, contra toda uma correnteza pró-Cuba, na qual vogam frei Betto e d. Balduino. No caso presente, não se trata de mecha. O que eu estou buscando, contra ventos e marés, "esperando contra a esperança" também eu, é impedir que se alastre pela América Latina o incêndio marxista-leninista, a fogueira do comunismo, em cima da qual, com seu livro "Fidel e a Religião", frei Betto, generosamente, derramou, com suas mãos de frade, um barril de petróleo...

D. LUCIANO CABRAL DUARTE, 61, doutor em Filosofia pela Universidade Sorbonne (França), é o arcebispo de Aracaju (SE).

## Ex-bispo de Campos adere ao tradicionalista Lefèbvre

Da Reportagem Local

O antigo bispo diocesano de Campos (280 km a nordeste do Rio de Janeiro), d. Antônio de Castro Mayer, 81, confirmou ontem, às 11h, por telefone, sua adesão ao arcebispo rebelde francês d. Marcel Lefèbvre, suspenso pelo papa Paulo 6º por não aceitar as reformas introduzidas na Igreja Católica pelo Concílio Vaticano 2º, realizado de 1962 a 1965. A adesão de d. Antônio ao arcebispo Marcel Lefèbvre é o primeiro caso do gênero nos setores tradicionalistas, minoritários no episcopado brasileiro, o terceiro do mundo católico, com 365 bispos, vindo logo após o da Itália e o dos Estados Unidos.

D. Antônio disse nunca ter-se afastado do arcebispo Marcel Lefèbvre, afirmando que "a gente só adere quando está distante e, na verdade,

sempre estivemos juntos". Alegando não poder fazer maiores comentários "por não ser mais o bispo de Campos" —foi substituído por d. Carlos Alberto Navarro, antigo auxiliar da Arquidiocese do Rio de Janeiro—, ele não quis comentar informações de alguns setores da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), de que se corresponde regularmente com d. Marcel Lefèbvre, que vive no seminário tradicionalista de Ecône, na Suíça.

Como d. Antônio não é mais bispo titular, transformou-se numa espécie de militar sem tropas. O caso teria maiores repercussões, na perspectiva da comunhão católica, se ele ainda fosse bispo diocesano de Campos, onde os padres que seguem sua linha política continuam resistindo às diretrizes de d. Carlos Alberto Navarro.

### Quem são Lefèbvre e Castro Mayer

O arcebispo tradicionalista francês Marcel Lefèbvre e o antigo bispo de Campos (RJ), d. Antônio de Castro Mayer, são velhos amigos. Partilham esta amizade com o fundador da TFP (Tradição Família e Propriedade), Plínio Corrêa de Oliveira. Durante o Concílio Vaticano 2º (1962-1965), Lefèbvre e Castro Mayer integravam a minoria militante anti-reformista e anticomunista que resistia ao projeto do papa João 23 de abrir o diálogo entre a Igreja e o mundo contemporâneo.

D. Antônio de Castro Mayer nasceu em Campinas (SP), em 20 de junho de 1904, foi ordenado padre em 1927 e sagrado bispo em 1948. Quando ainda era padre, ajudou a redigir, com seu colega Geraldo de Proença Sigaud (que, mais tarde, assumiria a Arquidiocese de Diamantina, em Minas Gerais) e com Plínio Corrêa de Oliveira, o jornal "O Legionário", da Arquidiocese de São Paulo.

É co-autor do livro "Reforma Agrária, Questão de Consciência", que a TFP lançou, nos anos 60, contra o projeto de reforma agrária do presidente João Goulart. Escreveu também cartas pastorais sobre os "Problemas do Apostolado Moderno" e contra os Cursilhos de Cristandade, acusando-os de "comunistas".

Marcel Lefèbvre

D. Marcel Lefèbvre nasceu em Tourcoing, norte da França, em 29 de novembro de 1905. Foi ordenado padre em 1929 e sagrado bispo em 1947, assumindo em 1955 a Arquidiocese de Dacar, Senegal. Em 1962, foi transferido para Tulle, na França, renunciando em 10 de dezembro de 1970, já em plena rebeldia. Em 1977, foi suspenso das ordens sacerdotais pelo papa Paulo 6º, por não aceitar as reformas litúrgicas conciliares. Lefèbvre só reconhece como válida a missa em latim, codificada pelo papa Pio 5º, no século 16.



## Para d. Eugênio, documento do Vaticano está sendo 'distorcido'

Do Sucursal do Rio

Em sua mensagem "A Voz do Pastor", divulgada ontem, o cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro, d. Eugênio Salles, criticou o que chamou de "distorções" na interpretação do documento "Instrução sobre a Liberdade Cristã e a Libertação", divulgado no último dia 22 de março pela Sagrada Congregação da Doutrina da Fé do Vaticano. Na mensagem, d. Eugênio afirma que, "em certas declarações distorcendo o texto, evidencia-se o esforço de apresentar erroneamente o que é de meridiana clareza".

Em entrevista coletiva realizada no mês passado, o teólogo franciscano Leonardo Boff — liberado há pouco do período de "silêncio obsequioso" ao qual foi submetido, em maio do ano passado, pelo Vaticano — afir-

mou que o novo documento da Sagrada Congregação da Doutrina da Fé era resultado de uma melhor compreensão, pelas autoridades de Roma, da Teologia da Libertação, e que representava um progresso com relação a outros documentos da Igreja sobre o tema. D. Eugênio, porém, afirmou, em sua mensagem, que o documento de março passado é complementar ao de agosto de 1984, "Instrução Sobre Alguns Aspectos da Teologia da Libertação", e que, no novo documento, as advertências feitas na primeira Instrução sobre os "desvios ou riscos de desvios prejudiciais à fé e à vida cristã" são classificadas de "cada vez mais pertinentes e oportunas".

A assessoria de Imprensa da Arquidiocese do Rio informou que d. Eugênio não pretende comentar as declarações feitas anteontem por frei Leonardo Boff.

3-5-86 M





Há um mês, padre Josimo exibiu foto do carro que dirigia, perfurado por cinco balas

### Bispos alertaram presidente Sarney

No dia 29 de abril passado bispos de Goiás entregaram pessoalmente ao presidente da República um documento sobre a "atuação dos pistoleiros e da Polícia Militar em Goiás". O presidente prometeu tomar providências. Eis alguns trechos do documento:

"Nesses últimos meses a violência está crescendo nos conflitos de terra no Norte de Goiás.

Associações de fazendeiros formam milícias de pistoleiros, criando um clima de terror, como, por exemplo, o grupo Solução, que tem nas suas fileiras pistoleiros contratados e ex-militares.

A Polícia Militar está abertamente conivente com as associações de fazendeiros e suas milícias.

Conflito do Vale do Juari, município de Colméia: no dia 06/03 — despejo violento de 86 famílias de posseiros. Houve torturas pela PM. Do dia 17 até o dia 24/03, houve 4 mortes (ou talvez 06), inclusive uma criança; um dos mortos, Iracilio Cicero Batista, é um jagunço da Solução, ex-soldado da PM, assassinado por seus próprios colegas no dia 23/03. Até hoje, dia 25/04, 8 pistoleiros da Solução ocupam as terras dos posseiros e procuram os posseiros refugiados em Colinas de Goiás, para matá-los. Dezenas de policiais do quartel de Araguaína estão vigiando, em Colinas, as terras do fazendeiro Luiz Spínola Cardoso.

### Bispo não crê na polícia

Belém — O bispo de Imperatriz (MA), D. Alcimar Caldas Magalhães, não tem muita esperança que a polícia chegue aos responsáveis pela morte do padre Josimo, assassinado sábado passado por um pistoleiro provavelmente a serviço do fazendeiro conhecido na região por João Japonês. "Esse tipo de crime está se tornando comum por aqui e a polícia, por qualquer razão, não tem sido eficiente", afirma o bispo.

A Comissão de Justiça e Paz fez uma reunião em Imperatriz para avaliar as circunstâncias da morte de padre Josimo e foi à Delegacia de Polícia local cobrar mais ação no sentido de capturar o pistoleiro que matou o sacerdote. "Mas é muito difícil que tenhamos a apuração deste bárbaro assassinato", explica o bispo de Imperatriz, "porque a polícia já ouviu as testemunhas oculares do assassinato, porém é lenta, completamente nula."

Dom Alcimar Caldas acha que se o padre Josimo quisesse teria feito revelações importantes antes de morrer, pois permaneceu consciente, mesmo sentindo muitas dores devido ao ferimento. "Acho que ele não esperava morrer. Por isso, não descreveu o rosto do pistoleiro que o baleou", imagina o bispo.

Até agora, a polícia só sabe que o pistoleiro estava num Corcel amarelo, placa IA-3614, de Imperatriz, mas ainda não localizou o proprietário, tarefa dificultada pelo elevado índice de roubo de carros naquela área. Quase sempre os veículos são completamente transformados, antes de serem vendidos.

De acordo com o bispo, a morte do padre Josimo aconteceu em decorrência

do pouco caso que sempre fez das ameaças que recebia. No sábado, ele estacionou sua Toyota perto da casa do bispo e logo atrás parou o Corcel II ocupado pelo pistoleiro. Os dois entraram por uma porta lateral, que leva ao andar superior, onde funciona o escritório da CPT — Comissão Pastoral da Terra e de outras entidades ligadas à Igreja. Havia muita gente trabalhando. O pistoleiro atirou no padre quando ele subia a escada a uma distância de três metros. Uma bala penetrou na altura dos rins e saiu pelo mamilo direito, a outra errou o alvo e furou a parede.

Tranquilo como entrou, o pistoleiro saiu, pegou o Corcel e sumiu. A polícia ainda espera pelo laudo pericial do Instituto Médico Legal para anunciar o calibre da arma que matou o padre, mas D. Alcimar sabe que foi uma pistola 7.65, da qual foram encontradas as cápsulas, provavelmente a mesma usada no dia 15 de abril contra o padre, que conseguiu escapar de um atentado na estrada de Axixá de Goiás, a poucos quilômetros de Imperatriz. Naquela ocasião, a porta da Toyota em que viajava o padre foi perfurada por cinco disparos.

No dia seguinte, em Imperatriz, padre Josimo disse que há muito vinha sendo pressionado pelos fazendeiros da União Democrática Ruralista para abandonar a área, mas que estava disposto a continuar sua tarefa. De acordo com o padre, João Japonês, dono da fazenda Ouro Verde e da Construtora Engil, em Araguaínas, Goiás, era o seu principal perseguidor. "Ele tem motivos particulares para querer a minha eliminação ou intimidação", disse Josimo na ocasião.



## Igreja muda local do sepultamento

**Goiânia** — O padre Josimo Moraes Tavares será sepultado hoje na cidade de Tocantinópolis porque o clima de revolta na cidade de São Sebastião do Tocantins, onde era vigário, é muito grande. A mudança do local do sepultamento foi decidida pela cúpula local da Igreja, para evitar novos choques armados e derramamento de sangue.

A Comissão Pastoral da Terra (CPT), cuja diretoria se reuniu extraordinariamente na tarde de sábado em Goiânia, emitiu nota de protesto que diz: "Nossa indignação aumenta com a generalização da violência dos latifundiários e dos grileiros. Todo esse sangue derramado se voltará contra os criminosos, como uma maldição. Uma terra maldita nunca poderá trazer alegria e vida aos seus detentores, ainda que dela extraiam riquezas."

### Revolta

O bispo da diocese de Tocantinópolis, Dom Aloísio Hilário de Pinho, disse que "a região vive um clima de comoção geral", principalmente em São Sebastião, onde ele era vigário. "Nós, da Igreja em particular, estamos chocados com o fato, embora Josimo, coerente com sua convicção e sabendo dos riscos do seu engajamento em favor dos humildes da região, não quisesse sair da área".

O bispo contou que, no sábado, o delegado de Imperatriz se "mostrou prestativo em atender o caso", mas ninguém foi preso até o momento. "As perícias foram feitas, mas até agora ficou apenas nisto. Eu cheguei a Imperatriz duas horas depois do assassinato para tomar as providências necessárias".

Dom Aloísio Hilário disse que "o padre Josimo, aos 33 anos de idade, é um mártir da causa que abraçou com coragem e determinação. Ele sabia dos riscos que corria, mas tinha coragem e fé no que fazia". Revelou que a diocese estava organizando uma série de providências para "conceder uma espécie de licença" ao padre Josimo, depois dos atentados que sofrera em abril e de outras ameaças a sua vida. "Nós imaginávamos que daqui a uma semana estaria afastado daqui, descansando e fora dos riscos. Não era um afastamento, porque isto ele não aceitava, mas queríamos poupar-lhe a vida seriamente ameaçada. Infelizmente, não tivemos tempo e ele está morto."

O bispo da diocese de Tocantinópolis disse ainda que acredita que o assassinato de um padre não fique em vão. "Acredito, pela minha esperança na fé, que alguma coisa precisa melhorar daqui por diante. Nós estivemos com o presidente Sarney há pouco mais de uma semana e lhe entregamos um minucioso e detalha-

do relatório do quadro de violências na região".

— Até o momento não sentimos nenhuma providência, embora saibamos que o presidente tenha viajado a Portugal. Mas nós não conseguimos marcar a audiência com o ministro da Justiça, em cuja instância nós imaginamos que as providências devessem ter sido tomadas. Neste sábado, no entanto, o ministro Nelson Ribeiro (da Reforma e Desenvolvimento Agrário) nos telefonou e manifestou vontade de assistir ao sepultamento do padre Josimo.

O padre Ricardo Rezende, de Tocantinópolis, que participou da comissão da Igreja que esteve com o presidente, disse que o enterro do padre Josimo será nesta segunda-feira, às 11h: "Estamos esperando representantes da Igreja de muitos lugares, sobretudo da comunidade de São Sebastião, que está muito desolada, com todos nós".

O padre Ricardo disse que, "após o assassinato, se abateu sobre as pessoas perseguidas da região um clima de descrédito na autoridade do governo, porque é comum a impunidade e com isto a generalização da violência. A morte dele é uma gota d'água neste clima já tenso e conturbado do Bico do Papagaio, onde atuam milícias particulares sem que o poder público tome qualquer providência".

## Presidente diz que governo investiga grupo "A Solução"

17. Mai 1986  
Do enviado especial  
a Miracema do Norte

Na audiência que concedeu a um grupo de bispos do norte de Goiás, no último dia 29 de abril, no Palácio do Planalto, o presidente José Sarney disse-lhes que os órgãos de segurança do governo federal identificaram a milícia privada "A Solução" como "um grupo paramilitar, integrado por ex-policiais, ex-militares e pistoleiros" a serviço de empresários rurais, sobretudo do norte de Goiás, sul do Maranhão e sul do Pará.

Fundada pelo coronel da reserva do Exército Irineu Mattos —secretário da Segurança Pública de Goiás durante o governo de Irapuã Costa Júnior, hoje deputado federal (PMDB-GO)—, a milícia "A Solução" funciona no centro de Goiânia.

Durante a audiência, o presidente Sarney disse que o governo está investigando a atuação deste grupo principalmente no conflito do Vale do Juari, município de Colméia (GO), onde, no mês passado, foram despejadas, com violência, 86 famílias de posseiros —que, segundo a Comissão Pastoral da Terra, foram torturados por policiais militares—, num conflito que resultou em quatro mortes.

Entre as vítimas, estavam uma criança não identificada e um pistoleiro de "A Solução", Iracílio Cícero Batista, ex-soldado da Polícia Militar goiana. De acordo com o relatório dos bispos, entregue a Sarney, até hoje oito pistoleiros de "A Solução" ocupam as terras dos posseiros, enquanto outros ameaçam lavradores no município de Colinas de Goiás (GO), onde vive o fazendeiro Luiz Spínola Cardoso, apontado como "o principal interessado na expulsão dos agricultores" pela CPT e pelo episcopado.

O presidente recebeu fotos das casas destruídas durante o despejo. Teriam sido, também, pistoleiros de "A Solução" os responsáveis pelo atentado contra o padre Josimo Moraes Tavares, coordenador da CPT em Tocantinópolis (GO), no dia 15 de abril último.



## Bispo de Rio Branco diz que Constituinte não está sendo discutida

Do correspondente em Rio Branco

O bispo da Diocese de Rio Branco, d. Moacir Grechi, 50, disse, ontem, que as discussões em torno do processo sucessório para o governo do Acre "deixaram completamente de lado a divulgação da Constituinte no Estado, para a qual os políticos acreanos não estão dando a devida importância. O governador passa, mas uma nova Constituinte pode vir a ser um bloqueio pesado e institucional às aspirações populares, se mal conduzida".

Segundo d. Moacir Grechi, "as forças reacionárias que querem um Brasil passadista e reacionário não medem nenhum obstáculo em seus intentos, sendo capazes de matar, se for preciso, como fazem no Maranhão, e caluniar, como fazem em Roraima". O bispo disse que também no Acre os fazendeiros estão fazendo leilões para levantar fundos que serão investidos nas eleições para Constituinte e Assembléia Legislativa, embora não registre a presença da União Democrática Ruralista (UDR) no Estado.

D. Moacir disse que a Diocese de Rio Branco "está engajada na formação de consciências para favorecer a participação popular na Constituinte e na vida política, que para o cristão é caminho de transformação para uma sociedade mais justa". A Igreja no Acre "e particularmente" o bispo d. Moacir Grechi apóiam a candidatura à Constituinte do coordenador nacional do Movimento de Reintegração do Hanseniano (Morhan), Francisco Augusto Nunes, "Bacurau", 46, pelo PT.

Francisco Augusto Nunes — diz d. Moacir — "é um símbolo da participação das classes oprimidas, que não encontram espaço nos partidos políticos para ascender e expressar uma proposta política nova, onde o pequeno tenha a chance de ser ouvido, exprimindo o pensamento da sua classe".

20-5-86  
M. G.

CEDIM



## Correio censura telegrama de bispo ao presidente Sarney

21. Mai 1986

Da Reportagem Local

Um telegrama do bispo de Registro (192 km a sudoeste de São Paulo), d. Aparecido José Dias, dirigido ao presidente José Sarney, ao ministro da Justiça, Paulo Brossard, e ao governador do Maranhão, Luiz Rocha, protestando contra a violência agrária no norte do país, foi censurado duas vezes, na última sexta-feira, pelo chefe da agência dos Correios em Registro, Ezequiel Honorato, 35, sob a alegação de que a mensagem "continha termos de desacordo às autoridades".

"Protestamos conflitos e mortes na terra" — diz o telegrama — "falta defesa lavradores e agentes pastorais pt Protestamos contra omissão vg flagrante cumplicidade autoridades com milicias particulares pt Exigimos aprovação imediata plano reforma agrária regional vg justiça

agrária e punição assassinos responsáveis mortes pt D. Aparecido José Dias vg bispo de Registro SP".

Procurado ontem, às 14h, em Registro, o chefe da agência da EBCT, Ezequiel Honorato, não quis fazer comentários, sugerindo que fosse ouvido seu superior imediato, Osias Francisco de Oliveira Filho, da zona postal de Santos. Este, por sua vez, informou ter encaminhado o texto para a gerência de operações telegráficas dos Correios, em São Paulo, para verificar "se continha algo ofensivo". Disse, também, ter pedido a Ezequiel para "procurar o bispo e desculpar-se". Em São Paulo, o gerente de operações telegráficas, Pasquale Bruno, 36, qualificou a atitude de Ezequiel como "excesso de zelo", e disse ter determinado ao chefe da agência de Registro que expedisse o telegrama ontem mesmo e que "pedisse desculpas" a d. Aparecido.





*Na festa de lançamento da Feira da Providência, o cardeal só quis falar de amenidades e repetiu que a religião só se discute na Igreja*

## Cardeal não fala de padre <sup>21-5-86 FdW</sup>

O Cardeal Arcebispo do Rio Dom Eugênio Salles insiste em não fazer qualquer declaração sobre o expurgo da PUC do padre Henrique Kasselmeier e do sociólogo Pedro Ribeiro de Oliveira: "Os assuntos da Igreja eu gosto que sejam tratados dentro da Igreja e não em público", repetiu o Cardeal durante o lançamento da Feira da Providência de oitenta e seis, na sede da Arquidiocese do Rio. Na ocasião, Dom Eugênio informou também as modificações na programação religiosa de Corpus Christi, devido à transferência do feriado do dia vinte e nove para o dia vinte e seis.

O padre Henrique Kasselmeier escreveu uma carta aberta ao Arcebispo publicada na TRI

BUNA, ontem, onde afirmou que D. Eugênio o tirou da Paróquia "sem direito de defesa, ferindo gravemente o direito canônico" e perguntou por que Dom Eugênio quer ser responsável "pela destruição de um sacerdote"?. Apesar disso o Cardeal se negou a comentar o assunto alegando que "há instâncias dentro da Igreja que qualquer pessoa que se julgue injustiçada pode recorrer".

Segundo o Cardeal, a programação de Corpus Christi será normal na quinta-feira, contando apenas com algumas alterações. A procissão que tradicionalmente partia da Candelária, sairá da Igreja de Santo Antônio, no Largo da Carioca, para não prejudicar o

trânsito que será normal nesse dia. O horário também foi alterado, ao invés das dezesseis horas, a procissão partirá as dezenove horas "para facilitar a participação do povo" que irá trabalhar normalmente na quinta-feira.

O Cardeal observou que respeita a decisão do prefeito de antecipar o feriado, mas que a Arquidiocese decidiu em respeito à tradição da Igreja comemorar o Corpus Christi no dia vinte e nove. "Por isso peço a todos os padres para que retardem os horários das missas da véspera, na quarta-feira, e da quinta-feira, pois assim todos poderão participar" disse Dom Eugênio.



## 'apoio total' a Ribeiro

FOLHA DE S. PAULO

25/15/64

### D. Eugênio manifesta

Da Sucursal do Rio

O cardeal arcebispo do Rio, d. Eugênio Salles, 65, manifestou ontem "apoio total" ao ministro da Reforma e do Desenvolvimento Agrário, Nélson Ribeiro, e à posição defendida pela CNBB na discussão sobre a reforma agrária. Sua posição é de "total apoio a uma autêntica reforma agrária, idéia que defendo desde 1962". D. Eugênio fez estas declarações na manhã de ontem no Centro de Estudos e Formação do Sumaré, no Rio Comprido, zona norte, antes de abrir o Encontro da Comissão Constitucional da Arquidiocese que reuniu lideranças do Rio para uma discussão sobre o papel dos católicos na Constituinte.

"Nós manifestamos nosso apoio total ao ministro da Reforma e do Desenvolvimento Agrário, Nélson Ribeiro, e não seremos nós a dizer se ele deve ou não permanecer no cargo. A Igreja e o governo são duas entidades distintas e nenhuma deve intervir na outra, mas a Igreja deve dar apoio a tudo que estiver dentro de sua missão social, como é o caso da reforma agrária", disse o cardeal.

D. Eugênio afirmou que os católicos devem lutar para que na nova Constituição sejam explicitados preceitos católicos como falar no nome Deus e garantidos o ensino particular, o ensino religioso nas escolas públicas, a assistência religiosa nos quartéis e penitenciárias, a função social da propriedade, a preservação da dignidade do trabalho, a sacralidade da vida e a indissolubilidade do casamento.



D. Eugênio discursa no Centro de Estudos do Sumaré, zona norte do Rio

"A diocese não tem candidatos, mas a Igreja dá inteiro apoio aos que se candidatarem e defendem nossos preceitos, embora sem indicar nomes. O critério deve ser a avaliação de sua vida pregressa. Não basta apenas dizer que é católico ou que comunga dos mesmos preceitos", disse dom Eugênio aos oitenta participantes do encontro, escolhidos por serem líderes em suas comunidades.

O coordenador do encontro, que é também membro da Comissão Provisória de Estudos Constitucionais, padre Fernando Bastos de Ávila, 68, disse que na Constituinte a ser eleita em 15 de novembro a Igreja não irá reeditar a Liga Eleitoral Católica

(LEC), criada para eleger para a Constituinte de 1934 candidatos comprometidos com a defesa de preceitos católicos, "mas que muitos depois de eleitos esqueceram os compromissos firmados".

O padre Ávila afirmou que um dos pré-requisitos exigidos para obter o apoio dos católicos é identificação com a posição da Igreja em relação à reforma agrária. "Não é apenas uma questão de modernização do campo, mas principalmente uma questão fundiária, de criar condições para aqueles que lá vivem possam ter condições dignas de vida. Temos que combinar modernização com uma justa divisão fundiária".



## D Avelar sugere

Salvador — O arcebispo de Salvador e primaz do Brasil, cardeal D Avelar Brandão Vilela, disse que a Polícia Federal não basta para garantir a reforma agrária, mostrando-se favorável à criação de uma justiça especializada em questões da terra. Segundo ele, "a Justiça comum é demorada e os conflitos são ágeis e agudos".

O comandante da 6ª. Região Militar, general Antenor de Santa Cruz Abreu, está preocupado com a violência gerada por causa da terra e admitiu que o Exército estará pronto para agir se for solicitado pelo presidente da República, pois uma de suas funções é garantir a ordem.

### Situação do Ministro

Dom Avelar, negando-se a falar sobre hipóteses, não quis comentar uma possível exoneração do ministro da Reforma de Desenvolvimento Agrário, Nelson Ribeiro, mas comentou que consideraria isso "um fato lamentável", dado o bom trabalho que ele vem executando com o apoio de vários segmentos da sociedade.

Se houvesse uma substituição — acrescentou —, teriam que colocar em seu lugar alguém com o mesmo respaldo social.

Ao se referir à violência no campo, o arcebispo de Salvador afirmou que "a impunidade é nociva à paz social". E distribuiu à imprensa cópia do telegrama que recebeu da Fundifran (Fundação de Desenvolvimento do São Francisco) — entidade criada pela diocese da Barra —, pedindo sua interferência sobre a morte de Josael Lima, naquele município.

### Apuração

Ontem, chegou a Barra — às margens do São Francisco e a 650 km de Salvador — o delegado especial Jairo Mendes, deslocado da diretoria-regional de Polícia de Seabra pelo secretário da Segurança, coronel Antônio Bião Luna, para apurar o assassinato de Josael Lima, 51, ocorrido na noite de quarta-feira. O crime, ao que se acredita, está vinculado a problemas de terra.

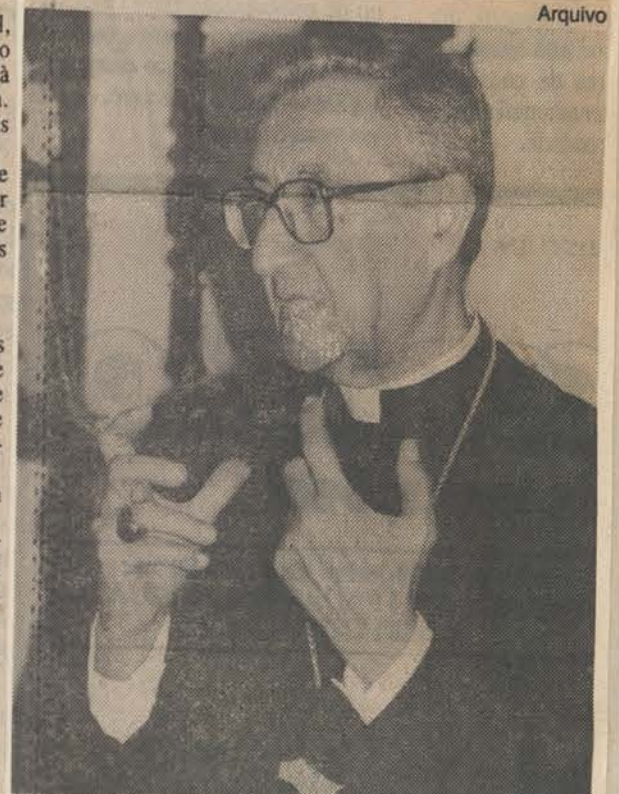
Josael, candidato do PMDB a prefeito de Barra em 82, trabalhou na Comissão Pastoral da Terra, na Comissão Pastoral da Pesca e foi empregado da Fundifran. Ultimamente, havia colaborado com o INCRA, apontando latifúndios improdutivos a serem objeto da reforma agrária no Município de Ibotirama, também ribeirinho ao São Francisco.

Embora a polícia ainda não saiba quem foi o homem que o matou com um tiro no peito, desfechado à queima-roupa, o delegado de polícia de Barra, Lázio Teixeira, disse estar convicto de que se trata de um crime de mando, "pelas características que apresenta".

O delegado Jairo Mendes — designado porque o PMDB não confia em Lázio Teixeira — já ouviu dois menores que viram o criminoso fugindo. Os meninos pescavam no Rio Grande, que passa atrás da casa da vítima.

Importantes lideranças políticas da Bahia se manifestaram sobre o assassinato de Josael Lima e, de forma mais genérica, em relação à violência no campo. O candidato do PMDB a governador, o ex-ministro Waldir Pires, e o ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães (PFL), insistiram em que o essencial é acabar com a impunidade. Para Magalhães, se isso não ocorrer e ante o "difícil problema" da reforma agrária, a situação pode degenerar, com a multiplicação dos incidentes pelo país.

No Sul da Bahia, o cadáver em decomposição do trabalhador rural Lázio Pereira dos Santos foi encontrado na Fazenda São José por outro trabalhador, Nivaldo Gomes, que comunicou o fato à delegacia de Itabuna. Lázio, segundo a necropsia feita pelo legista João Otávio, foi assassinado com um tiro de revólver no coração. Ele trabalhava na Fazenda Provisão, Município de Santa Luzia e estava procurando terra para ocupar. A Fazenda São José, onde o corpo foi encontrado, fica no mesmo município.



Arquivo

Para D Avelar, a Justiça comum é demorada



## Dom Avelar vê sintomas de <sup>21.3.57</sup> 'inquietação social'

SALVADOR — "Olhando o que se passa no Brasil de hoje, percebe-se que há sintomas graves de inquietação social e há tendências diversas pretendendo buscar o mesmo fim". A preocupação é do Cardeal-Arcebispo de Salvador e Primaz do Brasil, Dom Avelar Brandão Vilela, expressa em sua Oração Dominical de ontem. Uma solução para os conflitos sociais, segundo o Cardeal, não será encontrada nem pelo caminho do "salve-se quem puder", nem pela filosofia "brutal do direito do mais forte".

Sobre a questão agrária, que tem agitado o País, afirmou Dom Avelar que "pode e deve ser conduzida com firmeza, sabedoria e com o espírito iluminado pelas aspirações supremas do bem-comum". O Cardeal explicou que buscava falar "no sentido da paz e da justiça, no espírito do amor fraterno".

Para resolver os problemas do País, hoje, que são um enorme desafio, Dom Avelar chamou a atenção para o fato de que são essências "a lucidez do espírito, o profundo respeito pela verdade, o desejo visceral

de querer acertar e de servir com amor e dignidade". E citou três posições:

— Se a mentalidade é elitista, seu caminho é sempre tão excessivamente moderado que quase se confunde com a indiferença, com a rotina, com a plena conservação do estado de coisas crônico, sem qualquer apetite voltado para as mudanças. Se a mentalidade é populista, no entanto, a tendência é mais de índole revolucionária. Aqui, o importante é definir o caráter, a índole, os objetivos e os medos dessa espécie de revolução. Há uma terceira posição que foge aos dois pólos de confronto. É a mentalidade da transformação integradora. Não se trataria tanto de defender sistematicamente os privilégios de uns contra a massificação de outros, contra o direito emergente dos silenciosos e dos fracos, dos que ficam à margem da vida. Nem de preparar os oprimidos para um tipo de reação desordenada e irracional. Trata-se de transformar, sim, o quadro de substanciais carências numa situação de convivência mais digna, tentando-se evitar o fenômeno da vingança coletiva.



## D. Luciano propõe uma 'nova fase' nas relações entre Igreja e governo

**DERMI AZEVEDO**

Enviado especial o Itaiç

O secretário-geral da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), d. Luciano Mendes de Almeida, 56, propôs ontem, às 14h, em entrevista à Folha, no convento de Itaici (município de Indaiatuba, a 99 km a noroeste de São Paulo), uma "nova fase" nas relações entre a Igreja e o governo, em torno da realização da reforma agrária, com base no argumento de que "a missão de ambos está voltada para a promoção do bem comum". Em sua opinião, tanto os governantes quanto os homens da Igreja "devem voltar-se para os princípios básicos de sua convivência, respeitando a complexidade das situações de cada uma das partes".

Para o secretário-geral da CNBB, "compete à Igreja anunciar a mensagem de Jesus Cristo, que transcende a cidade terrena e, por isso mesmo, tem exigências sobre a convivência dos homens, em termos de justiça, solidariedade e fraternidade". Disse que "a organização do Estado e as soluções técnicas para os problemas da sociedade não pertencem diretamente à Igreja, mas sim os princípios e critérios que não podem faltar ao relacionamento humano, à luz da palavra de Deus".

vez, os princípios e respeitar a complexidade das situações".

Disse, depois, que "a Igreja reconhece a clara posição do governo em favor da efetivação da reforma agrária", mas que "várias situações concretas de conflitos de terra, de atraso no atendimento aos lavradores acampados por vários meses, como na Fazenda Annoni (RS), não podem deixar de ser alvo da atenção eclesial". Afirmou que essa atenção "tem sempre o objetivo de colaborar para a solução de casos em que estão em jogo, não só o patrimônio, mas a vida de milhares de pessoas".

### Governos estaduais

A "nova fase" nas relações entre Igreja e governo pela reforma agrária deve incluir, segundo d. Luciano, "uma colaboração mais eficiente" dos governos estaduais, "agilizando a reforma e podendo até mesmo superar as metas estabelecidas, pelo governo, para assentar as famílias sem terra". Na sua opinião, os governos têm condições para isso, a exemplo dos mutirões da moradia, escolaridade infantil, merenda escolar e irrigação.

D. Luciano disse, ainda, que a Igreja "não pode aceitar, à luz do

Evangelho, que dez milhões de brasileiros permaneçam sem terra para viver e trabalhar" e que a reforma agrária "é possível, por meios pacíficos, através da aplicação da lei e do exercício da autoridade competente, seja estadual, seja federal".

Segundo ele, "nomes e projetos concretos são importantes mas relativos" nesta questão e negou, "de modo claro e definitivo", que a Igreja apóie o "recurso à violência" no campo. Afirmou que a Igreja "repudia a opressão contra os lavradores, expulsos da terra com requintes de covardia e maldade" e denunciou "o assassinato de inocentes e a impunidade dos criminosos, que reforça a atuação violenta de grileiros e milícias paralelas".

### Estrangeiros

D. Luciano defendeu, também, o trabalho dos padres estrangeiros no Brasil, dizendo que a Igreja não usa a palavra "estrangeiros", preferindo chamá-los de "homens e mulheres vindos de outras nações para evangelizar integralmente a pessoa humana". E afirmou: "É preciso acabar logo com tantas falsas acusações e calúnias contra eles".

"Em questões concretas —acrescentou d. Luciano— a Igreja se pronuncia para assegurar a presença desses valores, embora nem sempre seja compreendida. São esquecidos, às vezes, os muitos pontos de coincidência e concórdia entre Igreja e governo, para serem focalizadas algumas situações em que os homens da Igreja e do governo se pronunciam de modo diferente. Nestes casos, a solução está em lembrar, mais uma



## Bispo faz restrição à missa

Da Reportagem Local

O bispo de Conceição do Araguaia (PA), d. Patrício José Hanrahan, 61, irlandês —em cuja diocese fica o município de Xinguara, onde foi assassinado, anteontem de manhã, o capataz da fazenda Marajoara, Braz Dornelles—, disse ontem, às 14h15, por telefone, que “a morte de todo e qualquer cidadão, de forma violenta, é sempre lamentável”, mas que só celebraria missa de corpo presente ou só faria a encomendação dos restos mortais “depois de fazer uma profunda investigação sobre os seus antecedentes”. D. Patrício acrescentou que “este é o procedimento normal da Igreja”, ao comentar a notícia de que a UDR (União Democrática Ruralista) pretende levar o corpo do capataz para Goiânia e Brasília, exigindo que o presidente da

CNBB, d. Ivo Lorscheiter, faça as celebrações fúnebres.

D. Patrício disse, ainda, que “se a investigação sobre os antecedentes do morto indicar que não maltratava os empregados da fazenda e que era um católico praticante e justo”, celebraria “sem preconceitos” a missa ou a encomendação. Aproveitou para denunciar que o vigário de Xinguara, padre redentorista Ney Barreto, está ameaçado de morte desde abril passado e que há ameaças generalizadas contra os catorze padres diocesanos, dos quais dez brasileiros, entre eles o padre Ricardo Resende, coordenador do CPT (Comissão Pastoral da Terra) na região dos rios Araguaia e Tocantins. D. Patrício afirmou, também, que “não recebeu, até agora, qualquer comunicado da UDR ou de outra entidade”, sobre a morte do capataz.



# Bispo de Imperatriz diz que ação da Polícia Federal "desrespeita a nação"

Mar 13.06.86 B

**Imperatriz (MA)** — A ação ostensiva da Polícia Federal, que desde as primeiras horas da manhã de ontem vistoriava todos os carros no Centro da cidade, á procura de armas, foi criticada pelo bispo dom Alcimar Magalhães, ao afirmar que a operação era "um desrespeito ao bom senso da nação. O que o governo deveria fazer para desarmar os pistoleiros da região era um trabalho policial, de investigação, e não de demagogia".

Várias equipes de agentes federais e policiais militares se espalharam pelas principais ruas de Imperatriz e nas estradas de acesso ao município para uma vistoria completa em todos os carros e caminhões. Não escaparam das inspeções nem os carros com cartazes saudando a visita do presidente José Sarney, amanhã, nem o de torcedores que portavam bandeiras do Brasil. Na Avenida Getúlio Vargas, a principal da cidade, a maioria dos populares não acreditava no êxito da operação, alegando que os "poderosos" tiveram tempo de esconder suas armas.

## Reforma agrária

Dom Alcimar Magalhães, ao rebater as acusações do governo de que setores da Igreja vêm armando os posseiros, afirmou que "este é o momento da prova. Se é verdade que os porões da igreja estão cheios de armas, como dizem, que provem agora. Revistem esses porões e apresentem nossas armas ao povo", desafiou.

Ele lamentou que o ministro da Justiça, em sua recente visita a Imperatriz, não tenha conseguido "captar o real anseio do povo pobre da região, que quer apenas trabalhar para sobreviver. Esse povo só dispõe de um tipo de arma, a arma da fome e da miséria e para isso ele não tem porte", afirmou, acrescentando, que a visita do presidente Sarney, será de caráter puramente político, "para fortalecer as lideranças locais para as próximas eleições".

O bispo disse que não foi convidado para integrar a comissão de recepção ao presidente da República, no aeroporto, mas que estará

presente, como representante da Igreja. "Não tenho por que não receber o presidente Sarney. Minhas posições pessoais nada significam em relação à posição da Igreja, nesse momento", afirmou. Dom Alcimar, que presidirá hoje uma reunião de lavradores da região, é de opinião que o programa da reforma agrária do governo serviu, até agora, apenas para provocar suspeitação entre fazendeiros e seus empregados.

— A produção de alimentos, este ano, deverá cair, porque os fazendeiros não estão mais cedendo suas terras para os posseiros e meeiros, porque temem que estes fiquem com elas. Isto é o verdadeiro espantinho da fome e da miséria — disse, lembrando que esta semana foi procurado por um fazendeiro que tem 36 alqueires de terra dizendo que, ao contrário dos anos anteriores, não arrendará sua propriedade para produção. "Este é o medo que a reforma agrária está trazendo para a região. Não se pode fazer a reforma agrária com boatos porque há o risco de gerar a insegurança. Os lavradores criam a ilusão de que serão proprietários e os fazendeiros, que perderão suas terras", frisou.

## Morte dupla

Dom Alcimar Magalhães disse que o padre Josimo Tavares desenvolvia, na região, justamente esse trabalho de esclarecimento dos lavradores e fazendeiros e foi assassinado. "Na verdade, ele foi duplamente assassinado, morto e difamado", afirmou, acrescentando que o governo "desenterrou suas velhas fichas do SNI para, através de sua difamação, abafar a voz do povo. O assassino do padre, Geraldo Rodrigues da Costa, está preso em Imperatriz.

— É muito triste tudo isto. É muito ruim ver que a reforma agrária esteja sendo tratada como um problema marginal. Justamente uma questão dessas, que é o próprio coração do país. A UDR — União Democrática Ruralista — se arma e faz leilões para arrecadar dinheiro, de costas para o povo e para a democracia. Seu lema é que eles precisam se defender porque o comunismo está chegando", disse Dom Alcimar Magalhães.





O assassino do padre, à porta da cadeia

## Sarney garante haver recurso para reforma

Brasília — O presidente Sarney garantiu ontem ao deputado Haroldo Lima (PC do B-BA) que existem recursos para começar a fazer a reforma agrária no país: "Não são recursos vultosos, mas é o suficiente para começar a fazer o assentamento das famílias no país. Nesse assunto de reforma agrária não há muito o que discutir. Tem que assentar as famílias. Quando nomeei o Dante de Oliveira, disse a ele que era pela sua vocação de executivo. Temos que começar a reforma agrária" — disse o presidente, segundo relato do deputado.

Em outra audiência no planalto, Sarney tocou no assunto da reforma agrária, mas em outro tom. Ele disse ao deputado e ex-ministro da agricultura do governo João Goulart, Oswaldo Lima Filho, que foram "injustas" as acusações feitas ao ex-presidente do Inbra, Pedro Dantas, cuja nomeação motivou a queda do ministro Nelson Ribeiro. "Até o chamaram de coronel, quando ele é civil", reclamou o presidente.

Do deputado Haroldo Lima, Sarney ouviu um relato sobre dificuldades para o assentamento de centenas de famílias na região de Barreiros (BA), onde foi feita a maior desapropriação do país, um total de 53 mil hectares da fazenda de 380 mil hectares do ex-governador Antonio Balbino. Apesar de a desapropriação estar concluída no cartório, fazendeiros da região começaram a cercar as terras durante esta semana e impediram uma manifestação de lavradores que se realizaria no sábado.

O presidente ficou irritado, segundo Haroldo Lima, e revelou que quando fez a desapropriação recebeu um telegrama de Antonio Balbino protestando contra ela, mas preferiu não levar isso em conta. "É preciso haver ação na reforma agrária. Está havendo muita discussão. É preciso assentar os posseiros", disse Sarney, que autorizou o deputado a viajar para a região e interceder a favor do assentamento.

## Brossard diz à UDR que não está

Brasília — A UDR (União Democrática Ruralista), entidade que congrega latifundiários contrários ao plano de reforma agrária do presidente José Sarney, está em baixa no governo. Seu presidente, Ronaldo Caiado, não conseguiu ser recebido em audiência pelo ministro da Justiça, Paulo Brossard, e teve de se contentar em apresentar queixas e denúncias ao secretário-geral do Ministério, Honório Severo.

O líder dos latifundiários denunciou que setores radicais, entre os quais parte da Igreja, querem desestabilizar o Plano Cruzado e cobrou do Ministério a apuração da morte de alguns fazendeiros. Disse que orientará o voto dos produtores rurais para a Constituinte. Ele falou com o secretário-geral do Ministério durante uma hora e 30 minutos.

A audiência de Caiado com Brossard fora marcada na segunda-feira. Ontem, contudo, ao aparecer no Ministério, o líder da UDR foi surpreendido por uma falsa informação: a de que Brossard estava fora de Brasília a negócios. No entanto, o ministro não saiu do seu gabinete durante toda a manhã.

### Latifundiário vitorioso

Caiado, dono de 2 mil 600 hectares distribuídos por duas fazendas em Goiás, comemorou como uma vitória o encontro com o secretário-geral. "Foram quase duas horas", repetiu várias vezes. O fazendeiro minimizou o fato de não ter sido recebido pelo próprio ministro. "Brossard não nos recebeu porque não estava", disse. Não era essa a verdade. Caiado conseguiu de Honório "o compromisso de apurar a morte dos fazendeiros com o mesmo rigor com que investigou o assassinato

do padre Josimo Moraes Tavares". Um dos fazendeiros, Braz Dornelles, foi morto em Xinguara (PA) na sexta-feira.

Caiado entregou a Honório o estatuto nacional da UDR — atualmente a entidade só está registrada em Presidente Prudente (SP), embora tenha comissões provisórias em Minas Gerais, Pará, Mato Grosso e Goiás, onde foi criada. No próximo domingo, a UDR fará uma reunião em Campina Verde (MG) para preparar um grande encontro nacional em Goiânia, para eleger seu presidente nacional, uma vez que Caiado é candidato único — e presidente da uma comissão provisória. A UDR também prepara um leilão de gado para os próximos dias. Só falta escolher o município. Estão cotados Redenção (PA), Araguaína (GO) e Ituiutaba (MG).

O dinheiro levantado nos leilões, segundo Caiado, será utilizado pela UDR para orientar os votos dos fazendeiros na Constituinte.

"Farei uma peregrinação pelo país, para conscientizar os produtores rurais", disse Caiado. "Não tenho ideologia, mas minha doutrina é a livre iniciativa", completou. Ele disse que não é contra a reforma agrária "do presidente José Sarney", mas tem obrigação de denunciar as invasões, "todas motivadas por ideologias radicais".

Caiado disse a Honório Severo que a UDR, acusada de tramocar o assassinato de padres, como o próprio padre Josimo, e posseiros, "está aberta a toda e qualquer investigação que o Ministério da Justiça queira fazer". Prestes a ir embora, disse:

— A UDR é uma criança de apenas um ano de idade e muito ainda tem a fazer.

## Cardeal sugere prisão do papa

Fortaleza — O cardeal arcebispo de Fortaleza, dom Aloísio Lorscheider, afirmou ontem que, se o governo quiser, pode mandar "prender até o papa João Paulo II, que é quem orienta e promove o trabalho das Comunidades Eclesiais de Base". O cardeal lamentou a morte de três agricultores e de um funcionário da fazenda Jandaíra, segunda-feira, durante um conflito armado que envolveu mais de 60 trabalhadores rurais e cerca de 40 empregados da propriedade de Fernando Coelho, em Córrego dos Pires, no município litorâneo de Trairi, a 160 quilômetros de Fortaleza.

Em entrevista ao jornal O Povo, o cardeal destacou que as Comunidades Eclesiais de Base rejeitam a pregação da violência e que agem sempre para superar situações de tensão e perigo "através da vivência do amor fraterno e do respeito recíproco". Dom Aloísio acrescentou que a reforma agrária deveria ter sido mais bem encaminhada pelo governo. "Sem criar uma mentalidade, adveio agora um clima de muita emocionalidade, um clima mesmo de confronto para saber quem é o mais forte,

quando não se trata disso, mas de resolver um problema social que ameaça seriamente nossa pátria", ponderou o cardeal.

O arcebispo de Fortaleza acha que o conceito de invasão de propriedades no campo precisa ser revisto. "Primeiro se deveria provar que realmente existem essas invasões. Até onde sei, isto não existe aqui; sei de casos em que pessoas procuram lugares desocupados, temporariamente, enquanto não surgem problemas. E acho que isto é muito humano, nem é contra a moral cristã, muito pelo contrário — pela extrema necessidade nós podemos lançar mão também de recursos extremos".

Dom Aloísio reprovou a atitude do secretário de Segurança, José Feliciano de Carvalho, que acusou a Igreja de ser responsável pela violência no campo sem antes fazer um levantamento desapaixonado da questão. "Eu não entendo como certas pessoas, sem terem feito um exame profundo da questão, lancem logo afirmações desta natureza, porque antes se deveria formalizar um processo para só depois anunciar o culpado", considerou.





Nem mesmo os automóveis embaixados que saúdam Sarney escaparam à fiscalização da Polícia Federal

# D. Tomás Balduino, experiên

Domingo, 22 de junho de 1986 — POLÍTICA — 1.º caderno — 13

## cias de um bispo piloto

A descoberta de povos indígenas arredios, o socorro a lavradores doentes e até mesmo a proteção a perseguidos políticos, durante o governo militar, são algumas das experiências, como aviador, de d. Tomás Balduino, 64, bispo da diocese de Goiás Velho (GO), um dos fundadores da Comissão Pastoral da Terra e ex-presidente do Conselho Indigenista Missionário. Com a mesma facilidade com que exerce suas funções pastorais, ele maneja seu monomotor P-64-B Oscar, italiano, pelos céus da Amazônia. Se falasse, este pequeno avião contaria histórias impressionantes de tentativas de sabotagem, vidas salvas, acidentes e iniciativas missionárias. Brevetado desde 1955, d. Tomás acompanhou — nos seus dois Cessna anteriores, já aposentados e no atual avião — o processo de penetração do grande capital na região amazônica e a progressiva destruição da natureza, nos desmatamentos ininterruptos.

"Este avião — diz d. Tomás, durante um voo de cinco horas, de Goiânia a Araguaína, norte de Goiás, na semana passada — está muito ligado à minha vida e ao meu trabalho. Me identifica muito com ele. Me sinto estimulado quando estou voando. É o transporte mais simples, mais seguro, eficaz e inteligente do mundo. E, ao mesmo tempo, o mais complexo quanto a investimentos e exigências técnicas. Seguidor de uma Igreja que opta pelos pobres, só posso usá-lo em determinadas condições, em benefício comunitário".

A vocação de piloto de d. Tomás nasceu antes da vocação sacerdotal. Quando criança, em Formosa (GO), ele acompanhava os aviões do Correio Aéreo Nacional, na rota goiana, lembrando que "os pilotos pareciam homens caídos do céu". Começou a fabricar pequenos aviões de caixa de sapato que fazia girar em torno de sua cabeça e tinham, inclusive, trens de pouso. Chegou a receber encomendas dos colegas. O período de formação seminarística — de 1936 a 1954 — interrompeu o sonho de pilotar. Dominicano, fez os primeiros estudos em Uberaba (MG) e São Paulo e viajou para a França, onde fez Teologia, pós-graduando-se em Antropologia e Linguística.

Voltando ao Brasil, se inscreveu no Aeroclube de Juiz de Fora (MG), em 1955, e, depois de um semestre de aprendizagem, fez exames no aeroporto do Campo de Marte, em São Paulo. Seus amigos compraram, por quinhentos cruzeiros, um Cessna asa metálica, de 80 HP, de segunda mão, com dois lugares. Na primeira viagem, fez a rota São Paulo-Santos-Conceição do Araguaia (PA), onde era missionário.

### Três etapas

O atual avião de d. Tomás foi doado em 1969 pelos católicos de Bolonha, Itália. Custou 11 milhões de liras. É um modelo robusto, de asa alta, concebido para servir em regiões de difícil acesso. Pintado com as cores vermelha e branca, de Bolonha, veio encaixotado da Itália e foi montado no Campo dos Afonsos, da Aeronáutica, no Rio de Janeiro. Com um motor de 180 HP, tem autonomia de voo de cinco horas e meia, com capacidade para quatro pessoas, velocidade máxima de 200 km por hora. Para conhecê-lo, d. Tomás foi à Itália e pilotou durante noites de inverno, porque o instrutor não tinha tempo de acompanhá-lo de dia.

Entre um contato e outro com bases da Aeronáutica no Centro-Oeste, d. Tomás conta que sua vida de piloto pode ser dividida em três etapas: a primeira quando estava em Conceição do Araguaia (PA) e aju-





D. Tomás, no seu monomotor, já percorreu quase 450 mil quilômetros

dava a carregar doentes e lavradores— para hospitais de centros urbanos. Recentemente, foi procurado por um rapaz, em Goiânia, que lhe revelou ter sido salvo por ele quando era criança e estava para morrer num povoado da selva. A segunda fase coincidiu com a época da repressão política. Os vôos passaram de assistenciais para políticos e, na época do general Emílio Garrastazu Médici, d. Tomás ajudou pelo menos vinte perseguidos políticos a se esconderem no interior da Amazônia, fugindo da prisão.

Nessa época, lembra que, um dia, não pôde decolar do campo de pouso de Santa Terezinha (MT) porque soldados, armados de fuzil, ocuparam a pista, para impedirem que voasse com o padre francês Francisco Jentel, ameaçado de prisão. Noutra viagem, quando ia visitar seu colega de São Félix (MT), d. Pedro Casaldáliga, notou que o motor do avião desligou subitamente e, depois de um pouso de emergência, verificou que o sistema elétrico tinha sido sabotado. Teve depois, mais de uma vez, de pousar com o motor desligado na aldeia dos índios Tapirapé, na Ilha do Bananal (GO), quando a Funai proibiu que os missionários tivessem acesso às áreas indígenas. Em sua própria diocese de Goiás Velho, chegou a cobrir, num só dia, no pequeno avião, seis mil km, para denunciar ameaças policiais contra um de seus colaboradores, o padre italiano Francisco Cavazzutti.

Único bispo brasileiro piloto, d. Tomás vive, agora, a terceira etapa de sua experiência de aviador. Com a

abertura democrática, retoma o serviço dos anos 55, no sul do Pará e dá assistência a índios e posseiros doentes. Na carlinga (parte interna) do monomotor, uma pequena cruz de madeira em frente ao seu banco ('Para lembrar o objetivo missionário deste avião que nunca teve objetivos comerciais') e um quadro com a imagem do túmulo de São Domingos, fundador da Ordem dos Pregadores (Dominicanos) e uma dedicatória dos amigos doadores da aeronave, escrita em latim: "Deus onipotente e misericordioso. Pela intercessão do bem-aventurado Paingos, leve e traga de volta, sempre incólume, o anjo da Igreja de Goiás, voando por amor a Deus e aos homens. Esta é a oração que os amigos oferecem, mais pelo coração do que pela boca".

#### Dois tempos

Com 2.248 horas de voo —equivalentes a quase 450 mil quilômetros percorridos— d. Tomás já deu carona a artistas, políticos e religiosos em seu avião. O padre Rodolfo Lukenbein, jesuíta assassinado há dez anos no Mato Grosso, foi seu co-piloto numa viagem de Goiânia a Manaus. Diante do mau tempo, o monomotor sobrevoou o rio Amazonas a 30 metros de altura e o padre Rodolfo fotografou, de perto, as imensas vitórias-régias.

De vez em quando, quase matando de medo os seus dois acompanhantes no voo entre Araguaína e Goiânia, d. Tomás faz piruetas com o monomotor, deixando-o baixar súbita e propositalmente e balançando as asas de um lado para outro, como se

fosse um brinquedo. Em pelo menos duas oportunidades, d. Tomás identificou grupos indígenas arredios, ao voar sobre os rios Jamaxin — afluente do rio Teles Peres, bacia do Tapajós, na Amazônia, além dos rios Muriru e Roosevelt, na bacia do Madeira. Ao sobrevoar a selva e verificar vestígios de povoação, d. Tomás faz relatórios para o Cimi e diz que esses povos "estão à mercê da ganância dos ocupadores da Amazônia, já que não interessam à Funai em termos de contato, pelo acesso difícil, com um alto custo de aproximação".

Ele conta que, como piloto, viveu "os dois tempos" da região amazônica. O primeiro "quando havia paz na região" e o outro, em pleno acontecer, "quando começaram a ser vendidas terras devolutas, no final da década dos 50". Diz que acompanhou a construção das grandes estradas e sentiu, de perto, o contraste entre a beleza, a imensidão da fauna e da flora da Amazônia e a presença predatória do homem branco. Afirma que "a motosserra é, hoje, a dona dessa região".

#### 'Não tenho medo da morte'

O mais recente acidente com o avião de d. Tomás aconteceu em 1984, quando voava, com o bispo do Xingu (PA), d. Erwin Krautler, para Altamira. Na metade do caminho, o motor começou a espirrar. "Fiquei branco, olhei para a mata e vi que era um tapete de veludo, de 60 metros de altura, uma sepultura para nós. Reagi com o avião como se faz com um cavalo. Esperei-o. O Xingu estava à nossa esquerda. Dei toda força no acelerador. Nem me lembrei de rezar, mas d. Erwin me contou, depois, que pediu proteção a Santa Terezinha. Eu estava sereno e aceitando que aquele era o momento de dar meu testemunho diante do Pai".

Antes desse acidente, d. Tomás conta que já fez pouso forçado numa estrada de Mato Grosso, para espanto dos caminhoneiros e se perdeu na fumaça entre os rios s. Diz que o "maior obstáculo para os vôos, na Amazônia, são a fumaça resultante de queimadas e a bruma seca que reduz a visibilidade a níveis baixíssimos".

Enquanto se aproxima de Goiânia, voltando de Araguaína, d. Tomás reafirma que o pequeno avião-ambulância faz parte de sua vida. E que certamente o monomotor terminará sua missão, quando ele próprio encerrar a sua tarefa de missionário dos índios e dos lavradores. (DA)



Institut für Brasilienkunde

